

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

**O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO
PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à
Criança - CAICs**

José Henrique Carlucio Cordeiro

Pelotas, 2022

José Henrique Carlucio Cordeiro

**O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO
PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à
Criança - CAICs**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Araujo Portella

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C794s Cordeiro, José Henrique Carlucio

O sentido de lugar e a percepção do usuário perante o projeto padrão em instituições de ensino : centros de atenção integral à criança - CAICS / José Henrique Carlucio Cordeiro ; Adriana Araujo Portella, orientadora. — Pelotas, 2022.

334 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Sentido de lugar. 2. Percepção. 3. Arquitetura escolar. 4. Projeto padrão. 5. Centro de atenção integral à criança. I. Portella, Adriana Araujo, orient. II. Título.

CDD : 720

José Henrique Carlucio Cordeiro

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO
PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança -
CAICs

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração Arquitetura, Patrimônio e Sistemas Urbanos, na linha de pesquisa Percepção e Avaliação do Ambiente Urbano pelo Usuário.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Adriana Portella (Orientadora – PROGRAU/UFPeI)
Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University

Profa. Dra. Lígia Maria Chiarelli (Examinadora interna - PROGRAU/UFPeI)
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Eduardo Rocha (Examinador interno - PROGRAU/UFPeI)
Doutor em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Milena Kanashiro (Examinadora externa – DAU/UEL)
Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do
Paraná

AGRADECIMENTOS

Escrever esse trabalho foi uma tarefa complexa, que provocou sentimentos conflitantes em diversos momentos. Ora foi percorrer trajeto prazeroso, ora um caminho de reflexões nem sempre agradáveis. Graduado em engenharia civil, foi durante o mestrado que compreendi que antes do ambiente construído vêm as pessoas que o habitam. Chegar a esse entendimento foi romper com uma educação rígida e cartesiana, foi compreender que é possível dar importância aos cálculos e materiais construtivos sem menosprezar o aspecto humano. Considero que esse tenha sido, no âmbito pessoal, o melhor fruto desse trabalho.

Essa experiência moldou o eu de agora, mudando meu panorama para o eu futuro. Portanto, devo agradecer àqueles que estiveram ao meu lado durante esse percurso:

Reconhecimento para a minha família, à minha mãe Maria e seu companheiro Claudiomar e à minha sogra Soraia. Em especial, gostaria de agradecer à minha companheira Lisiê, de quem sempre tive apoio, suporte, cumplicidade e amor, pois sem sua força e amparo esse trabalho não se concretizaria. Parte de meu amadurecimento é, sem dúvida, fruto de nosso relacionamento.

Agradeço enormemente à minha orientadora Adriana por dedicar parte de seu tempo às orientações e impulsionar uma investigação livre, conduzida com ética e profissionalismo. Agradeço aos professores do PROGRAU, aos amigos que o mestrado me proporcionou, Andréia, Guilherme e, principalmente, Barbara e Giovanni, que tornaram os momentos de orientação e avaliação menos tensos e mais divertidos.

Agradeço aos colegas e funcionários da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas, como também aos funcionários, professores e diretores das escolas estudadas, que contribuíram, com gentileza e empenho, com sua participação no trabalho.

“Pois não são as paredes, nem o telhado, nem o soalho que individualiza a casa, mas as criaturas que lhe dão vida com suas conversas, seus risos, seus amores e ódios; criaturas que impregnam a casa de algo imaterial, mas profundo, algo tão pouco material como o sorriso num rosto, embora se manifestando em objetos físicos como tapetes, livros e cores. Pois os quadros que vemos nas paredes, as cores com que foram pintadas as portas e janelas, o desenho nos tapetes, as flores nos quartos, os discos e livros, conquanto objetos materiais, são, porém manifestações da alma, já que a alma só pode se manifestar aos nossos olhos materiais por meio da matéria, o que constitui a sua precariedade, mas também a sua curiosa sutileza” (SABATO, 2002).

RESUMO

CORDEIRO, José H. C. **O Sentido de Lugar e a Percepção do Usuário Perante o Projeto Padrão em Instituições de Ensino: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs**. Orientadora: Adriana Araújo Portella. 2022. 334 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Ao longo de todo século XX, mas principalmente a partir de sua metade, a demanda por prédios escolares foi atendida através da padronização de seus projetos e da racionalização de sua construção. O projeto padrão consiste na repetição do programa de necessidades de uma edificação e na reprodução de seu projeto arquitetônico em diferentes localidades. Tendo em vista que o ambiente construído provoca estímulos no usuário e que esse por sua vez manifesta sensações e comportamentos atribuídos a esses estímulos, observa-se que essa interação dinâmica pessoa-ambiente faz a transformação do espaço em lugar. O primeiro remete a um ambiente neutro, mera localização espacial e geográfica, enquanto o segundo se refere às interpretações do espaço pelos seus usuários. Portanto, as instituições escolares consolidam a escola como lugar. As relações pessoa-ambiente são parte das formações identitárias do indivíduo, e a inserção de novos símbolos e significados, colocados a partir de um projeto padrão de arquitetura escolar, pode causar uma ruptura na identidade dos sujeitos que ali vivem. Entendendo que o projeto padrão na arquitetura escolar traz economia aos agentes públicos e que é improvável que haja interrupção em sua prática, este trabalho tem o objetivo de propor um conjunto de recomendações para materializar as características que remetam ao sentido de lugar em projetos escolares de arquitetura padrão, de forma que, através da representatividade cultural, seja possível evocar sentimentos de apego e pertencimento ao invés de provocar o surgimento de uma identidade superficial, temporária e frágil. A pesquisa tem caráter qualitativo e fenomenológico e busca atingir seu objetivo por meio de métodos da psicologia ambiental, utilizando os seguintes métodos: pesquisas documentais e bibliográficas, observação, levantamento físico, entrevistas semiestruturadas e poema dos desejos – aplicados em um estudo de caso no edifício do Centro de Atenção Integral à Criança na cidade de Pelotas/RS. Os resultados apresentam como ocorreu a transformação do espaço na escola estudada e como as características da arquitetura estão relacionadas com formação do lugar. São apresentadas de maneira discriminada as características da arquitetura encontradas no estudo de caso, assim como as dimensões do lugar, a percepção dos usuários referente ao projeto padrão e as implicações da pandemia de Covid-19 na transformação do espaço. Desse modo foram elencadas 22 recomendações para adaptações de projetos padrão de instituições de ensino. Essa pesquisa apresenta um resultado que poderá melhorar os projetos de arquitetura para escolas, direcionando profissionais de arquitetura e engenharia para tomadas de decisão que adequem projetos de arquitetura padrão à realidade local de onde serão inseridos.

Palavras-chave: Sentido de lugar; Percepção; Arquitetura escolar; Projeto padrão; Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC); Poema dos desejos.

ABSTRACT

CORDEIRO, José H. C. **The Sense of Place and The User's Perception of Standard Design in Scholar Buildings: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs.** Advisor: Adriana Araújo Portella. 2022. 334 f. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) - Graduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

Throughout the twentieth century, but mainly from its middle, the demand for school buildings was met through the standardization of its projects and the rationalization of its construction. The standard project consists of standardizing the building needs program and reproducing its architectural project in different locations. Bearing in mind that the built environment provokes stimuli in the user and that user, in turn, manifests sensations and behaviors attributed to these stimuli, it is observed that this dynamic person-environment interaction makes the transformation of space into place. The first refers to a neutral environment, a mere spatial and geographical location, while the second refers to the interpretations of space by its users. Therefore, school institutions consolidate the place in school's ambience. The person-environment relations are part of the individual's identity formations, and the insertion of new symbols and meanings, placed from a standard school architecture project, could cause a rupture in the identity of the subjects who live there. Understanding that the standard design in school architecture is economically positive to public agents and that it is unlikely to interrupt its practice, this work aims to propose recommendations to materialize the characteristics to make the sense of place in school projects of standard architecture, so that, through cultural representativeness, it is possible to evoke feelings of attachment and belonging instead of provoking the emergence of a superficial, temporary and fragile identity. The research has a qualitative and phenomenological character and seeks to achieve its objective by environmental psychology methods: documentary and bibliographic research, observations, local measurements, interviews and wish poems - applied in a case study in the building of the Center for Integral Attention to Children in the city of Pelotas / RS. The results show how the transformation of the space occurred in the studied school and how the characteristics of architecture are related to the formation of the place. The characteristics of the architecture found in the case study are presented in a discriminated way, as well as the dimensions of the place, the perception of users regarding the standard design and the implications of the Covid-19 pandemic in the transformation of space. Thus, 22 recommendations were collected for adaptations of standard designs of educational institutions. This research presents results that could improve the architectural projects for schools, directing architecture and engineering professionals to decision-making that appropriate standard architecture projects to the local reality from which they will be inserted.

Keywords: Sense of place; Perception; Scholar architecture; Standard design; Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC); Wish poems.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba	40
Figura 2.2 – Planta baixa do Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba.	42
Figura 2.3 - Escola Platoon 12 Classes, no Rio de Janeiro.	46
Figura 2.4 - Escola República Argentina tipo Platoon 25 Classes, no Rio de Janeiro.	47
Figura 2.5 - Planta baixa e programa da Escola República Argentina tipo Platoon 25 Classes, no Rio de Janeiro.	47
Figura 2.6 - Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador.	49
Figura 2.7 - Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, projeto padrão para 750 alunos, em Pelotas.....	54
Figura 2.8 - Planta baixa do padrão para 750 alunos de escola padrão Art Déco no Rio Grande do Sul	55
Figura 2.9 - Centro Integrado de Educação Pública, no Rio de Janeiro.	56
Figura 2.10 – Padrão para planta de situação dos CIEPs no estado do Rio de Janeiro.	57
Figura 2.11 - CIEP José Adão de Assis Barbosa, em Camaquã.	58
Figura 2.12 - Maquete do projeto padrão dos Centros Integrados de Apoio à Criança.	61
Figura 2.13 - CAIC das Nações Unidas, no Rio de Janeiro, finalizado em 1992.	63
Figura 2.14 - Canteiro de obra do CAIC das Nações Unidas, no Rio de Janeiro.....	63
Figura 2.15 - Constituição da arquitetura (forma pertinente)	72
Figura 3.1 - Localização de Pelotas no Rio Grande do Sul.	78
Figura 3.2 - Centro de Atenção Integral à Criança, em Pelotas.....	79
Figura 3.3 - Divisão das instituições que atualmente funcionam no CAIC de Pelotas.	80
Figura 4.1- Localização do CAIC Pelotas.....	96
Figura 4.2 – Microregião Pestano.	97
Figura 4.3 – Rotula da Av. Zeferino Costa e Av. Leopoldo Brod, entrada da comunidade Pestano.	98
Figura 4.4 – Rua sem identificação, em loteamento em frente ao acesso principal da escola.	101
Figura 4.5 – Rua dezesseis, sem número, Pestano.	102

Figura 4.6 – Vista aérea do prédio que seria o CAIC de Pelotas, em ortofoto de 2015.....	103
Figura 4.7 – Vista do acesso de pedestres à EMEF Francisco Caruccio, Pelotas..	104
Figura 4.8 – Setorização do CAIC Pelotas, em planta baixa de 1993.	105
Figura 4.9 – Poema dos desejos – A8B 9.	109
Figura 4.10 – Poema dos Desejos – A8A 11.....	110
Figura 4.11 – Planta da edificação, de 2022.	110
Figura 4.12 – EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.	113
Figura 4.13 – Modulação em planta.....	114
Figura 4.14 – Eixos organizacionais em planta.	114
Figura 4.15 – EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.	115
Figura 4.16 – Ginásio da EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.....	115
Figura 4.17 – EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.	116
Figura 4.18 – Poema dos Desejos – A8B 3.....	117
Figura 4.19 – EMEF Francisco Caruccio, em setembro de 2009.....	117
Figura 4.20 – Cozinha externa construída na EMEF Francisco Caruccio.....	118
Figura 4.21 – Acesso externo do auditório da EMEF Francisco Caruccio – detalhe para o fechamento dos sheds da cobertura.	118
Figura 4.22 – EMEI Herbert de Souza – durante reforma em 2017 (e), após reforma em 2019 (d).....	119
Figura 4.23 - Construção do CAIC de Pelotas, em 1995.	121
Figura 4.24 – Saguão EMEF Francisco Caruccio.....	121
Figura 4.25 – Indícios de apropriação na EMEF Francisco Caruccio (esquerda e centro) e EMEI Herbert de Souza (direita).	130
Figura 4.26 – Poema dos desejos – A8B 10.	135
Figura 4.27 - Poema dos desejos – A8B 7.	135
Figura 4.28 - Poema dos desejos – A8B 2.	138
Figura 4.29 - Poema dos desejos – A8B 8.	141
Figura 5.1 - Relação entre as características da arquitetura e as dimensões do lugar.	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 - Nível do sentido de lugar	33
Tabela 2.2– Características que constituem os atributos da arquitetura.	71
Tabela 3.1– Síntese da metodologia de pesquisa.	81
Tabela 3.2 - Apresentação das fontes primárias da pesquisa	84
Tabela 3.3 – Categorias temáticas das entrevistas.	90
Tabela 3.4 – Categorias temáticas dos poemas dos desejos.	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Problema de pesquisa	16
1.2	Objetivos	17
1.3	Abordagem metodológica	18
1.4	Justificativa	18
1.5	Motivação.....	19
1.6	Estrutura da dissertação	19
1.7	Siglas	21
2	A ESCOLA ENQUANTO LUGAR	23
2.1	Construindo o sentido de lugar.....	23
2.1.1	A percepção do espaço através de estímulos.....	24
2.1.2	Espaço, lugar e não-lugar	26
2.1.3	Apropriação	29
2.1.4	Identidade de lugar e sentido de lugar	31
2.1.5	Arquitetura e a consolidação do lugar.....	33
2.2	Arquitetura escolar	37
2.3	Primeiras instituições exclusivamente de ensino no Brasil	39
2.4	As ideias precursoras das escolas de projeto padrão	44
2.5	O projeto padrão na arquitetura escolar	50
2.6	Modelos de escolas padrão utilizados ao longo do século XX	53
2.6.1	Escolas padrão em linguagem <i>Art Déco</i> no Rio Grande do Sul	53
2.6.2	Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs.....	55
2.6.3	Centros Integrados de Educação Pública no Rio Grande do Sul	57
2.6.4	De CIACs a CAICs	58
2.7	Crítica à arquitetura escolar de projeto padrão.....	64
2.8	Características da escola enquanto lugar	69

2.9	Conclusão do capítulo.....	75
3	METODOLOGIA.....	76
3.1	Abordagem metodológica	76
3.2	Estudo de Caso	77
3.3	Métodos de Pesquisa.....	80
3.3.1	Ética em Pesquisa e Plataforma Brasil	82
3.3.2	Pesquisa documental	84
3.3.3	Observação	85
3.3.4	Levantamento Físico	87
3.3.5	Entrevistas.....	87
3.3.6	Poema dos Desejos.....	92
3.4	Síntese do Capítulo.....	94
4	O LUGAR NO PROJETO PADRÃO ESCOLAR	95
4.1	Centro de Atenção Integral à Criança de Pelotas.....	95
4.1.1	As características de arquitetura.....	95
4.1.2	A percepção sobre o projeto padrão	124
4.1.3	A formação do lugar escolar de projeto padrão	127
4.1.4	Implicações da pandemia de Covid-19 no lugar escolar	145
4.2	Conclusão do capítulo.....	148
5	CONCLUSÃO.....	150
5.1	A utilização do projeto padrão na arquitetura escolar	150
5.2	O lugar escolar de projeto padrão	153
5.3	Recomendações para arquitetura escolar de projeto padrão	155
5.4	As relações entre dimensões do lugar e características de arquitetura	159
5.5	Limitações da pesquisa e sugestões de futuras investigações.....	161
	REFERÊNCIAS	162
	APÊNDICES	177

APÊNDICE A – Planta da edificação	178
APÊNDICE B – TCLE dos participantes das entrevistas.....	181
APÊNDICE C – TALE dos participantes dos poemas dos desejos	185
APÊNDICE D – TCLE dos responsáveis pelos alunos que participaram dos poemas dos desejos	188
APÊNDICE E – Roteiro piloto de perguntas para as entrevistas semiestruturadas	191
APÊNDICE F – Roteiro de perguntas para as entrevistas semiestruturadas.....	192
APÊNDICE G – Transcrição de entrevista com funcionário da EMEF Francisco Caruccio.....	193
APÊNDICE H – Transcrição de entrevista com funcionária da EMEI Herbert de Souza	204
APÊNDICE I – Transcrição de entrevista com duas funcionárias da EMEI Herbert de Souza	211
APÊNDICE J – Transcrição de entrevista com moradora da comunidade Pestano	223
APÊNDICE K – Transcrição de entrevista com funcionária da EMEF Francisco Caruccio	235
APÊNDICE L – Categorias temáticas de análise das entrevistas	245
APÊNDICE M – Modelo de Poema dos Desejos.....	275
APÊNDICE N – Poemas dos desejos	277
APÊNDICE O – Transcrição dos poemas dos desejos	300
APÊNDICE P – Categorias temáticas de análise dos poemas dos desejos.....	318
ANEXOS.....	321
ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP - Plataforma Brasil	322
ANEXO 2 – Carta de anuência EMEF Francisco Caruccio	333
ANEXO 3 – Carta de anuência EMEI Herbert de Souza	334

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da percepção do usuário quanto ao projeto de arquitetura padrão no ambiente escolar. A proposta do tema partiu da identificação do problema de apropriação das pessoas em escolas que utilizam desse tipo de projeto. Desta forma, neste capítulo apresenta-se o tema do trabalho, a identificação do problema, os objetivos, a motivação e a justificativa da pesquisa. É traçada a proposta de investigação, através dos objetivos específicos que guiarão a realização do estudo.

1.1 Problema de pesquisa

No Brasil, até o início da Primeira República (1889-1930), as edificações escolares eram instaladas em construções improvisadas e, muitas vezes, inadequadas para o uso em questão (SCHWARTZMAN, 1982). A partir de 1889, com o entendimento da educação como ferramenta de desenvolvimento social, surgiram os primeiros edifícios projetados especificamente para abrigar a prática do ensino e aprendizagem (FARIA FILHO, 1998; KOWALTOWSKI, 2013; SÁ; WERLE, 2016).

Ao longo de todo século XX, mas principalmente após sua primeira metade, a demanda por prédios escolares foi essencialmente atendida por meio da padronização de seus projetos e da racionalização de sua construção (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007). O projeto padrão consiste na uniformização do programa de necessidades de uma edificação e na reprodução de seu projeto arquitetônico em diferentes localidades (FRAMPTON, 2003).

O projeto padrão, comumente utilizado em instituições públicas, principalmente escolas, hospitais e creches, consegue atender a objetivos econômicos e de racionalidade construtiva de maneira satisfatória (CORRÊA; MELLO; NEVES, 1991). A padronização de edificações institucionais também tem o objetivo de marcar e identificar o momento político de uma determinada época (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOWSKI, 2013).

Tendo em vista que o ambiente construído provoca estímulos no usuário e que esse, por sua vez, manifesta sensações e comportamentos atribuídos a esses estímulos, observa-se uma interação dinâmica pessoa-ambiente que consolida a transformação do espaço em lugar. O primeiro remete a um ambiente neutro, mera localização espacial e geográfica, enquanto o segundo se refere às interpretações do

espaço pelos seus usuários. Nesse contexto, o sentido de lugar e a identidade de lugar são conceitos referentes à apropriação do espaço pelo usuário e sua representação (CASTELLO, 2007; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; GÜNTHER, 2011).

Observa-se que o uso do projeto padrão em edificações escolares propõe economia e rapidez em sua construção. Porém, em contraponto, existem perdas de características da comunidade local onde esse tipo de projeto é inserido, sejam relacionadas aos aspectos de conforto ou à representatividade cultural de seus usuários (KOWALTOWSKI, 2013). Além da forma, o sistema construtivo e os materiais utilizados também são determinantes na apropriação cultural de uma edificação, uma vez que seu projeto de arquitetura deve ser condizente com os conhecimentos técnicos e tecnológicos da mão de obra disponível na localidade em que o projeto é proposto (GAITE, 2003; MODLER; RHEINGANTZ; AZEVEDO, 2017).

O problema de pesquisa deste trabalho consiste na prática do projeto escolar de arquitetura padrão, que desconsidera as particularidades do local onde as escolas são inseridas e dificulta o processo de apropriação e de desenvolvimento identitário dos indivíduos que habitarão esse tipo de edificação (KOWALTOWSKI, 2013; MODLER; RHEINGANTZ; AZEVEDO, 2017; PÁSCOA, 2004).

Assim, pretende-se responder a seguinte pergunta de pesquisa: **Como implementar no projeto padrão de arquitetura escolar elementos e características que remetam ao sentido de lugar?**

1.2 Objetivos

A prática do projeto padrão para instituições de ensino não é inteiramente condenável, visto a agilidade construtiva e a economia que proporciona. Por causa disso, acredita-se improvável a interrupção deste tipo de prática projetual. **O objetivo geral dessa pesquisa é propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao sentido de lugar, de forma que seja possível evocar sentimentos de apego e pertencimento ao invés de provocar o surgimento de uma identidade superficial, temporária e frágil em seus usuários.**

Os objetivos específicos são:

- (i) Entender a construção do sentido de lugar a partir da arquitetura escolar padronizada;
- (ii) Identificar os conflitos e inconsistências que o projeto padrão escolar possa trazer ao ambiente construído;
- (iii) Analisar como modificações e intervenções no espaço escolar de projeto padrão podem representar a apropriação do ambiente pelos usuários;
- (iv) Avaliar como a arquitetura escolar de projeto padrão é percebida e apropriada por seus usuários e
- (v) Identificar as características do espaço escolar que provoquem sentimentos de apego e pertencimento às pessoas que o utilizam.

1.3 Abordagem metodológica

De forma a atender aos objetivos deste trabalho, adotou-se procedimentos metodológicos relacionados à percepção ambiental e aos estudos da relação ambiente comportamento. Pode-se classificar esta pesquisa como de natureza exploratória, com abordagem qualitativa e fenomenológica, com aplicação em um estudo de caso em uma escola de projeto padrão.

A investigação acontece em duas etapas: (i) levantamento bibliográfico e documental e (ii) aplicação de métodos avaliativos em estudo de caso. A primeira trata de criar o embasamento teórico para a determinação categorias de análise que possibilitarão a identificação das características que fortalecem sentimentos de apego e representatividade no ambiente escolar e a segunda busca descobrir como o usuário desse tipo de instituição se apropria do espaço escolar e quais características, daquelas apontadas anteriormente, estão presentes em seu discurso. A partir da comparação entre os dados coletados no estudo de caso e no referencial teórico, pretende-se atingir o objetivo geral deste trabalho.

O estudo de caso foi realizado de modo a conhecer o objeto de estudo, os usuários do espaço e a relação entre eles. Assim foram escolhidos métodos de levantamento documental, observação, levantamento físico, entrevistas e grupos focais.

1.4 Justificativa

Os estudos que tratam do projeto de arquitetura para instituições de ensino, principalmente àqueles de arquitetura padronizada, abordam, majoritariamente, os problemas relacionados ao conforto ambiental (GOULART, 2014), à uniformização do ambiente construído atrelado à massificação do processo pedagógico (AZEVEDO, 2002; ELALI, 2002; KLOSINSKI, 2016; MODLER, 2020), ao entendimento da escola como ferramenta de controle e marca de governo (CABRAL, 2020; CASTRO, 2009; PÁSCOA, 2008) e à contextualização histórica das instituições escolares (COUTINHO, 2013; FONSECA, 2010; NASCIMENTO, 2012).

Contudo não foram identificadas pesquisas que investiguem a forma pela qual o espaço escolar oriundo de projeto padrão é apropriado, levando em consideração questões de identidade e representatividade cultural relatadas pelos usuários das instituições. Logo, saber sobre como a identidade do lugar é influenciada pela prática do projeto padrão e quais são as possibilidades para reforçar o sentido de lugar no ambiente escolar, revela a importância dessa pesquisa.

Este trabalho permite compreender a percepção dos usuários perante a prática do projeto padrão em instituições escolares e embasar futuras decisões projetuais em resultados oriundos da percepção ambiental. Sua relevância se apresenta em seu tema, uma vez que trata da consolidação da cultura de um povo frente ao ambiente construído, representado no prédio escolar. Espera-se, com esse estudo, aclarar questões culturais a respeito de projetos escolares de arquitetura padrão, para que sejam diminuídas possíveis consequências negativas originadas em sua implementação.

1.5 Motivação

Este trabalho foi motivado a partir da experiência profissional de seu autor, pois no ano de 2017 foi fiscal de uma obra de reforma e ampliação em uma escola de projeto padrão construída durante os anos 1990. Nesse momento, pôde-se ter uma aproximação com a equipe de funcionários da escola que apontaram a reforma como opção para melhorar a edificação, atendendo suas necessidades. Foi relatado que, em alguns aspectos, o ambiente escolar não se adequava à sua realidade e que as reformas foram importantes para a melhoria do uso da edificação.

1.6 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, estruturados da seguinte forma:

Capítulo 1 - Consiste na introdução do trabalho, apresentando seu tema, a identificação do problema e pergunta de pesquisa, assim como a proposta de investigação, com objetivos e abordagem metodológica, e breves definições conceituais. Tem-se ainda a motivação e a justificativa da pesquisa.

Capítulo 2 – Apresenta a fundamentação teórica do trabalho relacionada aos conceitos referentes à percepção ambiental e à relação pessoa-ambiente e à arquitetura escolar de projeto padrão. É realizado um retrospecto das escolas de arquitetura padronizada construídas no século XX, para compreender sua prática projetual e sua influência sobre os usuários da instituição. Os conceitos da percepção ambiental são confrontados com os da arquitetura de projeto padrão, de forma a identificar o problema desta pesquisa. A partir de referências bibliográficas, são apontados elementos que definem um projeto de arquitetura, e como ocorre sua relação com o ambiente de ensino, fornecendo embasamento teórico para a consolidação do objetivo deste trabalho.

Capítulo 3 – Aborda os procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação do trabalho, identificando o objeto de estudo, os métodos de coleta e análise dos dados. Utilizou-se como métodos de coleta: pesquisa bibliográfica e documental; levantamento físico; observação; entrevistas semiestruturadas e poemas dos desejos. Apresenta-se uma relação entre os objetivos específicos da pesquisa e os métodos escolhidos para atingi-los.

Capítulo 4 – Os resultados do trabalho são apresentados e discutidos, conforme referencial teórico utilizado. Esse capítulo foi organizado a partir das categorias de análise dos dados coletados e das recomendações propostas.

Capítulo 5 – Nesse capítulo são apresentadas as conclusões da pesquisa. É feita uma retomada da proposta de investigação relacionando-a com os principais resultados obtidos. De modo a atender o objetivo do trabalho, foram realizadas 22 recomendações para adequarem o projeto padrão escolar à comunidade a qual está sendo inserido. É apresentado a contribuição da pesquisa, as limitações encontradas e sugestões para futuras investigações.

1.7 Siglas

Considerando a frequência que órgãos públicos, programas de governo e escolas adotam nomes compostos comumente utilizando-se apenas de sua sigla para designação, de forma a facilitar a leitura deste trabalho, a seguir é apresentado uma lista com as principais siglas utilizadas ao longo do texto. São discriminados a sigla, seu significado e uma breve explicação do termo.

CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança – Programa escolar a nível nacional, planejado após 1993, que substituiu os Centros Integrados de Apoio à Criança.

CIAC – Centro Integrado de Apoio à Criança – Programa escolar a nível nacional planejado entre os anos de 1990 e 1991.

CIEP – Centro Integrado de Educação Pública – Programa escolar planejado nos estados do Rio de Janeiro, na década de 1980, e Rio Grande do Sul, na década de 1990.

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental – Edificação escolar vinculada à Administração Municipal que compreende a fase do 1º ao 9º ano escolar e atende crianças dos seis aos 14 anos de idade.

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil – Edificação escolar vinculada à Administração Municipal que atende crianças de zero a cinco anos de idade, compreendendo a fase de creche e pré-escola.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – Autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, criada em 1968, responsável por prestar auxílio financeiro e técnico aos municípios no que tange a educação básica.

MEC – Ministério da Educação – Órgão do Governo Federal que organiza o sistema educacional brasileiro, desde a educação infantil até profissional e tecnológica.

PMG – Projeto Minha Gente – Programa federal voltado à criança e ao adolescente, implementado no início da década de 1990.

PRONAICA - Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - Programa federal voltado à criança e ao adolescente, implementado em 1993, após a interrupção do Projeto Minha Gente.

SMED – Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Órgão da Administração Municipal responsável pela gestão da educação na cidade do objeto estudo de caso.

UBS – Unidade Básica de Saúde – Posto de atendimento médico, responsável por prevenção em saúde à população em bairros ou regiões determinadas.

2 A ESCOLA ENQUANTO LUGAR

Este capítulo busca fundamentar o problema, a justificativa e o objetivo geral deste trabalho, além de identificar as variáveis que serão estudadas, e constitui a fundamentação teórica da pesquisa, abordando os conceitos que serão utilizados ao longo da investigação. Inicialmente é realizada explicação sobre a percepção do ambiente, como ocorre sua apropriação pelas pessoas que o habitam e a transformação do espaço em lugar. São apresentadas as definições de conceitos como identidade e sentido de lugar.

Posteriormente, é exposta uma contextualização histórica da arquitetura escolar de projeto padronizado, para entender como o prédio escolar foi estabelecido e como surgiu a prática do projeto padrão para instituições de ensino. São apresentados prédios padronizados voltados à educação, construídos no século XX, de forma a constatar a evolução e as características comuns em seus programas.

Na sequência, os conceitos que envolvem a percepção e apropriação do ambiente por seus usuários são confrontados com aqueles referentes às escolas de projeto padrão, de forma a constituir o problema desta pesquisa. A partir disso, conforme revisão bibliográfica, são descritas as variáveis que definem um projeto de arquitetura, e como ocorre sua relação com o ambiente de ensino, com o propósito de dar embasamento teórico à identificação de características que possam remeter à criação de sentimentos positivos de identificação, apego e representatividade do ambiente em seus habitantes.

2.1 Construindo o sentido de lugar

A Psicologia Ambiental estuda as inter-relações entre os indivíduos e o meio em que eles vivem, considerando tanto os aspectos individuais quanto os coletivos. Essa área do conhecimento avalia a influência do meio ambiente no comportamento humano e como as pessoas percebem o seu entorno. Seu principal objetivo é esclarecer e trazer um método à forma empírica como o conhecimento da relação pessoa-ambiente é obtido (ARAGONÉS; AMÉRIGO, 2000; ITTELSON; PROSHANSKY; RIVLIN; WINKEL, 2005; PINHEIRO; GÜNTHER; GUZZO, 2019).

Essa área do conhecimento trata do ambiente construído como a união de aspectos materiais com aspectos subjetivos, o que provoca uma multidisciplinaridade

aos estudos comportamentais. A psicologia ambiental é o resultado da integração das áreas da ciência que buscam compreender a relação entre pessoa e ambiente. Através dessa integração possibilidade de extrair valores interpretativos da materialidade espacial do ambiente construído, a partir de uma linguagem implícita e comportamental (DEL RIO, 2002; DEL RIO; DUARTE; RHEINGANTZ, 2002; ELALI, 1997; MELO, 1991). Dessa forma pode-se interpretar a produção arquitetônica “como forma de representação da condição humana” (CARPIGANI; MINOZZI, 2002).

A construção do sentido de lugar é a afirmação da relação pessoa-ambiente. O ambiente provoca estímulos nos indivíduos, que por sua vez os interpretam, trazendo uma significação para o espaço habitado. Abaixo serão apresentados conceitos das relações pessoa-ambiente e ambiente-comportamento que fundamentam essa pesquisa e auxiliam na compreensão de como elas se concretizam nas escolas com arquitetura de projeto padrão.

2.1.1 A percepção do espaço através de estímulos

O ambiente é uma matriz constante de estímulos sensoriais para o indivíduo que com ele interage, que provocam sensações, emoções e comportamentos, que por sua vez instigam diferentes conexões com o ambiente. Há, portanto, uma relação bidirecional, interdependente e recíproca entre indivíduo e ambiente (GÜNTHER, 2011; GÜNTHER, 2009). A valência corresponde ao valor da interpretação que o indivíduo coloca ao estímulo provocado pelo ambiente, que pode ser positiva quando o estímulo é convidativo, instigante e motivacional, ou negativa, quando o ambiente provoca sensações desagradáveis como repulsa (TWIGGER-ROSS; UZZEL, 1996 *apud* ELALI; MEDEIROS, 2011; VANDEBOS, 2007 *apud* GÜNTHER, 2011).

A forma como as pessoas irão interpretar os estímulos do ambiente dependerá de seus aspectos fisiológicos, de sua interação com o espaço e de suas características psicológicas relacionadas à sua formação enquanto indivíduos. Através desses fatores o local poderá ser mentalmente organizado e terá um valor simbólico atribuído. A representação do ambiente pelo indivíduo é reflexo de sua compreensão e de sua apropriação (LYNCH, 1988; PÁSCOA, 2008; PALLASMAA, 2011).

A experiência das pessoas no espaço físico não acontece somente em virtude dos cinco sentidos humanos, mas também em função da interpretação e dos significados atribuídos ao que esses sentidos captam enquanto mensagem. Portanto, a interpretação desse estímulo e sua articulação entre os indivíduos tem importante aspecto cultural. Sujeitos com culturas e hábitos diferentes, em um mesmo espaço físico, perceberão os estímulos do ambiente de formas diferentes e se inter-relacionarão a partir do entendimento coletivo dessa articulação, tanto sobre o ambiente quanto sobre os indivíduos (AZEVEDO, 2002; GIBSON, 1986 *apud* GÜNTHER, 2011; LATOUR, 2001; LATOUR, 2008).

Ainda que os estímulos do ambiente possam ser ilimitados e discriminados através dos sentidos humanos, é a partir de sua apreensão e análise, em sua forma composta – na conjugação de vários estímulos distintos, que ocorre a evocação do comportamento humano (ITTELSON *et al*, 1974, *apud* BONNES; SECCHIAROLLI, 1995).

Nota-se uma característica cultural e dialética na relação pessoa-ambiente. O ambiente influencia um tipo de comportamento humano, logo esse comportamento leva a mudanças no próprio ambiente e nas relações sociais que acontecem nele. Portanto, ao mesmo tempo em que o indivíduo molda o ambiente é, também, moldado por ele (ITTELSON; PROSHANSKY; RIVLIN; WINKEL, 2005; PINHEIRO, 2011). A relação entre ser humano e espaço é dinâmica e ocorre através da percepção ambiental (CAMPOS; FERREIRA, 2002).

A percepção do espaço é, no mesmo instante, a captação do estímulo ambiental e sua interpretação e depende da movimentação e autonomia do indivíduo sobre o espaço (OLIVEIRA, 2002). O processo de percepção ambiental engloba as ações de sentir o espaço, entendê-lo e avaliá-lo de forma contínua, transformando, a partir de processos cognitivos, estímulos ambientais em significados (KOHLSDOERF, 1996; RAPOPORT, 1990). A percepção é a atividade sensorial do indivíduo no espaço (TUAN, 1980).

O ato cognitivo do sujeito é a interpretação sobre aquilo que é sentido. As informações percebidas são organizadas e rearranjadas mentalmente, de forma a caracterizar um significado ao espaço. A percepção é a ação de sentir o espaço, a cognição é o interpretar do que foi sentido e a avaliação é a resposta comportamental

do indivíduo no ambiente (RAPOPORT, 1990). A percepção ambiental é a reflexão sobre o mundo no qual o indivíduo se encontra. A interação do indivíduo com a realidade ocorre a partir do processo cognitivo da atividade de perceber (VARELA; EVAN; ROSCH, 2003).

2.1.2 Espaço, lugar e não-lugar

A identificação do ser humano aos lugares ocorre através da atividade de habitar, de viver experiências nesses espaços e torná-los representativos e relevantes. O lugar é onde o ser humano exerce sua existência e pratica sua cultura. Ao existir e habitar, o ser humano define e delimita seu espaço e opera seu saber e suas experiências. Através da projeção de significados ao ambiente construído, os espaços são arranjados em lugares (HEIDEGGER, 1954).

Enquanto o termo espaço se refere ao ambiente físico como localização geográfica espacial em estado neutro, lugar remete às interpretações e aos significados atribuídos ao espaço pelo seu habitante. O lugar é aquele ambiente que traz elementos perceptivos suficientes para ser identificado como estrutura de referência para o indivíduo, dotado de valor, significado e identidade (CASTELLO, 2007; SPELLER, 2005 *apud* CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; DEL RIO, 2002; SEGUÍ; PLANELL, 1996 *apud* FRANÇA, 1998; RELPH, 1976; SHAMAI, 1991).

O lugar é formado a partir da percepção humana sobre as potencialidades do espaço habitado, sejam percebidas através de características bem definidas ou de caráter abstrato (CASTELLO, 2007). O lugar é uma criação morfológica ambiental (CASTELLO, 2005), que remete à estabilidade do ambiente como refúgio do ser (TUAN, 1998). O lugar está atrelado à ideia de segurança e conforto, em oposição ao sentimento de vulnerabilidade e liberdade vinculados ao espaço (TUAN, 1983)

O bom lugar é aquele que é apropriado pelos seus habitantes, que traz e agrega identificação e representatividade aos seus ocupantes, que se torna elemento ativo para a consciência cultural da sociedade, no espaço e no tempo (LYNCH, 1982). O lugar necessita da interpretação e interação humana, envolvendo suas memórias e aprendizados, logo, assim como o pensamento humano, o lugar tem característica dinâmica e mutável (CASTELLO, 2007).

A transformação de um espaço em lugar depende da interação pessoa-ambiente. A partir dos estímulos que espaço provoca no indivíduo e da resposta proporcionada, surge sua identificação. Ao tornar-se lugar, o espaço físico adquire importância, significado e representação identitária para a pessoa que nele habita (CASTELLO, 2007; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; DEL RIO, 2002). Essa transformação ocorre quando há a projeção da personalidade dos indivíduos no ambiente em que vivem e acontece a partir da identificação entre as pessoas e o ambiente construído.

[...] o homem se apropria dos espaços humanizando-os, modificando-os para dotá-los de sua própria natureza. Humanizar os espaços significa torná-los adequados ao uso dos humanos, torná-los apropriados e apropriáveis. [...] essa influência mútua entre usuário/espaço é a razão pela qual as pessoas e os grupos encontram - ou não - sua identidade nos diversos lugares em que vivem (MALARD, 1993, p. 4).

O lugar é constituído a partir de três aspectos básicos: suas características físicas; sua conceitualização para os indivíduos que nele habitam e o comportamento que provoca, ou que é permitido, às pessoas que nele se encontram, relacionado à sua função (CANTER, 1977 *apud* RHEINGANTZ; ALCANTARA; DEL RIO, 2005; RELPH, 1976).

Deste modo, o vínculo com o ambiente ocorre a partir das seguintes dimensões do lugar: (i) física; (ii) simbólica; (iii) relacional e (iv) funcional. A primeira corresponde às características do ambiente que formarão seus atributos de identificação e representação; a segunda compreende a interpretação dos simbolismos do espaço físico, pois remete aos significados do ambiente para o indivíduo; a terceira compreende o ambiente como evocador das relações sociais e a quarta se refere ao entendimento de que o ambiente físico é um elemento que desempenha uma função, interferindo diretamente no comportamento dos indivíduos nele presentes (CAVALCANTE; ELALI, 2011). A transformação do espaço em lugar exige a interação entre essas quatro dimensões, de maneira que elas sempre existirão concomitantemente nesse processo, porém não necessariamente com a mesma intensidade e relevância.

A dimensão física está relacionada com a morfologia, com o caráter estético e com a organização do ambiente. É a partir dessa dimensão que o indivíduo percebe

e monta um referencial imaginário espacial evocado pela sensorialidade do espaço, numa progressão que parte do ambiente natural e que se conclui no ambiente construído (CASTELLO, 2007).

A dimensão simbólica abriga elementos do imaginário temporal, responsáveis pelos aspectos históricos e pela subjetividade cultural do espaço. Nessa dimensão ressalta-se o vínculo com o lugar e a memória (CASTELLO, 2007). A memória social necessita de uma narrativa que a consolide, logo o ambiente construído contribui para a construção dessa narrativa e permite sua leitura. A partir de sua leitura há uma legibilidade histórica. A memória do lugar está relacionada com a capacidade dos indivíduos de definirem seu passado comum no ambiente construído em que viveram (CASTRIOTA, 2009).

Os elementos referenciais de memória são importantes na formação do lugar, pois é a partir deles que os indivíduos se asseguram de sua permanência no mundo (CASTELLO, 2007). O ambiente construído é uma afirmação da continuidade do ser humano, enquanto indivíduo e coletivo cultural, no tempo e no espaço (PALLASMAA, 2011).

A dimensão relacional é formada a partir das relações sociais que o espaço provoca, responsável pela criação de elementos do imaginário social, identificadas nas trocas interpessoais que ocorrem nesse espaço (CASTELLO, 2007). Nesse aspecto, o lugar compreende o espaço onde as relações sociais acontecem e, ao mesmo tempo, apresenta em si e provoca nas pessoas evidências que remetem a essas relações (ELALI; MEDEIROS, 2011).

A dimensão funcional é aquela representada pela função do ambiente construído e apresenta elementos referenciais funcionais característicos que identificam essa função. O uso do ambiente e a atividade que o indivíduo exerce no espaço implicam em sua percepção sobre ele, assim como sua função comunitária, que às vezes é ordem hierárquica (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; ELALI; MEDEIROS, 2011), o que apresenta singularidade e individualidade à percepção da dimensão funcional, uma vez que indivíduos diferentes no mesmo espaço podem atuar de formas diferentes gerando interpretações diversas.

Observa-se que as funções desempenhadas por cada indivíduo dentro de uma comunidade são distintas entre si e isso proporciona uma avaliação diferente sobre o

lugar. A experiência individual das pessoas é relevante para a forma como se comportarão no coletivo (CANTER, 1977, p. 178 *apud* MELO, 1991).

A partir disso, nota-se que a construção do lugar é um fato social, ainda que ocorra de maneira individual e distinta para cada pessoa, pois as personalidades são formadas por experiências de cunho social e coletivo (ITTELSON *et al*, 1974 *apud* BONNES; SECCHIAROLI, 1995). O lugar é construído em um nível social, porém de maneira individual. Tendo em vista, portanto, que o lugar é formado para cada indivíduo de maneira particular, logo sua consolidação somente será possível após o uso e apropriação do ambiente, aliado às relações sociais que o espaço abriga. Assim, espaços bem projetados têm a capacidade de se tornar lugar, mas sua transformação ocorre somente após a apropriação de seus habitantes (CASTELLO, 2007).

Relph (1976) denominou como *placelessness* – traduzido por Castello (2007, p. 70) como “falta-de-lugaridade”, aludindo à ausência da capacidade do espaço se tornar lugar – a característica que determinados espaços tinham de não remeter a um significado que os distinguisse dos demais. Marc Augé (2001) define os espaços que não estabelecem vínculo afetivo com seus usuários e, dessa forma, carentes de identidade e representatividade para seus habitantes como não-lugares.

Observa-se que entre a dicotomia lugar e não-lugar há um espectro, colocado por Seamon (1996 *apud* CASTELLO, 2007), Shamai (1991) e Relph (1976), de forma que o mesmo espaço pode ser caracterizado como lugar para um indivíduo enquanto é um não-lugar para outro (RELPH, 1996 *apud* CASTELLO, 2007). Esse espectro é tão variado quanto as formas de identificação das pessoas com o ambiente e será discutido com mais profundidade a seguir.

2.1.3 Apropriação

O vínculo entre as pessoas e o ambiente é estabelecido ao decorrer do tempo, pois conforme o espaço vai sendo habitado e apropriado, consolidando as relações entre pessoa e ambiente, significados e interpretações vão dotando o espaço de valor, transformando-o em lugar (TUAN, 1983).

Habitar o mundo implica em vivenciá-lo através do ambiente construído, em um determinado intervalo de tempo. Habitar não é apenas residir ou ocupar, é, além disso, organizar espaços a partir da materialidade da existência é “pertencer a um lugar

concreto” (NORBERG-SCHULZ, 2006, p. 457). A habitação e apropriação do ambiente tornam um espaço comum em um espaço diferenciado e transformando-o em lugar (PALLASMAA, 2018a). O indivíduo habita não somente na espacialidade, mas também no tempo, na cultura e na imaginação (PALLASMAA, 2018b).

A consolidação do lugar ordena a vivência do ser no espaço. O lugar traz referência da presença ou ausência de sentido de localização, organização, segurança, conduta, representatividade, pertencimento e coletividade. O conceito de lugar está relacionado com a experiência humana, pois o ato de viver exige uma localização espacial e temporal (PLATÃO, 2011). O lugar será constituído pelo arranjo das relações sociais que acontecem, necessariamente, delimitadas por um espaço físico (FOUCAULT, 1997). Dessa forma, em virtude da apropriação do espaço, pode-se entender que o lugar se torna parte das pessoas que o habitam, é “coextensivo com aquilo que contém” (CASTRIOTA, 2009, p. 57).

Quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado caráter ambiental. [...] Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar (NORBERG-SCHULZ, 2006, p. 455).

A apropriação é um movimento, tanto individual quanto coletivo, originado na relação pessoa-ambiente, através do qual o indivíduo modifica o espaço, transformando-o numa extensão de si mesmo, estreitando seus laços a partir da representação identitária. A apropriação de um espaço é a sua transformação em lugar, forma na qual o indivíduo o reconhece como seu, em um processo de autorreconhecimento (CAVALCANTE; ELIAS, 2011).

O lugar se forma para o indivíduo através de identificação e orientação. Identificação com o ambiente provoca apropriação e o sentimento de pertencimento à comunidade e ao espaço, enquanto orientação permite o movimento. Mover-se implica em conhecer o desconhecido, agregando novas referências ao indivíduo, logo, trazendo novo significado no reconhecimento de lugares (NORBERG-SCHULZ, 2006).

O processo de apropriação exige uma dimensão temporal e tem uma característica sequencial, portanto ocorre de forma gradual, como o sentido de lugar e o apego ao lugar, diretamente ligados à apropriação do espaço, de maneira que

inicialmente se atribui um significado ao ambiente e, posteriormente, percebe-se uma identificação com esse significado (POL, 2003). Logo, para haver esse processo, há uma relação que engloba o aparato biológico do indivíduo, sua expressão e formação cultural e configurações abstratas do desenvolvimento individual e coletivo, relacionadas entre tempos e espaços pessoalizados e personalizados (CARPIGIANI; MINOZZI, 2002).

Pol (2003) apresenta dois aspectos característicos e complementares a respeito desse processo: (i) a apropriação ocorre por identificação simbólica com o ambiente - devido às suas impressões das relações sociais ligadas à memória e ao apego ao lugar, o indivíduo se projeta no espaço e o toma para si, criando uma identidade de referência; e (ii) a apropriação também acontece devido à ação/transformação do espaço pelo indivíduo – diretamente ligada ao domínio e ao controle do espaço. É a partir da modificação que o espaço se torna lugar, de forma a haver o estabelecimento do sujeito, sua apropriação – a construção do lugar representa o assentamento do indivíduo no espaço (GREGOTTI, 2006).

2.1.4 Identidade de lugar e sentido de lugar

O processo de apropriação está diretamente relacionado à formação da identidade, portanto o vínculo ao lugar é correlato à identidade de lugar (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011, p. 208-212). A identidade das pessoas é construída a partir de sua compreensão de “mundo acessível”, que tem forte relação com a função dos lugares e coisas de seu cotidiano. A identidade do indivíduo está diretamente relacionada com a identidade do lugar (NORBERG-SCHULZ, 2006).

A identidade de lugar é a referência que as características físicas do ambiente evocam, de maneira que orientam o indivíduo permitindo sua distinção e identificação enquanto lugar e entre lugares (NORBERG-SCHULZ, 1991; RELPH, 1976; LYNCH, 1988). Quanto maior a identificação com o lugar, mais intenso é o sentimento de interioridade e pertencimento (RELPH, 1976).

A caracterização do ambiente construído é a maior responsável pela constituição da identidade de lugar nos indivíduos que usam ou habitam esse espaço. Essa identidade é moldada a partir da identificação e pertencimento do indivíduo para com esse ambiente que, por meio de sua memória, é capaz de relacioná-lo com

experiências e lugares distintos, funcionando como uma referência daquilo que é agradável ou não (PROSHANSKY; ITTELSON; RIVLIN, 1976 *apud* JODELET, 2002).

Identidade, no panorama antropológico, pode ser entendida como algo que define e distingue os indivíduos. A partir disso provém o sentido de pertinência, quando mais de um indivíduo se identifica com o mesmo elemento (GURIÉRREZ, 1989). A identidade dos indivíduos se relaciona ao ambiente construído através da memória, seja pelo vínculo experiencial com o lugar ou pela identificação coletiva do espaço. As afirmações identitárias numa comunidade influenciam em como ocorrerão as apropriações de um determinado espaço e em como as pessoas se relacionarão entre si e com o próprio espaço (JODELET, 2002).

A relação pessoa-ambiente é firmada a partir da integração entre diferentes sensações humanas, que se arranjam em uma estrutura complexa, envolvendo a apropriação do espaço, o apego ao lugar e a identidade de lugar. Percebe-se uma característica abstrata nessa composição de sentimentos, de modo que são agrupados em um único termo: sentido de lugar (MAY, 1970 *apud* SHAMAI, 1991).

O sentido de lugar compreende a relação pessoa-ambiente, é a conexão entre os indivíduos e o espaço e é formado a partir das experiências sociais que integram a identidade de lugar e a apropriação pelo espaço. O surgimento e fortalecimento do sentido de lugar está amalgamado com a transformação do espaço em lugar e, por causa disso, também tem características individuais e dinâmicas, dependentes das interpretações humanas sobre os estímulos do ambiente (JORGENSEN; STEDMAN, 2001). O sentido de lugar é formado a partir de (i) identificação e sentimento de pertencimento; (ii) apego e (iii) engajamento com o lugar (SHAMAI, 1991).

Os indivíduos desenvolvem sentimentos em diferentes níveis de intensidade e valor a respeito do espaço habitado (TUAN, 1980; RELPH, 1976). Dessa forma, observa-se uma classificação de intensão sobre a identificação e o sentimento de pertencimento sobre o lugar, sobre o sentido de lugar. Dessa maneira, quanto mais identificação tiver um indivíduo com o espaço o indivíduo se identificar com o espaço, mais se apresenta interiorizado com o lugar. Em contraposição, quanto maior seu distanciamento com o espaço, mais exteriorizado é o sujeito em relação a esse espaço (RELPH, 1976). Assim, a oposição lugares e não-lugares está relacionada com o contraste entre os sentimentos de interioridade e exterioridade com o ambiente.

Fundamentado nessa amplitude de intensidade na identificação com o lugar, Shamai (1991) apresenta uma escala do sentido de lugar, em sete graus, abrangendo da ausência de qualquer identificação do indivíduo com o espaço, até o nível máximo, no qual o indivíduo é capaz de se sacrificar pelo lugar (Tabela 2.1).

Tabela 2.1 - Nível do sentido de lugar

Nível	Identificação	Consideração
0	Indiferença	Nenhum tipo de identificação com o espaço.
1	Identificação	Reconhecimento do espaço enquanto referência de organização e posicionamento, porém sem vínculo afetivo e de representatividade.
2	Representação	A qualificação do espaço em lugar é iminente. O indivíduo se conecta ao espaço e se sente representado por ele.
3	Apropriação	A transformação do espaço em lugar já está consolidada. O indivíduo tem um sentimento afetivo pelo espaço, além de representatividade. Nesse nível existe a projeção de identidade sobre o espaço.
4	Identificação ideológica	A identificação ultrapassa o limite espacial e se integra aos objetivos comunitários da coletividade do lugar. Há uma fusão de seus interesses com o interesse coletivo que implica em fidelidade, devoção e lealdade. A pessoa está profundamente apegada ao lugar.
5	Engajamento	O indivíduo desempenha uma função social de ativismo e representatividade com o lugar para atingir os objetivos comunitários.
6	Sacrifício	O compromisso do indivíduo com o lugar é tão intenso que ele está disposto a sacrificar sua liberdade e sua vida em prol do lugar. Este é o nível mais elevado do sentido de lugar.

Fonte: Adaptado de SHAMAI, 1991

Observa-se uma diferença de atuação do indivíduo dos níveis 1, 2 e 3 em relação aos níveis 4, 5 e 6. Nos três primeiros o indivíduo é um agente passivo perante o espaço, a qualificação do lugar ocorre principalmente de maneira introspectiva, enquanto nos posteriores o indivíduo é um agente ativo, colaborando externamente para a manutenção do lugar. A identificação dos níveis de sentido de lugar para os indivíduos e a descoberta de como esse sentimento foi consolidado permite inferências que resultam em tentativas de projetar espaços que se tornem lugares.

2.1.5 Arquitetura e a consolidação do lugar

A finalidade da produção arquitetônica é promover espaços habitáveis, que são aqueles que atendem às necessidades do ser humano. A arquitetura, enquanto ambiente construído, tem um sentido que vai além de espaço dedicado à existência humana, é a materialidade dos aspectos subjetivos e culturais de seus habitantes. Desenvolver um projeto de arquitetura é compreender a cultura e a identidade de uma comunidade e representá-la no espaço físico ao mesmo tempo em que suas necessidades são atendidas. Um processo de projeto de arquitetura que represente os indivíduos que habitarão o espaço, pensando em suas carências, expectativas e desejos, fortalece a relação pessoa-ambiente (ADAMS, 2002; ALMEIDA, 2002; DUARTE, 2002).

O ambiente construído é dotado de dois tipos de significados: o primeiro é inserido em seus elementos por seus projetistas, enquanto o segundo é colocado ao longo do tempo pelo público que o utiliza (RAPOPORT, 1990). O significado atribuído ao espaço habitado é originado a partir da cultura e da história dos indivíduos que nele habitam, sendo que suas interpretações subjetivas estão alinhadas com a história coletiva desses indivíduos (JODELET, 2002). Conforme os processos de apropriação do espaço forem acontecendo, as pessoas que o habitam começarão a impor-se sobre ele, de forma a se sentirem representadas e identificadas com o ambiente, surgindo uma nova identidade cultural do lugar (GUTIÉRREZ, 1989; WAISMAN, 1985).

O projeto de arquitetura faz parte da solução para as necessidades humanas de cunho social, cultural, ambiental e econômico. Logo, conhecer as pessoas que habitarão o ambiente é essencial para o projeto arquitetônico, pois ele é o produto da relação entre projetista, ambiente e usuários (TEDESCHI, 1978).

A ação de projetar é constituída por sucessivas tomadas de decisão, que requerem criatividade e, em virtude disso, liberdade. Porém essa liberdade é condicionada pela realidade e circunstâncias que projetista e futuro usuário vivem, assim como pela sua relação com o ambiente. Qualquer projeto de arquitetura que não leva em consideração esses fatores diminui seu potencial relacionado à qualidade final, tornando-se um projeto restritivo e excludente. A arquitetura cumpre sua função quando organiza espaços que evocam a sensação de pertinência através de sua forma e sua função (FRAMPTON, 1975; GAITE, 2003; WAISMAN, 1985).

Projetar e construir o espaço, preenchê-lo com um caráter que o transforma a partir de seu uso, é condição fundamental para a formação do lugar, porém não é garantia de sua consolidação. O lugar é formado no imaginário humano e é uma construção social consolidada na individualidade do ser, pois depende da sensorialidade, percepção e da interpretação individual de cada sujeito que participa na sua formação (FRAMPTON, 1975). Dessa forma, o projeto do lugar consiste em orientar os estímulos do ambiente através de um bom projeto de arquitetura, de forma a materializar características desejadas que consolidem boas oportunidades de projeto, atingindo a qualificação do ambiente (CASTELLO, 2007).

A arquitetura é responsável por fazer a integração entre o indivíduo e o mundo, é referência espacial para o entendimento da condição existencial humana, seja no espaço como no tempo, através das dualidades e dialéticas entre individualidade e pluralidade, interno e externo, instante e duração, permanência e mudança. A boa arquitetura é aquela que traz uma relação de integridade entre indivíduos e meio ambiente, consolidando vivências memoráveis situadas no espaço e tempo (PALLASMAA, 2011).

Na modernidade, momento o qual o projeto padrão foi amplamente utilizado, o lugar estava atrelado à especificidade das atividades da vida humana, numa racionalidade correspondente à economia de espaço e tempo, de modo que cada tipo de atividade na vida em sociedade exigia seu próprio tempo e seu próprio lugar (HUGHES, 1980 *apud* CASTELLO, 2007). Percebe-se, portanto, que do ponto de vista modernista, o lugar é uma construção de cunho social e funcional. Dessa forma o projeto arquitetônico obedeceria a linhas rígidas em relação aos conceitos higienistas, programáticos e funcionais, estabelecendo espaços tecnicamente perfeitos, porém distantes do contexto aos quais estavam sendo estabelecidos. Havendo, assim, a projeção do lugar, mas não sua efetiva consolidação junto aos ocupantes desses espaços projetados (CASTELLO, 2007; PALLASMAA, 2006).

O lugar é constituído além do utilitarismo da construção. Ainda que haja o caráter funcional no projeto de arquitetura, sua promoção à lugar implica no conhecimento de que a mesma função é realizada de forma diferente por cada indivíduo que habita o ambiente. As atividades humanas estão imbuídas de aspectos culturais diversos, de forma que tais atividades, ainda que similares, como comer e

dormir, serão realizadas de forma diferente por diferentes indivíduos (NORBERG-SCHULZ, 2006).

A arquitetura representa a materialização da experiência humana na atividade de existir, através das formas do ambiente construído, que remetem a significados atribuídos pelos sujeitos que lá habitam (PALLASMAA, 2006). Exercer a arquitetura é o início do processo de criação do lugar, mas não a garantia de sua existência (HARRIES, 2006; NORBERG-SCHULZ, 2006).

Para a concretude do ambiente construído, o projetista de arquitetura tem de conhecer os aspectos geográficos e tecnológicos do ambiente para o qual está projetando. Entretanto, esses fatores são apenas parte das incógnitas a serem reveladas. As características, as expectativas e os costumes daqueles que habitarão o espaço projetado também devem ser conhecidos, sob pena de se projetar um ambiente com uma identidade cultural equivocada (GAITE, 2003).

O espaço habitado é testemunho da narrativa histórica do lugar, assim como tem papel formador na identidade daqueles que o habitam. O ambiente construído, permanentemente em transformação, transmite ao longo do tempo os valores e as formas de pensamento de quem o construiu e de seus habitantes. Suas alterações moldam e ao mesmo tempo evidenciam a identidade de seus usuários (GUTIÉRREZ, 1989).

O entendimento histórico das relações pessoa-ambiente esclarece os modos de pensar e agir de uma comunidade, portanto, traz luz aos seus valores culturais. As transformações do ambiente construído promovem mudanças nessas relações, o que gera, por sua vez, a criação de novos valores culturais e reforçam a identidade da comunidade. A criação e o fortalecimento de uma identidade são processos contínuos e dinâmicos (GUTIÉRREZ, 1989; WAISMAN, 1985).

Arquitetura baseada na consciência da capacidade do ambiente tornar-se lugar está alinhada com o pensamento de Frampton (2006), quanto ao regionalismo crítico. O regionalismo crítico está relacionado com o conhecimento dos atributos que determinada região impele à arquitetura, na utilização de habilidades e materiais locais, seja nos materiais de construção, na tipologia da edificação, nas estratégias climáticas etc. A adoção do regionalismo crítico no projeto arquitetônico cria

ambientes mais especializados e experienciados e é símbolo de resistência contra a generalização e massificação da arquitetura e da sociedade (NESBITT, 2006).

O regionalismo crítico busca não só atender às necessidades dos seres humanos que irão usufruir do ambiente construído, mas também, de alguma forma, representá-los. Dessa maneira a produção arquitetônica não é originada apenas do arquiteto, mas sim do contexto social, econômico e político da sociedade. O regionalismo crítico é um compromisso do arquiteto com o lugar e não com o espaço (FRAMPTON, 2006).

A arquitetura se liga à memória dos indivíduos além do objeto físico da edificação, pois atua como agente identificador das relações interpessoais que ocorreram no espaço habitado (PÁSCOA, 2008). As características culturais aplicadas à arquitetura agem como atributos de uma identidade de lugar, e a arquitetura escolar, ambiente de formação da sociedade, potencializa esses atributos.

2.2 Arquitetura escolar

A história da arquitetura escolar é revelada através da interpretação dos programas arquitetônicos e pedagógicos já adotados ao longo do tempo, assim como de seus projetos e construções (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; SOUZA, 2005). A escola é o resultado da relação dinâmica entre as teorias pedagógicas vigentes e as construções históricas e culturais da sociedade. Dessa forma, o contexto educacional, materializado no prédio escolar, está conectado com discursos políticos, sociais, econômicos, morais, higienistas, além dos pedagógicos e disciplinares, inserindo símbolos na aprendizagem e atribuindo valores culturais e ideológicos à sociedade (ERMEL, 2016; NASCIMENTO, 2012).

O programa de uma edificação é o atributo que atende ao plano de necessidades de seus usuários e organiza os requisitos funcionais dessa construção. Tratando de um prédio escolar, o programa é aquilo que o caracterizará enquanto escola, sendo seus identificadores qualitativos diretamente ligados à pedagogia e ao que se quer transmitir aos ocupantes da instituição. Os ideais políticos e pedagógicos, aliados com as necessidades da comunidade em que a escola será inserida, que determinarão o programa arquitetônico do edifício escolar (KOWALTOWSKI, 2013).

A escolha dos ambientes inseridos no programa de arquitetura escolar evidencia a relevância e a funcionalidade que seus idealizadores veem na educação. O ambiente escolar e sua organização são parte das representações das ideias que embasaram sua implementação, de forma que a escola é a materialização do pensamento sobre a educação (ERMEL; 2016; VIÑAO, 2005). Para compreender-se a configuração do espaço escolar deve-se admitir a arquitetura como resultado tangível e não verbal do discurso de ordenamento, hierarquização e representações simbólicas de seus projetistas. A escola é a representação concreta do papel da educação na formação cultural e identitária de uma sociedade (SÁ; WERLE, 2016; BRITO CRUZ; CARVALHO, 2004 *apud* KOWALTOWSKI, 2013; ESCOLANO, 2000 *apud* VIÑAO, 2005).

O posicionamento espacial de um ambiente está relacionado com a relevância de sua função no programa desta edificação (VIÑAO, 2005). Tratando-se da arquitetura escolar, percebe-se que os programas pedagógico e arquitetônico de uma instituição de ensino estão correlacionados, sendo o segundo a concretização do primeiro.

Ao longo da história, a arquitetura do ambiente escolar teve duas intenções principais que interagem entre si: (i) as ideias de controle e disciplina, aplicadas através de espaços bem determinados com projetos baseados no isolamento autônomo e (ii) as teorias pedagógicas, que, por sua vez, valorizam mais a criatividade e a individualidade do ser humano (KOWALTOWSKI, 2013).

O prédio escolar na forma que conhecemos hoje surgiu no continente europeu, após a Revolução Industrial, no século XIX. No Brasil, até o fim do período imperial (1822-1889), as instituições de ensino eram exclusividade da população de renda mais elevada, facultando à Igreja e às organizações filantrópicas o ensino aos mais carentes (AZEVEDO; BASTOS, 2002; FARIA FILHO, 1998; BUFFA; PINTO, 2002 *apud* KOWALTOWSKI, 2013). A preocupação na consolidação do programa escolar, anterior ao período republicano, era contemplar atividades que formassem as elites da época (AZEVEDO; BASTOS, 2002; AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007). Nesse momento, as instalações que atendiam à educação popular consistiam em edificações precárias e adaptadas para o uso educacional, frequentemente conjugadas à moradia do professor (SCHWARTZMAN, 1982).

A transição do Brasil Império para República, através da Constituição de 1891, não solucionou os problemas educacionais do país, pois a visão da época era de que uma nação com economia embasada na agricultura não precisaria de alfabetização para as massas (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007).

Um dos aspectos referentes à educação na primeira constituição de 1891 é que, além de legislar a respeito do ensino superior, voltado ao preenchimento de postos de trabalho do novo governo republicano, ela também descentralizava a responsabilidade do ensino no país. A educação básica foi colocada como responsabilidade dos estados e municípios e não da União, o que na prática acabou acentuando a desigualdade econômica e cultural em cada estado (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007).

Foi somente a partir da consolidação industrial do país que a escola passou a ser vista como ferramenta de desenvolvimento social, o que exigiu que o Estado providenciasse instalações específicas e de qualidade para a atividade escolar. A democratização do ensino se tornou pauta comum a um número maior de brasileiros que demandavam a qualificação de mão de obra (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007).

2.3 Primeiras instituições exclusivamente de ensino no Brasil

A visão de progresso relacionada à educação culminou na criação de prédios exclusivos à prática do ensino, denominados Grupos Escolares (Figura 2.1). Essas foram as primeiras instituições de ensino primário e graduado implementadas no Brasil (FARIA FILHO, 1998; KOWALTOWSKI, 2013; SÁ; WERLE, 2016). Os Grupos Escolares compuseram um movimento que colocou em um único edifício várias escolas que funcionavam de forma isolada, propondo uma organização e um programa arquitetônico e pedagógico, oriundos de uma nova ideia à educação (BENCOSTTA, 2005).

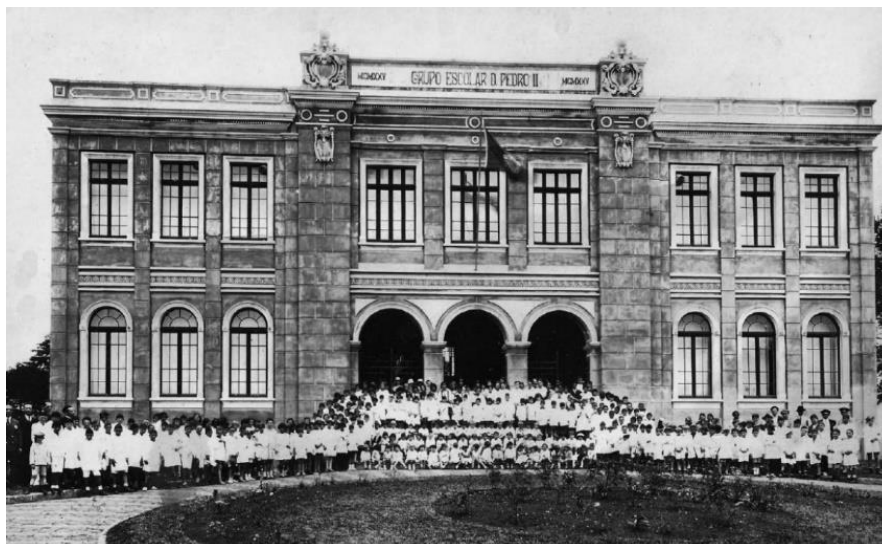


Figura 2.1 - Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba.
Fonte: CASTRO, 2008.

Os Grupos Escolares apresentam planta tipo, permitindo pequenas alterações em suas fachadas, sem haver preocupação com posicionamento solar, possuindo caráter monumental e características que possibilitavam o controle dos professores sobre os alunos (FARIA FILHO, 1998; SÁ; WERLE, 2016). Na sua constituição, uma das principais preocupações era que a implantação ocorresse em pontos de destaque e visibilidade do meio urbano, pois essas escolas representavam o ideal republicano. O ambiente construído era a consolidação e o enaltecimento do novo regime político (BENCOSTTA, 2005; KOWALTOWSKI, 2013).

A materialização da instituição escolar, a partir da criação dos Grupos Escolares, implicou na mudança da forma de transmitir o ensino, antes ocorrido principalmente em ambientes privativos, como a casa do próprio professor, e posteriormente em locais públicos, as salas de aula. A publicização da escola contribuiu, para além da consolidação da educação, com a formação da cidade e do meio urbano moderno (FARIA FILHO, 1998).

A escola, entendida como ferramenta cultural, política e pedagógica, consistiu em uma força semântica, que ao mesmo tempo em que serviu de modelo de comportamento aos indivíduos que convivem no espaço escolar, teve sua interpretação alterada conforme esses mesmos indivíduos agiam e se relacionavam (ERMEL, 2016).

Faria Filho (1998) destaca três pontos a respeito dos grupos escolares: (i) eram construídos de forma imponente para serem contemplados, com foco nos aspectos

de conforto e higiene da época; (ii) representaram a materialização da instituição escolar e provocaram uma alteração na forma de pensar, de se comunicar e de agir, principalmente na população mais pobre; (iii) deveriam ser a base da educação para a vida no ambiente urbanizado.

Durante os anos iniciais da República, com o pensamento da educação como ferramenta de progresso, a implementação de edifícios escolares não representou somente o desenvolvimento intelectual do ser humano, mas também se relacionou com a urbanização e a mudança de comportamento dos habitantes da cidade (FARIA FILHO, 1998; SOUZA, 2005). Nesse momento a escola se aproximou das classes mais populares, e a transformação da cultura dos mais pobres, considerada inadequada ao convívio social à época, começou a ser realizada pela instituição escolar (FARIA FILHO, 1998).

Os novos pensamentos republicanos, que entendiam a instituição escolar como elemento fundamental para o progresso, colocaram a escola como lugar de referência na cidade. Os Grupos Escolares se tornaram elementos representativos da modernidade republicana e foi através de sua construção que se tornaram modelo físico e simbólico a ser adotado, delineando o comportamento dentro e fora de seus limites (SOUZA, 1998 *apud* DÓREA, 2000; FARIA FILHO, 1998).

O programa arquitetônico dessas instituições era definido pela quantidade de salas de aula contempladas na edificação. A padronização ocasionada pelo projeto-tipo dos grupos escolares previa a utilização de dois pavimentos com salas de aula e ambientes administrativos, além dos sanitários, e da observância da divisão do espaço entre meninos e meninas (Figura 2.2). Os Grupos Escolares têm dimensões imponentes com características da arquitetura ecléticas, presença de eixos simétricos, nível térreo elevado em relação à rua, provocando significativo destaque no entorno urbano (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOWSKI, 2013; SÁ; WERLE, 2016).

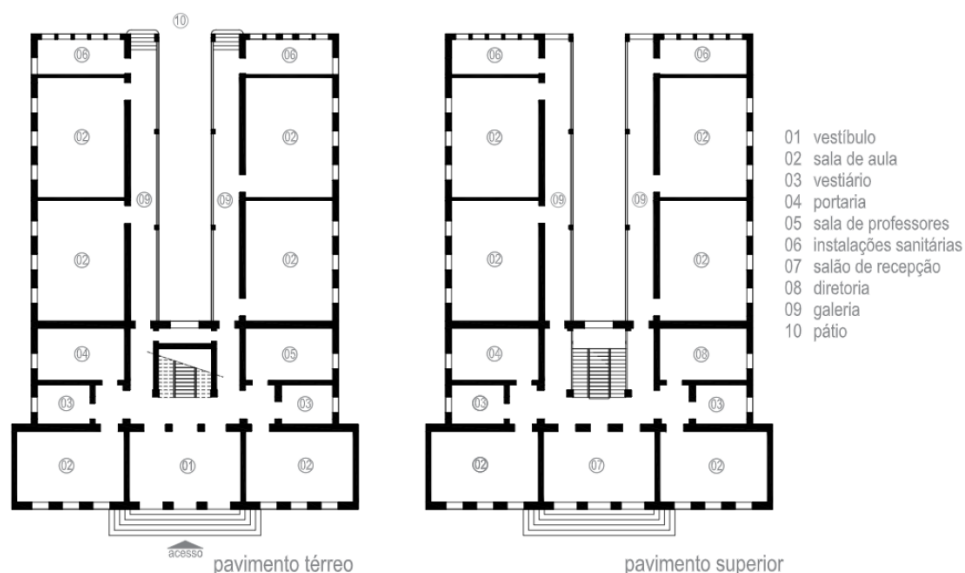


Figura 2.2 – Planta baixa do Grupo Escolar D. Pedro II, em Curitiba.
 Fonte: CASTRO, 2008.

Dentre as mudanças advindas com o edifício escolar, destaca-se o pátio e o muro, pois se a escola se tornou pública, haveria de ter algo que definisse seu espaço. Nessa estruturação do ambiente de ensino, esses dois elementos, pátio e muro, serviriam como delimitadores transitórios e simbólicos, permitindo que os alunos soubessem a diferença do comportamento dentro e fora da sala de aula. Além disso, outro aspecto potencializado pelo espaço do pátio foi a possibilidade de apresentação da conduta das crianças à comunidade. Através do incentivo e desenvolvimento de ações coletivas esse espaço proporcionou, tanto de forma simbólica quanto funcional, a visibilidade do que estava sendo construído para a formação dos estudantes e da sociedade (FARIA FILHO, 1998).

Nesse contexto surgiram as Escolas Normais, instituições de ensino dedicadas à formação de professores. Enquanto os Grupos Escolares apresentavam somente salas de aula e reduzidos espaços administrativos, as Escolas Normais traziam um programa mais complexo, com auditórios, biblioteca e laboratórios. Essa amplitude no programa da edificação possibilitou a inserção de atividades que variavam de apresentações coletivas à prática de atividade física, de forma que esses ambientes se tornaram frequentes em todas as plantas tipo da época (FARIA FILHO, 1998; KOWALTOWSKI, 2013; SÁ; WERLE, 2016).

A organização do espaço escolar, de forma a considerar a ligação do ambiente construído com a sua função pedagógica, foi consolidada somente a partir do

aparecimento das escolas primárias (KOWALTOWSKI, 2013). O surgimento de um espaço específico para o ensino e aprendizagem foi a grande mudança na educação nos anos iniciais da república, consolidada na criação dos Grupos Escolares e Escolas Normais. Pois além de amadurecer a discussão sobre educação no país, permitiu a materialização de um lugar para o ambiente de ensino (FARIA FILHO, 1998). A configuração do espaço, como instituição exclusivamente de uso educacional, se moldou a partir da consolidação de um local que evocasse estabilidade, independência e especificidade; foi o entrelaçamento desses conceitos que provocou o entendimento da escola enquanto ambiente de apropriação e referência (VIÑAO, 2005).

No Rio Grande do Sul, as escolas seriadas – tanto os Grupos Escolares como as Escolas Normais - foram implementadas a partir do Decreto nº 1479 de 1909 e ficaram institucionalizadas e conhecidas como Colégios Elementares (LUCHESE, 2016). Devido à falta de verbas para a construção de edifícios escolares, em várias cidades gaúchas, os Colégios Elementares foram instalados em ambientes precários e assim permaneceram até o governo de Getúlio Vargas no estado gaúcho, em 1928, que iniciou a construção de novos edifícios para a educação (SÁ; WERLE, 2016).

Percebe-se que as primeiras escolas primárias seriadas foram uma ferramenta de desenvolvimento que funcionou através de seus agentes humanos, mas também de sua arquitetura e localização espacial. A escola se tornou referência no imaginário coletivo - seja para os que a usam ou para os que convivem em seu entorno, remetendo a um local para formação de indivíduos e de transformação social, porém junto à vigilância e demonstração de poder.

Apesar do novo pensamento da educação ligada ao desenvolvimento social e da criação das instituições seriadas, o acesso ao ensino se manteve restrito a poucos, permanecendo o aumento do número de analfabetos na população. Isso provocou criação da Associação Brasileira de Educação, em 1924, e o surgimento de um novo método pedagógico, denominado Escola Nova. Dessa forma se iniciou, efetivamente, a democratização do ensino, auxiliado pela industrialização da construção com o surgimento do modernismo, que permitiu a pulverização de elevado número de instituições escolares pelo país, majoritariamente de características racionais e econômicas (ANDREOTTI, 2006 *apud* AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007;

CARVALHO, 1989 *apud* DÓREA, 2000; RAMALHO; WOLF, 1986 *apud* KOWALTOSKI, 2013).

2.4 As ideias precursoras das escolas de projeto padrão

Nos momentos que sucederam ao final da 1ª Guerra Mundial, junto ao início do modernismo, surgiu uma abordagem diferente às artes, à arquitetura e à educação. A alteração do símbolo masculino, como professor, para o feminino, a professora, causada pelas perdas nos campos de batalha, provocou uma mudança do ensino, antes voltado à formação de mão de obra fabril e posteriormente dirigido à educação como instrumento social (KOWALTOWSKI, 2013).

No período modernista viu-se despontar escolas experimentais que tinham o intuito de romper com as técnicas utilizadas para as lições e avaliações sucessivas, já tradicionais na época. Outro aspecto ligado ao modernismo, é o vínculo que começou a ser moldado entre escola e conjuntos habitacionais de interesse popular, trazendo ao ambiente escolar oficinas para educação artística, profissional e espaços desportivos. Essa nova combinação no programa educacional se tornou popular tanto na América Latina, como nos Estados Unidos e Europa, e trazia a educação como a base da comunidade (KOWALTOWSKI, 2018).

O movimento Escola Nova se fortaleceu no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, defendendo, através de reformas na educação básica, as ideias de acessibilidade ao ensino para toda população (OLIVEIRA, 2007). Esse movimento foi originado no Estados Unidos, pelas ideias do educador John Dewey, o qual pregava que a escola deveria expandir o potencial dos estudantes e inseri-los no mundo, considerando sua diversidade, e os prédios escolares deveriam considerar seus aspectos sociais e não os estilísticos. Essa nova mudança no entendimento da educação culminou na compreensão da escola como centro social (KOWALTOWSKI, 2013).

A chegada de Getúlio Vargas à Presidência da República do Brasil, em 1930, colocou novos sentidos para a educação no país. Vargas tinha a visão do ensino como propulsor do progresso, sendo responsável pela construção da sociedade. Nesse contexto, que envolvia o pós-revolução de 1930, o fortalecimento dos conceitos do movimento Escola Nova e a consolidação do modernismo, inicia a ideia da implementação de um programa que viesse a atender um amplo conjunto de

necessidades, facilitando e agilizando o processo de projeto e construção das edificações escolares. De forma que, em 1932, surgiu um grupo de educadores que defendiam o ensino público, gratuito e laico, denominado Pioneiros da Educação Nova. Influenciado pelas ideias de John Dewey, estava presente nesse grupo de intelectuais o educador baiano Anísio Teixeira (FERNANDES, 1992; KOWALTOSKI, 2013).

Anísio teve três momentos como gestor público na área da educação em esferas estaduais – entre 1924 e 1928, como inspetor geral de ensino da Bahia; de 1931 até 1935, como diretor de instrução pública do Distrito Federal; e entre os anos 1947 e 1951, novamente na Bahia, mas desta vez como secretário de educação e saúde do estado – e nos três cargos priorizou o planejamento do edifício escolar, porém destacou-se mais, pelas inovações propostas, nos dois últimos momentos. Na visão de Anísio Teixeira, além de mudar o modelo pedagógico então adotado, que visava à alfabetização e à educação para o trabalho enquanto deveria direcionar ao progresso para uma melhor qualidade de vida, priorizando-se o combate à escassez de escolas (DÓREA, 2000).

Para Anísio Teixeira, a escola não poderia se limitar a formar poucos cidadãos, mas sim a atender toda a população. A democratização da educação precisaria ser fortalecida, assim como deveria ocorrer a massificação do ensino. Para ensinar a busca pela qualidade de vida e aumentar a população atendida pela escola pública, o ambiente escolar teria de estar preparado, logo sua organização e programa precisariam ser alterados – a pedagogia deveria centrar-se no aluno e não mais no professor. Dessa maneira, as reformas educacionais propostas por Anísio tiveram base no planejamento da escola, enquanto ambiente construído, voltado ao desenvolvimento social, servindo como um centro comunitário em harmonia com a cultura local (DÓREA, 2000; ROCHA, 1992).

De forma a considerar a educação em período integral, Anísio propôs dois tipos de escola: as escolas nucleares, também denominadas escolas classe, e as escolas parque. No primeiro turno do dia a criança frequentaria a escola nuclear para ter o ensino regular, esse espaço deveria ser modulado e prever futuras ampliações. No segundo turno os alunos compareceriam à escola parque para receber educação social, desportiva, musical, sanitária, assim como a prática da leitura, de forma que os

dois tipos de edificação complementariam suas funções (DÓREA, 2004; ROCHA, 1992).

Tendo em vista, enquanto gestor da educação no Distrito Federal, em 1932, que as soluções dos problemas referentes às construções escolares envolveriam mais de um período de gestão, Anísio Teixeira desenvolveu um plano diretor geral para as edificações voltadas à educação. O objetivo do plano era resolver os problemas de variações de demanda e dimensionamento de salas, implantação nos terrenos, economia e programas em cada localidade que requereria uma nova escola (DÓREA, 2000).

Nesse plano, conforme apresentado por Dórea (2004), havia a previsão de cinco modelos escolares com diferentes programas arquitetônicos, os quais foram projetados pelo arquiteto Enéias Silva:

- Escola Tipo Mínimo: voltada a regiões com baixa população escolar, trazia duas salas de aula e uma sala de oficina;
- Escola Tipo Nuclear– também chamada de escola-classe: 12 salas de aula, sala da administração, secretaria, biblioteca para professores. Observa-se que esse modelo deveria ser complementado com a presença de um parque escolar;
- Escola *Platoon* 12 classes (Figura 2.3): seis salas de aula e seis salas especiais;



Figura 2.3 - Escola Platoon 12 Classes, no Rio de Janeiro.
Fonte: PIMENTEL, 2014.

- Escola *Platoon* 16 classes: 12 salas de aula e quatro salas de uso especial;
- Escola *Platoon* 25 classes (Figura 2.4): 12 salas de aula, 12 salas de uso especial e ginásio.



Figura 2.4 - Escola República Argentina tipo *Platoon* 25 Classes, no Rio de Janeiro.
Fonte: PIMENTEL, 2014.

Aponta-se que as salas de uso especial eram ambientes dedicados para o auditório, salas de música, leitura, recreação e jogos, laboratórios de ciências, desenhos e artes industriais. Todos os modelos propostos traziam ambientes administrativos, gabinetes médicos-odontológicos e instalações sanitárias com distinção de gênero (Figura 2.5). A diferença de um Tipo ao outro era observada pela presença das salas especiais em seu programa (ROCHA, 1992).

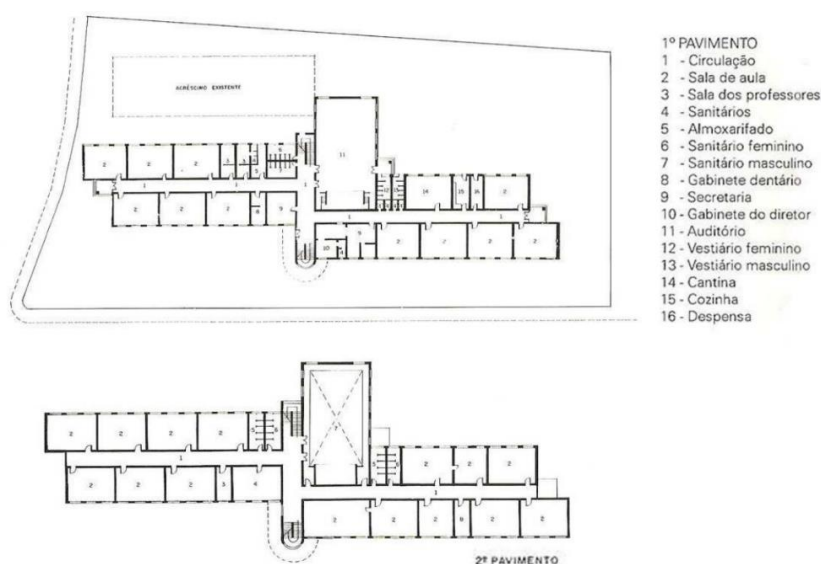


Figura 2.5 - Planta baixa e programa da Escola República Argentina tipo *Platoon* 25 Classes, no Rio de Janeiro.
Fonte: CASTRO, 2009.

Os modelos das escolas *Platoons*, de Anísio Teixeira, voltavam-se a atender a demanda da população local e, por isso, existem modelos de 12, 16 e 25 classes. Essas escolas tinham esse nome devido aos pelotões – tradução do termo *platoons* para o português – que os alunos formariam para o deslocamento entre os espaços durante suas atividades e foram inspiradas nas escolas norte-americanas da cidade de Detroit (DÓREA, 2004; FERNANDES, 2006; ROCHA, 1992).

Apesar de inúmeras referências colocadas à complementação do ensino regular que deveria ocorrer nas escolas-parque, não há registro de que esse modelo de escola tenha sido projetado ou construído no Rio de Janeiro, no período que Anísio Teixeira foi gestor da educação do Distrito Federal (DÓREA, 2004). Ainda assim, a escola Dom Aquino Corrêa, localizada na praça Cardeal Arcoverde, na capital fluminense, construída entre 1934 e 1935, é apontada como o único exemplar das escolas-parque do momento em que Anísio foi diretor da educação do Distrito Federal. (OLIVEIRA, 1991 *apud* DÓREA, 2004).

Na prática, o plano geral de Anísio Teixeira funcionou apenas em parte, pois em sua saída do Governo do Rio de Janeiro, em 1935, apesar de terem sido construídas 25 escolas conforme seu planejamento, elas não atendiam em turno integral. Foram construídas duas escolas Tipo Mínimo; 13 escolas Tipo Nuclear; cinco escolas *Platoon* 12 classes; duas escolas *Platoon* 16 classes; três escolas *Platoon* 25 classes; além daquela que se estima ser a única escola-parque construída (DÓREA, 2004).

Ao colocar ambientes como anfiteatro, biblioteca, refeitórios, jardins e área desportiva dentro do espaço escolar, Anísio Teixeira propunha uma reapropriação dos espaços culturais para a população menos favorecida economicamente, que nesse contexto histórico estava sendo afastada em direção às periferias urbanas, o que materializou os discursos de democratização do ensino e da escola como ferramenta de desenvolvimento social (NUNES, 1993 *apud* DÓREA, 2004).

Em 1947, em seu segundo período gerenciando a educação na Bahia, desta vez enquanto secretário de educação e saúde, Anísio Teixeira, propôs novamente, a partir dos resultados obtidos no Distrito Federal, o conceito de escolas classe e escolas parque. Dessa maneira, junto com os Tipos mínimo e nuclear, foram constituídos os Centros Populares Educação Popular, que funcionariam como centros

sociais voltados ao ensino, à educação física e atividades de desenvolvimento social. Tal como no Rio de Janeiro, as escolas classe funcionariam para o ensino regular enquanto as escolas parque seriam voltadas às atividades de cunho social (ANDRADE JUNIOR, 2011; DÓREA, 2000; ROCHA, 1992).

Foram idealizados 10 Centros de Educação Popular na Bahia, projetados pelos arquitetos Diógenes Rebouças e Hélio Duarte. Entretanto, por causa da complexidade da construção e da especificidade da mão de obra, somente o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Figura 2.6), em Salvador, foi construído e sua obra demorou quase 20 anos para ser finalizada (CHAHIN, 2016; DÓREA, 2000).

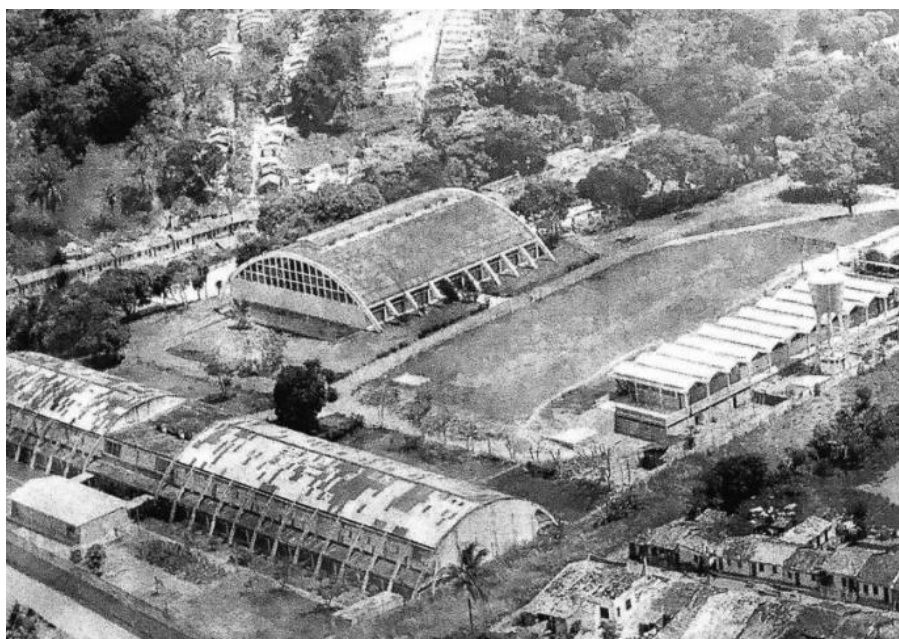


Figura 2.6 - Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador
Fonte: CHAHIN, 2016.

Seu conjunto abriga quatro escolas-classe, compostas somente por salas de aula e sala de professores, para 1.000 alunos cada, em dois turnos, e seu sistema parque - que corresponde a salas de música, dança, teatro, educação artística, social, salas de desenho, ginásio desportivo, biblioteca, restaurantes – foi proposto para 2.000 crianças. Esse projeto arquitetônico foi realizado de forma participativa, através da eleição de uma comissão de pessoas comprovadamente idôneas, moradoras da localidade onde a futura escola seria inserida, que auxiliaram no projeto e acompanhariam sua execução (DÓREA, 2000; ROCHA, 1992).

Os edifícios escolares originados das ideias de Anísio Teixeira são exemplares importantes do início do modernismo. A política educacional de Anísio compactuava

com uma escola racional, econômica, de espaços otimizados e modulados e com um programa que atendesse à sociedade da época. A partir das escolas classe e das escolas parque podemos perceber os seguintes aspectos desse período da arquitetura voltada à escola pública: (i) a ideia de uma instituição que atendesse com qualidade a educação em período integral; (ii) a adoção da arquitetura moderna para os prédios escolares; (iii) a escola como instrumento de desenvolvimento social (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; DÓREA, 2000).

Uma das grandes diferenças entre as escolas do final do século XIX e início do século XX para aquelas do período moderno é a visão que seus idealizadores têm da criança, antes considerada um indivíduo pronto, porém em miniatura, e, posteriormente, devido às novas filosofias pedagógicas, um ser em formação. As primeiras podem ser caracterizadas pelo controle e rigidez impostos aos alunos, percebidos através das classes enfileiradas pregadas ao chão, do professor em posição de destaque e do elevado nível de vigilância, enquanto nas segundas encontram-se características que representam uma sociedade dinâmica em processo de desenvolvimento (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007). Enquanto os grupos escolares, nos primeiros anos do século XX, representaram o início da concepção de um local exclusivo e específico para a escola, Anísio Teixeira transforma o espaço escolar, através da ampliação de seu programa, em centro social, senão aplicado de maneira concretizada, pelo menos em ideal.

2.5 O projeto padrão na arquitetura escolar

A ideia da padronização da arquitetura está vinculada à uniformização dos métodos de projeto e à normatização das construções. A partir da racionalização da concepção e do processo construtivo de uma edificação, consolidou-se o conceito da arquitetura padronizada. O projeto padrão, frequentemente atribuído para instituições públicas, principalmente voltadas ao uso escolar e hospitalar, busca atender aspectos construtivos de forma rápida e econômica, a partir de um programa de necessidades previamente já utilizado (CORRÊA; MELLO; NEVES, 1991; FRAMPTON, 2003; RAMÓN; PEREIRA, 2010). A adoção de um projeto padrão implica em aceitar tal projeto como perfeitamente finalizado, encerrado em si mesmo, e que, por causa de sua perfeição, deve ser imitado (ARGAN, 2006).

Outro fator preponderante na adoção do sistema de construções padronizadas, é a imagem de governo que essas instituições expressam, tanto pela repetição do programa, como pela visibilidade da localização em que as edificações são instaladas. A consequência disso é que o prédio acaba sendo utilizado como uma assinatura de seus idealizadores (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOWSKI, 2013).

A tentativa de implementação de uma padronização nas edificações escolares faz parte da história cultural do Brasil. Desde o século XIX, os responsáveis pela gestão da educação no país tinham a intenção de criar diretrizes e padronizações para essas construções. As primeiras escolas públicas de projeto padronizado datam do período republicano, entre os anos de 1890 e 1920, entretanto, nessa época, essa prática já era comum em presídios e fóruns (AZEVEDO, 2002; AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; FDE, 1998 *apud* KOWALTOWSKI, 2013).

Quando as terminologias “arquitetura padronizada” e “projeto padronizado” são utilizadas, referem-se à normatização e standardização do processo de projeto e construção e indicam duas possibilidades distintas: (i) o projeto tipo e (ii) o projeto padrão. A primeira trata de edificações que apresentam a mesma tipologia com a repetição de seu conceito, do seu plano de necessidades e do programa adotado, porém aceita diferenciação nas fachadas e nos aspectos construtivos (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007). A segunda refere-se à réplica de uma edificação já construída anteriormente, de forma idêntica (QUINCY, 1992; WAISMAN, 1985).

Observa-se que alguns autores utilizam projeto padrão (CABRAL, 2020; CORRÊA; MELLO; NEVES, 1991; KOWALTOWSKI, 2013; MODLER; RHEINGANTZ; AZEVEDO, 2017; SEGAWA, 1997) e projeto modelo (GAITE, 2003; GUTIÉRREZ, 1989; WAISMAN, 1985) como sinônimos. Tendo em vista sua ampla utilização de maneira acertada pela bibliografia apresentada, inclusive pelo Ministério da Educação do Governo Federal do Brasil (FNDE, 2017), escolheu-se, neste trabalho, adotar a *terminologia* projeto padrão.

As escolas de projeto tipo são associadas ao início da Primeira República do Brasil, com os Grupos Escolares e as Escolas Normais, voltados à contemplação dos ideais republicanos. A implementação de modelos de escolas de arquitetura padrão está relacionada com os efeitos da industrialização do Brasil na primeira metade do século XX. Pois foi a partir do aumento da população urbana, e consequentemente da

demanda escolar, oriundas do êxodo rural, forte nesse período, que surgiu como solução a réplica de modelos arquitetônicos para diminuição de custos possibilitando celeridade às obras (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; FARIA FILHO, 1998; PÁSCOA, 2008).

O uso de uma arquitetura padronizada em escolas foi fortalecido no período moderno, potencializado pelo discurso de democratização do ensino no Governo Vargas, entre os anos de 1930 e 1945. Com o crescimento do número de crianças em fase escolar, durante os anos 1940, 1950 e 1960, as escolas passaram a ter que atender elevada demanda, provocando nos prédios escolares características que evocavam economia, racionalidade e agilidade na construção, comuns ao período modernista. Entre os benefícios da prática do projeto padrão para instituições de ensino estão, além da agilidade construtiva e economia já mencionadas, a qualidade da construção, oriunda da especialização da mão de obra (AZEVEDO; BASTOS, 2002; AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOSKI, 2013; SEGAWA, 1997).

Nessa época a racionalização dos projetos, e por sua vez das construções, era a única forma de atender à demanda por prédios escolares. Entretanto, nos anos 1970, em uma tentativa de diminuir a uniformização das construções escolares, mas mantendo a racionalidade no projeto arquitetônico, foi adotado uma sistematização no processo de projeto a nível federal. Dessa forma, através de manuais, o projeto da unidade escolar e de toda sua rede seria padronizado. Como exemplo desses manuais tem-se os **Cadernos Técnicos: subsídios para elaboração de projetos e adequação de edificações escolares**, desenvolvido pelo Ministério da Educação no início dos anos 2000. Não se padronizaria a construção, mas sim a forma de projetar (AZEVEDO, 2002; AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOSKI, 2013).

A partir do surgimento de novas leis que implicavam ao Estado a responsabilidade da educação em todos os níveis (BRASIL, 1961; BRASIL, 1988; BRASIL, 1996), as demandas por instituições escolares aumentaram consideravelmente, sendo unicamente atendidas com o uso das tecnologias oriundas do processo de industrialização do período modernista, aliado à racionalização de projeto, à tecnologia construtiva do concreto armado e de elementos pré-fabricados (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOWSKI, 2013).

O uso de uma tipologia previamente definida é originado no tempo da Primeira República, mas é como consequência da modernidade que o projeto padrão surge da forma que o conhecemos, serializado e estandardizado. Do início do século XX até seu fim, o que mudou foram os seus processos construtivos e a sua organização em planta, porém o cerne do programa se manteve o mesmo, aquele originado a partir das ideias de Anísio Teixeira com os conceitos escolanovistas.

Apesar dessa distinção entre as escolas tipo, do início do período republicano, para as escolas padrão, da primeira metade do século XX, podemos perceber que o programa escolar, assim como a ideia de colocar a edificação em um local de destaque são características comuns aos dois momentos. Ao longo de todo século XX, percebe-se a escola como um símbolo de progresso e poder (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; MOUSSATCHE; ALVEZ-MAZZOTTI; MAZZOTTI, 2002).

As escolas públicas de projeto padrão funcionam a partir de elementos que as identificam enquanto a Representação Social de Escola. A Representação Social é uma forma de conhecimento que indica como comportar-se e comunicar-se em determinados ambientes. Os elementos visuais do ambiente construído permitem sua identificação, provocando uma antecipação aos comportamentos e linguagens vinculados a esse ambiente (MOSCOVICI, 1978 *apud* MOUSSATCHE; ALVEZ-MAZZOTTI; MAZZOTTI, 2002). Logo, a Representação Social de Escola apresenta a forma como grupos de indivíduos mentalizam o ambiente escolar. É através da ideia das Representações Sociais que o poder público materializa a visão da Escola e da Educação nos edifícios escolares, e as escolas de projeto padrão fortalecem essa representação (MOUSSATCHE; ALVEZ-MAZZOTTI; MAZZOTTI, 2002).

2.6 Modelos de escolas padrão utilizados ao longo do século XX

De forma a entender a evolução dos projetos padrão para instituições escolares no Brasil, serão apresentadas a seguir os principais modelos de escolas que tiveram projeto de arquitetura padrão, construídas no país durante o século XX.

2.6.1 Escolas padrão em linguagem *Art Déco* no Rio Grande do Sul

No estado do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1930 e 1950, foram propostas escolas de projeto padrão, voltados à ideologia política de cunho autoritário, estabelecida no período estadonovista, com o intuito de nacionalizar os imigrantes e

moldar a nação (SOUZA, 1941). Por se tratar de representações do Estado e simbolizar o progresso, essas instituições foram inseridas em locais de destaque no ambiente urbano e apresentavam boa qualidade de construção para a época, com amplos ambientes e espaços bem setorizados (CABRAL, 2020).

Foram identificadas 39 escolas distribuídas no estado em cinco modelos de projeto padrão diferentes. Os projetos se diferenciavam pelo número de ambientes de acordo com a demanda de alunos, variando entre 200, 250, 350, 500 e 750 alunos (CABRAL, 2020) Cita-se como exemplo as seguintes instituições: Escola Estadual de Educação Cruzeiro do Sul, em São Lourenço do Sul; Escola Estadual de Ensino Fundamental Marques de Souza, em São José do Norte; Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim, em Guaíba; Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva, em Jaguarão; Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (Figura 2.7), em Pelotas (CABRAL; OLIVEIRA; CORDEIRO, 2020).

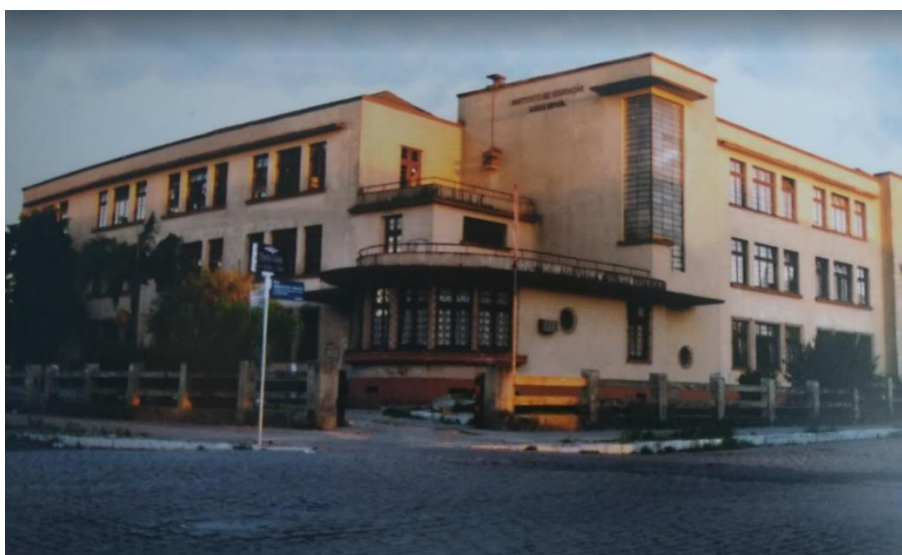


Figura 2.7 - Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, projeto padrão para 750 alunos, em Pelotas.
Fonte: MOURA; SCHLEE, 2002.

Esses projetos foram fundamentados no método pedagógico Escola Nova e previam, além das salas de aula, ambientes administrativos, gabinete-médico dentário, biblioteca, local para atividades físicas e laboratórios. O responsável técnico pelo projeto arquitetônico foi o engenheiro João Baptista Pianca. O espaço foi planejado a partir de dois corredores, funcionando como eixos organizacionais, formando uma planta em “L”, atendendo aspectos higienistas, implementados em lotes de esquinas e em áreas centrais da cidade (Figura 2.8). Essas escolas foram resultado do entrelaçamento entre o discurso pedagógico do método Escola Nova

com as tecnologias construtivas advindas com o início do modernismo assim como com a ideologia política do Estado (CABRAL, 2020).

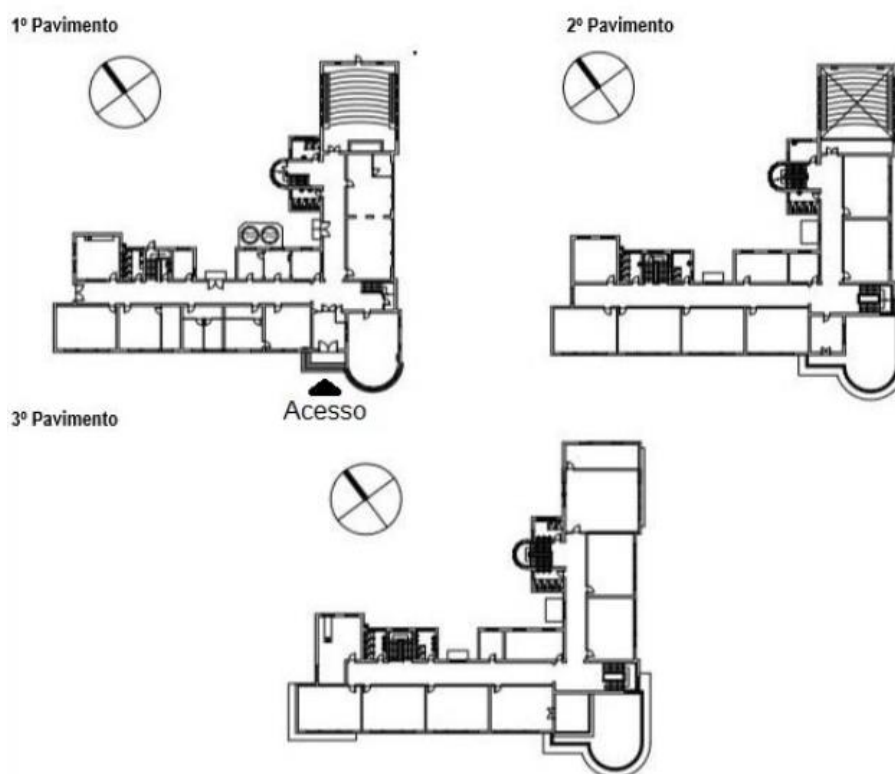


Figura 2.8 - Planta baixa do padrão para 750 alunos de escola padrão Art Déco no Rio Grande do Sul.
Fonte: CABRAL, 2020.

As escolas de projeto padrão e arquitetura *Art Déco* do Rio Grande do Sul materializaram no ambiente escolar o contexto histórico, social e político da época em que foram edificadas. Sua monumentalidade, linguagem arquitetônica, organização funcional e quantidade de exemplares construídos foram parte da mensagem ideológica do Estado de massificação, uniformização e controle da população (CABRAL, 2020, p. 169).

Observa-se que, apesar deste programa de educação fazer parte de uma política de Governo, voltada ao patriotismo e ao desenvolvimentismo, não foi encontrado o nome desse programa e nem das escolas, sendo tratadas como Escola Padrão *Art Déco* no Rio Grande do Sul.

2.6.2 Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs

O Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) (Figura 2.9) foi um modelo de escola padrão instalada no estado do Rio de Janeiro, durante os dois governos de

Leonel Brizola entre os anos de 1983-1986 e 1991-1994. O projeto pedagógico foi realizado por Darcy Ribeiro, Vice-Governador à época. A partir da experiência das escolas-classe e escolas-parque de Anísio Teixeira, os CIEPs voltavam-se à educação em turno integral e previam, além do atendimento ao currículo regular, atividades culturais, esportivas e sociais, de forma que as experiências pedagógicas poderiam extrapolar os limites do espaço escolar se consolidando no cotidiano de seus alunos (AZEVEDO, 2002; GADOTTI, 1998 *apud* AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; CASTRO, 2009; KOWALTOWSKI, 2013; RJ, 1991).

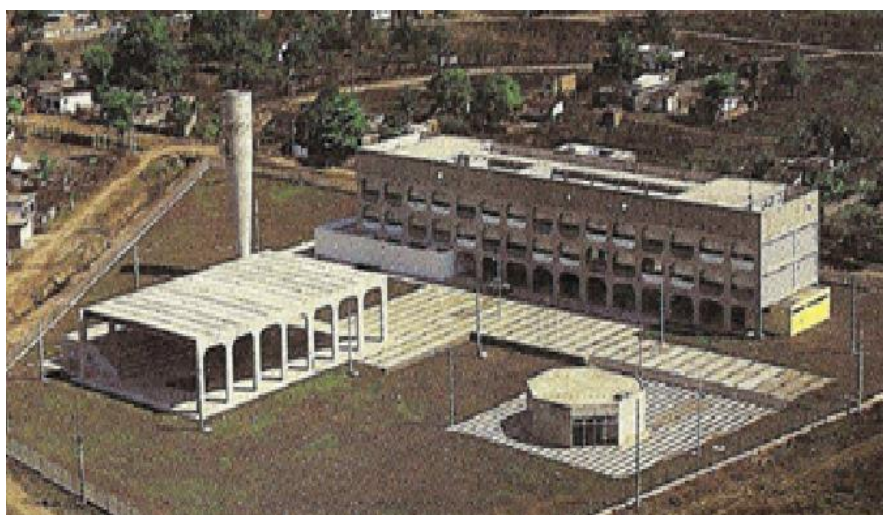


Figura 2.9 - Centro Integrado de Educação Pública, no Rio de Janeiro.
Fonte: CASTRO, 2009, p. 57.

O projeto arquitetônico dos CIEPs foi realizado por Oscar Niemayer, em 1985, e contou com elementos pré-fabricados em argamassa armada, com o objetivo de prover agilidade e economia à sua construção, construídos na Fábrica de Escolas e Equipamentos Urbanos, no Rio de Janeiro, administrada pelo arquiteto João Filgueiras Lima. O programa da edificação a dividia em três partes (Figura 2.10): (i) o prédio principal que abrigava salas de aula, ala médica, refeitório e cozinha, banheiros e área de recreação; (ii) o salão polivalente, que abrigava tanto o ginásio para atividades desportivas e como espaço para atividades culturais e (iii) biblioteca e dormitórios para crianças residentes (GOULART, 2014; KOWALTOSKI, 2013; NASCIMENTO, 2012).

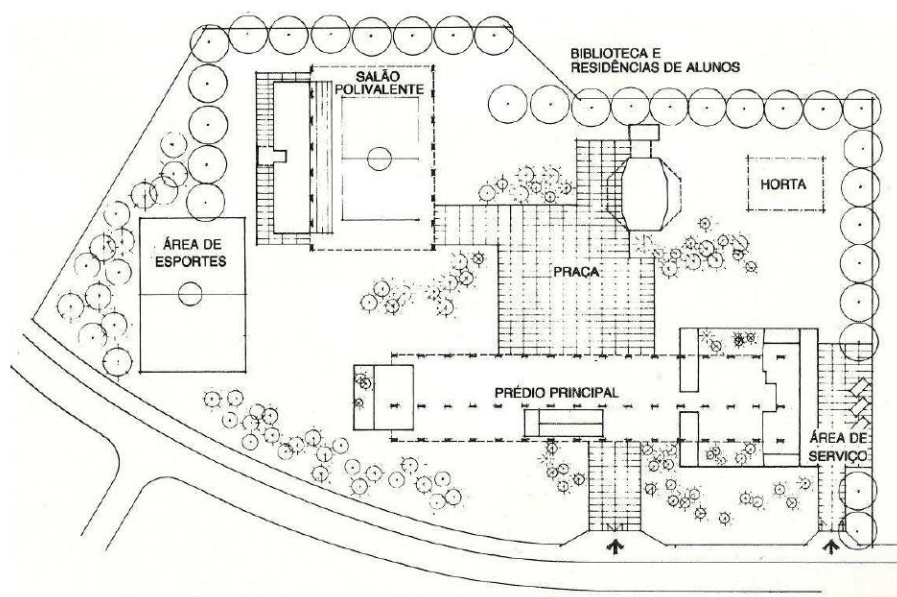


Figura 2.10 – Padrão para planta de situação dos CIEPs no estado do Rio de Janeiro.
Fonte: RJ, 1991.

Os CIEPs tiveram o seu espaço planejado para que fosse voltado ao desenvolvimento pessoal do aluno e não centralizado na presença do professor. O projeto arquitetônico dessas escolas contemplava um prédio principal de três pavimentos com 24 salas de aulas, refeitório para 300 alunos, sala médico-odontológica, biblioteca e ginásio desportivo (CASTRO, 2009; PÁSCOA, 2008).

Foram construídas mais de 500 unidades dos CIEPs no estado do Rio de Janeiro. Os CIEPS foram planejados a partir de um discurso pedagógico voltado ao desenvolvimento social e, dessa forma, diferenciando-se das escolas de projeto padronizado já implementadas anteriormente, foram instaladas principalmente em periferias e bairros carentes. Percebe-se a intensão do projetista e de seus idealizadores de transformarem a escola em símbolo comunitário de educação, cultura e de atendimento à saúde, mas, além disso, de impor uma referência de identidade e um símbolo educacional através de sua arquitetura e de sua repetição (AZEVEDO, 2002; CASTRO, 2009; BASTOS, 2009 *apud* KOWALTOWSKI, 2013; PÁSCOA, 2008; RJ, 1991).

2.6.3 Centros Integrados de Educação Pública no Rio Grande do Sul

Com uma proposta similar aos Centros Integrados de Educação Pública implementados no Rio de Janeiro, foi realizado um programa educacional no Rio Grande do Sul, com o mesmo nome, em que se propunha a construção de 94 escolas

de projeto padrão, visando o ensino em turno integral para mais de 112.800 alunos. O programa teve duração de 1991 a 1994, e até sua finalização foram construídas 52 unidades do CIEP gaúcho (Figura 2.11), em diferentes localidades do estado riograndense (RS, 2013).



Figura 2.11 - CIEP José Adão de Assis Barbosa, em Camaquã.
Fonte: RS, 2013.

O projeto dessas edificações contemplava 20 salas de aula, sala de música, brinquedoteca, laboratórios, gabinete médico-dentário, sala de artes e área desportiva com vestiários, distribuídos numa área de 3.500 m², em concreto armado com fechamento em alvenaria cerâmica com tijolos aparentes. Esse programa foi idealizado buscando: suprir a falta de recursos das escolas estaduais à época, preparar os alunos para o mercado de trabalho, valorizar a expressão artística e cultural dos alunos, colocar a escola como importante ferramenta social nos municípios do Rio Grande do Sul (RS, 2013; FERREIRA; HUCKEMBECK; SASTRE; PINTO, 1994).

2.6.4 De CIACs a CAICs

Em 1990, o Governo Federal iniciou um programa para criação de instituições de ensino em turno integral, que visava aumentar as atividades de cunho social nos bairros carentes de municípios de todo o país. Essa medida foi reflexo da promulgação da Constituição Federal de 1988, assim como das exigências internacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para as Crianças (UNICEF), do Programa de Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Banco Mundial (FONSECA, 2010; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

Dessa forma, foi implementado o Projeto Minha Gente (PMG) que consolidou as ações planejadas para saúde, educação e desenvolvimento social, relacionadas à criança e ao adolescente. Esse programa assegurava a criação de pré-escolas, creches, escolas de primeiro grau em tempo integral, espaços de puericultura, ambientes de convivência e práticas desportivas, principalmente nas periferias dos grandes aglomerados urbanos (BRASIL, 1991; BRASIL, 1997; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

A materialização do PMG ocorreu nos Centros Integrados de Apoio à Criança (CIAC), uma instituição de projeto padrão que previa em seu plano de necessidades o atendimento escolar dos anos iniciais até o final do então 1º grau, cuidados com a saúde, atividades comunitárias e desportivas (BRASIL, 1992; BRASIL, 1997; COUTINHO, 2013; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

De acordo com Decisão 468/97 do Tribunal de Contas da União (BRASIL, 1997), os objetivos que nortearam a implementação dos CIACs foram: (i) instalações físicas adequadas aos aspectos educacionais e às demandas dos serviços médicos, sociais e comunitários; (ii) integração na gerência e manutenção dessas instituições pelos três entes federativos – União, estados e municípios; (iii) valorização do ensino e da profissão docente; (iv) complementação da rede física de escolas já existentes; (v) modulação no atendimento educacional dessas instituições, em seus diferentes níveis e modalidades, como a previsão de creches, pré-escola, ensino de primeiro grau, integrado à promoção social; (vi) distribuição dos CIACs no maior número possível de municípios brasileiros.

Para o atendimento dessa demanda em um curto período, o arquiteto João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé, foi convidado para desenvolver o projeto arquitetônico dos CIACs, devido ao seu conhecimento na construção com elementos pré-fabricados, visando a modulação e a racionalização da construção (AZEVEDO, 2002; AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; GUIMARÃES, 2010; KOWALTOWSKI, 2013).

João Filgueiras Lima nasceu em 1932 na cidade do Rio de Janeiro, graduou-se em arquitetura em 1955 pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, e faleceu em 2014, em Salvador. Recém-formado em arquitetura, Lelé uniu-se ao corpo técnico, liderado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, formado para

realizar a transferência da capital federal para o planalto central. Nessa época, João Filgueiras Lima iniciou seus trabalhos com técnicas construtivas em estruturas pré-fabricadas de concreto armado, que posteriormente foram aperfeiçoadas no exterior, em países do Leste Europeu, a pedido do então Ministro da Educação, Darcy Ribeiro (AFONSO; PEREIRA, 2020; PERÉN, 2006 *apud* GOULART, 2014).

Lelé acreditava que os elementos pré-fabricados poderiam ser, também, uma ferramenta para o combate aos problemas de infraestrutura urbana que assolavam as cidades brasileiras, de forma que seriam não só elementos construtivos, mas também transformadores sociais (AFONSO; PEREIRA, 2020). Dessa forma, ao longo de sua vida profissional, ele criou as seguintes fábricas de elementos pré-fabricados: a Fábrica de Escolas e Equipamentos Urbanos, no Rio de Janeiro; a Fábrica de Equipamentos Comunitários, em Salvador; na Fábrica para a produção dos CIACs, em Brasília, e no Centro de Tecnologia da Rede de Hospitais Sarah, em Salvador (GOULART, 2014).

Os CIACs foram concebidos através das experiências com as escolas-parque e escolas-classe do educador Baiano Anísio Teixeira, assim como dos CIEPs, idealizados no estado do RJ. Sua intenção original era integrar à educação um programa social que englobasse saúde, alimentação, cultura, esporte e lazer, focado, principalmente, no atendimento de populações em áreas mais carentes dos complexos urbanos (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; BRASIL, 1997; FERRETTI, 1992).

Os CIACs foram uma tentativa de descentralização da educação. Eles previam uma forma de administração entre três entidades, podendo ser de caráter público ou privado, porém sem fins lucrativos: à entidade promotora competia o projeto das escolas e sua construção; à entidade empreendedora cabia prover o terreno e a administração da escola e à entidade operadora ficava a responsabilidades pela manutenção da edificação, também de caráter público ou privado, porém sem fins lucrativos (COUTINHO, 2013; FONSECA, 2010).

O projeto dessas edificações era dividido em cinco blocos (Figura 2.12): o primeiro atendia a atividades culturais e oficinas e possuía um pátio interno; o segundo voltava-se à creche; o terceiro relacionava-se com as atividades assistenciais de saúde; o quarto atendia ao ensino regular, biblioteca, cozinha e ambientes

administrativos, sendo o único de dois pavimentos, e o último atendia a atividades desportivas (LATORRACA, 1999). Observa-se que havia a intenção de elaboração de outros modelos de projeto para os CIACs, de forma contemplar as diferenças culturais das regiões do país, entretanto nunca chegaram a ser desenvolvidos (GOULART, 2014).

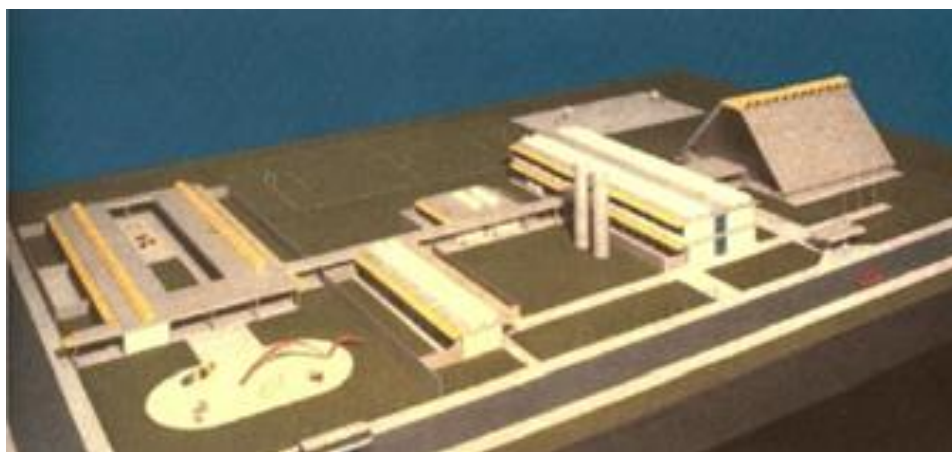


Figura 2.12 - Maquete do projeto padrão dos Centros Integrados de Apoio à Criança.
Fonte: GOULART, 2014.

O preço inicialmente proposto para a construção de cada CIAC seria de 200 US\$/m². No entanto, após divergências entre projetista, construtoras e Governo Federal, o preço final fixou-se em 500 US\$/m². Esse fato, considerado por Lelé como superfaturamento, aliado a suspeitas de corrupção, alterações de projeto e falhas na fiscalização das construções provocaram seu desligamento do PMG (GOULART, 2014). Lelé, em entrevista realizada em 2007, aponta que perdeu espaço colaborativo com o governo Collor, o qual chamou essa associação de “CoLeléor”: “No período CoLeléor, não sei se vocês se lembram, a coisa envolvia corrupção, e senti que ali não havia mais espaço para eu atuar e saí [...]” (RONCONI; DUARTE, 2007, p. 23).

A participação técnica de Lelé e sua equipe, na experiência de implementação dos CIACs, se restringiu à concepção do projeto padrão, que posteriormente foi modificado, e à construção de duas escolas, uma em Ceilândia e outra no Rio de Janeiro. O tempo de elaboração do projeto padrão dos CIACs, incluindo o projeto de industrialização dos elementos construtivos e o projeto de implantação das fábricas desses elementos durou aproximadamente dois meses (LATORRACA, 1999).

Após a crise que assolou o Governo Federal em 1992, culminando no impedimento do então Presidente, Fernando Collor, e a posse do Vice-presidente,

Itamar Franco, houve uma reorganização nos Ministérios com a alteração em alguns programas de Governo. Nessas mudanças, em 1993, o Projeto Minha Gente passou a ser denominado Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – PRONAICA (BRASIL, 1993). O programa manteve seu objetivo inicial, o desenvolvimento social de jovens carentes, sofrendo pequenas alterações apenas para haver certo distanciamento do Governo anterior (COUTINHO, 2013; FONSECA, 2010; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

O PRONAICA constituiu-se de 11 subprogramas a serem empreendidos nos CAICs, oito principais – educação escolar; educação infantil; proteção especial à criança e à família; esporte; cultura; saúde; educação para o trabalho e alimentação – e três complementares – suporte tecnológico; gestão e mobilização, a fim de dar apoio a caráter social do Programa (BRASIL, 1997; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

Apesar das poucas mudanças que o Programa teve, observa-se a alteração do nome das unidades escolares, que passou a ser Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC). Nessa reformulação, o foco das escolas passara da integração promovida pelo centro educativo para a ideia de melhoria da pedagogia, ainda que o conceito de turno integral permanecesse no programa. Percebe-se a intenção de pôr em destaque a atenção integral às crianças, obtida através da amplitude do programa arquitetônico das unidades (BRASIL, 1997; FONSECA, 2010; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

Os CAICs foram propostos de forma a compartilhar atribuições entre as três esferas federativas. Ao governo federal coube, principalmente, o projeto de arquitetura e a construção das unidades escolares, aos estados ficou a responsabilidade de garantir recursos humanos para o funcionamento das instituições e aos municípios competiu a aquisição dos terrenos e a manutenção das edificações, quando já em funcionamento (COUTINHO, 2013; SOBRINHO; PARENTE, 1995).

Após o desligamento de Lelé, a responsabilidade sobre o projeto arquitetônico dos CAICs e a fiscalização de sua execução ficou a cargo da empresa PROMON Engenharia Ltda (IBRACON, 2016). O projeto padrão dos CIACs mudou muito pouco em relação ao implementado nos CAICs (Figura 2.13). A modulação do projeto, sua tecnologia construtiva, através de elementos pré-fabricados em argamassa armada (Figura 2.14), sua identidade moderna e seu programa continuaram os mesmos. As maiores diferenças que ocorreram foram a distribuição do programa na edificação e

na reorganização dos ambientes na escola. De forma que o número de blocos propostos foi reduzido de cinco para quatro blocos.

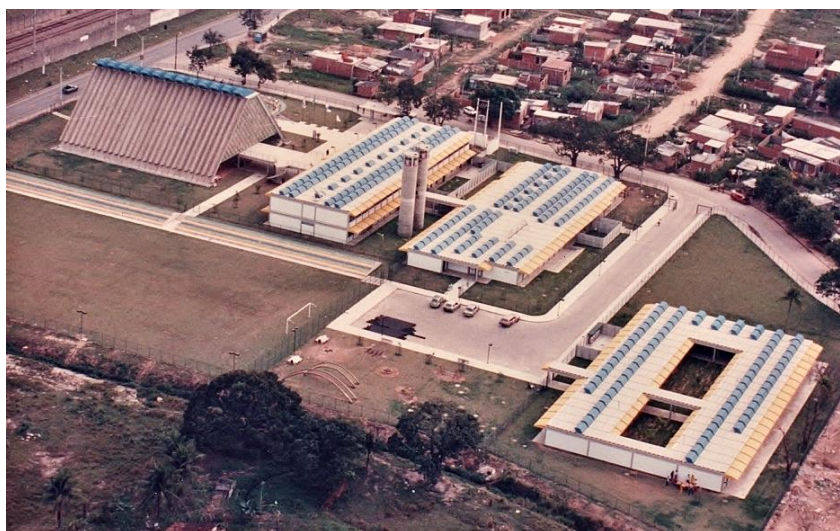


Figura 2.13 - CAIC das Nações Unidas, no Rio de Janeiro, finalizado em 1992.
Fonte: LOPES, 2020.



Figura 2.14 - Canteiro de obra do CAIC das Nações Unidas, no Rio de Janeiro.
Fonte: LOPES, 2020.

A meta inicial para o PMG era a construção de 5.000 unidades de CIACs, para atender cerca de seis milhões de jovens, porém, até o final de 1991, haviam sido assinados contratos e convênios para a edificação de apenas 2.337 unidades. Após a alteração para PRONAICA e extinção do PMG, já na gestão de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, haviam sido autorizadas a construção de somente 444 unidades, representando menos de 9% do total previsto, sendo que somente 357 tinham sido efetivamente concluídas, custando à época R\$ 1,5 bilhão de reais aos cofres públicos

(BRASIL, 1997; COUTINHO, 2013; SOBRINHO; PARENTE, 1995). No Rio Grande do Sul foram edificadas 21 unidades do CAIC (SILVA, 2014).

Nota-se que os CAICs representam o resultado do processo de evolução da escola de projeto padrão que ocorreu ao longo do século XX (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007). Percebe-se características comuns aos projetos antecessores e outras que demonstram certo melhoramento. Há a imagem de Governo associada ao patrimônio edificado, o que torna a escola centro de referência urbana e de comportamento social, o uso de tecnologias para fácil construção dos projetos arquitetônicos e a utilização do prédio escolar como ferramenta de desenvolvimento social.

Constata-se um desenvolvimento no modo de entender e materializar o prédio escolar, principalmente àquele de arquitetura padronizada. Inicialmente os Grupos Escolares foram entendidos como ferramenta de progresso e instituíram um espaço específico e exclusivo para o uso educacional. Porém foi percebido que a educação não deveria ser privilégio da elite econômica, de forma que se iniciou um processo de industrialização da construção nas instituições de ensino. Entretanto, até as décadas finais do século XX, as escolas de projeto padrão ainda eram instaladas somente em pontos de destaque dos centros urbanos. Foi a partir do entendimento da escola como instrumento de desenvolvimento social, e não apenas voltada ao progresso industrial e econômico, que começou um movimento de levá-las à periferia.

Nesse sentido, os CAICs constituem um marco às escolas de projeto padrão, pois além de manterem as características já mencionadas, através de fundamentos pedagógicos implementados em seu programa, transformou a escola em um centro comunitário voltado ao desenvolvimento pessoal e coletivo.

2.7 Crítica à arquitetura escolar de projeto padrão

O edifício escolar é um dos equipamentos públicos mais reconhecidos no cotidiano de uma comunidade. Em razão de sua função social, a escola permanece na memória do indivíduo da infância até idade avançada, se tornando símbolo de desenvolvimento e das relações interpessoais que ocorreram nesse ambiente. É na infância e, principalmente, na escola, que ocorrem as primeiras experiências individuais de transformação do espaço em lugar, pois é nesse espaço que o ser

humano aprende como ocorrem as relações pessoa-pessoa e pessoa-ambiente (PÁSCOA, 2008).

A arquitetura escolar é exercida através de sua forma, volumetria, escala, cores, tecnologia construtiva e implantação. Essas características remetem a significados individuais e configuram a imagem da escola e a identidade do lugar. O projeto escolar transmite à comunidade de seu entorno uma mensagem codificada em no seu objeto construído. O entendimento do espaço escolar como forma de representação das vivências sociais, que nele aconteceram, o consolida como elemento de comunicação, da mesma maneira que o transforma em lugar (CABRAL, 2020; FRAGO; ESCOLANO, 1998; PÁSCOA, 2008; WERLE; BRITTO; COLAU, 2007).

A implementação da instituição escolar, construção utilizada exclusivamente para a finalidade de abrigar a prática do ensino e aprendizagem, foi o que possibilitou sua formação enquanto lugar (FARIA FILHO, 1998; FRAGO; ESCOLANO, 2001). O edifício escolar não é apenas um cenário no qual os agentes pedagógicos atuam, e sim parte atuante no discurso de valores, dentre eles ordenamento, disciplina e vigilância, colocados a partir de sua materialidade, o que implica para seus usuários símbolos estéticos, culturais e ideológicos (FRAGO; ESCOLANO, 1998).

O “currículo oculto” é a característica da escola responsável pela consolidação das relações cognitivas e motoras do ser humano aliado à mensagem e aos estímulos oriundos de seus símbolos. É através do espaço escolar que se manifesta aquilo que não é explícito no discurso pedagógico (APPLE, 1982 *apud* ALVES, 1998, p. 12; FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 26-27;). Portanto, o currículo oculto faz parte do cotidiano escolar, e informa, através da subjetividade da percepção do ambiente construído, portanto de maneira implícita, parte velada do discurso político pedagógico dos idealizadores da escola.

Os símbolos incorporados e os significados atribuídos ao edifício escolar permitem sua identificação e consolidam seus estímulos aos seus habitantes enquanto mensagem cultural (GABRIEL, 1990 *apud* FRAGO; ESCOLANO, 1998). O prédio educacional, como elemento atribuído de significado, é parte das ferramentas de ensino do processo pedagógico (FRAGO; ESCOLANO, 2001; PÁSCOA, 2008; SANOFF, 2016). Dessa forma, as escolas de projeto padrão potencializam a

distribuição e reprodução dessa mensagem cultural, através da massificação, e uniformizam o povo ao “criar um dos símbolos que melhor aglutinam a consciência coletiva das populações e sua própria identidade” (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 30).

Dentro do processo de transformação do espaço em lugar, sua dimensionalidade e objetividade são transpostas em delimitações territoriais, que no espaço escolar se relaciona com a diferenciação do que está dentro desse território – e é considerado escola – daquilo que está fora – que não é considerado escola. Identifica-se, no espaço escolar, um conflito entre o considerado próprio, o alheio e o comum originado na dicotomia de ambiente interno e externo à escola. É a interpretação e o modo de resolução individual para esse conflito que ocorrerá a referência do comportamento coletivo no ambiente escolar (FRAGO; ESCOLANO, 2001).

A arquitetura escolar de projeto padrão está relacionada a uma solução emergencial para a demanda de educação, de maneira que o projeto de arquitetura fica restrito a ser apenas ambiente de abrigo aos estudantes, alheio às suas necessidades reais (PÁSCOA, 2008). A principal falha da implementação de uma instituição escolar de projeto padrão é a desconsideração com as peculiaridades de cada localidade em que essas instituições são colocadas, provocando perda de identidade do ambiente escolar (AZEVEDO, 2002; KOWALTOWSKI, 2013; PÁSCOA, 2008).

O projeto padrão é produto da relação entre poder aquisitivo, comportamento do consumo em massa e crescimento tecnológico. Porém, o ambiente construído gerado a partir desses critérios contrasta com a sua razão de existência, pois deixa de ser pensado em virtude dos hábitos de quem o usufruirá para se tornar objeto de mercadoria (GAITE, 2003; PÁSCOA, 2008).

Na padronização da construção, a economia é prioridade absoluta sobre qualquer outro aspecto na materialização do ambiente construído, o que provoca inevitável produção de uma sociedade massificada, numa otimização abstrata através da perda de características ambientais locais (FRAMPTON, 1975). O problema do rompimento de identidade causado pela implementação de uma escola de projeto padrão é potencializado com a associação à marca de governo, evocando um

sentimento que a escola não pertence à comunidade e sim aos gestores que a idealizaram (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; PÁSCOA, 2008).

O conhecimento a respeito da comunidade a qual um projeto de arquitetura se destina é o que permite que a produção arquitetônica e o ambiente construído sejam parte da consolidação de manifestações culturais de uma comunidade. Portanto, a arquitetura não é apenas objeto de contemplação, mas sim um conjunto de fatores culturais e sociais. A falta de avaliação dos estímulos culturais e identitários na arquitetura possibilita uma desapropriação de seu meio e o surgimento de uma identidade incoerente, resultando em uma sobreposição de representações culturais na paisagem urbana e o surgimento de lugares pouco representativos ou inautênticos (GUTIÉRREZ, 1989; RELPH, 1976).

Quando a arquitetura é reduzida apenas a sua funcionalidade e estética, em detrimento do atendimento às necessidades existenciais humanas, há como resultado o seu isolamento autônomo, diminuindo seu potencial enquanto “realidade existencial compartilhada”, provocando um “autismo arquitetônico” (PALLASMAA, 2011, p. 32). Os resultados negativos da arquitetura ocorrem em função de um mal processo de projeto, mas além disso, de uma generalização em virtude de racionalização do objeto construído (PALLASMAA, 2011).

A desconsideração das diferentes características culturais das pessoas que habitam o ambiente construído provoca uma descontinuidade no sentimento de pertencimento e na pluralidade do espaço habitado. Enquanto essa interrupção dificulta a apropriação, a imposição de um projeto de arquitetura padrão nega a participação dos indivíduos na construção do ambiente, provocando um contexto desprovido de personalidade e, portanto, de identidade. A inserção de características no espaço construído que não consideram a cultura da comunidade provoca uma ruptura identitária e o surgimento de uma nova identidade rasa, temporária, carente de definição e, por isso, frágil (GUTIÉRREZ, 1989; WAISMAN, 1985). A ruptura ocorre a partir do antagonismo entre elementos espaciais do ambiente construído, expectativas dos usuários e as atividades desempenhadas nesse ambiente (CAMPOS; FERREIRA, 2002).

A utilização de um projeto padrão desqualifica a solução adotada, pois possibilita a proposição de soluções para outra população que não aquela em

específico e para outros problemas que não aqueles analisados (GUTIÉRREZ, 1989). Geralmente, o que acontece nas tomadas de decisão, principalmente no que se refere a projetos institucionais, como no caso das escolas padrão, é a caracterização da comunidade a qual o projeto se destina baseada exclusivamente na sua estratificação econômica. Dessa forma, o projeto padrão acaba ignorando as particularidades culturais dessa comunidade e sua massificação fortalece a criação de um não-lugar (GUTIÉRREZ, 1989; RELPH, 1976).

Os materiais e as técnicas construtivas adotadas para a construção do projeto de arquitetura são tão condicionantes culturais quanto os hábitos dos futuros usuários dessa construção, pois é através deles que o projetista materializa a realidade percebida pelos habitantes e frequentadores do meio ambiente que se inserirá o projeto. É na busca pelo entendimento dessa realidade que o projetista compreende a identidade daqueles que usufruirão do ambiente construído. Essa identidade é interiorizada nos modos de agir e pensar, é mutável e dinâmica, e se renova como se renovam os hábitos das pessoas. É por isso, que ao ser compilada e reproduzida, em um projeto padrão, parte dessa identidade, em constante formação, é desprezada (GAITE, 2003).

O espaço escolar deve estar alinhado à postura pedagógica adotada, pois as ideias transmitidas aos estudantes estarão delimitadas pelo ambiente construído que, a partir das interações pessoa-pessoa e pessoa-ambiente, terá seus significados reordenados e reinterpretados. Por isso o ambiente escolar deve ser planejado e projetado de acordo com a intenção de seus idealizadores. Entretanto, quando há o excesso de regularidade, racionalização, normalização, direcionando-se à industrialização e massificação do ensino, esse planejamento se mostra ineficaz, transformando o espaço de ensino de difícil apropriação, dificultando a transformação do espaço em lugar (FRAGO; ESCOLANO, 2001; PÁSCOA, 2008).

Portanto, a partir do que foi exposto, identifica-se o problema de pesquisa deste trabalho: **a prática do projeto escolar de arquitetura padrão, que desconsidera as particularidades do local onde as escolas são inseridas e dificulta o processo de apropriação e de desenvolvimento identitário dos indivíduos que habitarão esse tipo de edificação** (KOWALTOWSKI, 2013; MODLER; RHEINGANTZ; AZEVEDO, 2017; PÁSCOA, 2004).

A criação de valor e representatividade cultural do ambiente construído origina-se do vínculo que se forma entre o ambiente e os indivíduos que o habitam. Assim, compreender quais as características que provocam a transformação do espaço em lugar e como as pessoas as interpretam é fundamental para a avaliação da formação e fortalecimento do sentido de lugar em instituições escolares.

2.8 Características da escola enquanto lugar

A realidade em que o indivíduo está inserido é concebida a partir da configuração de suas sensações, obtidas em um sistema de percepções do ambiente e de si mesmo (OLIVEIRA, 2002). A espacialidade do prédio escolar é percebida através de sua localização, do posicionamento de seus ambientes, da organização da construção no lote e através dos elementos que constituem a transição entre o que está dentro e fora do território escolar (FRAGO; ESCOLANO, 2001).

A função da produção arquitetônica compreende alguns aspectos espaciais para com o ser humano inerentes à tarefa: territorialidade; privacidade; identidade e ambiência (CAMPOS; FERREIRA, 2002). A territorialidade está relacionada com a expressão de domínio e controle sobre o espaço (HALL, 1981); a privacidade com a proteção do espaço íntimo de cada indivíduo (HALL, 1981); a identidade refere-se à particularidade do espaço (LYNCH, 1988) e a ambiência à promoção das relações interpessoais de cunho afetivo para com a arquitetura (PÁSCOA, 2008). A capacidade de compreensão e decodificação desses aspectos do ambiente é denominada legibilidade (LYNCH, 1988). A ausência de algum desses fatores é motivo de conflito e provoca uma ruptura na habitabilidade do espaço para seus usuários e, dessa maneira, coíbe sua transformação em lugar (CAMPOS; FERREIRA, 2002).

Identificar os conflitos no espaço construído é uma forma de descobrir o que está faltando nesse espaço, logo quais características seriam necessárias para promover sua qualidade de lugar. Desta forma, os aspectos que compõem o ambiente construído, oriundo de um projeto de arquitetura, podem ser elencados em quatro categorias de características: (i) contextuais-ambientais; (ii) programáticas-funcionais; (iii) estética-compositivas e (iv) técnicas-construtivas (AZEVEDO, 2002).

As características contextuais-ambientais estão relacionadas com os aspectos pré-existentes do local onde será inserido o projeto de arquitetura e influenciarão na

escolha do terreno para a construção do projeto. Nesse grupo encontram-se as condicionantes físicas, climáticas e ambientais da localidade como temperatura, umidade, pluviometria, topografia, vegetação, ventos e qualidade do ar. Relacionam-se, também, os aspectos referentes ao entorno construído, infraestrutura existente e atributos socioculturais e econômicos do público que será atendido pela edificação (AZEVEDO, 2002). Percebe-se que nesse grupo de características há uma divisão em duas vertentes: a primeira referente à geografia física e a segunda à geografia socioeconômica e cultural.

As características programáticas-funcionais são aquelas voltadas ao desempenho e à função do ambiente construído, relacionadas às atividades que serão realizadas nesse ambiente. Essas características englobam a delimitação do espaço e a presença ou ausência de determinados ambientes, assim como sua setorização e dimensionamento dos conjuntos funcionais (AZEVEDO, 2002).

As características estéticas-compositivas são voltadas ao caráter subjetivo da edificação, relacionados a sua imagem e aparência. Esses fatores são os mais significativos para a mensagem que o ambiente construído transmite por meio de seus aspectos simbólicos, interpretativos e subjetivos. É esse grupo o responsável pela sensorialidade do espaço, capaz de excitar o imaginário das pessoas que habitam o edifício. Nesse grupo podem ser elencadas as cores e as texturas, as formas, a padronagem das superfícies, as escalas e proporções, os simbolismos, os princípios compositivos e a tipologia adotada (AZEVEDO, 2002). A modulação da construção pode ser elencada nesse grupo de características, pois é originada na composição projetual do edifício.

As características técnicas-construtivas referem-se à parte técnica da edificação e dos elementos construtivos. Tratam dos materiais de construção, da qualidade dos acabamentos, da tecnologia construtiva, da relação custo/benefício adotada para o empreendimento e do conforto ambiental para seus usuários. É a partir desses fatores que ocorrerá a possibilidade de materializar a edificação e sua consolidação enquanto ambiente construído (AZEVEDO, 2002).

A experimentação do espaço, que ocorre através da percepção sobre esses quatro grupos de aspectos apresentados, formará a referência do indivíduo sobre o

ambiente construído. É a interpretação sobre esses fatores que transforma o espaço em lugar. Apresenta-se a seguir uma síntese dessas características (Tabela 2.2).

Tabela 2.2– Características que constituem os atributos da arquitetura.

Grupo de Características	Relação Ambiental	Materialização
Contextuais-Ambientais	Características do sítio físico pré-existent à implantação da construção.	Condições pluviométricas Condições de temperatura Condições de umidade Presença de ventos e qualidade do ar Presença de corpos d'água Topografia do local e entorno Vegetação do local e entorno
	Características relacionadas ao contexto socioeconômico e cultural ao qual a obra será inserida.	Entorno construído Infraestrutura existente Condições de acessibilidade e conexões Inserção no entorno Legislação vigente Caracterização dos usuários da instituição
Programáticas-Funcionais	Características voltadas ao desempenho e função do espaço construído	Setorização dos ambientes Dimensionamento dos conjuntos funcionais Delimitação do espaço
Estéticas-Compositivas	Características subjetivas da edificação, relacionadas com a percepção de sua imagem e aparência	Cores Texturas Forma Padronagem de superfícies Escala e proporção Simbolismos Tipologia Princípios compositivos
Técnicas-Construtivas	Características relacionadas à construção da escola e sua materialidade	Materiais de construção e acabamento Técnica construtiva Aspectos de conforto dos usuários Custo-benefício

Fonte: Adaptado de AZEVEDO, 2002.

Esses quatro grupos de características, que expressam os aspectos essenciais da arquitetura, são apresentados por Mahfuz (2004, p. 3) como o quaterno contemporâneo da arquitetura, com nomeações diferentes, porém de significados semelhantes: lugar, construção, programa e estruturas formais (Figura 2.15). O entrelaçamento entre esses aspectos resulta no ambiente construído ou, como denomina o autor, na “forma pertinente”.

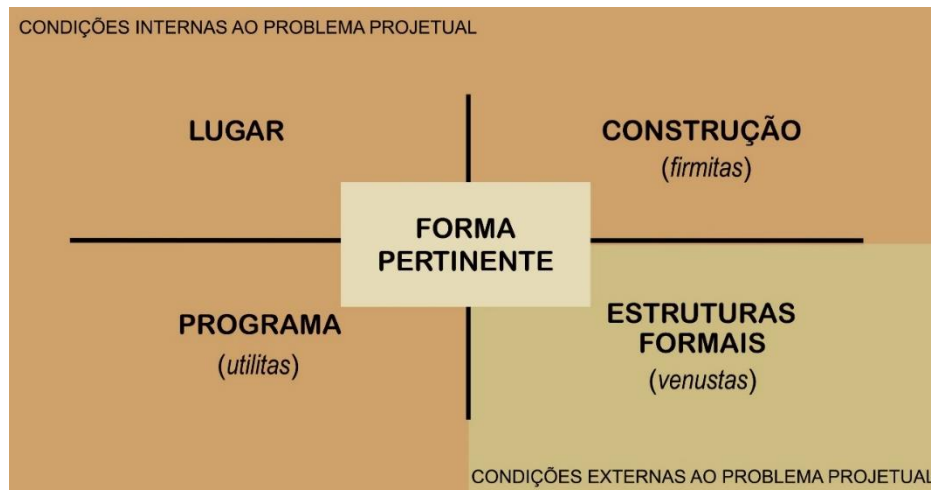


Figura 2.15 - Constituição da arquitetura (forma pertinente)
Fonte: Mahfuz, 2004.

Mahfuz (2004) coloca que o elemento lugar apresenta as características ambientais precedentes e independentes do projeto de arquitetura, relacionando-se portanto, com as características contextuais-ambientais; o elemento construção traz os aspectos referentes à estrutura e materialidade do ambiente construído, englobando, assim, as características técnicas-construtivas; o elemento programa faz referência ao uso e função do objeto construído, logo tem analogia com as características programáticas-funcionais e, por último o elemento estruturas formais, responsável pela expressão formal da arquitetura, seu resultado final, compreende as características estéticas-compositivas.

Observa-se que Mahfuz (2004) faz uma referência à tríade vitruviana quanto à essência da arquitetura, que então seria originada na solidez do edifício (*firmitas*), na sua funcionalidade (*utilitas*) e na sua beleza (*venustas*). Porém, ele evidencia, assim como Azevedo (2002), a necessidade de o projeto arquitetônico relacionar-se ao contexto no qual é construído, logo a existência do elemento lugar, responsável pelo grupo de características contextuais-ambientais do edifício.

O ambiente escolar é consolidado a partir de diferentes protagonistas e agentes, estabelecidos em seus idealizadores, gestores, funcionários, professores e alunos, além do espaço construído, o que constitui uma relação complexa, de caráter material e imaterial (MARINHO; GORAYEB, 2019).

A função do prédio escolar exige a presença de ambientes específicos para o fim ao qual se destina (AZEVEDO, 2002; RJ, 1996). A determinação dos ambientes presentes na edificação, sua setorização e dimensionamento direcionam o modo

como os indivíduos se apropriam da edificação, da mesma forma que determina como esses indivíduos vão interagir com o meio e entre si (PÁSCOA, 2008; MARINHO; GORAYEB, 2019).

Portanto, a concretização da escola enquanto lugar ocorre em função da diferenciação do uso da construção, por meio das características programáticas-funcionais, que a identificam enquanto escola. Ao longo da história, foi a especificidade e a exclusividade do uso das instituições de ensino que provocaram sua transformação em lugar (FARIA FILHO, 1998; VIÑAO, 2005).

No prédio escolar podem ser identificadas quatro funções: (i) produtiva; (ii) simbólica; (iii) disciplinar e (iv) vigilante (FRAGO; ESCOLANO, 2001). A primeira é observada na função de abrigar a atividade pedagógica, ajudar na formação de seres pensantes; a segunda na atribuição de um significado à edificação escolar para a população de uma determinada época; a terceira relaciona-se à formação sociocomportamental de seus usuários e sua interrelação, enquanto a última ocorre em virtude de a escola ser um espaço controlado. Essa divisão de funções faz com que a escola seja definida e delimitada por seu uso e são seus estímulos que definirão as ações e os comportamentos de seus usuários.

Os ambientes específicos da instituição de ensino são agrupados conforme os seguintes conjuntos funcionais: conjunto pedagógico, voltado às funções didáticas de ensino/aprendizagem, como salas de atividades; conjunto vivência/assistência, voltado às práticas de experimentação e desenvolvimento psicomotor dos alunos, como alimentação, recreação e práticas desportivas; conjunto administrativo, referente às atividades de gestão da escola e conjunto de serviços gerais, relacionado aos ambientes voltados para a limpeza e manutenção da edificação (RJ, 1996).

A configuração de quais ambientes integrarão cada um desses conjuntos ocorre em função do programa arquitetônico da edificação e fazem parte dos aspectos programáticos-funcionais da instituição. Entretanto, dentro dessa organização, conforme já apresentado anteriormente, está inserido o discurso político-pedagógico adotado pelos idealizadores da escola. Logo, percebe-se a dualidade do espaço escolar como função e como símbolo (CABRAL, 2020). É com base na leitura das características do prédio escolar que será atribuído um significado às instituições de ensino, pois toda característica exprime um sentido.

Percebe-se, portanto, que o conjunto de elementos que formam a identidade do lugar é composto por fatores físicos, aqueles materiais e tangíveis, e fatores subjetivos, as memórias e interpretações de acontecimentos passados. Porém, como um contraponto à subjetividade que compõe o indivíduo, a representação dessa identidade, para ser exteriorizada e percebida, deve ocorrer no campo da materialidade. Logo, surgiu a seguinte pergunta de pesquisa: **como implementar no projeto padrão de arquitetura escolar elementos e características que remetam ao sentido de lugar?**

Ainda que o projeto padrão para instituições de ensino apresente os problemas mencionados anteriormente, dificilmente sua prática será abandonada, visto, conforme referencial teórico, sua economia e agilidade construtiva. Assim, tem-se como objetivo geral **propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao sentido de lugar**, de forma que seja possível evocar sentimentos de apego e pertencimento ao invés de provocar o surgimento de uma identidade superficial, temporária e frágil em seus usuários.

Para atingir-se o objetivo geral deste trabalho necessita-se compreender a forma com que o projeto escolar de arquitetura padrão foi utilizado e apropriado, da mesma maneira como é necessário descobrir quais são as características do ambiente escolar que despertam sentimentos positivos de apreço e representatividade em seus usuários, que, portanto, transformam a escola em lugar.

Entender o modo como ocorre a promoção qualitativa do espaço à lugar requer a compreensão dos significados atribuídos ao ambiente construído ao longo do tempo. Assim, é necessário conhecer o ambiente de estudo tanto de forma isolada quanto a partir de sua relação com as pessoas que o habitam. Nota-se que as escolas de projeto padrão são estabelecidas por agentes externos às comunidades as quais se destinam, originadas em uma demanda generalizada, e que sua implementação pode ocasionar problemas identitários na comunidade onde foi inserida.

Logo, é necessário **entender a construção do sentido de lugar a partir da arquitetura escolar padronizada e identificar os conflitos e inconsistências que o projeto padrão escolar possa trazer ao ambiente construído** para, então, **analisar como modificações e intervenções no espaço escolar de projeto padrão**

podem representar a apropriação do ambiente pelos usuários. É necessário, também, **avaliar como a arquitetura escolar de projeto padrão é percebida e apropriada por seus usuários**, pois compreender como ocorre a apropriação deste tipo de espaço é etapa importante para solucionar quais quer problemas que essa prática projetual possa causar.

Visto que as características das escolas de projeto padrão não foram pensadas através das particularidades locais de seus usuários, precisa-se **identificar as características do espaço escolar de projeto padrão que remetam sentimentos de apego e pertencimento às pessoas que o utilizam** para, por fim, chegar-se ao objetivo geral da pesquisa que é **relacionar um conjunto de recomendações que materializem as características do lugar em projetos padrão de arquitetura escolar.**

2.9 Conclusão do capítulo

O capítulo apresentado é o embasamento teórico para esta dissertação e possibilitou a definição dos conceitos que balizaram as demais etapas dessa pesquisa. O aporte teórico sobre a arquitetura escolar, sua padronização e como ela se relaciona aos sentimentos de apropriação e representatividade dos usuários permitiu o entendimento do processo de identificação e percepção sobre espaços escolares oriundos de projeto padrão.

A compreensão do espaço habitado ocorre a partir de sua função, suas características e das relações sociais que nele ocorrem, havendo, assim, sua transformação em lugar. Neste capítulo foi explicitado como ocorre a promoção do espaço escolar a lugar, foi contextualizado a utilização do projeto padrão na arquitetura escolar do século XX e como ela influencia na apropriação do espaço.

Os conceitos que envolvem a caracterização do ambiente construído originado em um projeto de arquitetura possibilitaram identificar os aspectos físicos e simbólicos que qualificam o ambiente escolar. A partir do referencial teórico, foi possível identificar critérios de análise a respeito das características do ambiente escolar que remetam ao sentido de lugar, potencializando sentimentos positivos de apropriação e representação desses espaços. Dentro desses critérios foram selecionados grupos de aspectos e variáveis apropriadas para o estudo da influência de escolas de projeto padrão no sentido de lugar de seus usuários.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se os procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação, pertencente à área da Percepção Ambiental e dos Estudos Ambiente-Comportamento. Apresenta-se uma relação entre os objetivos específicos da pesquisa e os métodos escolhidos para atingi-los. São abordadas como foram escolhidas a forma de pesquisa, a caracterização do objeto de estudo, métodos utilizados para coleta de dados e como ocorreu sua análise.

3.1 Abordagem metodológica

Conforme Seamon e Gill (2016), a pesquisa referente à apropriação em escolas de projeto padrão e à transformação do espaço escolar em lugar é de cunho qualitativo e fenomenológico, pois é a partir da experiência em campo que se conhece as relações pessoa-ambiente e que se traz uma interpretação de suas motivações e consequências.

Uma pesquisa de abordagem qualitativa busca examinar a situação real, e em tempo real, da vida das pessoas e dos lugares em que habitam, de forma conceitual, descritiva e metodológica. Tenta-se compreender a riqueza e a complexidade das relações pessoa-pessoa e pessoa-ambiente, fazendo generalizações e encontrando padrões que possibilitem ao pesquisador propor melhorias nessas relações. Dessa forma, se destaca a importância da introspecção, reflexão e interpretação da informação perante sua mensuração (OLGUÍN; REYES-LIRA, 2019; SEAMON; GILL, 2016).

Castello (2007) coloca que a investigação sobre o lugar é realizada de forma bem adequada por metodologias de pesquisa oriundas da Psicologia Ambiental, por traduzir a percepção sobre o lugar em seus usuários, ocupantes e habitantes.

Tendo em vista que a formação do lugar tem caráter multifacetado, denominado como dimensões do lugar, sua investigação deve levar isso em consideração. Logo, conforme Castello (2007), propõe-se métodos que levem em consideração (i) sua materialidade e organização morfológica, estética e funcional; (ii) os elementos referenciais imagéticos e perceptivos dos indivíduos que habitam o espaço; (iii) a relação social entre os indivíduos que habitam o espaço e (iv) os aspectos simbólicos,

relacionado às memórias e significados históricos e subjetivos do espaço estudado. Buscar os elementos referenciais que compõem cada uma das dimensões do lugar (física, funcional, relacional e simbólica) é uma forma de identificar quais são os elementos que compõem o próprio lugar. Sua natureza fenomenológica permite a identificação desses elementos (CASTELLO, 2007).

A pergunta que originou esse trabalho se refere à percepção humana diante dos estímulos do ambiente, logo sua resposta deve ser investigada a partir dos métodos de pesquisa dos estudos ambiente-comportamento e da psicologia ambiental.

Portanto, devido à multidisciplinaridade inerente à pesquisa comportamental é necessária a adoção de métodos que não excluam, ou isolem, nenhum aspecto dessa integração. De forma a garantir confiabilidade e validade a essa pesquisa, optou-se por uma abordagem multimetodológica, pois além de preencher as falhas originadas na adoção de um único método, sua triangulação minimiza os pontos cegos da investigação e traz amplitude ao entendimento das relações que envolvem o ser humano e o ambiente físico (ELALI, 1997; GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008; PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008; SEAMON; GILL, 2016; SOMMER; SOMMER, 2002).

A análise dos dados obtidos com a pesquisa ocorreu de modo a contemplar a relação entre as características da arquitetura, conforme Azevedo (2002) e Mahfuz (2004), com as dimensões do lugar, proposto por Castello (2007) e Cavalcante e Elali (2011). O foco de análise de todos os métodos dessa pesquisa foi formado a partir da pesquisa bibliográfica realizada, de modo que as categorias de análise, que serão apresentadas em cada método de maneira distinta, têm caráter indutivo, exceto uma categoria em excepcional, que será apresentada em momento oportuno.

3.2 Estudo de Caso

Pretende-se responder à pergunta de pesquisa “Como implementar no projeto padrão de arquitetura escolar elementos e características que remetam ao sentido de lugar?” através de um estudo de caso, em uma escola pública de projeto de padrão, na cidade de Pelotas. Essa escolha foi tomada visando a observação e o contato direto com o objeto estudado. Dessa forma, se tornará possível a análise de

fenômenos contemporâneos da vida escolar em seu cotidiano, verificando-se a real existência do problema estudado e analisando-o de forma exploratória, descritiva e qualitativa (GIL, 2008; YIN, 2001).

Pelotas (Figura 3.1), cidade localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, com população de 328.275 pessoas, situa-se na Zona Climática Temperada do Sul, apresentando clima subtropical úmido, devido à proximidade com a Laguna dos Patos e com o Oceano Atlântico (IBGE, 2010). O sítio urbano do município encontra-se totalmente inserido na planície costeira gaúcha (RAMOS, 2013) e tem sua malha dividida em sete Regiões Administrativas: Centro, Fragata, Barragem, Três Vendas, Areal, São Gonçalo e Laranjal. (PELOTAS, 2008).



Figura 3.1 - Localização de Pelotas no Rio Grande do Sul.
Fonte: Wikipédia Pelotas - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pelotas>

A cidade de Pelotas é referência em educação pública no sul do estado, pois conta com 89 escolas municipais (PELOTAS, 2020c), 53 estaduais (RS, 2020a), um Instituto Federal e uma Universidade Federal. Dessas instituições, três são exemplares de projeto padrão, além de um Grupo Escolar construído durante a Primeira República: Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção, de 1928, gerido pela Prefeitura Municipal; Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, construído em 1942, que é administrado pelo governo estadual; Centros Integrados de Educação Pública

– CIEP – Osmar Rocha Grafulha, de 1994, conduzido, também, pela esfera estadual e o Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC, de 1995, atualmente administrado pela Prefeitura Municipal. Dentre essas escolas, o CAIC foi escolhido por ser o único originado em um programa federal, implementado a nível nacional

O CAIC (Figura 3.2), único exemplar no município pelotense, foi inaugurado pelo Ministério da Educação em 1996. Nos primeiros momentos de operação da instituição, a ideia de uma proposta de escola com turno integral foi abandonada, sendo instalado em seu prédio a já existente Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio.



Figura 3.2 - Centro de Atenção Integral à Criança, em Pelotas.
Fonte: AUTOR, 2019.

Observa-se que, no ano de 2002, a Prefeitura Municipal de Pelotas, baseada na setorização do prédio, dividiu a edificação entre três instituições distintas. Os ambientes voltados à pré-escola foram segregados e constituíram a Escola Municipal de Educação Infantil Herbert José de Souza, inaugurada nesse mesmo ano. Parte do espaço voltado à saúde foi desmembrado e tornou-se a Unidade Básica de Saúde, administrada pela Universidade Católica de Pelotas. A terceira parte manteve-se como Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio (Figura 3.3).

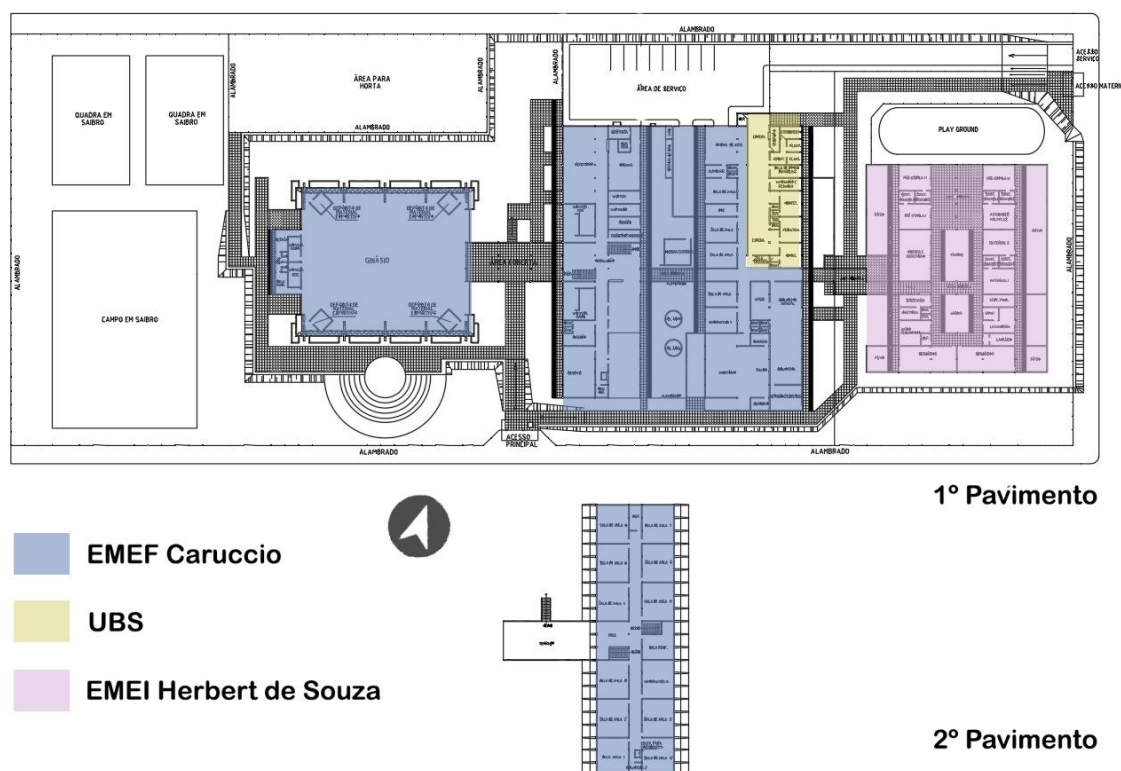


Figura 3.3 - Divisão das instituições que atualmente funcionam no CAIC de Pelotas.
 Fonte: Acervo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio, planta baixa de 1993.
 Adaptado pelo Autor (2019).

3.3 Métodos de Pesquisa

Este trabalho é dividido em cinco etapas metodológicas:

- i) Para conhecer o contexto histórico das escolas de projeto padrão e do modelo o qual faz parte o estudo de caso propõe-se pesquisa documental;
- ii) A fim de conhecer as escolas objeto de estudo e as pessoas que as utilizam, assim como elucidar as próximas etapas metodológicas da pesquisa foram realizadas observações in loco na escola estudo de caso;
- iii) Para caracterizar a edificação, foi realizado, de forma fundamentada nos documentos levantados e nas observações realizadas inicialmente, o levantamento físico do local.
- iv) Com o intuito de conhecer as percepções e sensações dos usuários, de maneira individual perante a escola estudada, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com pessoas chave, como funcionários e pessoas da comunidade em que essas escolas estão inseridas;

- v) Para conhecer o pensamento dos alunos, assim como conhecer a importância da edificação da instituição como centro comunitário e suas características enquanto lugar, foi proposto a aplicação de poema dos desejos com duas turmas do 8º ano do ensino fundamental de uma das escolas estudadas.

Os métodos propostos para o estudo de caso – análise de fontes primárias e secundárias; observação; levantamento físico; entrevistas semiestruturadas e poema dos desejos – foram adotados de maneira que pudessem ser caracterizados o ambiente, os indivíduos e sua relação interativa, conforme propõem Günther, Elali e Pinheiro (2008). A ordem de aplicação foi escolhida conforme Sommer e Sommer (2002) e Sussman (2016), avançando do método menos intrusivo para o mais intrusivo, do menos reativo ao mais reativo e do exploratório ao específico. Em virtude do tema desta pesquisa ser voltado ao ambiente escolar, os métodos foram aplicados somente nos espaços voltados ao uso das instituições de ensino, excluindo-se, portanto, dados oriundos da Unidade Básica de Saúde.

De forma a relacionar os objetivos do trabalho com os métodos de pesquisa utilizados, propõe-se uma síntese do processo metodológico (Tabela 3.1):

Tabela 3.1– Síntese da metodologia de pesquisa.

Objetivo Geral: Propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao sentido de lugar	
Objetivo Específico	Método
Entender a construção do sentido de lugar a partir da arquitetura escolar padronizada	Pesquisa documental
	Observação
	Entrevistas semiestruturadas
	Poema dos Desejos
Identificar os conflitos e inconsistências que o projeto padrão escolar possa trazer ao ambiente construído	Observação
	Levantamento físico
	Entrevistas semiestruturadas
	Poema dos Desejos
Analisar como modificações e intervenções no espaço escolar de projeto padrão podem representar a apropriação do ambiente pelos usuários	Pesquisa documental
	Observação
	Entrevistas semiestruturadas
	Poema dos Desejos
Avaliar como a arquitetura escolar de projeto padrão é percebida e apropriada por seus usuários	Observação
	Entrevistas semiestruturadas
	Poema dos Desejos

Continuação tabela 3.1– Síntese da metodologia de pesquisa

Objetivo Geral: propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao sentido de lugar

Objetivo Específico	Método
Identificar as características do espaço escolar que remetam sentimentos de apego e pertencimento às pessoas que o utilizam	Observação
	Levantamento físico
	Entrevistas semiestruturadas
	Poema dos Desejos

Fonte: AUTOR, 2021.

Observa-se que durante o período de desenvolvimento deste trabalho surgiu uma pandemia de uma nova doença, COVID-19. De forma a explicar seu impacto na aplicação dos métodos de pesquisa escolhidos, apresenta-se um breve relato sobre os acontecimentos e as ações adotadas pelo Governo no combate à doença aos níveis mundial, nacional, estadual e municipal.

Em virtude da pandemia, o funcionamento das escolas, em todo Brasil, foi afetado. O ensino, quando possível, passou a ser realizado de forma remota para diminuir o contato físico entre as pessoas. Em Pelotas, localidade do objeto de estudo deste trabalho, as escolas municipais interromperam suas atividades presenciais em 19 de março de 2020. Ainda que uma Portaria do Governo Estadual, de junho de 2020, liberasse as atividades presenciais nas escolas públicas do Rio Grande do Sul, as escolas públicas de Pelotas ainda mantiveram suas funções em caráter remoto até o início do ano letivo de 2022 (PELOTAS, 2020a; PELOTAS, 2020b; PELOTAS, 2022, RS, 2020b).

Dessa maneira, para a aplicação dos métodos escolhidos para a pesquisa, foram adotadas as medidas de segurança sanitária apontadas pelo Ministério da Saúde, como o uso de máscaras do tipo PFF e higienização de mãos com a utilização de álcool em gel. Observa-se que os métodos de entrevista e poema dos desejos ocorreram em datas nas quais as escolas objeto de estudo desta pesquisa já atendiam ao ensino presencial, possibilitando que os métodos fossem aplicados presencialmente.

3.3.1 Ética em Pesquisa e Plataforma Brasil

Esta pesquisa foi submetida à parecer de Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil (ANEXO 1). A Plataforma Brasil é um sistema informatizado de

base nacional e unificada para registro de pesquisas que envolvem seres humanos. Esse sistema é uma ferramenta de controle social para prestação de informações da pesquisa junto aos Comitês de Ética ou à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 2009). Deste modo, tanto o pesquisador quanto os participantes do estudo, estão protegidos e assegurados quanto a quaisquer danos ou ofensas que poderiam ser causados na realização do trabalho.

Nesta pesquisa, os métodos foram direcionados a três categorias de pessoas que de algum modo participam do cotidiano das escolas objetos de estudo, a EMEI Herbert de Souza e a EMEF Francisco Caruccio: funcionários, alunos e pessoas da comunidade em geral. Assim, os participantes foram escolhidos de acordo com sua atividade nas escolas estudadas e na comunidade em que o prédio do CAIC está localizado. Ambas as instituições de ensino emitiram uma declaração de anuência para a realização da pesquisa em suas dependências (ANEXOS 2 e 3).

Em todos os métodos, antes da realização das atividades, os participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e convidados a participar, com liberdade para recusarem o convite. A participação da pessoa convidada na pesquisa foi confirmada através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), no caso de participante menor de 18 anos. Esses termos foram realizados para os métodos de entrevista (APÊNDICE A) e poema dos desejos (APÊNDICE B). Sobre o poema dos desejos em específico, pelos participantes serem crianças, foi solicitada também consentimento dos responsáveis pelos alunos (APÊNDICE C).

Os convites para a participação dos métodos foram realizados de forma presencial a partir de termo por escrito com explicação sobre a pesquisa e sobre os métodos utilizados. Foram realizados pelo menos dois encontros com cada participante antes da aplicação dos métodos, para a criação de uma relação de confiança com o pesquisador. O anonimato do participante foi garantido e esclarecido, tanto verbalmente como em termo por escrito.

A preservação do anonimato dos participantes ocorrerá a partir da não identificação do participante na pesquisa. Seus nomes, endereços, cargos ou qualquer atributo ou resposta que possa identificá-lo estão omitidos nas transcrições ou apresentações do trabalho. Os participantes foram denominados como

entrevistados, entrevistadas ou ainda somente como participantes. Relacionado às entrevistas, somente o pesquisador terá acesso aos áudios das entrevistas, enquanto nas transcrições foram colocadas tarjas pretas para o deslocamento de qualquer conteúdo que possa remeter à identificação do participante. Referente ao poema dos desejos, foi colocado somente o número da turma e um número de identificação nas folhas do método para relacioná-los às anotações do pesquisador.

Os dados coletados para compor os resultados da pesquisa foram armazenados pelo autor deste trabalho em meio digital, em dispositivo de armazenamento de arquivos e servidor online protegidos com senha. Os dados serão guardados por um período de cinco anos. As anotações e produções realizadas em meio físico serão guardadas pelo pesquisador em local seguro. Somente o autor desta dissertação e sua orientadora terão acesso a esses dados.

3.3.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental consiste na análise de fontes primárias a respeito da implantação do CAIC de Pelotas e tem o intuito de contextualizar o histórico da edificação do objeto de estudo de caso e relacioná-la aos conceitos de sentido de lugar e identidade de lugar. A pesquisa documental permite conhecimento prévio do objeto, de forma a facilitar a aplicação dos demais métodos, e foi realizada nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação Desporto de Pelotas (SMED) e junto aos acervos das escolas objeto de estudo.

Tabela 3.2 - Apresentação das fontes primárias da pesquisa

Tipo	Documento	Fonte
Primária	Fotografias da construção do CAIC de Pelotas	Acervo EMEF Francisco Caruccio
Primária	Planta baixa CAIC de Pelotas	Acervo EMEF Francisco Caruccio
Primária	Ata de inauguração da EMEI Herbert de Souza	Acervo EMEI Herbert de Souza
Primária	Fotografias de reformas na EMEF Francisco Caruccio	Acervo DEPEN/SMED Pelotas
Primária	Fotografias da reforma na EMEI Herbert de Souza	Acervo DEPEN/SMED Pelotas

Fonte: AUTOR, 2022.

O primeiro acesso às escolas que atuam no CAIC de Pelotas ocorreu através da SMED. Solicitou-se, em momento anterior à realização de pesquisa documental e

demais métodos, a autorização do secretário municipal da pasta para o acesso às dependências das instituições do objeto de estudo. A solicitação foi atendida sem nenhum tipo de ressalva.

3.3.3 Observação

A observação é a captação de uma informação através de pelo menos um dos cinco sentidos do ser humano, que é registrada e posteriormente interpretada de acordo com critérios estabelecidos anteriormente (SUSSMAN, 2016; SOMMER; SOMMER, 2002; PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008). Dessa forma, foi escolhida como um dos primeiros métodos a serem aplicados no estudo de caso para fornecer informações preliminares sobre o objeto de estudo e para conhecer a situação atual do ambiente analisado.

Foram realizadas sete visitas para a observação nas seguintes datas: 09/04/2019; 03/07/2019; 26/11/2019; 31/07/2020; 27/03/2022; 29/03/2022 e 08/04/2022. Todas as visitas ocorreram no turno da manhã, entre 09:00 e 11:30 horas. Nota-se que as visitas ocorreram em três momentos distintos da pesquisa. As três primeiras tiveram caráter exploratório e analítico, para conhecer o espaço escolar, suas características e de seu entorno imediato, assim como as pessoas que utilizam e trabalham na edificação. A quarta foi realizada durante a pandemia de COVID-19 e teve o objetivo de sanar algumas dúvidas pontuais e averiguar o impacto da pandemia na escola estudada, que estava com os portões fechados à época. As três últimas visitas foram realizadas após o retorno das atividades presenciais nas duas escolas objeto de estudo.

As primeiras visitas foram guiadas por funcionários da equipe diretiva de cada instituição escolar que atua no prédio do CAIC. Neste momento da pesquisa, procurou-se agir de forma discreta e não intrusiva, havendo interação somente com a pessoa que acompanhava a apresentação de cada ambiente do edifício. O registro dos dados coletados foi realizado através de levantamento fotográfico e anotações. Como as escolas estavam fechadas quando a quarta visita foi realizada, nesse momento, conferiu-se somente os espaços externos da edificação e seu entorno, sem nenhum acompanhamento por parte das escolas. As visitas posteriores foram acompanhadas por funcionários das instituições.

Para a análise dos dados obtidos foi criada uma relação de categorias de análise (BARDIN, 1977), relacionadas com os grupos de características da arquitetura, de Azevedo (2002) e a vestígios da transformação do espaço em lugar, conforme Castello (2007) e Cavalcante e Nóbrega (2011), baseada nas características da arquitetura escolar presentes no objeto de estudo e na apropriação do ambiente construído, apresentada na seguinte tabela (Tabela 3.2):

Tabela 3.2 – Categorias de análise da observação.

Categoria de análise	Aspectos a observar (unidade de registro)
Características Contextuais-Ambientais	Presença de corpos d'água
	Topografia do local e entorno
	Vegetação do local e entorno
	Entorno construído
	Infraestrutura existente
	Condições de acessibilidade
	Inserção no entorno
	Caracterização dos usuários da instituição
Características Programáticas-Funcionais	Organização espacial
	Setorização dos ambientes
	Dimensionamento dos conjuntos funcionais
	Acessos e percursos
	Segurança
Características Estéticas-Compositivas	Delimitação do espaço
	Cores
	Texturas
	Forma
	Volumetria
Características Técnicas-Construtivas	Escala e proporção
	Materiais construção e acabamento
Vestígios de transformação do espaço em lugar	Técnica construtiva
	Marcas de territorialidade
	Reformas e adaptações do espaço
	Uso do espaço escolar

Fonte: AUTOR, 2022.

A partir dessas categorias de análise buscou-se averiguar os principais elementos que constituem as características deste espaço escolar e que o transformam em lugar. Levando em consideração as intervenções e marcações do ambiente, observou-se a potencialidade de apropriação e territorialidade da escola.

Durante a aplicação deste método, agiu-se de forma discreta e não intrusiva, havendo interação somente com as pessoas que acompanharam as visitas em cada instituição. O registro dos dados coletados foi realizado de forma escrita e fotográfica e a partir desses registros buscou-se as características do lugar e os vestígios de apropriação.

3.3.4 Levantamento Físico

A base do levantamento físico foi a pesquisa documental que permitiu o redesenho e a caracterização prévia das áreas de estudo, partes da edificação que atendem como instituições de ensino, excluindo-se a área que é utilizada como Unidade Básica de Saúde. Nesse sentido, foram utilizadas: a planta baixa do projeto arquitetônico original da edificação, encontrada no acervo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio; planta baixa digitalizada e atualizada da edificação, fornecida pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas e fotografia aérea do município de Pelotas, corrigida geometricamente, fornecida pela Prefeitura Municipal. Devido ao caráter dinâmico e efêmero do ambiente construído, procedeu-se a conferência *in loco* de alterações, possibilitando a verificação de alterações e reformas antes das aplicações dos demais métodos de pesquisa.

Para o levantamento físico foi utilizado trena para mensuração do espaço e câmera fotográfica para registro que auxiliou no redesenho da planta baixa da edificação. Para a representação gráfica foi utilizado ferramenta de desenho auxiliado por computador. Na representação da planta das edificações (APÊNDICE A), foram inseridos elementos de representação dos fluxos das pessoas e dos vestígios de apropriação do espaço pelos seus habitantes, verificados no método de observação. As datas em que foram feitos os levantamentos foram as mesmas das visitas de observação, mencionadas anteriormente.

3.3.5 Entrevistas

De forma a conhecer de maneira mais aprofundada a percepção das pessoas que utilizam as escolas que funcionam no edifício do CAIC de Pelotas, foram adotadas entrevistas semiestruturadas com seis pessoas chaves para a pesquisa. As entrevistas têm como objetivo identificar como ocorre a relação das pessoas com o ambiente construído no CAIC de Pelotas, constatando se existem e como acontecem a apropriação, o sentimento de representatividade e a formação do sentido de lugar e quais as características do espaço que despertam essa relação, vinculados ao tema da influência do projeto de arquitetura padrão em instituições de ensino.

Assim, seguiu-se o seguinte roteiro apresentado por Cannel e Kahn (1968 *apud* GÜNTHER, 2008): (i) estabelecer um objetivo e um conjunto de normativas para atingi-lo; (ii) desenvolver um plano de tópicos a ser abordado; (iii) fazer uma entrevista

teste preliminar; (iv) registrar as respostas de forma clara; (v) criar categorias que possibilitem a interpretação dessas respostas e (vi) analisar as respostas obtidas.

As perguntas que balizaram as entrevistas semiestruturadas foram formuladas para descobrir os vínculos dos entrevistados com o espaço escolar e com a comunidade Pestano, como é a sua percepção sobre o projeto padrão da arquitetura das instituições objeto de estudo e quais os atributos das edificações que despertavam esses vínculos e percepções entre as pessoas e o ambiente construído.

A primeira entrevista realizada serviu como entrevista piloto (APÊNDICE E). Ela foi feita com um funcionário chave da EMEF Francisco Caruccio, que além de proporcionar um conhecimento mais aprofundado sobre a escola e o bairro, permitiu corrigir e otimizar algumas perguntas que não estavam totalmente claras. Assim, o roteiro piloto possibilitou a constatação de três principais inconsistências: (i) perguntas redundantes; (ii) perguntas confusas e (iii) ausência de perguntas importantes para o estudo. Inicialmente as perguntas propostas não abordavam as características do ambiente escolar relacionadas ao sentido de lugar, e sim a sua representatividade e apropriação, porém percebeu-se a necessidade de acrescentar novas perguntas direcionando para elementos e características que provocassem os sentimentos de identificação, apego e conforto. Desse modo, o roteiro de perguntas para as entrevistas semiestruturadas foi reelaborado (APÊNDICE F), com o mesmo balizamento, porém as perguntas redundantes foram retiradas, o vocabulário foi simplificado e perguntas foram acrescentadas. A entrevista piloto foi levada em consideração como dado coletado para os resultados dessa pesquisa.

Os entrevistados foram escolhidos de acordo com sua função nas escolas EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio e conforme as atividades na comunidade Pestano. Assim, foram convidados a participar da pesquisa três funcionários com cargos hierarquicamente diferentes da EMEI Herbert de Souza, dois funcionários da EMEF Francisco Caruccio e uma moradora e líder comunitária da comunidade Pestano. Houve contato prévio com todos os entrevistados para criação de vínculo de confiança com o pesquisador.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise de conteúdo a ser realizada posteriormente. As conversas foram realizadas em dois momentos distintos da pesquisa. As duas primeiras entrevistas foram feitas em momento anterior à

pandemia de Covid-19, enquanto as outras foram elaboradas após a reabertura das escolas para atendimento presencial. Nas transcrições, para garantir o anonimato dos entrevistados, eles foram identificados como E0x, sendo “x” o número sequencial da entrevista. As falas do pesquisador estão em negrito.

A primeira entrevista semiestruturada foi realizada dia 21/11/2019 e teve caráter exploratório, servindo como piloto para as demais conversas. Ela foi desenvolvida com um funcionário da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio (E01), teve duração aproximada de 50 minutos, em ambiente que tanto o pesquisador quanto o entrevistado estavam à vontade (APÊNDICE G).

A segunda entrevista ocorreu dia 26/11/2019, também de caráter exploratório e ainda com o mesmo roteiro piloto, com uma funcionária da Escola Municipal de Educação Infantil Herbet José de Souza (E02). Nesse momento, quase não houve pessoas interessadas em aceitar o convite para a participação na pesquisa dentro do corpo dirigente da escola, assim a funcionária que aceitou o fez porque era a mais antiga na instituição. A entrevista, que teve duração próxima a 20 minutos, foi realizada, na biblioteca, com presença de outros funcionários da escola que não interferiram, pelo menos de maneira ativa, no diálogo, que teve respostas curtas por parte do entrevistado (APÊNDICE H). A participante faz parte do corpo docente da escola.

Pensa-se que, nesse momento, os funcionários não se disponibilizaram de imediato por não acreditarem conhecer a história da escola de maneira satisfatória, visto que a Escola Municipal de Educação Infantil Herbert de Souza é mais nova e tem mais rotatividade de funcionários que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio. Posteriormente, outras funcionárias da escola fizeram pedido para responderem as entrevistas também.

A terceira entrevista ocorreu em dupla, com duas funcionárias da EMEI Herbert de Souza (E03 e E04), no dia 10/11/2021, e teve duração aproximada de 50 minutos (APÊNDICE I). As participantes fazem parte do corpo docente e gestor da escola. A conversa aconteceu na sala das funcionárias, de forma privada. Observar que como há duas interlocutoras na transcrição, utilizou-se de cores distintas para os textos que representam as falas das entrevistadas.

A quarta entrevista aconteceu dia 13/11/2021, com moradora da comunidade Pestano (E05), na casa da entrevistada. Essa participante também atua como funcionária da EMEI Herbert de Souza e é mãe de aluna, o que ampliou a abrangência da entrevista. A conversa teve duração de quase 70 minutos e ocorreu de forma privada e sem nenhuma interferência significativa (APÊNDICE J). Há três interlocutores na transcrição, logo foi realizada distinção de cores e negrito para a identificação de cada pessoa.

A quinta e última entrevista foi realizada dia 16/11/2021 com funcionária da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio (E06). A participante é professora e gestora da instituição. A entrevista, que teve duração de quase 50 minutos, ocorreu na sala da entrevistada, de forma privada e sem nenhuma interrupção (APÊNDICE K).

Para a análise das entrevistas semiestruturadas utilizou-se de análise de conteúdo, que é um tratamento que indica possíveis interpretações aos significados de uma mensagem, de modo que não só o conteúdo importa, mas também o contexto no qual a mensagem foi emitida (BARDIN, 1977). Conforme propõe Bardin (2016), as transcrições foram segmentadas em unidades de registo e foram criadas categorias temáticas (APÊNDICE L) relacionadas com o objetivo do trabalho. As categorias temáticas de análise das entrevistas estão apresentadas na tabela a seguir (Tabela 3.3).

Tabela 3.3 – Categorias temáticas das entrevistas.

Identificação	Categorias temáticas
Transformação do espaço em lugar	Identificação
	Ação e transformação
	Representação
	Referência
	Apego e apropriação
Dimensões do lugar	Engajamento/Gestão do lugar
	Dimensão física
	Dimensão simbólica
	Dimensão funcional
	Dimensão relacional
Projeto de arquitetura padrão	Percepção sobre o projeto padrão

Continuação da Tabela 3.4 – Categorias temáticas das entrevistas.

Característica de arquitetura	Características contextuais-ambientais
	Características programáticas-funcionais
	Características estéticas-compositivas
	Características técnicas-construtivas
Pandemia de Covid-19	Pandemia de Covid-19 na escola

Fonte: AUTOR, 2022.

O primeiro grupo de categorias, denominado transformação do espaço em lugar, se refere, principalmente, às ideias de Shamai (1991) e Pol (2003) e analisa como o indivíduo se relaciona com e se apropria do espaço estudado. Essas categorias buscam evidências de que o espaço escolar do objeto de estudo é considerado lugar pelas pessoas que o habitam.

A categoria identificação analisa como ocorre e quais são as impressões pessoais dos indivíduos sobre o espaço; A categoria ação e transformação avalia como o sujeito age no espaço e de que modo a pessoa interfere no ambiente; A categoria representação analisa se os indivíduos possuem e como se dá a representação identitária com o espaço; A categoria referência avalia a forma como o espaço funciona no sentido de localização e organização para os indivíduos; A categoria apego e apropriação analisa se as pessoas têm e por que têm afeição e vínculo positivo com o espaço. A categoria engajamento/gestão do lugar analisa como as pessoas buscam e agem em prol de melhorias para o espaço.

O segundo grupo, dimensões do lugar, trata de apontar o aspecto multifacetado do lugar, colocadas por Castello (2007) e Cavalcante e Elali (2011), no objeto de estudo. Essas categorias visam mostrar que o lugar é formado por múltiplas frentes: o ambiente, a pessoa, a relação pessoa-ambiente e a relação pessoa-pessoa. A categoria dimensão física identifica os sentimentos das pessoas relacionados com os atributos imagéticos do ambiente; a categoria dimensão simbólica evidencia os sentimentos dos indivíduos que se referem aos aspectos subjetivos e de memória; a categoria dimensão funcional busca como os indivíduos veem a função do espaço, enquanto a categoria dimensão relacional analisa como os indivíduos se interrelacionam no ambiente.

A terceira identificação das categorias, projeto de arquitetura padrão, aborda como as pessoas percebem o projeto de arquitetura do ambiente estudado, sendo ele projetado para uma localidade que não é a que está inserido. A partir das críticas de

Kowaltowski (2013), Azevedo (2002), Páscoa (2008), Gaite (2003), Waisman (1985) e Frampton (1975; 2003), na categoria percepção sobre o projeto padrão buscou-se elementos que evidenciem conhecimento e sentimentos em relação ao projeto padrão da escola estudada.

O quarto grupo de categorias, características de arquitetura, trata do objeto de estudo a partir do quaterno contemporâneo da arquitetura, de Mahfuz (2004), das características da arquitetura, de Azevedo (2002), com base na fala dos entrevistados. A categoria características contextuais-ambientais busca elementos que caracterizem e identifiquem o contexto local da comunidade onde está inserido o objeto de estudo; a categoria características programáticas-funcionais analisa o programa de necessidades da edificação e sua utilização; a categoria características estéticas-compositivas avalia a imagem e composição da edificação, enquanto a categoria características técnicas-construtivas analisa os materiais da construção e técnicas construtivas utilizadas.

A quinta identificação das categorias, pandemia de Covid-19, foi a única realizada de forma dedutiva, devido à frequência que assuntos vinculados à pandemia de Covid-19 surgiram durante as conversas. Buscou-se analisar como o contexto sanitário de distanciamento social influenciou a comunidade escolar.

3.3.6 Poema dos Desejos

O poema dos desejos é um método de coleta de dados não estruturado e de livre manifestação do participante da pesquisa. O método explora a subjetividade e o pensamento da pessoa frente ao objeto estudado. Nesse método, os participantes podem expressar, por meio de textos e/ou desenhos, suas necessidades, emoções, afetos, simbolismos e desejos relativos ao ambiente ou edifício analisado. Dessa forma, é possível compreender qual é a representação do espaço para os indivíduos e quais são suas expectativas e desejos de melhorias (RHEINGANTZ *et al*, 2009).

O método foi aplicado em duas turmas de alunos da EMEF Francisco Caruccio, do 8º ano do ensino fundamental, de 20 alunos em cada turma, com crianças de idade entre 13 e 17 anos. A atividade, que aconteceu no dia 08/04/2022, consistiu no desenvolvimento das respostas para os seguintes questionamentos: “O que eu gosto na escola Francisco Caruccio?” e “Como que eu gostaria que a escola Francisco

Caruccio fosse?” (APÊNDICE M). Os alunos foram incentivados a desenhar e/ou escrever seus pensamentos de forma espontânea, sem preocupação com rimas ou desenhos elaborados, sobre o que gostam e o que melhorariam escola. A atividade foi realizada durante o turno escolar, para manter o cotidiano das crianças. O método foi aplicado com a presença do pesquisador e da professora responsável pela turma.

Como instrumentos para a aplicação desse método foi distribuído para cada aluno folhas de papel tamanho A4 para se manifestarem, lápis de cor, lápis nº2, borracha e apontador. Enfatizou-se que não haveria qualquer tipo de crítica ou julgamento em relação aos textos e desenhos produzidos. O pesquisador acompanhou e interagiu com as crianças durante a atividade, de forma que enquanto as crianças faziam o exercício, pôde ser pedido a elas uma breve explicação sobre o que estavam desenhando ou escrevendo (APÊNDICE N). A atividade teve o áudio gravado e depois transcrito (APÊNDICE O) para auxiliar na interpretação e análise dos dados coletados.

A identificação dos participantes ocorreu através do nome da turma e de número sequencial (A8Ax ou A8Bx), a cor da identificação foi adotada azul para alunos e vermelho para alunas. As crianças que não entregaram a autorização dos responsáveis para a participação da pesquisa desenvolveram a atividade com a turma, porém seus poemas não foram utilizados no trabalho. Dessa mesma maneira, as transcrições do áudio gravado com as vozes dos alunos sem autorização também foram deletadas e não foram utilizadas nessa dissertação.

Para a análise dos poemas dos desejos utilizou-se da análise de conteúdo, conforme Bardin (1977). Os desenhos foram lidos e cada aspecto ou desejo apontado pelo participante foi catalogado como uma unidade de registro e depois foram analisados de forma temática (APÊNDICE P). Relacionou-se os apontamentos dos alunos com (i) as dimensões do lugar (CASTELLO, 2007; CAVALCANTE; ELALI, 2011); (ii) com o quaterno contemporâneo da arquitetura (MAHFUZ, 2004) e as características da arquitetura (AZEVEDO, 2002) e (iii) com a pandemia de Covid-19. Observa-se que o tema da pandemia surgiu no trabalho dos alunos de maneira não vinculada com as perguntas iniciais, portanto foi estabelecido como parâmetro de análise de caráter dedutivo. As categorias temáticas de análise dos poemas de desejo estão apresentadas na tabela a seguir (Tabela 3.4).

Tabela 3.5 – Categorias temáticas dos poemas dos desejos.

Pergunta	Categorias temáticas
O que gosta na EMEF Francisco Caruccio?	Pessoas
	Ambiente
	Atividades
Como gostaria que a EMEF Francisco Caruccio fosse?	Intervenções no ambiente
	Intervenções na gestão
	Intervenções nas pessoas
	Intervenções nas atividades
	Intervenções em equipamentos e utensílios
	Intervenções em função da pandemia de Covid-19

Fonte: AUTOR, 2022.

Criou-se categorias distintas para as duas perguntas realizadas nos poemas dos desejos. Na primeira pergunta: a categoria pessoas analisa o que os alunos mencionaram quanto às relações pessoais no ambiente escolar; a categoria ambiente avalia quais os espaços que os alunos mais gostam na instituição e, por último, a categoria atividades analisa o que os alunos gostam de fazer na escola.

Na segunda pergunta: a categoria ambiente analisa o que os alunos mudariam no espaço da escola; a categoria gestão avalia o que os alunos permitiriam ou proibiriam no ambiente escolar; a categoria pessoas analisa como os alunos mudariam o comportamento das pessoas que compõem a comunidade escolar; a categoria atividades analisa quais práticas os alunos gostaria de fazer ou deixar de fazer; a categoria equipamentos e utensílios avalia que dispositivos os alunos sentem falta no ambiente escolar e a categoria pandemia de Covid-19 analisa quais os desejos dos alunos que se relacionam com esse tema

3.4 Síntese do Capítulo

Este capítulo apresentou a abordagem metodológica utilizada na pesquisa, assim como seu objeto de estudo e métodos de investigação. Foi discriminado como o estudo de caso se relaciona aos objetivos específicos e à pergunta de pesquisa. Apresentou-se como os métodos de pesquisa foram escolhidos e construídos. Esclareceu-se como os dados foram obtidos e analisados. No próximo capítulo são apresentados os resultados desta pesquisa.

4 O LUGAR NO PROJETO PADRÃO ESCOLAR

Este capítulo apresenta as descobertas da pesquisa sobre a formação do sentido de lugar em ambientes escolares de arquitetura padrão. São apresentados os resultados do estudo de caso, que foram elencados em quatro subitens, conforme as categorias de análise utilizadas nos métodos de pesquisa: características da arquitetura; percepção do projeto padrão; formação do lugar escolar de projeto padrão e implicações da pandemia de Covid-19 no lugar escolar. Esses grupos foram formados a partir do referencial teórico da pesquisa e da circunstância de saúde pública na qual as escolas estavam inseridas no momento da aplicação dos métodos já apresentados.

4.1 Centro de Atenção Integral à Criança de Pelotas

Aqui são apresentados os resultados encontrados nessa pesquisa referente ao estudo de caso realizado no prédio que seria o CAIC de Pelotas.

4.1.1 As características de arquitetura

As características de arquitetura foram determinadas de acordo com os dados coletados nos métodos de pesquisa documental, observação, levantamento físico, entrevistas semiestruturadas e poemas dos desejos. Esses resultados se relacionam com as características da arquitetura, de Azevedo (2002), e com o quaterno contemporâneo da arquitetura, de Mahfuz (2004), apresentadas no capítulo 2, subitem 2.8.

4.1.1.1 Características contextuais-ambientais

O prédio em que seria o CAIC de Pelotas, porém que se tornou a Escola Municipal de Educação Infantil Herbert José De Souza, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio e Unidade Básica de Saúde Pestano, fica localizado na zona norte da cidade, na região administrativa Três Vendas (Figura 4.1).

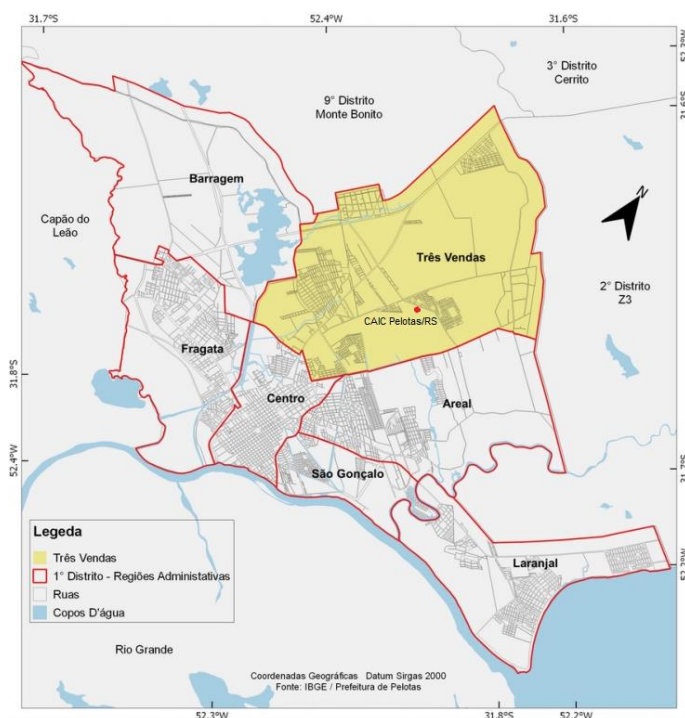


Figura 4.1- Localização do CAIC Pelotas.
Fonte: Adaptado de RIBEIRO, 2019.

Essa região possui uma população de 60.190 habitantes, de acordo com o IBGE (2010), e é dividida em 22 microrregiões. A escola situa-se na microrregião Pestano, delimitada pelas Avenidas Zeferino Costa e Leopoldo Brod e pela Rua 20, do loteamento Pestano, próxima às microrregiões Aeroporto, Getúlio Vargas e Cohab Pestano. Essas três microrregiões são classificadas como Áreas Especiais de Interesse Social (PELOTAS, 2008), tendo em vista que a maior parte de sua população pode ser caracterizada como de baixa renda (GEOPELOTAS, 2022a).

O início da ocupação dessas microrregiões ocorreu entre 1960 e 1980, a partir de distribuição de lotes pela Prefeitura Municipal para pessoas desabrigadas e de baixa renda, retiradas de outras áreas da cidade, consideradas de risco, originando os loteamentos de mesmo nome (RAMOS, 2013; TAVARES, 2018). A partir desse movimento inicial, essa localidade continuou, de forma progressiva, a receber famílias de baixa renda, sem as necessárias condições de infraestrutura urbana para a qualidade de vida dessas pessoas, consolidando uma situação urbana irregular e socialmente frágil (TAVARES, 2018).

A comunidade do Pestano fica distante do centro da cidade em aproximadamente 9 Km, do prédio do CAIC até a Praça Cel. Pedro Osório, onde está localizada a Prefeitura Municipal e o principal centro comercial da cidade. O bairro

conecta-se ao município através de duas avenidas principais, Av. Leopoldo Brod e Av. Zeferino Costa, e liga-se ao centro através das Av. Fernando Osório e Av. Engenheiro Idelfonso Simões Lopes. Há transporte público que faz essa conexão, por meio de duas linhas de ônibus, Pestano-3461 e Pestano/Getúlio Vargas circular-3470, com 39 e 60 paradas, respectivamente, entre o ponto inicial na Av. Leopoldo Brod e o final no bairro Centro, e demora cerca de 40 minutos para a realização do trajeto (PRATI, 2022; CITTAMOBIL, 2022).

Os serviços públicos oferecidos na localidade (Figura 4.2) são duas escolas municipais de ensino fundamental (EMEF), duas escolas municipais de educação infantil (EMEI), uma unidade básica de saúde (UBS) e um centro de referência de apoio social (CRAS). Há abastecimento de água e fornecimento de energia elétrica no bairro. A pavimentação das avenidas que delimitam o Pestano é em asfalto, enquanto a das vias internas é em terra batida. A coleta de esgoto acontece por rede coletora de fossa séptica (GEOPELOTAS, 2022b).



Figura 4.2 – Microregião Pestano.
Fonte: Google Maps, esquema do Autor (2022).

No trajeto à comunidade Pestano, logo à sua entrada, no encontro entre as duas avenidas Zeferino Costa e Leopoldo Brod, avista-se a forma do ginásio da EMEF Francisco Caruccio, mostrando ao indivíduo que transita nesse local um ponto de referência significativo devido à sua monumentalidade (Figura 4.3). O observador que passa pela Av. Zeferino Costa, antes de enxergar o Pestano, vê a forma do edifício escolar. O prédio do CAIC fica em uma posição de destaque no meio urbano, pois não

há edificações de mesmas dimensões, de modo que o prédio fica em evidência, o que é potencializado pela ausência de edificações no seu entorno imediato. Dessa maneira, o volume do ginásio torna-se referência geográfica e espacial para a população. Isso pode ser percebido no discurso dos entrevistados:

“Nossa, o ginásio! Tu sabe que eu enxergo de lá, assim... [...] De longe a gente vê a escola.” E06

“Só de passar na frente, que a gente enxerga o CAIC à distância, né.” E03



Figura 4.3 – Rotula da Av. Zeferino Costa e Av. Leopoldo Brod, entrada da comunidade Pestano.
Fonte: AUTOR, 2022.

O bairro possui edificações de caráter majoritariamente residencial, com alguns estabelecimentos comerciais e/ou mistos. As construções têm gabarito baixo e não passam de três pavimentos, com grande oferta de serviços, como estofarias, mercearias, oficinas mecânicas, farmácias e lojas de móveis, principalmente localizadas na Av. Leopoldo Brod. Nas palavras de duas das entrevistadas, nota-se o reconhecimento da ampla oferta de serviços:

“[...] é uma comunidade de periferia, com características de comunidade de periferia. [...] é uma comunidade afastada do centro, eles, pra suprir essa distância, acabam desenvolvendo tudo dentro do bairro, e isso é uma coisa boa, tem tudo ali. [...] o Pestano, apesar dos pesares, tem uma infraestrutura [oferta de serviços] legal. Aqui tem posto de gasolina, tem lotérica, tem farmácia, mercado, mercadinho, tem espaço pra pet, tem de tudo.” E03

“Tem tudo aqui no bairro. Tem farmácia, tem posto de gasolina aqui, o Treichel é bem pertinho também né.” E06

Observa-se que a caracterização do Pestano, por uma dessas falas, como “comunidade de periferia”. Isso pode estar relacionando ao distanciamento do centro da cidade e à carência socioeconômica de seus habitantes, entretanto acredita-se que ação autônoma dos habitantes do bairro possibilitou uma oferta de serviços abrangente, que supre suas necessidades.

Há, também, no Pestano, a oferta de serviços públicos à população local, conforme mencionado anteriormente, com as EMEI Lobo da Costa, EMEF Santa Irene, o CRAS, além das escolas objetos de estudo, EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza. Entretanto a conversa com os entrevistados mostrou, além do apreço pelas ações municipais de assistência social, outras iniciativas do Estado que não obtiveram sucesso e resultaram em prédios abandonados que são utilizados por traficantes e adictos, são os casos do Ginásio proposto para o Programa de Prevenção à Violência (PPV) e o posto da Brigada Militar, localizado na Av. Um e na rua Quatorze, respectivamente. Conforme dois dos entrevistados:

“[...] tem muitos pontos bons, o CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] tá aqui dentro, isso é ótimo, eu não preciso do CRAS, graças a Deus, mas pras pessoas da comunidade tem muita gente que precisa, o CRAS tá aqui dentro, palmas, que bom [...]” E05

“Se for ali na esquina, já dá pra ver que tem uma cracolândia, ali na esquina[...] É uma cracolândia, e tem briga, gente se dando pau, é um horror, é perigoso, tu vai querer expor teu filho a isso?” E05

“[...] o posto da Brigada Militar que tinha dentro da Vila abandonado, sendo utilizado por ene marginais como ponto até de droga [...]” E01

Percebe-se a partir das falas dos entrevistados a vulnerabilidade social do Pestano e a necessidade de serviços públicos de apoio e amparo à população. Há uma demanda pela reorganização e reutilização desses espaços que em um momento já foram instalados, porém não tiveram manutenção, com novos usos, voltados ao desenvolvimento social da comunidade. Conforme as falas dos entrevistados:

“Eu ainda acho que esses espaços abandonados, o posto de polícia, podiam ser espaços diferentes. Podiam aumentar a escola Lobo da Costa.” E05

“[...] podia ter coisas diferentes, podia ter espaço, no ginásio abandonado do PPV, podia construir salas com biblioteca comunitária, sala de dança, sala de atividades de artes. [...] Quero uma revitalização ali, tomara que alguém escute. Antes de morrer eu vou ver aquilo reformado, eu queria uma sala, pedi três, mas uma sala. Queria ver aquilo reformado e revitalizado. Pra gente poder fazer várias atividades ali! Três salas: telecentro, biblioteca comunitária e sala pra dança e teatro.” E05

O fato do bairro ser afastado do centro da cidade e a dificuldade de locomoção dentro do município, seja pelo custo dessa locomoção ou pela ausência de meios para tal, provoca um isolamento de seus moradores. De acordo com os entrevistados:

“Tem alunos [da EMEF Francisco Caruccio] que passam por certos tipos de violência, eles ou a família deles. Como é a família em casa? Muitas vezes a família é desestruturada, a família passa por violência.” E06

“Tem criança que não conhece o centro da nossa cidade, porque tem algumas que não conhecem [...]” E05

“Porque tem aluno [da EMEF Francisco Caruccio] meu que foi conhecer o centro da cidade agora, este ano [2019], com os passeios que a escola fez. Tem aluno que não sai daqui, porque é difícil, às vezes, pra eles dinheiro para pegar o ônibus e ir para o centro, né? Eles ficam aqui nesse mundo.” E01

Esse isolamento, as vulnerabilidades locais e a presença de violência no bairro provocam a estereotipação do morador do Pestano. Segundo todos os entrevistados, existem frequentes situações de preconceito para com os moradores locais, igualando-os e generalizando-os de maneira pejorativa. Há uma estigmatização do morador local, como se fosse um indivíduo de menor importância ou um criminoso, e do bairro, como se fosse um ambiente desagradável e repulsivo. No entanto, o relato dos entrevistados mostra um viés diferente:

“As pessoas pré-julgam quem tá na periferia: como se fossem bandidos, como se fossem marginais, como se fossem pobres desprovidos de bom senso e de inteligência.” E01

“Ouvia-se falar muito mal [do bairro], mas convivendo aqui é muito tranquilo [...]” E04

“A Diretora dessa outra escola em que eu trabalhava, do município também, disse ‘meu Deus, tu vais pra lá [Pestano]? Aquilo lá é horrível! O bairro é horrível, a escola é horrível, é tudo horrível!’” Eu digo ‘eu vou, porque eu preciso’. Isso foi lá em 2003, e nada como a gente mesmo tirar nossas conclusões [...]. Cheguei aqui, [...] no bairro, nunca tive nenhum problema. Não conhecia nada por aqui. O pessoal já era maravilhoso. Criminalidade, marginalidade tem em tudo que é local. O pessoal aqui da comunidade é muito, muito dez! São maravilhosos.” E06

Transitando pela comunidade percebe-se a ausência de pavimentação nas ruas, que possuem desníveis e muitos buracos, a ausência de calçamento no passeio público e, em alguns trechos da região, esgoto a céu aberto ou não canalizado (Figuras 4.4 e 4.5). Nas palavras de uma moradora local, há o reconhecimento do problema de falta de pavimentação:

“Os buracos né. Na saída aqui de casa já, eu nem digo que são buracos, eu digo que são crateras. São muitos, muitos buracos. Falta muita coisa de estrutura no bairro. Pra melhorar aqui, pavimentação seria uma coisa. Aqui é a rua 1, uma das principais, mas só a avenida que passa aqui atrás, a Zeferino Costa, que é asfaltada. Aqui é rua que passa ônibus, mas não é asfaltada.” E05



Figura 4.4 – Rua sem identificação, em loteamento em frente ao acesso principal da escola.
Fonte: AUTOR, 2019.



Figura 4.5 – Rua dezesseis, sem número, Pestano.
Fonte: AUTOR, 2022.

A implementação de uma escola pública desse porte em uma comunidade reconhecidamente vulnerável implicou, de alguma forma, na população local, o sentimento de valorização e proteção. A imponência da edificação implicou no morador local a sensação de ser visto, amparado e acolhido, servindo inclusive como referência, não só geográfica espacial, mas também de acolhimento e desenvolvimento social do bairro. De acordo com duas entrevistadas:

“Uma baita escola, né, todo mundo só comentava disso, que era baita prédio. Ninguém acreditava que ele tava sendo construído dentro do bairro, né. Uma estrutura incrível. [...] Todo mundo ficou encantado. Com a construção. Com tudo. Ficou muito legal.” E05

“[A EMEF Francisco Caruccio] [...] está no local certo.” E06

“A escola é tudo pra eles. O pessoal se sente super acolhido” E06

A edificação do então CAIC fica situada na Av. Leopoldo Brod, nº 370, em um terreno inteiramente plano, de formato retangular, com área de aproximadamente 16.088 m² (Figura 4.6). Seu acesso principal ocorre por onde, no projeto original, foi planejado o acesso secundário da edificação, pois nunca foi construída via carroçável voltada à entrada correta. Nota-se, inclusive dois abrigos de paradas de ônibus dentro dos limites do lote, ambos inativos, um voltado à rua lateral, que não tem linha de

transporte público, e outro direcionado a um terreno vazio, aos fundos da edificação. As delimitações do lote ocorrem por grade metálica e muros de concreto pré-fabricado, que foram construídos posteriormente à inauguração da escola, pela própria Prefeitura Municipal.



Figura 4.6 – Vista aérea do prédio que seria o CAIC de Pelotas, em ortofoto de 2015.
Fonte: GEOPELOTAS, 2022c.

A escola está posicionada em trecho da Av. Leopoldo Brod sem pavimentação, frente a um canaleta de coleta de água da chuva. A conexão da escola com o entorno ocorre, portanto, a partir de pontilhões que sobrepassam esse canaleta (Figura 4.7). Foi percebido, na visita realizada ao local, odores desagradáveis vindos dessa canalização e formação de barro na entrada das escolas, entretanto, em nenhum momento das entrevistas esses problemas foram relatados. O acesso à edificação é dificultado pela ausência de pavimentação e calçadas adequadas. A partir das visitas e da análise do projeto, atribui-se essa falta de acessibilidade à gestão urbana e não ao projeto arquitetônico, uma vez que dentro das instituições existem elementos que promovem acessibilidade universal, conforme será apresentado no decorrer do trabalho.



Figura 4.7 – Vista do acesso de pedestres à EMEF Francisco Caruccio, Pelotas.
Fonte: AUTOR, 2022.

Em virtude da ausência de construções ao lado do prédio das escolas, da distância entre a edificação e a avenida e da existência do muro alto há uma caracterização de isolamento do prédio das EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio em relação ao bairro, que é potencializado pelo traçado do canaleta mencionado. Pensa que, se por um lado esse isolamento diminui a sensação de opressão causada pelas dimensões da edificação, pode prejudicar a aproximação da população junto ao prédio.

A partir do que foi exposto, nota-se que a localização dos prédios das EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio, que seriam o CAIC de Pelotas, mantém a lógica dos demais CAICs do país, conforme apresentado no segundo capítulo dessa dissertação, sendo instalado em um bairro historicamente desassistido, vulnerável e afastado do centro do município, com o intuito de servir de equipamento público para o desenvolvimento da microrregião.

4.1.1.2 Características programáticas-funcionais

O CAIC, logo em sua inauguração, contemplava área construída de 4.608,77 m², em elementos pré-fabricados em argamassa armada, conforme determinava seu projeto padrão. Antes de ter suas atividades iniciadas, a proposta da escola funcionar aliada ao programa federal de educação em turno integral foi abandonada. Dessa forma, após um hiato em que o prédio ficou desativado, foi instalado em suas

dependências a já existente Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio. Nas palavras dos entrevistados:

“O governo Fernando Collor de Mello começa a construção desse prédio para ser um CAIC. Em função do impeachment [...] essa ideia foi encerrada [...]. E aí o prédio ficou abandonado, este aqui. [...] A Escola Francisco Caruccio sai do prédio, onde hoje funciona a Escola Santa Irene, e acaba utilizando esse prédio aqui. E aí passa a vir pra cá e a ocupar todas as dependências para ser, então, a Escola Francisco Caruccio.” E01

“[...] a escola não foi CAIC, logo que foi terminada ela ficou parada e depois já virou Francisco Carrucio [...].” E05

Seu programa previa setores de anfiteatro, ginásio coberto, capacitação, creche, saúde, difusão cultural, educação escolar e educação voltada ao trabalho, horta e áreas externas (Figura 4.8). Percebe-se elevada atenção às atividades de cunho social, novamente corroborando o argumento da escola estar relacionada com o desenvolvimento social de sua comunidade.

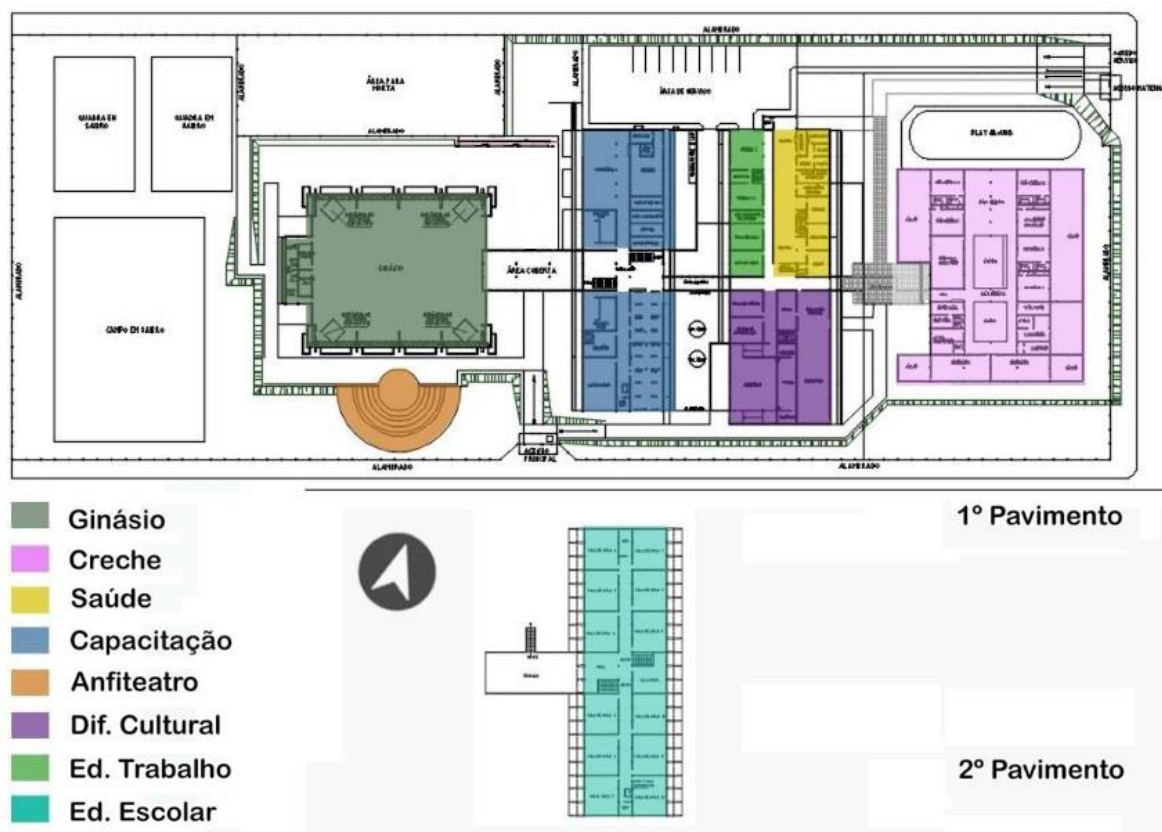


Figura 4.8 – Setorização do CAIC Pelotas, em planta baixa de 1993.
Fonte: Acervo da EMEF Francisco Caruccio. Adaptado pelo Autor (2019).

O projeto foi dividido em quatro blocos sequenciais, ligados passarelas cobertas. O primeiro bloco é o ginásio coberto, com quadra poliesportiva, vestiários, depósito de materiais e ambiente administrativo. Esse espaço possui forma trapezoidal, com vidraças em suas fachadas frontais e sua cobertura prioriza ventilação e iluminação natural. O segundo prédio, único com dois pavimentos, é dividido na parte térrea pelos corredores em quatro partes, que se dedicam a oficinas de laboratórios e artísticas, área de serviços e no segundo pavimento atende espaços para salas de aula. O terceiro bloco serve às áreas destinadas à saúde e oficinas do trabalho. Enquanto o quarto bloco, com forma retangular, atende à educação infantil com pátio interno central.

No ano de 2002, conforme já mencionado, aproveitando a setorização da edificação, o prédio foi dividido entre as três instituições que o ocupam atualmente. Sendo criada, assim, a Escola Municipal de Educação Infantil Herbert José de Souza. A criação desta escola foi uma demanda apresentada no orçamento participativo do município para o ano de 2001, com o intuito de atender crianças de 0 a 6 anos de idade. Observa-se, no entanto, que antes da divisão da edificação, esse público já era atendido pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio.

Sobre a divisão da edificação os entrevistados têm opiniões divergentes. Enquanto os funcionários da EMEF Francisco Caruccio são a favor da integração de ambientes de educação infantil e ensino fundamental sob a administração de uma única entidade, as funcionárias da EMEI Herbert de Souza são contrárias a esse pensamento. No entanto, há uma unanimidade de que a comunidade Pestano tem demanda por esses serviços prestados e que o programa das escolas é ferramenta de desenvolvimento social da comunidade. Há o reconhecimento da qualidade do programa original das instituições.

A partir da conversa com o funcionário da EMEF Francisco Caruccio, pode-se notar que a Unidade Básica de Saúde, que funciona atualmente onde era a ala médica da escola, é muito requisitada pelos usuários da escola, principalmente no que se refere aos atendimentos na área de psicologia, clínica médica e obstetrícia. Nas palavras do entrevistado:

“Eu preciso da parceria com as assistentes sociais, eu preciso da parceria com os psicólogos, eu preciso da parceria com os psiquiatras e com os clínicos e com obstetra, eu preciso.” E01

Esse fato mostra a coesão e a fundamentação do programa do projeto original e, nesse sentido, os entrevistados relatam que o programa de necessidades da edificação atente bem as atuais demandas escolares, apesar de ter sido desenvolvido há 30 anos.

Ao longo da utilização das dessas duas instituições escolares, houve processos de adaptações e reformas no ambiente construído para a construção de novos ambientes. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio, além de mudanças do posicionamento de salas para atividades não tiveram reformas no espaço físico, identificou-se, nas visitas de observação, quatro intervenções significativas: foi construída uma cozinha externa, com espaço para churrasqueira, entre os dois blocos centrais da edificação; houve o fechamento de alguns pontos de iluminação na cobertura; realizou-se a implementação de plataforma elevatória para pessoas com deficiência de locomoção e foi construído uma câmara fria para gêneros alimentícios.

A mudança de maior impacto ao ambiente construído aconteceu em 2017, na Escola Municipal de Educação Infantil Herbert de Souza. Foram ampliados 235 m² da edificação para a criação de ambientes como vestiário para funcionários, despensa de alimentos, depósito de materiais de limpeza e aumento do refeitório. Nessa ocasião, os pátios internos foram fechados com vidro, a biblioteca transformou-se em sala multiuso e os ambientes foram adaptados para atenderem as normas de acessibilidade.

Atualmente, de acordo com os entrevistados, as escolas estudadas atendem, juntas, mais de mil e duzentos alunos e as adaptações no programa foram positivas e importantes para a continuidade do funcionamento das escolas. O programa da EMEI Herbert de Souza contempla salas de atividades, secretaria, direção, sala multiuso/biblioteca, berçários, sanitários e fraldários, refeitório, cozinha, vestiário para os funcionários, despensas de alimentos e materiais de limpeza, pátio coberto, pátios internos e externos e *playground*. O programa da EMEF Francisco Caruccio atende salas de aula, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca, direção,

coordenação, secretaria, sala de professores, sala de artes, sala audiovisual, sanitários, vestiário de funcionários, sala da guarda municipal, ginásio, auditório, campo de futebol, *playground*, horta, além dos saguões que também funcionam como espaço de exposição.

Os professores e funcionários das EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio que foram entrevistados têm afeição pelo programa das edificações e reconhecem sua qualidade e a amplitude de atendimento. Há, por parte dos entrevistados, o reconhecimento de as EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio têm espaços diferenciados em comparação a outras escolas do município, principalmente devido a quantidade e dimensões dos ambientes, evidenciando qualidade do projeto original. De acordo com os entrevistados:

“[...] [a EMEF Francisco Caruccio] é um projeto que se aproxima daquilo que eu entendo que é o ideal. Ora, eu [a EMEF Francisco Caruccio] tenho auditório, eu tenho ginásio, eu tenho laboratórios de informática, eu tenho uma infraestrutura aqui gigantesca, maravilhosa [...].” E01

“[...] [a EMEF Francisco Caruccio] um prédio com ginásio, com uma cozinha maravilhosa, com um refeitório lindo, né? Uma biblioteca gigantesca.” E01

“Assim ó [pontos positivos do prédio da EMEI Herbert de Souza]: os pátios individuais, o banheiro e as salas independentes. Isso é muito bom. A secretaria, que tem uma entrada aqui e guichê e a pessoa não precisa entrar dentro da escola, também. Nos mantém protegidos. Não é toda escola que tem, então é uma qualidade.” E03

“[Sobre a EMEI Herbert de Souza] Todas as salas têm banheiro e pátio para as crianças. Tem um espaço bem grande.” E04

Entretanto, a moradora local entrevistada, ciente das características do programa original do CAIC, de educação em turno integral e voltada ao desenvolvimento cultural e profissional dos estudantes, pensa que esses aspectos deveriam ser potencializados e estendidos à toda comunidade, não somente aos alunos das instituições. A entrevistada relata que parte do programa original do CAIC se perdeu, uma vez que não há mais oferta de atividades de capacitação voltadas à comunidade e aos pais de alunos. Nas palavras dela:

“[Sobre programa original de oficinas de capacitação] Não existe nada disso hoje em dia. Tu já imaginou como seria um curso de capacitação profissional lá dentro, que formasse mães e alunas? Gente, é um sonho de qualquer comunidade.” E05

O programa da edificação também foi destacado pelos alunos da EMEF Francisco Caruccio durante a atividade do poema dos desejos, principalmente no que se refere ao ginásio, campo de futebol, sala de informática, biblioteca e merenda (Figura 4.9). Os alunos também apontaram que gostariam de usar mais e ter mais acesso aos ambientes de auditório, ginásio e campo de futebol (Figura 4.10). Analisando os poemas dos desejos, percebe-se o impacto social que a escola tem como ferramenta de desenvolvimento social, pois além das atividades de ensino/aprendizagem, os estudantes têm a possibilidade de se alimentarem de forma adequada, eles têm acesso a atividades e passeios culturais, além do contato com tecnologia e internet.

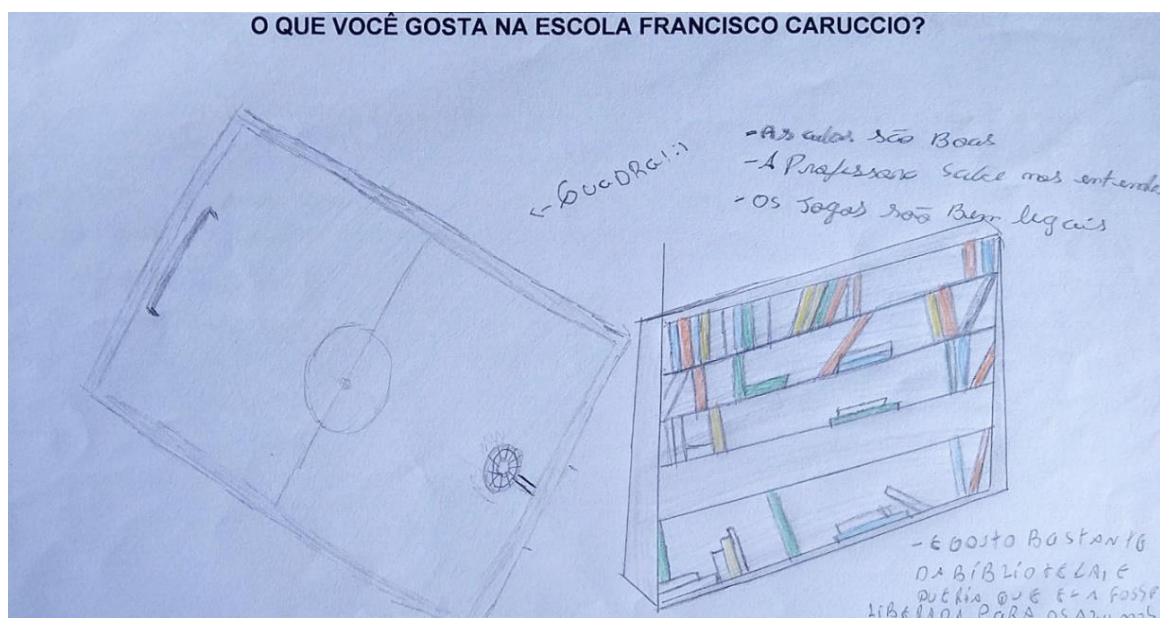


Figura 4.9 – Poema dos desejos – A8B 9.

Fonte: AUTOR, 2022.

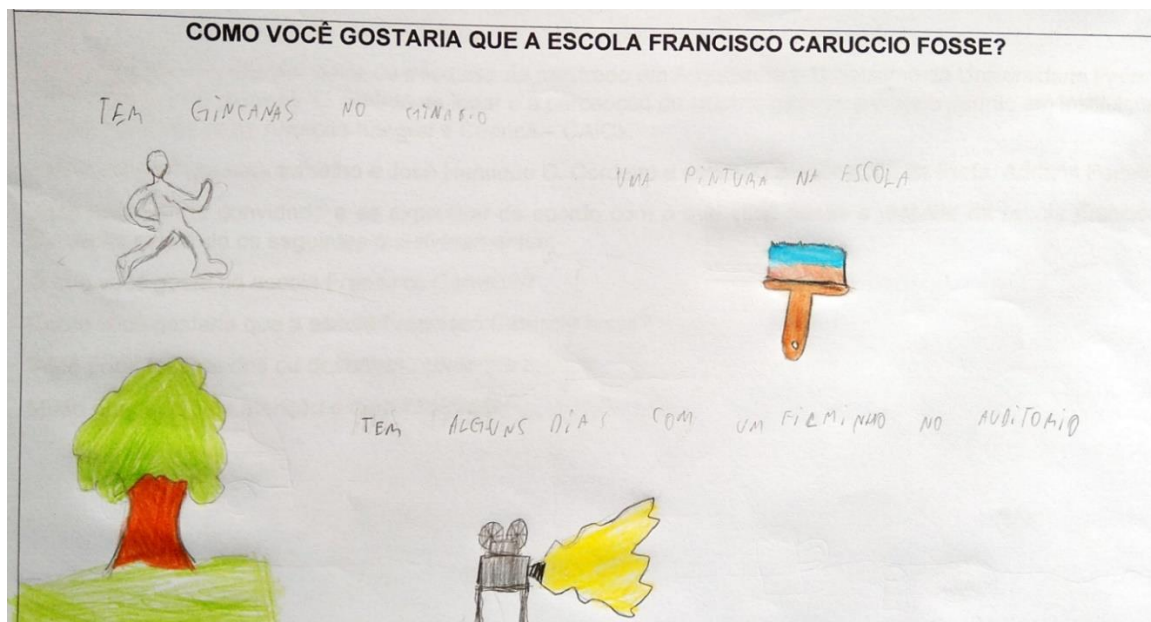


Figura 4.10 – Poema dos Desejos – A8A 11.
Fonte: AUTOR, 2022.

A disposição dos ambientes em planta ocorre de forma setorizada (Figura 4.11). O acesso às escolas é o mesmo, sendo que há um ponto que o caminho se bifurca para cada instituição, localizadas em lados opostos. A edificação ainda mantém sua distribuição em quatro blocos distintos, um da EMEI Herbert de Souza e os outros três da EMEF Francisco Caruccio.

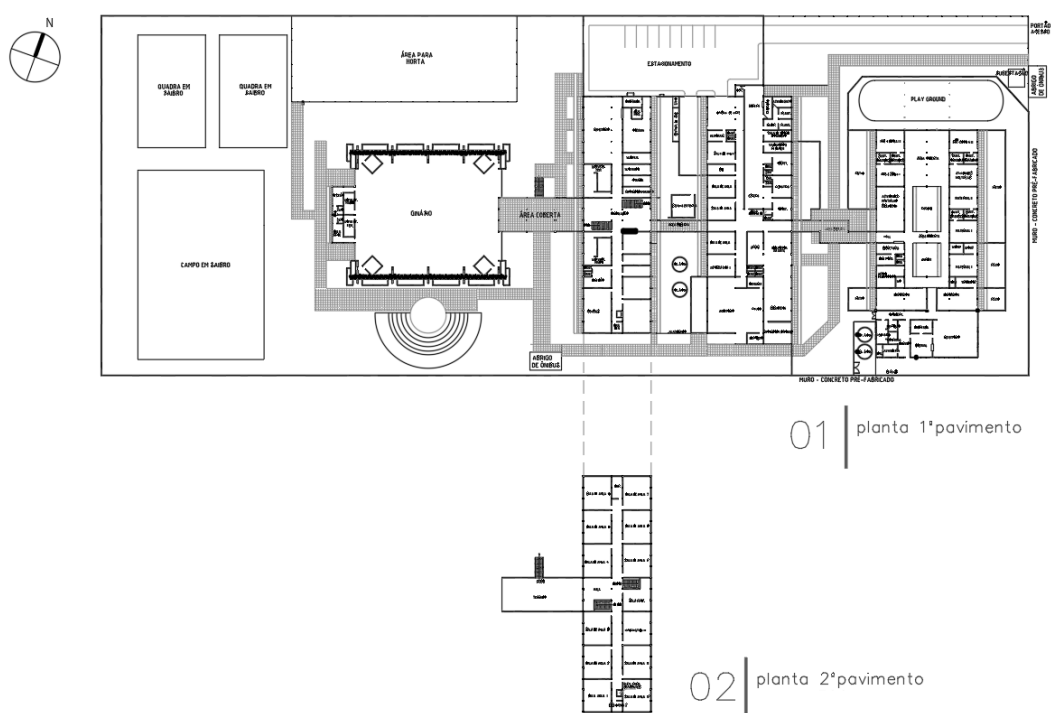


Figura 4.11 – Planta da edificação, de 2022.
Fonte: AUTOR, 2022.

Na EMEI Herbert de Souza, após as reformas, nota-se o distanciamento dos ambientes de serviço dos de ensino. Os espaços voltados a refeitório, cozinha, lavanderia e despensas estão localizados na parte ampliada da edificação e longe das salas de atividades e berçários. Originalmente, a integração dos ambientes acontecia por meio dos pátios internos, entretanto, após a reforma de 2017, a circulação passou a ocorrer por meio de corredores que circundam esses mesmos pátios. Nota-se que as barreiras de vidro e a separação entre parte antiga e ampliada causam uma descontinuidade no fluxo interno da edificação. Isso também é percebido por uma das entrevistadas, pois, nas palavras dela:

“Acho que esse projeto daqui poderia ser uma coisa mais única, sabe? Mais perto, tem salas que ficam muito longe. Mais integrado! Parece meio solto. Acho a Paulo Freire mais integrado que aqui. A cozinha é longe e ainda em aquele pátio enorme nos fundos que não se usa.” E03

Outro aspecto percebido nas visitas de observação é que os pátios de fundos da EMEI não têm fácil acesso e nem manutenção. Havendo, dessa forma, matagal elevado que não permite a circulação de pessoas, quanto mais crianças. O que também foi apontado pelas funcionárias entrevistadas da EMEI Herbert de Souza. No entanto, pensa-se que esses espaços residuais em ambientes externos possam ser interessantes em possíveis ampliações da edificação, porém devem ter condições adequadas de habitabilidade.

Na EMEF Francisco Carucio, a divisão dos espaços permanece conforme o projeto original. No entanto, o espaço que era direcionado à saúde escolar fica isolado por uma porta que leva à Unidade Básica de Saúde e os ambientes de laboratórios foram informatizados. O acesso ao segundo pavimento, no terceiro bloco da edificação, se dá por meio de duas escadas, localizadas em pontos simétricos, porém espelhados, do saguão, além da plataforma elevatória instalada recentemente.

A delimitação do espaço permanece a mesma da época da inauguração da construção, entretanto o tipo de fechamento, antes em tela metálica, passou a ser em concreto pré-fabricado. A construção do muro das escolas foi uma demanda da comunidade, em vista da vulnerabilidade à violência. De acordo com a moradora local entrevistada:

“O muro, aquele muro da rua, foi construído a pedido da comunidade, porque [...] teve um dia um tiroteio lá na frente [...] foi horrível.” E05

Pensa-se que originalmente não havia fechamento com muro no perímetro da escola para potencializar sua integração com o bairro, de modo a não haver o isolamento já mencionado anteriormente.

Quando os programas das EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza são comparados com os das escolas propostas pelo pedagogo Anísio Teixeira, da primeira metade do século XX, percebe-se como o caráter assistencial da escola foi mantido. Nota-se que espaços como refeitório, auditório, biblioteca e ginásio, que são encontrados no programa das escolas objeto de estudo, já estavam presentes nos programas mais antigos. Entretanto, caso essa comparação seja feita com a proposta original dos CAICs, pode-se notar que atividades como oficinas de trabalho e cursos de capacitação não são oferecidas atualmente, ainda que o espaço destinado a esse fim tenha sido construído.

Embora o programa dos CAICs não tenha sido efetivado em Pelotas, há significativo aspecto assistencial nos programas das escolas EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza, causado pela abrangência de atendimento cultural, social, sanitário e pedagógico.

4.1.1.3 Características estéticas-compositivas

A linguagem arquitetônica dos CAICs tem identidade moderna e no prédio de Pelotas (Figura 4.12) não ocorreu de forma diferente. Percebe-se, na edificação, a racionalização e a modulação da construção, utilização de amplas esquadrias, presença de brises e cobertura *shed*, assim como ausência de ornamentação.



Figura 4.12 – EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.
Fonte: AUTOR, 2022.

Originalmente, a composição projetual e a organização dos espaços ocorreu de forma modulada e racional, através de eixos organizacionais, em que um eixo principal se divide em outros eixos secundários e transversais a este. A forma do prédio é consolidada pelo arranjo dos volumes retangulares no eixo principal. Quando os blocos são analisados de maneira isolada, é verificada a existência de uma malha que permite regularidade e continuidade. Todos os blocos, exceto o ginásio, foram compostos a partir de uma modulação retangular, com os espaços arranjados em torno das circulações, embora a modulação de cada bloco não seja a mesma.

Em planta (ver Apêndice A), na EMEI Herbert de Souza foram identificados dois módulos elementares, de 2,50 x 6,25 metros e de 2,50 x 5,00 metros, enquanto nos blocos da EMEF Caruccio encontrou-se apenas o módulo de 2,50 x 6,25 metros (Figura 4.13). A conexão entre os ambientes é realizada por corredores e passarelas cobertas e nos pontos de encontro entre eixos estão posicionados os saguões da edificação (Figura 4.14).

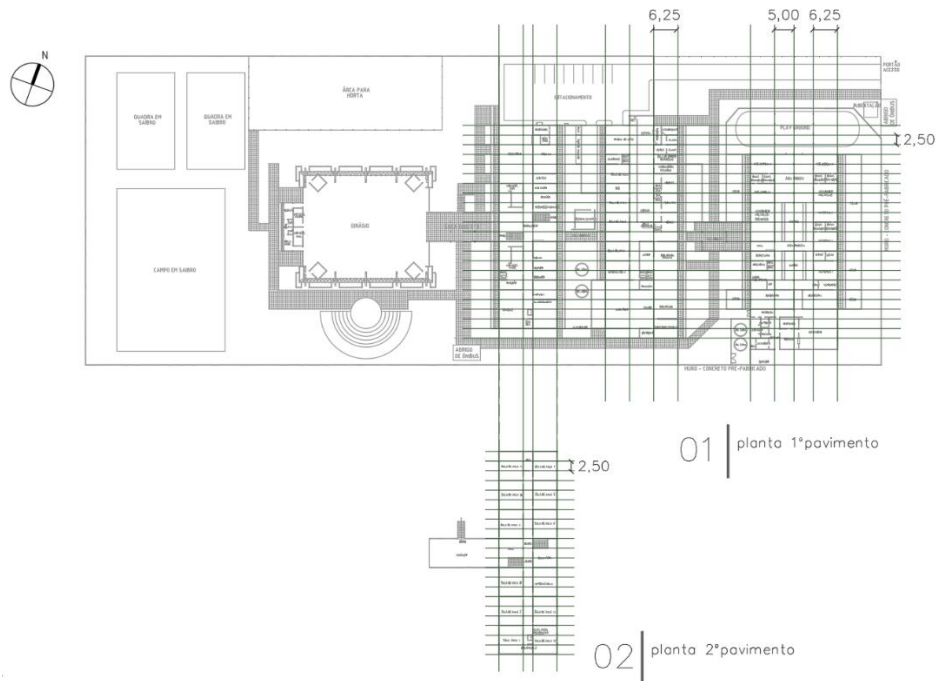


Figura 4.13 – Modulação em planta
Fonte: AUTOR, 2022.



Figura 4.14 – Eixos organizacionais em planta.
Fonte: AUTOR, 2022.

O módulo de fechamento vertical dos ambientes apresenta medidas de 2,50 metros, na horizontal, e 3,25 metros, na vertical. Esses painéis são formados por pilares e alvenaria de fechamento, quando voltados aos ambientes internos, e por pilares, alvenarias, esquadrias e toldos, quando voltados aos ambientes externos (Figura 4.15). A repetição desses elementos regulares organiza as formas e constitui ritmo visual.



Figura 4.15 – EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.
Fonte: AUTOR, 2022.

O bloco do ginásio (Figura 4.16) apresenta maior imponência hierárquica com o restante da edificação devido a sua forma trapezoidal e dimensões. A solução estrutural adotada, com pórtico de perfis metálicos que dão sustentação à cobertura, é aparente e dá a forma ao volume. O fechamento é realizado por vidros, na frente e fundos, por aberturas *shed* no topo da cobertura e por telhas do tipo calhetão nas laterais.



Figura 4.16 – Ginásio da EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.
Fonte: AUTOR, 2022.

Além do volume do ginásio, que tem um formato diferenciado em relação às outras edificações próximas, ou até mesmo do município de forma geral, fazem parte

da composição imagética da edificação as duas torres de reservatório de água potável presentes na edificação (Figura 4.17).



Figura 4.17 – EMEF Francisco Caruccio, abril de 2022.
Fonte: AUTOR, 2022.

No poema dos desejos, o ginásio também foi mencionado pelos alunos, como um dos espaços da escola pelo qual eles têm apreço. Observa-se que nem todos os alunos que fizeram menção ao ginásio através de desenho o fizeram da mesma forma. Uns alunos o desenharam muito parecido com a edificação real, com mesma forma e cores, enquanto outros simbolizaram através de uma forma quadrada com cores que não as existentes no prédio (Figura 4.18). A esse fato, atribui-se que os primeiros fizeram pela sua imagem e os outros pelas atividades desenvolvidas em seu interior.

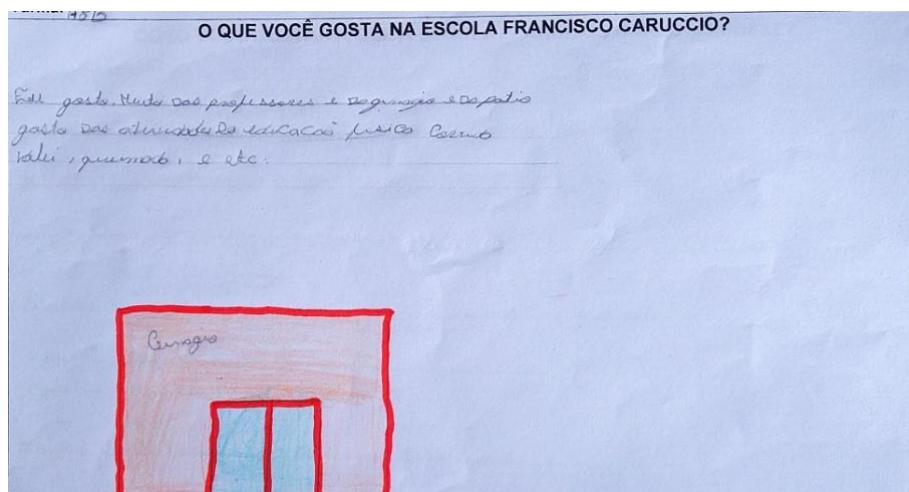


Figura 4.18 – Poema dos Desejos – A8B 3.
Fonte: Autor, 2022

As cores utilizadas originalmente na construção eram verde, amarelo, branco e azul, remetendo ao patriotismo vinculado com a proposta dos CAICs, em contraste com o cinza da argamassa armada, dos elementos estruturais não pintados (Figura 4.19). Porém, atualmente, na parte externa, as cores da edificação são as que identificam a maioria das escolas municipais na cidade azul, branco e cinza. Enquanto na parte interna, na EMEI Herbert de Souza é toda colorida com cores primárias e na EMEF Francisco Caruccio, segue as cores do brasão da escola, azul e branco.



Figura 4.19 – EMEF Francisco Caruccio, em setembro de 2009.
Fonte: Acervo da SMED, 2022.

A modulação e a organização propostas inicialmente não foram mantidas nas ampliações e reformas do edifício, havendo, dessa forma, uma nítida distinção entre

construção original e ampliações. Outro aspecto observado é que enquanto a EMEF Francisco Caruccio mantém muitos dos elementos que compõem a imagem da construção original, a EMEI Herbert de Souza fez adaptações e alterações em alguns deles.

Nesse sentido, na EMEF Francisco Caruccio apresenta duas intervenções significativas: foi construída uma cozinha externa, com espaço para churrasqueira, entre os dois blocos centrais da edificação (Figura 4.20) e houve o fechamento de alguns pontos de iluminação na cobertura (Figura 4.21).



Figura 4.20 – Cozinha externa construída na EMEF Francisco Caruccio.
Fonte: AUTOR, 2022.



Figura 4.21 – Acesso externo do auditório da EMEF Francisco Caruccio – detalhe para o fechamento dos *sheds* da cobertura.
Fonte: AUTOR, 2019.

Nessas intervenções observa-se a tentativa de manter uma linguagem arquitetônica semelhante àquela já utilizada na edificação, preservando suas características originais. Na primeira, foram instaladas esquadrias de mesmo modelo pivotante dos demais espaços, enquanto na segunda, ao invés de mudarem o tipo de cobertura, fizeram um fechamento de alvenaria cerâmica que fica oculto pela cobertura das aberturas. De acordo com um dos entrevistados, havia o desejo da direção da EMEF a manutenção da imagem escolar existente. Nas palavras dele:

“Eu acho que quando tu tens um modelo arquitetônico que foi construído, não é? Eu acho que tudo deve ser preservado.” E01

Na EMEI Herbert de Souza, na reforma de 2017, houve uma mudança na imagem da edificação com a instalação da cobertura metálica sobre as lajes e suas aberturas *shed*, substituição das esquadrias pivotantes por janelas de correr e o fechamento dos pátios internos com vidro. Na parte ampliada da construção, utilizou-se materiais construtivos distintos dos originais, tendo panos de fachada com reboco liso e esquadrias metálicas de correr com grades, não apresentando a padronagem de superfície provocada pelos painéis modulados utilizados anteriormente (Figura 4.22).



Figura 4.22 – EMEI Herbert de Souza – durante reforma em 2017 (e), após reforma em 2019 (d).
Fonte: SMED de Pelotas, 2019. Esquema do Autor, 2019

As modificações realizadas em partes da edificação contrastam com àquelas que se mantiveram com as características originais, seja pela diferenciação dos materiais e técnicas utilizadas ou na mudança da volumetria da construção. Dessa maneira, evidencia-se, a distinção entre as intuições escolares que atendem no prédio, as EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio, da mesma forma que apresenta uma diferença temporal com a construção originalmente proposta. Embora

haja distanciamento de identificação visual do programa original dos CAICs, causado pelas alterações de materiais e elementos construtivos, acredita-se que essas adaptações sejam evidências da necessidade dessas instituições, da utilização e apropriação da escola, havendo, portanto, indícios do sentimento de sentido de lugar em seus usuários.

4.1.1.4 Características técnicas-construtivas

O CAIC foi construído pela empresa Conesul Consórcios, sendo finalizado e entregue no ano de 1995 e inaugurado pelo Ministério da Educação no ano posterior. Os responsáveis técnicos pela construção foram os engenheiros civis Ricardo L. P. Nunes, André Loiferman, Reinaldo B. Leiria e Paulo R. R. Guedes, enquanto quem se responsabilizou por seu projeto arquitetônico, após a ruptura com o arquiteto João Filgueiras Lima, foi o engenheiro civil Rogério Knies, vinculado à empresa Promon Engenharia Ltda.

A partir da tecnologia construtiva adotada em elementos estruturais pré-fabricados em argamassa armada, obedecendo à modulação da planta, constituiu-se, exceto para o ginásio, um sistema construtivo racional de pilares, vigas e lajes (Figuras 4.23 e 4.24). Os espaços internos apresentavam originalmente cobertura em laje de argamassa armada com abertura zenital e elemento *shed* voltados ao eixo Leste-Oeste, paredes em alvenaria de concreto, janelas de aço do tipo pivotante e piso em pedra basáltica. No ginásio, o sistema construtivo se deu a partir do conjunto de elementos metálicos e em concreto armado, permitindo vãos livres na ordem de 25 metros. A modulação do projeto facilitou a racionalização da construção e a agilidade da obra. Uma das entrevistadas aponta a velocidade com que a escola foi construída:

“E foi tudo construído muito rápido, né. Tudo com bloquinho, né. Aqueles blocos prontos.” E05



Figura 4.23 - Construção do CAIC de Pelotas, em 1995.
Fonte: Acervo EMEF Francisco Caruccio, 2019.



Figura 4.24 – Sagüão EMEF Francisco Caruccio.
Fonte: AUTOR, 2019.

As paredes originais da construção são em bloco estrutural de concreto, com medidas de 19 x 19 x 39 cm. Os pilares têm medidas de 25 x 25 cm, com seção vazada para passagem de tubulações, enquanto as vigas têm seção calha, para coleta de água das chuvas, com largura de 20 cm e altura de 60 cm. A cobertura é formada por placas sobrepostas por telha do tipo capa-canal. A rede elétrica da edificação passa por eletrodutos inseridos nas vigas calha e escondidos por chapas metálicas. As redes de água e esgoto também ficam ocultas dentro da estrutura,

exceto pelas grelhas de drenagem, evidentes nos pátios das escolas. Não foi possível identificar o tipo de fundação utilizado.

A adoção de elementos pré-fabricados teve o intuito de diminuir os custos da construção, numa forma de ampliar o acesso à educação para mais estudantes. Entretanto, essa prática pode dificultar a manutenção do edifício, uma vez que não há conhecimento tecnológico de mão de obra, nem materiais, acessíveis, provocando a permanente deterioração do prédio. De acordo com todos os entrevistados, o projeto original dos CAICs e sua tecnologia construtiva, quando aplicados em Pelotas, apresentam inconsistências projetuais. Os ambientes abertos, o tipo de esquadrias e aberturas na cobertura e o fechamento das lajes provoca desconforto às pessoas que utilizam as escolas, em dias frios e, principalmente, chuvosos. Nas palavras dos entrevistados:

“Porque se a gente for analisar o tipo de ginásio e o tipo de aberturas que o CAIC tem, para o Rio Grande do Sul não é o ideal.” E01

“Ai, aqui [na EMEI Herbert de Souza] no inverno é muito frio. Muito frio no inverno e muito calor no verão.” E02

“Então, em todas as chuvas, entrava água na porta de todas as salas da escola [EMEI Herbert de Souza], porque ficam voltadas pra esse pátio. Em dia de temporal, entrava água em todas as salas.” E04

“Isso não tem fundamento, em dia de chuva essa água vinha toda aqui pra dentro. E um frio danando no inverno. Eu fico impressionada, como essa escola funcionou por 15 ou 16 anos no inverno com isso aberto! Era muito frio! [na EMEI Herbert de Souza]” E04

Tendo em vista os relatos de desconforto para com a edificação, nota-se que a reforma de 2017, que mudou a imagem do ambiente a edificação, se distanciando das referências aos CIACs, foi realizada para sanar problemas construtivos e projetuais além de ampliar o programa de atendimento da EMEI Herbert de Souza. Embora a reforma tenha desconsiderado a identidade do prédio, ela foi vista como positiva pelos entrevistados, pois era considerada muito necessária.

A reforma ocorreu só nos ambientes da EMEI Herbert de Souza. Na parte existente, foi realizada adaptações voltadas à acessibilidade com instalação de barras

auxiliares, abertura de vãos em portas e janelas, foram feitas pintura interna e externa e instalação de forro no teto dos ambientes. A parte ampliada foi construída com alvenaria cerâmica de tijolos furados, com paredes externas de 25 cm e internas de 15 cm de espessura, elementos estruturais de pilares, vigas e lajes em concreto armado, fundações rasas de sapatas, também em concreto armado. Os revestimentos das paredes foram feitos com emboço, reboco e pintura. Foi instalado novo sistema de cobertura, com estrutura metálica do tipo treliça e telhas de liga de alumínio, aço galvanizado e zinco sobre toda EMEI, tanto na parte existente quanto nova. Na fala de duas entrevistadas:

“[Sobre a reforma da EMEI Herbert de Souza] Tipo a cobertura da praça, ali, em dia de chuva as crianças não tinham onde brincar porque não tinha cobertura. Acho que o acesso ficou melhor, até mesmo parra as crianças. O saguão aqui mesmo era uma loucura quando chovia, era uma cachoeira, hoje não. Dá para as crianças brincarem tranquilo quando o tempo tá ruim.” E02

“Com essa reforma colocaram forro de pvc em todas as salas e banheiros, eu acredito que sem o forro, nessa escola, pra fazer a hora do soninho, deveria ser assim, como posso dizer, um horror! Porque o teto ia ficar muito alto e nosso inverno é muito rigoroso.” E03

Os mesmos problemas de infiltrações de água da chuva, relatados pelas entrevistadas da EMEI Herbert de Souza, ocorrem na EMEF Francisco Caruccio. No entanto, por causa da diferença de gestão de recursos financeiros, o qual para a EMEI é realizada pela prefeitura municipal e na EMEF é realizada pela escola com verba própria, de origem no Fundo Nacional de Desenvolvimento para Educação (FNDE), as intervenções na EMEF Francisco Caruccio tendem a ser menos impactantes e significativas, pois se tem menos recurso financeiros para investir. Na prática, no caso das goteiras, essa diferença aparece na fala do entrevistado da EMEF Caruccio, que relata execução de impermeabilizações na cobertura, enquanto na EMEI houve a instalação de novo telhado:

“Como por exemplo a questão das goteiras, eu impermeabilizo, eu coloco manta asfáltica.” E01

As reformas do espaço escolar não aconteceram para mudar a imagem da edificação, mas sim para sanar patologias construtivas e falhas projetuais, como no

caso das goteiras do telhado e na abertura dos pátios internos da EMEI Herbert de Souza. A utilização de uma tecnologia pré-fabricada, produzida em escala industrial, dificulta que empresas de pequeno porte e diferentes daquela que construiu originalmente o prédio prestem serviços de manutenção e reparo na construção. Dessa forma, é quase inevitável a mudança dos materiais construtivos e, por consequência, da imagem original do prédio para algo mais próximo à realidade local de onde a edificação está inserida.

4.1.2 A percepção sobre o projeto padrão

Esse subitem foi desenvolvido a partir dos dados coletados dos métodos de observação, entrevistas semiestruturada e poemas dos desejos. Esses dados estão relacionados com a crítica ao projeto de arquitetura padrão de Frampton (1975; 2003), Gaite (2003), Kowaltowski (2013) e Páscoa (2008).

Referente ao projeto de arquitetura padrão das escolas objeto de estudo, a primeira constatação realizada foi de que a escala monumental do edifício, o amplo programa de necessidades e sua imagem e forma estavam vinculados a um programa nacional de educação pública, através do posicionamento em um local de visibilidade, das dimensões e das cores da edificação, mesmas da bandeira nacional, e da placa de inauguração da escola e do conhecimento de outros iguais em outras cidades brasileiras.

Cinco pessoas, das seis entrevistadas, têm conhecimento de que esse prédio havia sido parte de um programa federal e tem a arquitetura oriunda de um projeto padrão, com edificações iguais em outras localidades do estado. Percebe-se que ter feito parte desse programa federal, de alguma forma, mostra às pessoas que elas estão protegidas e são acolhidas pelo Estado. Há, inclusive, tom de orgulho na fala de um dos participantes, por fazer parte desse programa. Mesmo sabendo que a escola nunca atendeu como CAIC ela continua sendo chamada pelas pessoas da comunidade assim, havendo diferenciação somente quanto às partes da construção que funcionam como EMEI Herbert de Souza ou como EMEF Francisco Caruccio. Na fala dos entrevistados:

“Na nossa cidade é o único CAIC, único que tem este modelo arquitetônico.”

“Em Rio Grande e em Bagé eu sei que tem né! Eu já vi em reportagem, tem uma colega minha que mora lá no bairro que trabalha no CAIC e tu sabe que, assim, as cores são como aqui na escola eram também. Verde com amarelo, e até hoje tem um pouco, olha ali, no verde. As grades são verdes, é. Ela me mostra fotos e aí eu vejo e lembra muito aqui. O prédio é igual.” E06

A única entrevistada que não sabia que a escola tem arquitetura de projeto padrão, no entanto, durante a entrevista chamou a escola de “escola modelo” e “escola exemplo”. Ainda que a entrevistada não tenha mencionado a arquitetura padrão, observa-se a ideia do padrão como “exemplo” que deve ser seguido, principalmente enquanto conduta dos habitantes do espaço. Percebe-se satisfação na entrevistada em fazer parte dessa “escola exemplo”. Na fala dela:

“Porque, tipo assim ó, a gente sai lá na rua e as pessoas comentam da escola modelo, todo mundo fala. Muito bom a gente ouvir que é uma escola modelo, que é uma escola exemplo, porque é uma escola maravilhosa.” E02

O fato de o prédio ter projeto padrão não afastou a comunidade do ambiente construído, nem impediu que o espaço fosse utilizado e apropriado. No entanto, ainda que pertencer a um programa de projeto padrão seja apreciado por seus funcionários, alunos e moradores da comunidade, como foi visto nas entrevistas e no poema dos desejos, nota-se que as manifestações patológicas do prédio, os motivos de desconforto dos usuários e sua implantação não planejada foram causados pela padronização do projeto, não pela falta de qualidade projetual ou construtiva.

Os entrevistados percebem que a utilização de um projeto de arquitetura sem adequações ao local onde está sendo inserido prejudica o ambiente e que, no caso do objeto de estudo, isso provocou inconsistências em relação ao contexto climático local e à implantação no lote. Nas palavras de uma das entrevistadas, ela relaciona os problemas da EMEI Herbert de Souza com outras escolas de projeto padrão que existem no município de Pelotas, instaladas após a década de 2010.

“É como o Proinfância [outro projeto padrão em âmbito nacional do início dos anos 2010], isso não tem fundamento, parece que é feito só pro Nordeste. Tudo aberto também [...]” E04

Referente à posição da escola no lote, um dos entrevistados da EMEF Francisco Caruccio comenta o seguinte:

“[Quanto ao posicionamento da escola] eles [alunos e funcionários] têm um lamento muito grande, né? Porque à frente da escola, a rua nunca foi aberta, né? Ela é um mato. A gente entra pelo fundo. Então arquitetonicamente ela parece até feia, porque tu entra pelos fundos, né? Então ela tem uma estrutura de fundos.” E01

Nota-se que o entrevistado conecta ao projeto padrão a implantação equivocada da edificação, e percebe isso como um aspecto negativo que traz como consequência perda de identificação com a estética da escola, além de perder funcionalidade nos acessos principais do prédio.

A implantação da construção voltada para uma rua inexistente, as infiltrações originadas na cobertura, os pátios e circulações internas sem fechamento, a dificuldade de reposição de elementos de em argamassa armada pré-fabricados ou ausência de mão de obra para manutenções nesses elementos são problemas causados na instalação do projeto no local estudado, não na fase projetual. Esse mesmo projeto pode funcionar muito bem em outra localização, que não tenha as mesmas características de Pelotas. Observa-se, no estabelecimento do projeto padrão estudo de caso, a desconsideração com as particularidades locais, conforme apontado nos argumentos de Frampton (1975; 2003), Gaite (2003), Kowaltowski (2013), Modler, Rheingantz e Azevedo (2017) e Páscoa (2008).

O posicionamento da escola na urbe priorizou questões de visibilidade e destaque perante o conforto e a facilidade de acesso, confirmando os apontamentos de Azevedo, Bastos e Blower (2007, p. 63) e repetindo o colocado por Faria Filho (1998) a respeito dos Grupos Escolares, enaltecendo a forma do ginásio. Essa alteração no acesso do edifício muda o planejamento de fluxo horizontal e a referência visual da entrada principal do prédio, conforme definido pelo projetista.

Contudo, reitera-se que os participantes da pesquisa têm estima e apreço pelo projeto padrão, pois ele é visto como uma ferramenta de acolhimento e desenvolvimento da comunidade local. Apesar da imponência da imagem dos CAICs, sua relevância é fortalecida pelo programa de necessidades que, conforme já apontado anteriormente, apresenta amplo espectro de atendimento cultural, social, sanitário e pedagógico. A consolidação do projeto padrão ocorre através do programa

da edificação, que poderia ser replicado em qualquer localidade, porém com materiais construtivos e projeto de arquitetura diferentes entre si.

“Acho que funciona, o que eu entendo do CAIC, por exemplo, se meu filho precisasse de atendimento dentário, teria um consultório ali dentro. Isso pode acontecer em qualquer estado, sala de aula, esse tipo de atendimento. Ia funcionar igual.” E05

“Eu acho que quando tu tens um modelo arquitetônico que foi construído, não é? Eu acho que tudo deve ser preservado. [...] Talvez não fosse o modelo melhor pra região sul do Brasil, mas ele tá aqui. Ele vem fazendo seu papel arquitetonicamente ao longo dos anos. [...] Não existe nada, nesse modelo arquitetônico do CAIC, do Caruccio, que impeça eles de terem uma boa aula.” E01

“[Ao ser questionada: O padrão é uma coisa ruim?] De modo algum!” E06

Percebe-se que os professores e funcionários das escolas que atendem no prédio do então CAIC comparam essa construção com outras escolas do município, que possuem infraestrutura menor e simplificada. O fato de as escolas estudadas apresentarem maior robustez, amplitude no programa de necessidades e atenderem maior número de alunos é motivo de orgulho e representação por partes dos usuários do prédio. Esses atributos estão relacionados com o projeto padrão.

A partir das falas dos entrevistados, nota-se que as pessoas se apropriaram do projeto padrão, porém se adaptando a ele. Os aspectos negativos da construção estariam vinculados a como o padrão foi utilizado e não à má qualidade do projeto. Os CAICs tiveram o objetivo de acolher e fornecer instrumentos para o desenvolvimento de comunidades carentes nos municípios do Brasil. Em Pelotas, mesmo alterando partes do programa original, esse objetivo está sendo alcançado com as EMEI Herbert de Souza e EMEF Caruccio. As entrevistas e os poemas dos desejos mostraram a relevância do projeto padrão, através de seu caráter assistencial, para o desenvolvimento da comunidade local, mesmo com suas inconsistências, que podem ser superadas com a adaptação do projeto.

4.1.3 A formação do lugar escolar de projeto padrão

Esse subitem foi realizado com os dados coletados nos métodos de observação, entrevistas semiestruturadas e poema dos desejos. Esses resultados

estão relacionados com a consolidação do sentido de lugar, de Shamai (1991), com a identidade cultural, de Gutiérrez (1989) e Waisman (1985), com as dimensões do lugar, de Castello (2007) e Cavalcante e Elali (2011), e envolvem a formação do lugar escolar nas escolas objeto de estudo de caso. São apresentadas as constatações realizadas, referentes às dimensões física, simbólica, funcional e relacional do lugar.

4.1.3.1 Transformação do espaço em lugar

No estudo de caso nas EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio pôde-se observar que a transformação do espaço em lugar ocorre com base no entrelaçamento das dimensões do lugar. Entretanto, antes de apresentar como as pessoas veem essas dimensões, será apresentado evidências de que esse espaço é considerado lugar pelas pessoas que o vivenciam.

O primeiro aspecto observado dessa transformação foi a adaptação do espaço, seja na reforma EMEI Herbert de Souza, e 2017, com a ampliação do espaço, alteração de sistema de cobertura, mudança do tipo de esquadrias, ou com intervenções menores na EMEF Francisco Caruccio, com impermeabilização das lajes, instalação de nova cozinha e plataforma elevatória. Nota-se, nessas adaptações, (i) movimento de distanciamento à imagem original do CAIC, para um referencial imagético mais comum à região, com edificações com telhado de duas águas, paredes em alvenaria cerâmica rebocada e esquadrias de correr e (ii) tentativa de melhorar a experiência escolar com a solução de problemas do projeto padrão, como as goteiras, o tipo esquadrias e aberturas *shed*, ambientes abertos. A insistência em tentar melhorar o espaço mostra sua importância. Na fala de um funcionário da EMEF Francisco Caruccio:

“Eu tento fazer com que todas essas dificuldades arquitetônicas sejam amenizadas, né?” E01

“Antes da reforma [da EMEI Herbert de Souza] eu me lembro que não era muito agradável [...]. As paredes não eram bem pintadas, não era um espaço cuidado. [...] Imagina a criança olhar, assim, um lugar bagunçado e não vai ter vontade de cuidar nem de estudar né. Já depois da reforma eu gostei. Achei tão bonita...” E06

Percebe-se, com base na interação com os alunos da EMEF Francisco Caruccio, o desejo que eles têm de manter a escola em funcionamento adequado,

propondo reformas e manutenções no edifício, como em pintura e troca de equipamentos inutilizados. Essa vontade fica explícita no poema de uma aluna que, a respeito do ginásio, aponta:

“[...] precisa de iluminação, lá está tudo velho e precisa de reformas” A8B 10.

As alterações e transformações do espaço são indícios de sua apropriação é um processo contínuo. A cada transformação que o espaço se aproxime mais dos usuários sua apropriação aumenta e o vínculo pessoa-ambiente é fortalecido. De modo que, mesmo com as inconsistências no ambiente, oriundas do uso não planejado do projeto padrão, relatadas no subitem 4.1.2, os participantes da pesquisa mostraram apreço pelas escolas estudadas. Nas falas deles:

“Então eu acho que o prédio em si é muito bom.” E01

“E eles [alunos e funcionários] têm carinho pela escola. Eu te provo isso a qualquer momento. O meu aluno, ele não anda de bicicleta nas dependências internas da escola. Se ele precisa sair mais cedo e o portão de saída tá fechado, ele sai pelo portão social. E eles levantam a bicicleta e levam até o portão de saída nos braços, porque a escola é encerada e eles não sujam, com o pneu, o chão da escola.” E01

“[...] eu gosto de toda escola [EMEF Francisco Caruccio].” A8B 6

“Eu gosto muito da escola, [...] eu gosto muito daqui [EMEI Herbert de Souza].”
E03

“Se eu fechar os olhos... eu penso que aqui [EMEF Francisco Caruccio] pra mim é tudo. É minha segunda casa. E penso que assim como é pra mim, é pros alunos também. Aqui é o nosso trabalho e a gente tá num local que a gente gosta. Eu tenho certeza também que os alunos gostam de estar aqui. Sentimento de muito afeto.” E06

A apropriação do espaço e o apego à escola ficam evidentes na fala dos participantes da pesquisa, assim como nos corredores e salas de aula das instituições. Nos saguões de entrada e circulações da EMEF Caruccio são expostos painéis com a história do educandário, fotografias de festividades comemorativas de aniversários de 50 e 75 anos da escola e trabalho dos alunos. Na EMEI Herbert de Souza, há exposição dos trabalhos das crianças, murais pintados com temas infantis, além de acessórios pendurados nas salas de atividades, como balões e móveis (Figura 4.24). Essas manifestações podem ser consideradas vestígios da territorialidade do lugar.



Figura 4.25 – Índícios de apropriação na EMEF Francisco Caruccio (esquerda e centro) e EMEI Herbert de Souza (direita).
Fonte: AUTOR, 2019

Conforme aponta Shamai (1991), percebe-se que o sentimento de apego das pessoas pelo ambiente escolar analisado é o resultado de um fluxo de sensações, que percorre identificação, representação, apropriação e engajamento pelo lugar. Exemplo disso é o caso de uma das entrevistadas que inicialmente não se identificou com a escola e atualmente, após as reformas, a movimentação e a ação no espaço e a interação com o pessoal da comunidade, possui vínculo positivo com o lugar. Na fala da entrevistada:

“Só pensava, bah ‘que escola bem feia!’. [...] Isso aqui era horroroso, um cinza, mal pintado, a estrutura toda cheia de lata na volta. Era um horror, ver essas latas verdes aí. Tudo velho! Agora tá tudo novo, tudo pintado. O que eu ia fazer, deixar cinza de novo? Não! Vou deixar tudo bem colorido! Graças a Deus o pessoal da manutenção foi perfeito, eu só dizia “vamos botar mais amarelo pra clarear” porque se a gente botasse muito azul ou vermelho eu tinha medo que ficasse muito escuro. Essa escola é muito grande. E pintamos bem colorido. Gostei muito! Eu me lembro que quando eu vim aqui a primeira vez a Idilis só dizia “que horror!” e agora essa entrada chama muita a atenção. Tem esses desenhos!” E04

Essa fala também exemplifica o argumento, de Castello (2007) e Cavalcante e Nóbrega (2011), de que para o espaço tornar-se lugar é necessário haver interação do indivíduo com o ambiente, com autonomia para alterar o espaço conforme sua vontade. Levando em consideração as ideias de Pol (2003) e Shamai (1991), entende-se que as intervenções não ocorreram por causa da falta de sentido de lugar e sim em função dele.

As pessoas percebem que a arquitetura do prédio das EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio é diferente das demais construções do bairro e município, seja por causa de sua forma ou em razão dos ambientes diferenciados que a escola proporciona. Entretanto, em oposto ao que foi pensado nos momentos iniciais dessa pesquisa, de que essa distinção seria um ponto negativo, que ligada ao projeto padrão pudesse causar alguma ruptura identitária nos indivíduos, percebe-se que o ambiente foi apropriado e essa diferença fortaleceu a identidade local. Relacionando com os argumentos de Gutiérrez (1989) e Waisman (1985), se por um lado o CAIC não causou a ruptura identitária esperada, por outro houve a criação de uma nova identidade cultural, após sua implementação. Nas palavras de uma das entrevistadas:

“Eu acho que todo mundo ficou muito feliz em ter essa baita estrutura da escola [do prédio que seria o CAIC] aqui dentro do bairro.” E05

“Uma baita escola [antes da divisão, ainda como CAIC], né, todo mundo só comentava disso, que era baita prédio. Ninguém acreditava que ele tava sendo construído dentro do bairro, né. Uma estrutura incrível. [...] Todo mundo ficou encantado. Com a construção. Com tudo. Ficou muito legal.” E05

As intervenções nas escolas não foram realizadas de maneira a subverter um modelo imposto, pois, subversão implicaria na presença de sentimento de revolta e, no estudo de caso, não foi identificado esse tipo de sentimento. As intervenções foram realizadas de modo a tornar as escolas mais adequadas à comunidade em que foram inseridas, como reflexo de apropriação e apreço pelo lugar.

A participação da comunidade junto às escolas mostra que o sentimento de representação e apego ao lugar escolar é estendido para além dos alunos e funcionários, incluindo os moradores do Pestano. A iniciativa das escolas de abrirem suas portas à comunidade, fortalece a participação e o surgimento desses sentimentos positivos. Na fala de uma das entrevistadas:

“As mães vinham muito [nas comemorações da EMEF Francisco Caruccio]. Mais mães do que alunos. Tinha futebol também. O pessoal se integra. Quando tem projetos assim o pessoal vem. Porque sabe que isso é bom. [...] Por isso é bom ter essa estrutura. Não poderia ser uma escola pequena, teria que ser uma escola grande. Com certeza, para trazer as pessoas pra cá.” E06

“[...] a gente tem projetos que se finalizam num sábado, aí os pais, a família e a comunidade vêm ver a produção dos alunos. Isso é tão importante, eles adoram! Por exemplo, a feira de ciências. É um desses momentos, o pessoal faz as suas experiências e aí nesse sábado a comunidade, toda família vem prestigiar. Temos também feira do conhecimento, não só de ciências, mas cartazes, banners, esculturas de educação artística e os pais vêm e participam. A nossa festa junina é maravilhosa! Os pequenos dançam, os alunos dos anos iniciais apresentam a quadrilha, o pessoal da cozinha faz comes e bebes, tem apresentação. Junta muita gente, é uma troca muito legal! Com a comunidade é muito bom. O pessoal vem todo, é muita, muita gente!” E06

De acordo com os entrevistados, a participação comunitária acontece, pois os gestores das EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza têm uma relação de diálogo com as famílias dos alunos e com as lideranças do bairro, incluindo proprietários de mercados e locutores de veículos de comunicação, o que aproxima até os moradores locais que não têm envolvimento direto com as instituições. Essa interação com a comunidade para além dos muros escolares, mostra que há engajamento e dedicação pelo lugar por parte dos diretores das escolas.

“Olha, eu quando vim trabalhar aqui como interventor eu fui visitar todas as lideranças do bairro, como fui... todas, e quando eu digo todas se subentende lideranças boas e lideranças ruins. [...] nem todas as lideranças são positivas e vocês sabem disso, tu sabes disso, né? Então tu tens que conversar com todos. Assim como fui nos estabelecimentos comerciais me apresentar e etecetera.” E01

“[...] a gente tem aqui de conversar muito com as mães, com a comunidade.” E04

Os resultados do estudo mostram que o projeto padrão impõe um ideal aos seus usuários, o que provoca inconsistências com a realidade cultural da comunidade local. Para superarem essas inconsistências e para que ocorra correspondência entre as pessoas e o prédio, os usuários da edificação acabam tendo que fazer adaptações no ambiente construído. Entretanto, foram essas adaptações que permitiram o pleno uso e do ambiente escolar, nas EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza, resultando em sentimentos de apego e apreço pelo lugar. A transformação do espaço

e sua caracterização conforme os desejos e necessidades de seus habitantes consolidaram o lugar escolar.

4.1.3.2 Dimensão física

A dimensão física do lugar se forma na identificação do ambiente como referência imagética e está vinculada à projeção mental do espaço para o indivíduo. Desta maneira, com base nas entrevistas e poemas dos desejos, as características que configuram essa dimensão do lugar para os alunos e funcionários da EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio são: imponência e escala do prédio; forma trapezoidal do ginásio; esquadrias pivotantes; coberturas em *shed* na EMEF Francisco Caruccio e telhado de duas águas na EMEI Herbert de Souza; pátios internos na EMEI Herbert de Souza; torres do reservatório da EMEF Francisco Caruccio.

A monumentalidade e a linguagem arquitetônica do prédio, com seus elementos pré-fabricados em concreto armado, são relevantes tanto para seu entendimento enquanto referência como para o imaginário físico do lugar. No entanto, a forma, a escala, os materiais e as texturas utilizadas podem remeter o observador a algo distante de uma edificação escolar. Nas palavras de uma das entrevistadas, ela identifica referências industriais na volumetria da escola e a escala monumental do edifício potencializa essa percepção.

“O ginásio e aquela parte de lá [torres de reservatório] parecem até silos de arroz.” E03

“A gente não sabe se é escola, se é uma fábrica, o que é. Tem uma arquitetura muito diferente, né, daqui. [...]. É uma arquitetura bem diferente das escolas que a gente tá acostumada a ver por aqui.” E03

Entretanto, ainda assim há admiração dos entrevistados pela estética da edificação, conforme percebe-se nas palavras deles:

“Um prédio imponente, um prédio grande [...]”. E01

“Tu sabe que não tem uma pessoa, a gente cuida muito isso, que não diga quando entra aqui ‘Que lindo esses pátios de vidro! Que lindos esses pátios internos!’. A escola é chique! É chique!” E04

“Olha, eu sou apaixonada por aquela estrutura [EMEI Herbert de Souza]. Ainda mais agora, queria aquele colorido por tudo! Adoro aquela escola! Antes da reforma ela já era linda, né! Ela sempre foi assim, ela sempre foi um prédio que chamou muito a atenção. Muito bonito. [...] Eu adoro aqueles pátios! Os aquários [pátios internos fechados com vidro] eu acho lindos!” E05

Nessa última fala, nota-se a satisfação da entrevistada com um dos aspectos mudados na reforma de 2017 da EMEI Herbert de Souza. A entrevistada fez uma alusão dos pátios fechados com vidro a aquários, pois as crianças podem ficar brincando enquanto são observadas à distância. Segundo os entrevistados, as intervenções feitas na escola acrescentaram valor à imagem do prédio. Mesmo que as reformas tenham sido realizadas para sanar problemas projetuais e construtivos, a nova imagem da edificação fortaleceu a dimensão física do lugar para seus habitantes.

“Eu acho que foi muito interessante assim. [A reforma da EMEI Herbert de Souza] chamou a atenção do pessoal. O pessoal ficou bem satisfeito [com o telhado novo].” E03

Levando em consideração os poemas dos desejos, os alunos também percebem a monumentalidade e as dimensões da escola como referência imagética do lugar (Figura 4.25). Nota-se, no poema apresentado abaixo, que a aluna não só representou o formato diferenciado do ginásio, com suas cores e texturas, como também o desenho ocupou quase todo espaço disponível na folha de atividade, evidenciando sua monumentalidade. Em outro poema, uma aluna mencionou que “gosta bastante do tamanho do colégio” A8A 5.



Figura 4.26 – Poema dos desejos – A8B 10.
Fonte: Autor, 2022

Outro aspecto existente no imaginário dos alunos, referente à EMEF Francisco Caruccio, é que ela representa um ambiente tecnológico, por causa dos computadores e da possibilidade de acesso à rede de *internet* (Figura 4.26). Embora essas tecnologias estejam relacionadas às atividades de aula de informática, por exemplo, e possam compor parte da dimensão funcional do lugar, o ambiente tecnológico representa também parte da dimensão física e imagética do lugar.

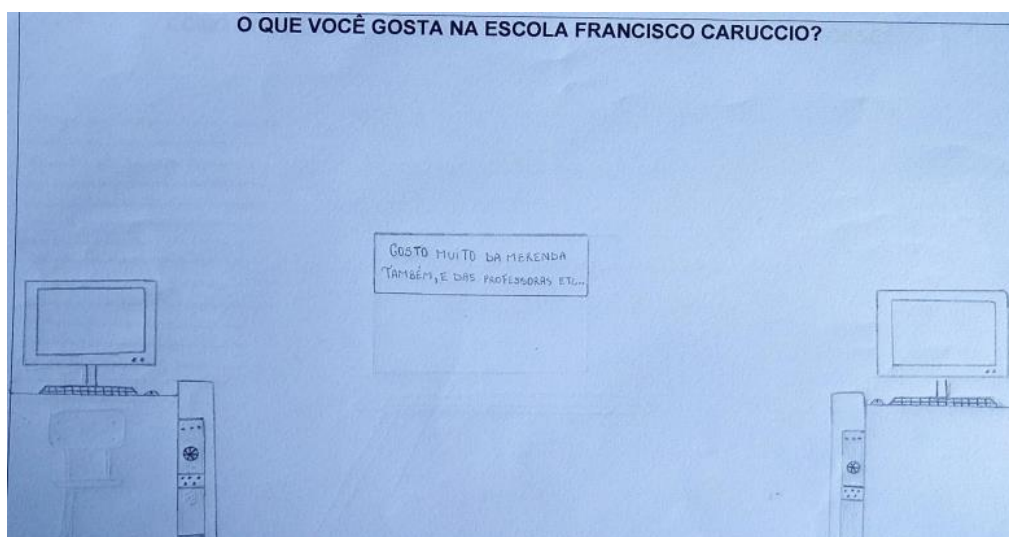


Figura 4.27 - Poema dos desejos – A8B 7.
Fonte: AUTOR, 2022.

Pensa-se que a estima pela monumentalidade e pela linguagem arquitetônica do projeto se relaciona com o sentimento de acolhimento provocado pela implementação do projeto padrão na localidade, conforme mencionado no subitem

4.1.2. A linguagem arquitetônica em elementos pré-fabricados remete a industrialização, desenvolvimento e progresso, ao passo que a escala monumental do projeto remete à abrigo, segurança e visibilidade. Da mesma forma, o contato com computadores e equipamentos de tecnologia também implicaram na formação imagética de um ambiente tecnológico, o que dialoga com o caráter assistencial das escolas do estudo de caso, uma vez que talvez nem todos os alunos possuam computador e rede de *internet* em suas casas.

Há, na referência imagética dos participantes da pesquisa sobre as EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio, uma representação que articula grandiosidade com acolhimento, tecnologia com ensino e cultura com desenvolvimento comunitário. Embora tenha sido visto que as características técnicas-construtivas adotadas para o projeto padrão utilizado não se adequem totalmente às características locais de Pelotas, nem que a implantação das escolas tenha sido feita da melhor maneira possível, os participantes da pesquisa têm uma boa referência imagética do lugar escolar.

4.1.3.3 Dimensão funcional

A dimensão funcional está relacionada à função que o prédio tem para seus habitantes. Dentre os participantes da pesquisa, a dimensão funcional foi a dimensão encontrada de maneira mais expressiva no estudo de caso. Pensa-se que o motivo disso é o caráter assistencial do programa de necessidades das escolas, que é muito significativo para a comunidade escolar e para o Pestano.

As EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza desempenham duas funções principais que se conectam e relacionam: a primeira trata das escolas como local de ensino e aprendizagem, enquanto a segunda se refere a elas como ferramenta de acolhimento e desenvolvimento social. É claro que abrigar atividades de ensino e aprendizagem já implica em desenvolvimento, no entanto o programa das edificações possibilita o contato da comunidade escolar com atividades culturais e desportivas, de modo que essas atividades potencializam essa segunda função das escolas. Na fala dos participantes da pesquisa:

“A gente ensina rotina, amor, carinho, cuidado, pra criança. Isso é muito importante.” E04

“Porque ela [EMEF Francisco Caruccio] é uma escola que dá oportunidades, bastante oportunidades, tem uma estrutura muito boa que dá para os alunos aproveitarem muito. [...] então a escola dá oportunidade, recursos para aqueles alunos que talvez não tenham poder aquisitivo [...].” E06

“[Eu gosto do ginásio] porque é lá que a gente brinca e faz coisas diferentes.”
A8B 3

“[...] eu já sei do que eu gosto, que é da quadra e da biblioteca. Que é onde a gente pode fazer outras atividades.” A8B 9

Além desses pontos, outro fator que impacta de maneira positiva na vida dos estudantes das EMEI Herbert e Souza e EMEF Francisco Caruccio é o fornecimento de merenda. A alimentação escolar é garantida por lei (BRASIL, 1996; 2009) e é oferecida a todos os alunos das instituições. A merenda escolar é instrumento de acolhimento e desenvolvimento, fazendo parte do sistema de educação, não só nas escolas estudadas, mas em toda escola pública. De acordo com os alunos:

“[Eu] gosto muito da merenda” A8B 7

“Eu gosto do recreio e da merenda. [...] A comida do colégio é boa.” A8A 6

“[...] [eu] gosto de poder merendar na escola e a merenda é boa.” A8A 7

Na concepção dos alunos da EMEF Francisco Caruccio, a dimensão funcional da escola é composta: pelas atividades de merenda, recreio e educação física; pela possibilidade de aprendizado que o ambiente escolar proporciona e pelos passeios culturais que eram realizados esporadicamente, em períodos anteriores à pandemia de Covid-19 (Figura 4.27). A partir dos poemas dos desejos, os alunos ainda demonstraram a vontade de ampliar as atividades realizadas na EMEF Francisco Caruccio. Foram mencionados o interesse de desenvolvimento de aulas de música, técnicas agrícolas, robótica e informática.

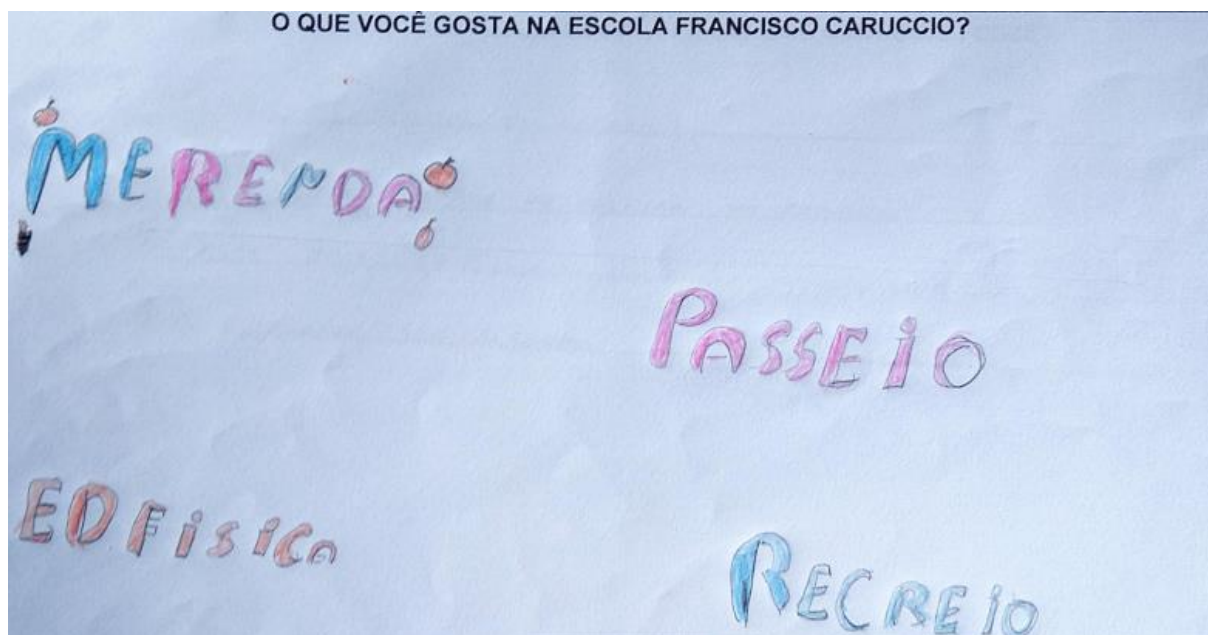


Figura 4.28 - Poema dos desejos – A8B 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

Contudo, de acordo com os entrevistados, as escolas apresentam uma terceira função: a de ser um local seguro para pais deixarem seus filhos enquanto trabalham. Embora seja muito importante prover autonomia para as pessoas poderem exercer suas atividades profissionais e deixarem seus filhos em local seguro e acolhedor, essa é uma visão que restringe a importância do ambiente escolar na vida de uma criança e limita a atuação da escola como ferramenta de desenvolvimento. Na fala de uma das pessoas entrevistadas essa situação é enfatizada, sendo realidade comum nas escolas públicas de educação infantil do país.

“A principal função da escola de educação infantil, infelizmente, é a função de deixar a criança pra se poder ir trabalhar.” E03

Pode-se afirmar que as escolas estudadas estão relacionadas com o desenvolvimento socioeconômico e cultural do Pestano. Porém, há, entre os participantes da pesquisa, o desejo de que a EMEF Francisco Caruccio tivesse oferecimento de atividades mais impactantes nesse sentido, tal qual seria com o programa original dos CAICs. De acordo com os dados coletados no estudo, percebe-se que há a demanda por cursos de capacitação profissional de jovens alunos e seus responsáveis. Tais atividades ampliariam o caráter assistencial da escola à comunidade local. Na fala dos participantes da pesquisa:

“Tu capacitar o jovem dentro da comunidade, capacitar as mães. [...] la dar forma pra pessoa sair de uma dependência.” E05

“[eu gostaria] que tivesse tipo bolsa pra esportes e incentivo pra coisas assim, tipo pra música também, vôlei e tal.” A8B 8

Dessa maneira, constata-se que a dimensão funcional da escola é constituída em dois tempos: um imediato, de modo que a necessidade do usuário e da comunidade é satisfeita naquele instante, com o ensino e a merenda, por exemplo, e outro de longo prazo, em que o benefício das atividades culturais, desportivas e de capacitação profissional seria percebido não durante a realização da atividade, porém posterior a ela.

Apesar da relevância da dimensão física para a formação do lugar, entre os participantes da pesquisa, percebeu-se que ela está quase sempre atrelada e submetida à dimensão funcional. É como se os participantes da pesquisa intuíssem o questionamento do que prevalece em importância no prédio das escolas, a forma ou a função, e respondessem, de acordo com a opinião deles, pela segunda alternativa. De maneira que a atividade que o espaço permite executar tem maior relevância do que a imagem desse espaço. Há o estabelecimento hierárquico da dimensão funcional sobre a dimensão física do lugar, pelo menos com os participantes da pesquisa no estudo de caso.

“[...] acho que as mães veem mais a função do prédio do que a estrutura. [...] Acho que independentemente do tamanho ou da forma do prédio, o que a comunidade mais valoriza aqui é a função.” E03

“Para a escola funcionar bem, pra que possa atender todos bem, pra que tudo funcione redondinho, não depende só do prédio, da arquitetura do prédio. A gente quer atender bem. Claro que a estrutura facilita bastante, a função, a nossa função. [...] A estrutura tem diferença? Tem. Mas a função se sobrepõe. Pra nós, a estrutura é mais importante que pras mães. Pras mães a função é mais importante. É a garantia de poder deixar o filho. Pra nós a estrutura é mais importante pra gente poder fazer nosso trabalho. E pra criança faz diferença nosso trabalho bem-feito.” E03

“[...] não é o espaço em si que é importante, é como tu trabalha nele, é tu fazer o bem com ele.” E05

Há a percepção de que o ambiente é constituído pelo espaço construído e pelas pessoas que o habitam, que realizam suas funções e fazem a escola funcionar. Há a ideia de que a estrutura física deve atender a uma funcionalidade, que por sua vez é exercida através de pessoas.

4.1.3.4 Dimensão relacional

A dimensão relacional do lugar é composta por meio da interação entre as pessoas que habitam o ambiente e pelas atividades que o indivíduo desempenha no espaço. Nas EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza, ela é formada a partir do espaço físico escolar como evocador das relações sociais. É natural, portanto, que o principal aspecto da dimensão relacional encontrada no estudo de caso fosse atribuído às interações provocadas pelas atividades de ensino e aprendizagem, como professor(a)-aluno(a), professor(a)-professor(a) e aluno(a)-aluno(a).

Foi identificado no estudo que para os professores e funcionários a dimensão relacional do lugar é representada pela escola enquanto local de trabalho, enquanto para os alunos a escola é ambiente de aprendizado. Porém, todos os participantes da pesquisa veem a escola como ponto de encontro e de desenvolvimento sociocultural, a partir das atividades que eles mesmos exercem no local. A identificação da dimensão relacional do lugar muda conforme o sentido da abordagem: do ponto de vista do professor/funcionário ou do aluno.

Os entrevistados relacionaram a qualidade da escola e sua representatividade com o serviço prestado por seus funcionários e professores. A atividade profissional realizada pelos funcionários e professores é o que dá o caráter de escola ao ambiente construído. Se não fosse pela atividade deles, não haveria espaço escolar e tão pouco lugar escolar. Logo, a atividade que cada indivíduo desempenha no ambiente tem aspecto relevante na atribuição de valor ao espaço e assim na dimensão relacional do lugar. De acordo com duas das professoras entrevistadas:

“É um ambiente muito bom, tá? Ela representa muito pra mim. Tanto a escola, como o meu trabalho, porque eu gosto muito do que eu faço.” E02

“E gosto, principalmente, dos alunos. Eu adoro ficar em sala de aula. Agora a circulação não tá tão grande, mas em tempos antes da pandemia, era um momento

nosso de descontração. Tem o momento do lanche, que a gente conversa bastante com os colegas. Eu chamo de nosso recreio.” E06

Há, nos alunos da EMEF Francisco Caruccio, o entendimento da escola como local de aprendizado e ferramenta de desenvolvimento social através do estudo. Nos poemas dos desejos, percebeu-se a imagem do professor como figura de acolhimento e compreensão. Como se os professores fizessem a interface de conexão entre o aluno e a escola. Muitos dos ambientes da EMEF Francisco Caruccio são apreciados pelos estudantes por causa da possibilidade de contato com outras pessoas, como foram os casos da sala de informática, do anfiteatro e do ginásio, que além de serem locais de atividades diferentes em relação à sala de aula, também servem como ponto de encontro para conversas e descontração. Observa-se que os alunos chamam o anfiteatro de “roda” (Figura 4.28) e o associam a “ficar com os amigos”. Nas falas dos alunos:

“[...] ali [no anfiteatro] eu gosto mais, porque fico com meus amigos.” A8B 8

“[Eu gosto da] [...] ‘roda’ para poder sentar e conversar.” A8A 5

“[...] [eu gosto dos professores] porque eles são legais e atenciosos. E dá pra aprender bastante coisa no colégio” A8B3



Figura 4.29 - Poema dos desejos – A8B 8.
Fonte: AUTOR, 2022.

A dimensão relacional do lugar se forma com base na comunicação entre as pessoas. No poema dos desejos, percebeu-se que essa comunicação nem sempre é verbal, podendo ocorrer inclusive a partir das vestimentas e do comportamento dos alunos. Nesse sentido, descobriu-se a vontade dos estudantes da EMEF Francisco Caruccio por uma escola mais “liberal”, seja no modo de vestir ou de administrar o ambiente, principalmente entre as participantes do gênero feminino. Pensa-se que o controle sobre o uso de aparelho celular e o tipo de roupas utilizadas ocorram para minimizar possíveis conflitos entre os alunos, do mesmo modo para que não percam a atenção em sala de aula enquanto navegam em redes sociais. Na fala de uma aluna:

“[...] eu gosto dos colegas e queria que a escola fosse mais liberal. [...] Que a gente pudesse ficar com o celular e que pudesse vir com a roupa que a gente quisesse.” A8B 6

A dimensão relacional comprova que o lugar é composto pelas pessoas que o habitam e não só pelo ambiente construído. A relação pessoa ambiente depende das interações sociais que ocorrem no espaço. É a partir da dimensão reacional do lugar que há a pluralidade cultural do ambiente, de modo que parte do apreço pelo espaço é provocado pelos encontros que ocorrem nele.

4.1.3.5 Dimensão simbólica

A dimensão simbólica do lugar trata das memórias das pessoas e seus significados ligados ao ambiente em que elas vivem. Desse modo, é a dimensão do lugar de característica mais subjetiva e, por isso, individualizada. No estudo de caso, percebeu-se que a conexão afetiva ligada à memória entre os participantes do estudo englobava não só as escolas analisadas, mas também o bairro em que elas estão localizadas.

A dimensão simbólica do lugar se estende para além do prédio escolar e envolve a história e subjetividade do Pestano também. A história das EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza estão relacionadas com o desenvolvimento do Pestano, desse modo participar das instituições de ensino é também fazer parte da construção do bairro. Nas palavras de uma das entrevistadas:

“Eu sou cria do Pestano. Eu vi isso aqui crescer, né.” E05

“Os meus pais vieram pra cá [Pestano], quando era só um mato aqui. Não tinha ônibus. O ônibus parava só onde é a entrada do Pestano, ali na Fernando Osório. Aí eles foram construindo. Aí teve aquela grande enchente que teve em 1977, foi quando se mudaram pra cá, um monte de casinhas assim, todas iguais, construíram chalezinho. Se não me engano foi o Irajá que deu esses chalés, e tudo mais. Aí as pessoas começaram a vir pra cá. A minha família foi uma dessas. Depois foram construindo mais coisas, teve os apartamentos do Pestano. Meu pai foi um dos construtores da Cohab Pestano, um dos pedreiros que construíram ali, né.” E05

Nota-se um aspecto muito pessoal nessa fala apresentada, um relato de memórias e lembranças. A utilização do termo “cria” mostra forte ligação da participante da pesquisa com o bairro em que as escolas estão localizadas. A relação da família da entrevistada com a história do Pestano, inclusive como alguns dos primeiros moradores locais, faz parte da formação do lugar para a entrevistada. Como cada memória e lembrança é formulada de modo diferente, para cada indivíduo, mesmo com a participação do mesmo evento ou fenômeno, essa é a dimensão mais pessoal na formação do lugar.

Outro aspecto significativo que consolida essa dimensão do lugar para duas das entrevistadas é que as escolas abrigam uma identificação particular por terem sido local de estudo de seus filhos. Nas falas delas:

“Meus filhos foram alunos da Herbert. Fui mãe da Herbert [...]” E05

“Meu filho estudava aqui [na EMEF Francisco Caruccio].” E02

Nas entrevistas, o conhecimento histórico dos entrevistados a respeito dos prédios estudados foi muito variado. Houve participante que conhecia profundamente a história das instituições, assim como houve quem não conhecesse nada de período anterior a sua chegada na escola. Entretanto, o tempo de habitação no espaço provocou a criação de vínculo e de referência temporal em todos os participantes na pesquisa, principalmente relacionada à memória pessoal e lembranças afetivas.

A história das EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza pode ser reconstituída com base na fala dos entrevistados:

“[...] a escola [EMEF Francisco Caruccio, antes de ter esse nome] inicia na olaria da família Caruccio, na avenida que hoje leva o nome do patrono da nossa

escola, Avenida Francisco Caruccio. [...] Ali ele [Francisco Caruccio] cria a escola [por volta de 1940]. Para os filhos dos funcionários e para os próprios funcionários [...] A escola teve reconhecimento municipal e passou a ser chamada Escola Uruguai. Com a morte dele [...] foi transferida para o bairro Pestano. [...] Então foram construídos quatro chalés, que seriam quatro salas de aula, e ali passou a funcionar a Escola Uruguai. Tudo origem do Caruccio. [...] A prefeitura, então, construiu um prédio de alvenaria para colocar a Escola Uruguai. Quando passa pra esse prédio, ela já passa com o nome de Francisco Caruccio [...]. O governo Fernando Collor de Mello começa a construção desse prédio para ser um CAIC. Em função do impeachment [...] essa ideia foi encerrada [...]. E aí o prédio ficou abandonado, este aqui. [...] A Escola Francisco Caruccio sai do prédio, onde hoje funciona a Escola Santa Irene, e acaba utilizando esse prédio aqui. E aí passa a vir pra cá e a ocupar todas as dependências para ser, então, a Escola Francisco Caruccio [por volta de 1996].” E01

“[...] a escola não foi CAIC, logo que foi terminada ela ficou parada e depois já virou Francisco Carrucio [...]” E05

Os entrevistados fazem um relato histórico da EMEF Francisco Caruccio, da sua trajetória até ocupar o prédio do CAIC. Eles mostram o desenvolvimento da instituição, criada dentro de uma olaria, passando por edificações em madeira, depois em alvenaria até chegar ao prédio do CAIC. Essa trajetória mostra que a relevância do prédio para a comunidade também cresceu, uma vez que teve reconhecimento da Prefeitura. Observar que esses relatos não mencionaram a divisão institucional de 2002.

Nos estudantes, a partir dos poemas dos desejos, percebe-se a dimensão simbólica da escola através da mensagem que a escola passa, de seu “currículo oculto”, conforme mencionado no capítulo 2 dessa dissertação, de um ambiente que requer e impõe um determinado comportamento e impulsiona à educação e ao desenvolvimento. Na afirmação de um aluno, apresentada abaixo, nota-se a apropriação e domínio sobre o ambiente escolar pelo tempo que ele frequenta a escola. Como se a passagem do tempo desse ao aluno autoridade sobre os assuntos que envolvem a EMEF Francisco Caruccio. Percebe-se a mensagem de conquista pessoal, até mesmo de esperança, através do desenvolvimento que a escola permite no que toca a formatura do aluno, algo esperado por ele.

“Eu gosto do ensino da escola, os professores ensinam muito bem, eu estudo há 8 anos nessa escola e afirmo isso [...]. Espero me formar ano que vem também.”

A8B 11

A dimensão simbólica do lugar também está relacionada com a percepção da passagem do tempo a partir das mudanças do ambiente construído. Reconhecer as ampliações e reformas do espaço é localizar-se no tempo e na formação do lugar. A experiência dos entrevistados em relação às reformas da EMEI Herbert e Souza, inclusive com sua participação nas decisões das obras, ou referente às mudanças no bairro, são importantes para a formação da dimensão simbólica do lugar. Na fala das entrevistadas:

“[Sobre reforma na EMEI] tudo por fazer, obra atrasada e as aulas iam iniciar em menos de duas semanas. Não se tinha mais a cozinha e tavam terminando de fazer o refeitório. Foi um loqueiro começar as aulas assim. Aí a gente começou. Com muita briga, muito conflito, muito barulho, muita gente trabalhando. Mas a gente conseguiu, trazer as crianças junto com a obra. Aí ficou assim. Pintura, o cheiro da tinta. Dizem que essa tinta a óleo pode dar problema. Imagina a obra e o berçário. Mas foi! Conseguimos terminar a obra [...].” E04

Muita coisa mudou [...]. Faz 28 anos que eu tô aqui [no bairro] [...]. Então a gente percebe nessas mudanças. O bairro tá crescendo, tá melhorando.” E05

4.1.4 Implicações da pandemia de Covid-19 no lugar escolar

O subitem “Implicações da pandemia de Covid-19 no lugar escolar” apresenta os resultados da pesquisa referentes ao contexto da pandemia de Covid-19. Esse foi o único subitem deste capítulo que surgiu na pesquisa a partir de seus participantes, seja das entrevistas ou dos poemas de desejos, e não de seu pesquisador. Deste modo, se relacionam dados das visitas de observação, das entrevistas semiestruturadas e dos poemas dos desejos a fim de se inferir a influência da pandemia na manutenção do lugar.

Há duas características distintas a respeito dos dados coletados que abordam a pandemia de Covid-19: a primeira se refere à ausência de pessoas nas escolas EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza nos momentos iniciais da

pandemia e a segunda aos incômodos dos dispositivos encontrados para possibilitar o retorno das aulas presenciais.

No primeiro semestre de 2020, momento em que não havia conhecimento suficiente sobre como combater de maneira efetiva o contágio por corona vírus, para evitar a contaminação das pessoas, o ensino passou a acontecer de maneira remota, através de vídeo conferência, pela *internet*, ou com a utilização de material impresso, entregue pelas escolas. Nessas circunstâncias, as EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio interromperam atividades presenciais e somente alguns funcionários autorizados podiam frequentar as instalações das instituições. A ausência de pessoas no ambiente provocou a sensação de abandono e de desorientação temporal. Na fala de duas pessoas entrevistadas:

“Na pandemia foi duro, agora tá melhorando, mas foi muito triste. Foi triste até vir pra cá [EMEF Francisco Caruccio]. No nosso caso, no ano passado mesmo, eles estavam trabalhando online e com material impresso e nós tínhamos que vir uma vez por semana pra pegar material e era muito estranho, muito triste, a gente vir pra escola e não ter aluno. Ficava aquele silêncio, tipo hospital, sem barulho de nada, não ouve som de nada. Então foi muito difícil. Logo que a gente voltou a frequentar a escola, depois daquele primeiro período crítico, passava até uma sensação de abandono. Muito triste, é.” E06

“E a escola vazia reforça ainda mais essa sensação [de abandono e da falta de referência para a passagem do tempo]. Uma confusão entre esse ano, o passado e o atrasado.” E03

Nota-se a menção de tristeza na fala das entrevistadas pela falta de contato com as pessoas no prédio. A ausência de alunos nas escolas interrompeu a interação entre as dimensões funcional e relacional do lugar, não havia a possibilidade de trabalhar e se relacionar com outras pessoas, criando a sensação de que não houve a passagem do tempo, pois o lugar não estava sendo frequentado. De acordo com os entrevistados, outro aspecto da pandemia, é que ficou evidente para a população a importância do ambiente escolar para as crianças. A percepção da dimensão funcional da escola foi potencializada pela impossibilidade de seu funcionamento durante a pandemia, enquanto a dimensão relacional ocorria de forma deficitária, pela *internet*. Nas falas de uma entrevistada:

“[...] a pandemia mostrou o impacto social que se teve quando as escolas tiveram que fechar.” E03

“Ela [EMEI Herbert de Souza] sempre teve gente aqui dentro. O pessoal da terceirizada esteve aqui. Trabalhamos o tempo todo, claro bem no iníciozinho não, mas depois trabalhamos o tempo todo por plantão e revezamento. Os professores estavam no remoto, então vinham pra pegar material. A gente procurava as crianças pra não deixarem de participar e tinha os projetos da prefeitura que tinha que seguir mantendo, como as cestas de alimentação que a gente entrega. As crianças tinham atividade remota, tinham diário contínuo, todos os dias tem avaliação e observação dela, mas na pandemia essa avaliação foi só devolutiva. A professora lançava a atividade e quando a criança devolvia, ela avaliava. Teve muita criança que ficou com déficit e teve muita mãe que se desesperou querendo que a criança já fosse alfabetizada, mãe tentando alfabetizar em casa, por conta, o que não é o intuito da Educação Infantil, né.” E03

Outro ponto que evidencia a importância da EMEF Francisco Caruccio para a comunidade é que, por suas dimensões e quantidade de ambientes, ela foi escolhida como hospital de campanha no momento mais crítico da pandemia. Entretanto, conforme uma das entrevistadas, esse hospital não chegou a ser posto em funcionamento. Esse fato mostra como a escola pode ser vista como local de referência para a comunidade.

“Agora na pandemia eu entrei lá pra trabalhar, porque foi hospital de campanha, e que não foi usado [...]” E05

Para o retorno presencial às escolas algumas medidas foram tomadas, conforme orientações do governo estadual referentes à vigilância sanitária: revezamento semanal de estudantes em sala de aula; obrigatoriedade do uso de máscara; disponibilização de álcool em gel em todos os ambientes; desligamento de bebedouros; fechamento da biblioteca; isolamento de espaços coletivos, exceto salas de aula; isolamento de bancos e equipamentos que promovessem o contato social. O início do retorno ocorreu no segundo semestre de 2021, entretanto, o retorno total, sem revezamento de alunos, ocorreu somente no início do ano letivo de 2022.

A volta dos alunos ao ambiente escolar foi um momento de alegria. Nas visitas para observação do espaço pôde-se constatar o contentamento das pessoas, tanto

alunos quanto funcionários e professores, pelo retorno às escolas, principalmente, pela retomada do contato com outras pessoas. Pensa-se que revisitar a escola, que ficou quase dois anos fechada, foi uma sensação de redescobrimto do espaço escolar. Nas palavras de uma das entrevistadas:

“Agora com tudo querendo voltar a escola ganha vida, né. O que é uma escola sem criança? Hoje mesmo, retornaram o grupo B. Eles estavam num alvoroço, correndo pra lá e pra cá e já vinham perguntar “Professora, e o recreio?!”. Eles estão com muito entusiasmo com a volta à escola. Muitos voltaram com muita dificuldade, tem que fazer um retorno com muita atenção às crianças. O contato faz falta.” E06

O que leva ao segundo aspecto observado quanto à pandemia de Covid-19: as reclamações dos alunos nos poemas os desejos, referentes aos dispositivos encontrados que possibilitaram o retorno presencial à escola, como a obrigatoriedade do uso de máscara e o isolamento de espaços coletivos. Ao responderem o questionamento “Como gostaria que a EMEF Francisco Caruccio fosse?”, os alunos apontaram que gostariam de retirar a máscara e que tivessem os bebedouros liberados, assim como a biblioteca e o campo de futebol. Nas palavras deles:

“O campo não pode usar por causa do mato e da pandemia e os bebedouros só por causa da pandemia, aí eu queria que liberassem eles pra nós.” A8A 4

“[Eu gostaria] Que a gente não precisasse usar máscara também” A8B 6

O incômodo dos alunos com as máscaras, com o isolamento de áreas coletivas e de bebedouros é passageiro, visto que o estado de pandemia não é permanente. Essa é uma situação que até então nunca havia sido vivenciada, nem pelos alunos nem pelos funcionários das escolas estudadas. É necessário, portanto, adaptação aos dispositivos que, agora, são indispensáveis para a manutenção das aulas presenciais. Ainda é uma incógnita como ocorrerá a interação pessoa-ambiente, no espaço escolar, após o período de pandemia.

4.2 Conclusão do capítulo

Neste capítulo foram apresentados e discutidos os principais resultados encontrados no estudo de caso realizado nesta pesquisa. Para esse fim, utilizou-se dos dados coletados em pesquisa documental, observação, levantamento físico, entrevistas semiestruturadas e poemas dos desejos.

A partir da análise de fontes primárias foi possível conhecer o projeto padrão do CAIC implantado em Pelotas e entender como esse prédio foi inserido no Pestano. As visitas para observação e o levantamento físico proporcionaram contato com o objeto de estudo, de modo que foi possível perceber conflitos entre o projeto padrão e sua utilização no cotidiano escolar, através da identificação de alterações no ambiente construído em relação ao projeto original. As entrevistas semiestruturadas permitiram conhecer melhor as pessoas que utilizam o prédio o CAIC, evidenciando como ocorreu o processo de apropriação do espaço e sua transformação em lugar. Os poemas dos desejos, junto com as entrevistas, permitiram conhecer quais as expectativas, desejos e frustrações das pessoas para com o prédio escolar.

Os resultados do estudo mostram que o prédio do CAIC de Pelotas é apropriado pela comunidade, assim como é visto como uma ferramenta necessária ao desenvolvimento social do bairro em que foi instalado. No entanto, por apresentar um projeto padrão, que generaliza o público que utiliza a construção, apresenta inconsistências projetuais que contrastam com a realidade da comunidade local.

Dessa forma, para haver correspondência entre as pessoas e o prédio foi necessário que ocorressem adaptações no ambiente construído. Essas intervenções podem ser consideradas naturais ao processo de apropriação do espaço, entretanto, caso o projeto fosse idealizado de modo mais particular ao público que se destina, esse processo de mudanças ocorreria de modo mais confortável a seus usuários.

No próximo capítulo serão apresentadas as conclusões que mais se destacaram na pesquisa e recomendações destinadas a adaptações projetuais em projetos escolares de arquitetura padrão.

5 CONCLUSÃO

O presente capítulo apresenta a conclusão dessa dissertação. Aqui são revistos o problema e a pergunta de pesquisa e sua relação com os objetivos geral e específicos e os métodos de trabalho. São descritas as contribuições que essa dissertação pode realizar em relação a projetos escolares de arquitetura padrão. São apresentadas recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao sentido de lugar, conforme objetivo geral deste trabalho. Por fim, são feitas considerações sobre as principais dificuldades encontradas e sugestões de estudos futuros, como desdobramentos desta investigação.

5.1 A utilização do projeto padrão na arquitetura escolar

A apropriação do ambiente construído pelo ser humano ocorre a partir de sua utilização, de sua identificação enquanto lugar. Conforme apresentado no capítulo 2 desse trabalho, há uma diferenciação entre espaço e lugar. O primeiro remete ao ambiente um significado neutro, de caráter físico, geográfico e espacial, enquanto o segundo se refere às interpretações atribuídas ao espaço pelas vivências humanas. Logo, o espaço imprime caráter objetivo, enquanto lugar possui característica subjetiva.

A partir do século XX, se tornou comum a utilização de projetos de arquitetura padrão para atender as demandas por prédios escolares. A prática do projeto padrão na arquitetura escolar foi implementada para otimizar sua construção e trazer economia para os órgãos responsáveis. O projeto padrão é a réplica de um modelo arquitetônico, construído em diferentes localidades. Contudo, uniformizar os hábitos e as culturas das pessoas pode trazer perdas das características locais de onde este modelo de projeto é implementado.

A arquitetura de projeto padrão impõe um ideal aos seus usuários, que pode não refletir suas reais necessidades e aspirações, acarretando problemas na apropriação e utilização desse tipo de edificação. A qualidade em um projeto de arquitetura está relacionada com a interação do projetista com seus usuários e num projeto padrão essa interação é inexistente.

Logo, o problema de pesquisa dessa dissertação consiste na prática do projeto escolar de arquitetura padrão, que desconsidera as particularidades do local onde as escolas são inseridas e dificulta o processo de apropriação e de desenvolvimento identitário dos indivíduos que habitarão esse tipo de edificação. Assim, ao longo do texto, buscou-se responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como implementar no projeto padrão de arquitetura escolar elementos e características que remetam ao sentido de lugar?

A partir de um estudo de caso em duas escolas que ocupam um prédio de projeto padrão do início dos anos 1990, esse trabalho propõe-se a fazer um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao sentido de lugar, de maneira que o ambiente construído possa evocar sentimentos de apego, pertencimento e representatividade em seus usuários.

Desse modo, para responder à pergunta de pesquisa e ao objetivo geral desse trabalho, apresenta-se os seguintes objetivos específicos:

- (i) Entender a construção do sentido de lugar a partir da arquitetura escolar padronizada;
- (ii) Identificar os conflitos e inconsistências que o projeto padrão escolar possa trazer ao ambiente construído;
- (iii) Analisar como modificações e intervenções no espaço escolar de projeto padrão podem representar a apropriação do ambiente pelos usuários;
- (iv) Avaliar como a arquitetura escolar de projeto padrão é percebida e apropriada por seus usuários e
- (v) Identificar as características do espaço escolar que provoquem sentimentos de apego e pertencimento às pessoas que o utilizam.

Os resultados obtidos no estudo de caso dessa dissertação mostram que o CAIC de Pelotas, escola de projeto de arquitetura padrão, foi proposto como instrumento de desenvolvimento socioeconômico e cultural na comunidade Pestano. No entanto, o modelo CAIC não foi consolidado em Pelotas e, logo após a construção da edificação, sua estrutura foi utilizada para a realocação da já existente Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio. Nota-se como produto dessa conjuntura uma escola que já era referência no bairro, então instalada em um prédio

de estrutura inovadora, monumental, de linguagem modernista e com caráter industrial.

Diferentemente do que apontam Gaite (2003), Gutiérrez (1989) e Waisman (1985), de que mudanças bruscas impostas às comunidades podem causar ruptura em sua identidade cultural, o que houve então, no CAIC de Pelotas, foi um processo de identificação e apropriação pela nova edificação, um entendimento de que a comunidade estava sendo vista e amparada pelos idealizadores da nova escola, ainda que somente o prédio fosse realmente novo. Desse modo, a construção do sentido de lugar dos habitantes do CAIC de Pelotas se inicia a partir de um sentimento positivo, de inclusão e esperança para com o futuro.

No entanto, após o início das atividades no prédio, de acordo com os relatos dos entrevistados, começaram a ser percebidas inconsistências projetuais, seja em virtude de conforto térmico ou de implantação no lote. Nota-se que, como o projeto do CAIC foi realizado de maneira a contemplar uma ampla variedade de municípios brasileiros, aspectos de tecnologia construtiva, assim como dimensionamento e posicionamento de aberturas, foram adotados de modo a uniformizar e equalizar as características desses municípios. Essa ação provocou a diminuição da qualidade do ambiente, causando desconforto em seus usuários.

Nas visitas de observação e levantamento físico foi percebido tentativas de sanar essas incoerências projetuais, como foi o caso do fechamento dos pátios internos da EMEI Herbert de Souza com vidro e a substituição do seu tipo de cobertura. Outro aspecto em que o projeto padrão equaliza o público que utiliza sua construção é na adoção da mesma fachada e volumetria para todos os edifícios construídos. Observa-se que essa é uma atitude que faz referência aos idealizadores da escola, entretanto foi contornada a partir de intervenções nas escolas.

Nesse sentido, houve reformas significativas nas duas escolas analisadas no estudo de caso. Se por um lado houve a intenção de melhorar o conforto do ambiente, houve também uma tentativa de aproximação com a forma da edificação e com os materiais construtivos escolhidos para as reformas. Na EMEI Herbert de Souza, a utilização de um telhado de duas águas sobre a laje pré-fabricada, característica do CAIC, distancia do caráter fabril do projeto original, identificado no relato dos entrevistados. Na EMEF Francisco Caruccio, painéis informativos com a história da

edificação, fotografias e trabalhos de alunos são expostos nos corredores e saguões da escola, de maneira que potencializam sua apropriação e mostram sua representação.

De modo geral, o projeto padrão é bem-visto pela comunidade escolar, principalmente porque o caráter assistencial e de desenvolvimento cultural da edificação é vinculado ao programa do projeto padrão dos CAICs. Há a percepção de que os pontos negativos do prédio, relacionados à imagem da construção ou ao conforto dos usuários, podem ser sanados com reformas e adaptações, conforme mencionado, e não impediram sua apropriação pela comunidade.

Dessa maneira, a partir do estudo de caso, pode-se concluir que não são características específicas que garantem que espaço escolar oriundo de projeto padrão será apropriado e transformado em lugar, mas sim um conjunto fatores que envolvem desde a escolha do terreno para a construção, o posicionamento da edificação no lote, os tipos de abertura e cobertura, os materiais e tecnologias construtivas utilizados e, principalmente, o modo como ocorre a utilização da edificação. No estudo de caso, o programa dos CAICs e a forma como as EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio são propostas à comunidade tiveram grande impacto na apropriação da edificação e no modo como elas representam o Pestano.

5.2 O lugar escolar de projeto padrão

Os resultados obtidos no estudo de caso dessa dissertação podem refletir a situação de outras instituições de projeto padrão, sendo possível concluir que as intervenções realizadas em uma edificação padrão, com o intuito de renová-la sem alterar seu uso, podem ser consequência das demandas dos usuários em razão de suas apropriações e utilização. O emprego do mesmo projeto arquitetônico em diferentes localidades pode provocar desajuste no sentimento de pertença da comunidade em que foi inserido, fazendo com que ocorram reformas e adaptações para que se tenha adequação na relação pessoa-ambiente. A partir da ideia do sentido de lugar, percebe-se que as intervenções no espaço construído são uma forma de superar e equilibrar esse desajuste, evidenciando seu apego e representatividade.

É de se esperar que edificações padronizadas, implantadas em localidades de forma a não considerar as particularidades da comunidade que irá utilizá-la, sejam submetidas a reformas e alterações para superar as divergências entre o projeto original e a real necessidade de seus usuários. As recentes obras no prédio que seria o CAIC de Pelotas, apesar de descaracterizá-lo perante seu projeto original, foram tentativas de soluções para as inconsistências originadas a partir da uniformização de projeto, sejam relacionadas ao clima, aos métodos construtivos ou à cultura local de onde foi inserido.

Pode-se perceber que o programa pedagógico dos CAICs, assim como o de arquitetura, pouco mudou em relação às escolas padrão mais antigas, como as idealizadas por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, o que mostra sua solidez e fundamentação, fato evidenciado quando os entrevistados relatam que os ambientes, planejados há 30 anos, atendem bem suas necessidades pedagógicas atuais. Entretanto, o mesmo não pode ser dito a respeito de sua materialização no projeto de arquitetura e posteriormente em sua construção, visto que em virtude das inovações tecnológicas foram permitidas novas metodologias construtivas e soluções projetuais, que não se adaptaram às particularidades locais em Pelotas.

De modo a responder à pergunta de pesquisa, desenvolveu-se 22 recomendações para adequação de projetos padrão de arquitetura escolar. Pensa-se que utilizar o projeto padrão, não como um modelo, mas sim como uma ideia base para adaptações particulares para cada localidade em que será inserido seja uma boa alternativa para sua utilização. O projeto padrão não deve ser entendido como um projeto finalizado e sim como um fundamento que possibilite um novo começo. Deve-se entender que as pessoas compõem o lugar tanto quanto o ambiente construído, de modo que são a experiência humana no espaço e a interação entre pessoas e ambiente que o formam o lugar.

Em um primeiro momento pensou-se que as alterações do projeto padrão no estudo de caso eram subversões pela imposição de um modelo não adequado à realidade local. No entanto o termo subversão traz consigo uma conotação de agressividade e revolta, sentimentos que não foram identificados nos habitantes do espaço, muito pelo contrário. Dessa maneira, conclui-se que as alterações foram feitas por causa do carinho e apreço das pessoas pela construção. Não se exclui a

possibilidade de acontecer esses sentimentos subversivos em outras construções de projeto padrão, entretanto nesse estudo de caso, não foram identificadas.

O trabalho teve seus resultados alinhados com o proposto pela bibliografia analisada, uma vez que essas intervenções no ambiente construído podem ser entendidas como a transformação do lugar, deixando-o mais representativo e confortável para seus ocupantes. Porém, como já mencionado anteriormente, a generalização proposta para o projeto padrão aumenta a necessidade de intervenções mais significativas, como no caso de reformas do ambiente. Há a percepção da potencialidade do lugar por parte da Administração Pública e da comunidade local do estudo de caso, entendendo-se as intervenções e reformas como resultado da apropriação da escola. Proporcionar autonomia para os habitantes do espaço poderem modificá-lo é potencializar sua transformação em lugar.

5.3 Recomendações para arquitetura escolar de projeto padrão

A partir do que foi exposto nessa dissertação, entende-se que a utilização de um projeto padrão não é de todo modo ruim. No estudo de caso, foi visto que essa prática trouxe mais pontos positivos que negativos. As inconsistências construtivas oriundas do projeto padrão que foram percebidas ao longo da pesquisa estão sendo sanadas e as escolas são bem utilizadas e apropriadas pela comunidade escolar e pelas pessoas que vivem no bairro Pestano.

Tendo em vista a celeridade e a economia que o projeto padrão proporciona aos órgãos públicos, é lógico afirmar que essa prática não será interrompida pela Administração Pública. Logo, apontar ações a serem tomadas para diminuir os pontos negativos é uma forma de melhorar a qualidade desses projetos.

Baseado no conceito dos CAICs, em que um projeto de arquitetura foi formulado pela esfera federal e imposto aos municípios, são propostas recomendações que visam auxiliar os profissionais da área de arquitetura e engenharia, que trabalhem em prefeituras e com projetos escolares, direcionando a adaptação do projeto padrão à localidade onde será inserido. As recomendações de projeto surgiram da articulação desses resultados, dos objetivos específicos de pesquisa e das referências bibliográficas.

Ressalta-se que não são práticas para a pedagogia do espaço ou parâmetros de projeto para escolas, mas sim para diretrizes voltadas a facilitar a apropriação dos projetos padrão por seus futuros habitantes. Dessa forma, englobam recomendações que podem ser úteis tanto para as escolas de educação infantil quanto para as de ensino fundamental.

Nesse sentido, pensa-se que com o recebimento de um projeto arquitetônico pronto, atendendo aos critérios da legislação e normas brasileiras em vigência, os profissionais teriam indicação de que decisões tomar para adequarem o projeto padrão à realidade local, considerando as especificidades locais, tanto físicas como socioculturais.

Recomendações:

1. Conhecer as demandas do município e propor alteração no programa de necessidades da escola para se adequar à realidade local, inclusive com acréscimo de ambientes para atividades culturais e desportivas, para tornar a escola um instrumento de assistência e desenvolvimento social, se for o caso e se a prefeitura tiver capacidade para fazê-lo;
2. Compor uma equipe de trabalho multidisciplinar com os profissionais do corpo técnico de arquitetura e engenharia da prefeitura e com alguns representantes do corpo docente da escola que será implementada, para proporem adaptações do projeto padrão ao projeto político-pedagógico da escola, analisando ambientes necessários e organizações possíveis;
3. Promover, junto aos profissionais de arquitetura e engenharia, a participação comunitária nas decisões de cores e texturas dos revestimentos da edificação, assim como possíveis alterações nas fachadas, para estabelecer o caráter da escola;
4. Verificar quais os materiais de construção foram propostos no projeto padrão e avaliar disponibilidade desses materiais na região, assim como mão de obra capacitada e disponível para lidar com eles. Se for o caso, propor a substituição da tecnologia construtiva utilizada para uma mais próxima à realidade do local, facilitando acesso a futuras manutenções e reformas;
5. Escolher, para a implantação da escola, terreno com conexões ao meio urbano, inserido na malha viária e próximo a pontos de parada de transporte coletivo,

e com adequada pavimentação de vias e calçamento de passeios públicos, de modo a promover diferentes meios de chegada à escola;

6. Escolher, para a implantação da escola, lote que permita espaços de terreno para futuras ampliações, conforme possível aumento da demanda de alunos. Observar, entretanto, que esses espaços não sejam considerados apenas como área de reserva, devendo ser previsto algum tipo de uso temporário e transitório, como pátios e/ou pracinhas;

7. Posicionar a escola no meio urbano de modo que seja referência imagética e de localização para a comunidade, de modo a promover a visibilidade e integração da escola com o entorno;

8. Fazer a implantação da escola de maneira que os acessos principais e de serviço estejam próximos e conectados às vias públicas;

9. Estabelecer espaços de transição entre o meio urbano e a escola, com a utilização de pátios externos arborizados, incluindo equipamentos como bancos e lixeiras, com caminhos delimitados por calçadas e canteiros, permitindo que a escola seja utilizada como ponto de encontro e de referência na comunidade. Se for necessário utilizar muros, procurar fazê-lo sem isolar o espaço escolar, dando permeabilidade ao ambiente;

10. Conforme demanda da instituição, estabelecer três tipos de acesso distintos: um para educação infantil, outro para ensino fundamental e outro de serviço, para entrega de gêneros alimentícios, quando a escola tiver refeitório e cozinha no programa, e retirada de lixo;

11. Propor manutenção, ou criação, no caso de sua inexistência no projeto padrão, de elementos que sejam potenciais referências da construção, como o exemplo de pórtico de entrada ou torres de caixas d'água, mas que apresentem harmonia com seu entorno e com o ambiente escolar;

12. Propor áreas voltadas a atividades culturais e desportivas, como auditório, biblioteca e ginásio. Caso não haja disponibilidade de espaço para integração desses ambientes ao programa de necessidades, sugere-se a utilização de salas de uso múltiplo, permitindo a flexibilidade do espaço e alternância de uso. Recomenda-se que esses locais tenham acessos internos e externos à escola e sua utilização estenda-se à comunidade;

13. Propor espaços que funcionem como ponto de encontro dentro da edificação, tanto para alunos quanto para funcionários, como saguões, praças no pátio

e salas de convivência. Promover e estimular a personalização desses ambientes, através do uso de painéis, murais interativos e exposições com trabalhos dos alunos e de membros da comunidade escolar;

14. Propor espaços para hortas educativas e vegetações com arborização de pequeno, médio e grande porte. Sugere-se fazer horta e arborizar partes externas do lote, na transição entre dentro e fora da escola, de modo que a comunidade aproveite essas áreas;

15. Adequar aspectos de conforto do ambiente e consumo energético à realidade local, a exemplo do tipo de esquadrias, pátios cobertos e cobertura. Propor o sistema de cobertura e de coleta pluvial conforme o clima local. Recomenda-se fazer reuso de água da chuva;

16. Propor amplas aberturas nos ambientes que permitam ventilação natural e cruzada, porém sem desconsiderar características climáticas locais;

17. Prever instalação de lavatórios nos ambientes de maior circulação, como saguões e refeitórios, assim como prover *dispensers* de álcool em gel em frente às salas de atividades, para frequente higienização de mãos;

18. No caso de reformas e ampliações, promover a distinção entre construções, respeitando a arquitetura do prédio original e evidenciando sua temporalidade;

19. Propor ambientes informatizados com o uso de equipamentos com conexão à rede de *internet* como ferramentas de ensino e aprendizagem;

20. Atentar para necessidades de manutenção do prédio escolar, propondo sessões de manutenção preventiva, como limpeza de calhas e reservatórios de água, assim como proporcionar ambientes frequentemente higienizados;

21. Manter em arquivo representação gráfica do projeto padrão readequado, após considerações de equipe profissional de arquitetura e engenharia, assim como fazer planta conforme construída após a construção da edificação;

22. Disponibilizar representação gráfica da edificação, conforme construída, para a equipe diretiva da instituição que for utilizar a construção;

Observa-se que as recomendações foram propostas a partir de três motivações distintas: qualificar a experiência de vida do indivíduo no espaço escolar; facilitar a gestão da escola e adequar o ambiente às condições sanitárias da pandemia de Covid-19. Ainda que simples, essas recomendações se fazem importantes na

adequação de espaços escolares de projeto padrão, visto que muitas vezes a implantação e a construção do projeto são falhas, seja por motivos políticos e/ou econômicos. Espera-se com isso, através das melhorias na edificação e no entorno construído, possibilitar que projetos escolares sejam ferramentas mais expressivas no desenvolvimento social e comunitário.

5.4 As relações entre dimensões do lugar e características de arquitetura

O estudo de caso permitiu averiguar como as características da arquitetura do prédio das EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio se relacionam com as dimensões do lugar (Figura 4.29). Nota-se que essa relação também ocorre em sentido inverso, de modo que as dimensões do lugar são materializadas nas características de arquitetura.

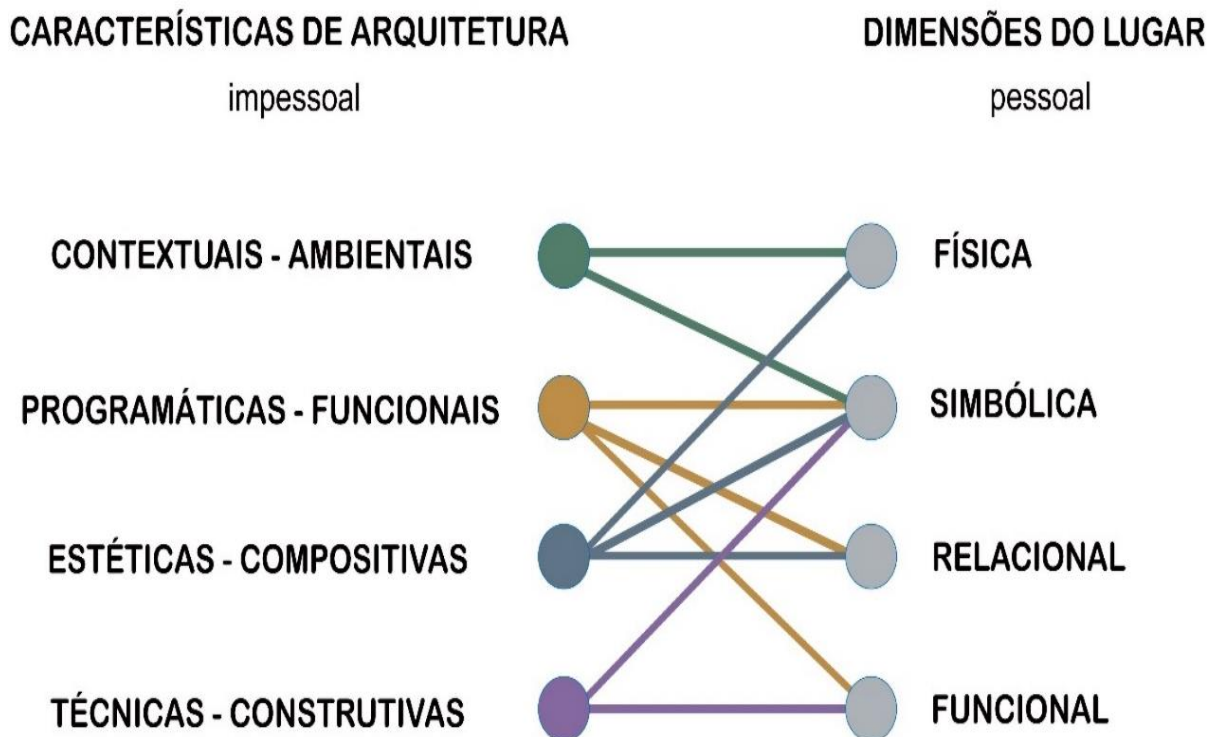


Figura 5.1 - Relação entre as características da arquitetura e as dimensões do lugar.
Fonte: AUTOR, 2022.

As características contextuais-ambientais, por agrupar aspectos já existentes no sítio onde foi instalado o projeto de arquitetura, incluindo elementos geográficos e socioculturais da comunidade local, estão associadas com as dimensões física e simbólica do lugar. Entendendo que as pessoas do Pestano têm uma cultura vinculada

com a sua história e presente em sua memória, a inserção de uma nova edificação nessa comunidade contribuiu para a dinâmica do sentido de temporalidade e pertinência desse espaço, influenciando nos aspectos simbólicos do lugar. As características contextuais-ambientais estão relacionadas, portanto, com a dimensão física do lugar, pois influenciaram nas condicionantes que deram forma à edificação, a exemplo do terreno plano, mas também com a dimensão simbólica, porque já havia na época de implantação do CAIC historicidade e subjetividade cultural presentes onde foi realizado a nova edificação.

As características programáticas-funcionais, que determinaram a função da edificação estudada, têm ligação com as dimensões simbólica, funcional e relacional do lugar, pois o uso do prédio escolar potencializa a disseminação de uma mensagem inserida em um contexto social de atividades relacionais entre sujeitos. As escolas analisadas, mesmo não atendendo mais com o programa original dos CAICs, ainda funcionam como recurso de amparo e acolhimento para a comunidade do Pestano. O desempenho do prédio tem estreita relação com sua função social de instrumento de desenvolvimento da comunidade local.

As características estéticas-compositivas remetem à imagem e à aparência do espaço, logo são responsáveis pela dimensão física do lugar. Essas características estão relacionadas também com sua dimensão simbólica, pois a imagem percebida e mentalmente projetada pelo habitante do espaço remete a um significado e a uma interpretação do ambiente construído. A escala do prédio das escolas, sua forma e linguagem arquitetônica estão vinculadas a um programa federal, alusivas a progresso e desenvolvimento social. A morfologia e a organização dos ambientes contribuem para dimensão relacional do lugar, a partir dos estímulos e interpretações que provoca e das movimentações e conexões interpessoais que evoca.

As características técnicas-construtivas, responsáveis por materializar a edificação, ligam-se às dimensões física, funcional e simbólica do lugar, pois os elementos pré-fabricados em argamassa armada utilizados e as técnicas construtivas adotadas implicam nas texturas e superfícies de acabamento, no desempenho da edificação e na mensagem de relevância e significado econômico que a obra possui.

A partir do que foi exposto, pode-se perceber que as dimensões do lugar não têm limitações bem definidas, de onde encerra uma e inicia outra. Exemplo disso é a

projeção que o ginásio da EMEF Francisco Caruccio provoca nas pessoas: ao mesmo tempo ele estimula a dimensão física, por sua forma, a dimensão funcional, pelas atividades desempenhadas no ambiente, a dimensão relacional, pela interação entre pessoas que ocorre em suas dependências, além de qualquer evento relacionado à memória individual das pessoas que formarão a dimensão simbólica.

A decomposição das dimensões do lugar realizada nessa dissertação foi uma tentativa de esclarecer quais elementos poderiam ser potencializados e/ou melhorados para a formação do lugar em escolas de projeto padrão e não a criação de uma fórmula rígida para se identificar as dimensões do lugar, pois essas dimensões não são rígidas e têm caráter subjetivo e individual.

5.5 Limitações da pesquisa e sugestões de futuras investigações

A pesquisa, de maneira geral, conseguiu atingir seu objetivo, que é propor recomendações para adaptações de projetos de arquitetura padrão para escolas. Entretanto, houve limitações que impuseram dificuldade a seu desenvolvimento. A limitação mais significativa tem relação com as restrições impostas pela pandemia de Covid-19, como o distanciamento social e o fechamento das escolas em 2020. No entanto, houve, também, dificuldade para encontrar pessoas dispostas a participarem das entrevistas. Pensa-se que o motivo disso foi que, por causa da pandemia e do distanciamento social necessário, não houve a interação suficiente para criação de vínculo de confiança entre pesquisador e demais possíveis participantes. Nota-se que a quantidade de documentos necessários para a aprovação da pesquisa no comitê de ética também dificulta a aproximação com pessoas interessadas em participar do estudo.

Sugere-se, para futuras investigações, a elaboração de estudos que avaliem a utilização de projetos de arquitetura padrão como instrumento de controle comportamental, ou ainda de que modo as intervenções no padrão podem ser consideradas manifestações subversivas da população. Se por um lado, no estudo de caso, encontrou-se apropriação e apego das pessoas pelo ambiente construído a partir de um projeto padrão, por outro pensa-se, que isso só aconteceu por causa das adaptações e intervenções no espaço.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Graham. Colaboração Interdisciplinar e Participação do Usuário Como Metodologia Projetual. *In*: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 45-58.
- AFONSO, Alcília; PEREIRA, Ivanilson. CAIC José Jofilly de Campina Grande: anamnese da obra. **Revista Projetar**: projeto e percepção do ambiente. Natal/RN: v. 5, n. 3, pp. 155-175, setembro 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/20464>. Acesso em: novembro 2020.
- ALMEIDA, Maristela M. Experiência Ambiental: elementos para o projeto de arquitetura. *In*: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 73-78.
- ALVES, Nilda. **O Espaço Curricular e Suas Marcas**: o espaço como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 1998, p. 148.
- ANDRADE JUNIOR, Nivaldo V. As obras do plano de edificações escolares de Anísio Teixeira e a arquitetura moderna na Bahia (1947-1950). 9º Seminário docomomo Brasil: interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília/DF, junho de 2011, 39 p. Disponível em: http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/146_M03_RM-AsObrasDoPlanoDeEdificacoes-ART_nivaldo_junior.pdf. Acesso em: fevereiro de 2021.
- ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. Psicologia Ambiental: aspectos conceptuales y metodológicos. *In*: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. (org). **Psicologia Ambiental**. Madri: Pirâmide, 2000, p. 23-41.
- ARGAN, Giulio C. Sobre a Tipologia em Arquitetura. (*On the Typology of Architecture* publicado originalmente em *Architectural Design* n. 33, dez. 1963, pp. 564-565) *In*: NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 267- 489.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2ª Edição. Campinas/SP: Papyrus, 2001, p. 111.
- AZEVEDO, Giselle A. N. **Arquitetura Escolar e Educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista**. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, 2002.
- AZEVEDO, Giselle A. N.; BASTOS, Leopoldo E. Qualidade de Vida nas Escolas: produção de uma arquitetura fundamentada na interação usuário-ambiente. *In*: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 153-165.
- AZEVEDO, Giselle A. N.; BASTOS, L. E. G.; BLOWER, H. S. Escolas de ontem, educação hoje: é possível atualizar usos em projetos padronizados? **Cadernos Proarq**. Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, Rio de Janeiro: n. 11, pp. 57-64, agosto 2007. Disponível em:

<http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/cadernosproarq11.pdf>. Acesso em: junho de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70 Persona, 1977, 232 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016, 288 p

BENCOSTTA, Marcus L. A. Arquitetura e Espaço Escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, Marcus L. A. (org.) **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 95-140.

BONNES, M.; SECCHIAROLI, G. **Environmental Psychology: a psycho-social introduction**. Translated by Claire Montagna. London: Sage Publications, 1995, 241 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto de 14 de maio de 1991**. Dispõe sobre o Projeto Minha Gente e dá outras providências. Brasília/DF: 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/Anterior%20a%202000/1991/Dnn139.htm#:~:text=DECRETO%20DE%2014%20DE%20MAIO,GENTE%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: Junho de 2020.

BRASIL. **Decreto nº 539, de 26 de maio de 1992**. Dispõe sobre o Projeto Minha Gente, criado pelo Decreto de 14 de maio de 1991, e dá outras providências. Brasília/DF: 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0539.htm#:~:text=DECRETO%20No%20539%2C%20DE%2026%20DE%20MAIO%20DE%201992.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Projeto%20Minha,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: junho de 2020.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Brasília/DF: Presidência da República, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: novembro de 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.642, de 31 de março de 1993**. Dispõe sobre a instituição do Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - Pronaica e dá outras providências. Brasília/DF: Presidência da República, 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1989_1994/L8642.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%208.642%2C%20DE%2031%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%201993.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20institui%C3%A7%C3%A3o%20do,Art. Acesso em: novembro de 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nos 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória no 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei no 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá

outras providências. Brasília/DF: Presidência da República, Casa Civil, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm. Acesso em: junho de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Nota Técnica**. Brasília/DF. Online. Novembro, 2009, 2p. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2009/resumo_plataforma_brasil.pdf. Acesso em: dezembro de 2021.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Decisão 468/97 - Plenário - Ata 30/97**. Processo nº TC 016.305/96-5. Responsável: José Antônio Carletti. Relator: Ministro Marcos Vinícios Vilaça. Data da sessão: 06 de agosto de 1997. Data DOU: 20 de agosto de 1997. Disponível em: http://www.tcu.gov.br/Consultas/Juris/Docs/judoc%5CDec%5C19970608%5CGERA_DO_TC-19482.pdf. Acesso em: 4 de junho de 2020.

CABRAL, Lisiê K. **Arquitetura Art Déco nas escolas do Rio Grande do Sul no período do Estado Novo (1930-1950)**. Pelotas/RS: Universidade Federal de Pelotas, 207 p. [Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo]. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2020.

CABRAL, Lisiê K.; OLIVEIRA Ana Lúcia C.; CORDEIRO, José Henrique C. A Identificação e Documentação das Escolas Padrão *Art Déco* no Rio Grande do Sul. **Jatobá Revista de Pós-graduação do Projeto Cidade UFMG**. Goiânia/GO, v.2, e-65651, 2020, 20 p. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revjat/article/view/65651/35745>. Acesso em: fevereiro de 2021.

CAMPOS, Paulo S.; FERREIRA, Renato C. Imagem Mental e Representação Social na Arquitetura: investigação conceitual a partir de um estudo de caso. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro/RJ: Contra-Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 105-113.

CARPIGIANI, Berenice; MINOZZI, Celso L. O Construtivismo Piagetiano e o Processo de Representação no Espaço. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro/RJ: Contra-Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 89-96.

CASTELLO, Lineu. **A Percepção De Lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre/RS: PROPAR-UFRGS, 2007, 328 p.

CASTELLO, Lineu. *Place*. In: CAVES, Roger W. (Ed.). **Encyclopedia of the City**. London: Routledge, 2005, pp. 350-351.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. 1ª Edição, São Paulo/SP: Annablume, 2009, 384p.

CASTRO, Carlos D. M. S. **O Espaço da Escola na Cidade**: CIEP e arquitetura pública escolar. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) – Universidade de

Brasília, Brasília/DF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4179>. Acesso em: Dezembro de 2020.

CASTRO, Elizabeth A. **Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX**. Curitiba/PR: Edição do autor, 2008, 160 p.

CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. 274 p.

CAVALCANTE, S.; ELIAS T. F. Apropriação. *In*: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 63-69.

CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. Espaço e Lugar. *In*: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 182-190.

CITTAMOBIL. **Aplicativo de dispositivos móveis para mobilidade urbana**. Acesso online. 2022. Disponível em: <https://www.cittamobi.com.br/home/>. Acesso em: março de 2022.

CHAHIN, Samira, B. Cidade, Escola e Urbanismo: o programa escola-parque de Anísio Teixeira. XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Carlos/SP, 2016. **Anais [...]**. São Carlos/SP, 2016, 11 p.

CORRÊA, Maria E. P.; MELLO, Mirela G.; NEVES Helia M. V. **Arquitetura Escolar Paulista: 1890-1920**. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação – FDE, diretoria de obras e serviços. 1991. 172 p.

COUTINHO, Maria Angélica. A História Da Educação Integral Em Seropédica A Experiência Do Caic. *In*: VII Congresso Brasileiro da História da Educação, Cuiabá/MT, 2013. **Anais [...]**. Cuiabá/MT, 2013. 14p. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/A%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20INTEGRAL%20EM%20SEROPEDICA.pdf>. Acesso em: Dezembro de 2019.

DEL RIO, Vicente. Integrando a Psicologia e a Arquitetura e Urbanismo por Meio do Projeto *In*: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 203-210.

DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. Apresentação. *In*: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 11-16.

DÓREA. Célia R. D. Anísio Teixeira e a Arquitetura Escolar: Planejando escolas, construindo sonhos. **Revista da FAEBA**. nº 13. Ibicit - Biblioteca Virtual Anísio Teixeira. Salvador, 2000. p.151-160. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/dorea.html>. Acesso: jun. 2020.

DÓREA, Célia R. D. As Escolas Anisianas no Rio de Janeiro (1931-1935): a arquitetura a serviço da educação. *In: III Congresso Brasileiro da História da Educação: educação escolar em perspectiva histórica. Anais [...]* Curitiba/PR, 2004, 11p. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/221.pdf>. Acesso em: novembro de 2020.

DUARTE, Cristiane R. Raízes em Solo Interdisciplinar. *In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo.* Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 61-64.

ELALI, Gleice A. Psicologia e Arquitetura: em busca do *locus* interdisciplinar. **Estud. Psicol. (Natal)**, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 349-362, dez. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2020.

ELALI, Gleice A. **Ambientes para Educação Infantil:** um quebra-cabeças? Contribuição metodológica na Avaliação Pós-Ocupação de edificação e na elaboração de diretrizes para projetos arquitetônicos na área. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo V1, 2002. 320p.

ELALI G. A.; MEDEIROS, S. F. Apego ao Lugar (vínculo com o lugar – *place attachment*). *In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org.). Temas Básicos em Psicologia Ambiental.* 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 53-62.

ERMEL, Tatiane de F. Arquitetura escolar dos colégios elementares no Rio Grande do Sul (1913-1928). *In: GRAZZIONTIN, Luciane S. S.; ALMEIDA, Dóris B. (org.). Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar - séculos XIX e XX.* São Leopoldo, RS: Oikos, 2016, p. 110-132.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 141-159, Jan, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: maio de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000100010>.

FERNANDES, Florestan. Anísio Teixeira e a Luta pela Escola Pública. *In: ROCHA, João Augusto de Lima (org.). Anísio em Movimento: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura no Brasil.* Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992, p. 50-57.

FERNANDES, Noemia L. B. **Arquitetura Escolar Carioca:** edificações construídas entre 1930 e 1960. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, UFRJ/PROARQ, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

FERREIRA, Martha P.; HUCKEMBECK, Inara B.; SASTRE, João R.; PINTO, Maria L. M. **Edifícios Escolares em Pelotas.** Programa Especial de Treinamento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS: 1994, 42 p.

FERRETTI, C. Só a Educação Salva: o Projeto Minha Gente e a política educacional brasileira. **Revista Em Aberto.** Brasília/DF: ano 10, n. 50751, abr./set, 1992, p. 65-73.

Disponível em: <http://rbepold.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1814/1785>. Acesso em: novembro de 2020.

FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – Ministério da Educação. **Proinfância**. Brasília/DF: 2017. Acessado em 03 de jun. de 2020. Online. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/proinfancia/eixos-de-atuacao/projetos-arquitetonicos-para-construcao/item/4816-tipo-b>

FONSECA, Marília M. **Resgate Da História De Implantação Do Centro De Atenção Integral À Criança Paulo Dacorso Filho Na UFRRJ E A Perspectiva De Sua Transformação Em Um Centro De Ensino E Pesquisa Aplicado À Educação Agroecológica**. Seropédica/RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 156p. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ, 2010. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/1639/2/2010%20-%20Marilia%20Massard%20da%20Fonseca.pdf>. Acesso em: junho de 2020.

FOUCAULT, M. **Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias**. *Architecture/Mouvement/Continuité*, October, 1984, 9 p. Disponível em: <https://web.mit.edu/allanmc/www/foucault1.pdf>. Acesso em: julho de 2021.

FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad.: Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, 152 p.

FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad.: Alfredo Veiga Neto. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 152 p.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003, 470p.

FRAMPTON, K. *On Reading Heidegger*. In: EISENMAN, P.; FRAMPTON, K.; GANDELSONAS, M. (Editors). **Oppositions: a forum for ideas and criticism in architecture**. Vol. 4. Wittenborn Art Books Inc.: New York, 1975. Disponível em: https://monoskop.org/images/1/11/Frampton_Kenneth_1974_On_Reading_Heidegger.pdf. Acesso em: julho de 2021.

FRAMPTON, K. Perspectivas Para Um Regionalismo Crítico. (*Prospects for a Critical Regionalism*, publicado originalmente em *Perspecta: The Yale Architectural Journal*, 20, 1983, pp. 147-162) In: NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 504 - 520.

FRANÇA, R. A. A sistematização cromática e a ordenação da paisagem no Bairro do Bonfim em Salvador. **Sinopses**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: n. 29, pp. 8-27, 1998.

GAITE, Arnoldo. **Diseño y Región: arquitectura apropiada**. Buenos Aires: Nobuko, 2003, 130p.

GEOPELOTAS. **Portal de Informações Geográficas de Pelotas**. Pelotas/RS: 2022a. Disponível em

<https://pmpel.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=fc4bff1e0aeb40e1887c065d876f8fc8>. Acesso em: fevereiro de 2022.

GEOPELOTAS. **Portal de Informações Geográficas de Pelotas**. Pelotas/RS: 2022b. Disponível em <https://pmpel.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=f2fc0413723c42299f1fcdc9cd0b0eff>. Acesso em: fevereiro de 2022.

GEOPELOTAS. **Portal de Informações Geográficas de Pelotas**. Pelotas/RS: 2022c. Disponível em: <https://pmpel.maps.arcgis.com/apps/PublicInformation/index.html?appid=55ac773f16d749f1b80fe4f5684f83b1>. Acesso em: fevereiro de 2022

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2008. 6º Ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 220p.

GOULART, F. Mariana. **Conforto térmico no colégio de aplicação pedagógico da universidade estadual de maringá**: Proposta para melhoria do desempenho térmico de um antigo CAIC. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Carlos: 2014. 129p.

GREGOTTI, Vittorio. Território e Arquitetura. (*Territory and Architecture*, publicado originalmente em *Architectural Design Profile* 59, n. 5-6,1985.) In: NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 371- 376.

GUIMARÃES, Ana G. L. **A obra de João Filgueiras Lima: no contexto da cultura arquitetônica contemporânea**. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 143p. [Tese de doutorado em arquitetura e urbanismo]. Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.

GÜNTHER, Hartmut. *Affordance*. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 21-27.

GÜNTHER, Hartmut. *The environmental psychology of research*. **Journal of Environmental Psychology**, 2009, v. 29, 358-365.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: PINHEIRO, J. Q; GÜNTHER, Hartmut. (org). **Métodos de Pesquisa Nos Estudos Pessoa-Ambiente**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 369-396.

GÜNTHER, Isolda A.; O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. In: PINHEIRO, J. Q; GÜNTHER, H. (org). **Métodos de Pesquisa Nos Estudos Pessoa-Ambiente**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. pp. 53-74.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura Latino – Americana**: Textos para reflexão e polêmica. São Paulo/SP: Editora Nobel, 1989, 149 p.

HALL, E. T. **A dimensão Oculta**. 2ª Edição. Rio de Janeiro/RJ: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1981, 180 p.

HARRIES, Karsten. A Função Ética da Arquitetura. (*The Ethical Function of Architecture*, publicado originalmente em *Journal of Architectural Education*, 29, n.1,

set. 1975, pp. 14-15) In: NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 423 – 427.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. 1954, 10 p. Originalmente *Bauen, Wohnen, Denken*, de 1951, em conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortage und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Calvalcante Schuback. Disponível em: www.proub.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf. Acesso em junho de 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: abril de 2021.

IBRACON. Instituto Brasileiro de Concreto. Vladimir Antonio Paulon. **Revista Concreto e Construções**. São Paulo/SP: 2016, v. 83, pp. 20-38.

ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, H. M.; RIVLIN, L. G.; WINKEL G. H. Homem Ambiental. **Série: Textos de Psicologia Ambiental**, Nº 14 (tradução J. Q. Pinheiro) Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005.

JODELET, Denise. A Cidade e a Memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 31-43.

JORGENSEN, B. S; STEDMAN, R. C. Sense of Place as an attitude: Lakeshore owners attitude toward properties. 2001. **Journal of Environmental Psychology**. V 21, 2001, pp. 233-248.

KLOSINSKI, V. Daniele. **Uma Avaliação da Implementação do Programa PROINFÂNCIA em Erechim: a política dos espaços escolares**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó: 2016. 132 p.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora UnB, 1996. 253 p.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino**. 1ª reimpressão. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

LATORRACA, G. (Org). **Lelé: João Filgueiras Lima**. Lisboa: Editora Blau/ Instituto Lina Bo Bardi e P. M. Bardi, 1999.

LATOUR, B. **A Esperança de Pandora**. Bauru/SP: EDUSC, 2001, 385 p.

LATOUR, B. Como Falar do Corpo? A Dimensão Normativa dos Estudos Sobre a Ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (org.). **Objectos Impuros - Experiências em Estudos Sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 39-61. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>. Acesso em: março de 2021.

LOPES, Mauro C. **Acervo fotográfico**. Disponível em: <http://cidlopes.com.br/arquitetura/prd,9,5,93,escola-caic-nacoes-unidas.html>. Acesso em: novembro de 2020.

LUCHESI, Terciane Â. De Colégio Elementar de Caxias para Colégio Elementar José Bonifácio (caxias/RS, 1912-1929): “um impulso estupendo à instrução”. In: GRAZZIANTIN, Luciane S. S.; ALMEIDA, Dóris B. (org.). **Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar - séculos XIX e XX**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2016, p. 82-109.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1988.

LYNCH, Kevin. **A Theory of Good City Form**. Cambridge: The MIT Press, 1981, 514 p.

MAHFUZ, Edson da Cunha. Reflexões sobre a construção da forma pertinente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 045.02, Vitruvius, fev. 2004. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>. Acesso em: 12 out. 2021

MALARD, Maria Lúcia. Os objetos do cotidiano e a ambiência. In: 2º Encontro nacional de Conforto no Ambiente Construído. **Anais [...]** Florianópolis/SC: ANTAC, 1993. v. 1. pp. 359-361.

MARINHO, Anderson da S.; GORAYEB, Adryane. Cartografia Afetiva: um caminho metodológico na leitura da dimensão simbólica-subjetiva do espaço escolar. In: XVIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Geografia Física e as Mudanças Globais. **Anais [...]**. Fortaleza/CE: Universidade Federal do Ceará, junho de 2019.

MELO, R. G. C. Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia-USP**. São Paulo, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2020.

MODLER, Nébor L. **Arquitetura e Educação Infantil: abordagem experiencial em um estudo de caso no norte do rio grande do sul**. 2020. 333 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ/UFRJ. Rio de Janeiro/RJ, 2020.

MODLER, N. L.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A. N.; O projeto do ambiente escolar infantil. In: V SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, João Pessoa/PB, 2017. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANTAC. Disponível em: <https://prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/2017-SBQP-98-ProjArq-Amb-Escolar-Infantil-NLMPARGANA.pdf>. Acesso em: março de 2020.

MOUSSATCHE, Helena; ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; MAZZOTTI, Tarso B. A arquitetura Escolar como Representação Social da Escola. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 143-152.

MOURA, Rosa Maria G. R.; SCHLEE, Andrey R. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 2002, 240 p.

MOURÃO, A. T.; CAVALCANTE, S. Identidade de Lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 208-216.

NASCIMENTO, Mario Fernando P. **Arquitetura para a educação**: a contribuição do espaço para a formação do estudante. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19062012-122428/pt-br.php>. Acesso em: abril, 2018.

NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 502 - 520.

NORBERG-SCHULZ, Christian. A Fenomenologia do Lugar. (*The Phenomenon of Place*, publicado originalmente em *Architectural Association Quarterly* 8, n. 4, 1976, pp. 3-10) In: NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 444 - 461.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: towards a phenomenology of architecture. New York: Rizzoli, 1991, 216 p.

OLGUÍN, Fernando Q.; REYES-LIRA, Carlota, J. G. El Estudio de las Relaciones Ambientales desde las Aportaciones de la Gestalt al Estudio de la Subjetividad y el Análisis Cualitativo. In: GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel S. L. (org). **Psicologia Ambiental**: entendendo as relações do homem com seu ambiente. 4ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2019, p. 31-55.

OLIVEIRA, Beatriz S.O que é Arquitetura? In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A. (org). **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. p. 135-142.

OLIVEIRA, Fabiana V. **Arquitetura escolar paulista nos anos 30**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20052010-152808/pt-br.php>. Acesso em: novembro, 2020.

PALLASMAA, Juhanni. A Geometria do Sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. (Publicado originalmente em *Sakala: Nordic Journal of Architecture and Art* 4, jun. 1986, pp. 22-25). In: NESBITT, K. (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo/SP: Cosac Naify, 2006, pp. 481- 489.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018b, p.123.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018a, p.125.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011, p. 77.

PÁSCOA, Olívia N. F. **A qualidade do lugar em escola pública padronizada do Rio de Janeiro**. Estudo de caso: escola Tia Ciata. 2008. 213 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, UFRJ/PROARQ, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

PELOTAS. Prefeitura Municipal de Pelotas. Gabinete do Prefeito. **Lei Nº 5.502, de 11 de setembro de 2008**. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas/RS: 2008. Disponível em:

https://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf. Acesso em: abril de 2021.

PELOTAS. Prefeitura Municipal de Pelotas. Gabinete da Prefeita. **Decreto nº 6251 de 19 de março de 2020**. Dispõe acerca de medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19), e dá outras providências. Pelotas/RS: 2020a. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/veja-os-decretos-municipais-sobre-prevencao-ao-coronavirus>. Acesso em: março de 2021.

PELOTAS. Prefeitura Municipal de Pelotas. Gabinete da Prefeita. **Decreto nº 6282 de 10 de junho de 2020**. Ratifica a situação de emergência e altera o Decreto nº 6.267/2020, que determina a criação de protocolos de higiene e distanciamento controlado, objetivando evitar aglomerações que podem potencializar a transmissão do novo coronavírus (COVID-19), e dá outras providências. Pelotas/RS: 2020b. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/veja-os-decretos-municipais-sobre-prevencao-ao-coronavirus>. Acesso em: março de 2021.

PELOTAS. Prefeitura Municipal de Pelotas. Secretaria Municipal de Educação e Desporto. **Portal Municipal da Educação e Desporto - Escolas**. Pelotas/RS, 2020c. Acessado em 03 de jun. 2020. Online. Disponível em: <http://site.pelotas.com.br/educacao/portal/escolas/>

PELOTAS. Prefeitura Municipal de Pelotas. Pelotas Digital. **Últimas Notícias - Educação e Desporto**. Pelotas/RS, fevereiro de 2022. Acessado em: março de 2022. Online. Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/volta-as-aulas-confira-as-orientacoes-e-protocolos-sanitarios>

PIMENTEL, Márcia. O espaço físico segundo a pedagogia de Anísio Teixeira. **MultiRio: a mídia educativa da cidade**. Rio de Janeiro/RJ, 2014. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/879-a-determinacao-do-espaco-fisico-na-pedagogia-de-anisio-teixeira>. Acesso em: fevereiro de 2021.

PINHEIRO, J. Q. *Behavior Setting*. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 83-97.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI G. A.; FERNANDES, O. S. Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, J. Q; GÜNTHER, H. (org). **Métodos de Pesquisa Nos Estudos Pessoa-Ambiente**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 75-104.

PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel S. L. Psicologia Ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In: GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel S. L. (org). **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2019, p. 5-12.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução, notas e índices: Rodolfo Lopes. Coleção Autores Gregos e Latinos Série Textos. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011, 261 p.

POL, E. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. (coord.) *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona, Publicacions Universitat de Barcelona, **Monografies Psico/Socio/ Ambiental**, nº 9, Revisión 2003, p. 45-62.

PRATI. Consórcio de Transporte Coletivo de Pelotas. **Horários**. 2022. Acesso online. Disponível em: <http://www.pratipelotas.com.br/horarios>. Acesso em março de 2022.

QUINCY, Antoine C. Q. **Dizionario storico di architettura**: Le voci teoriche, a cura di Valeria Farinati e Georges Teyssot. Venezia: Marsilio Editori, S.P.A., 1992, 291p.

RAMÓN, José; PEREIRA, Alonso. **Introdução à história da arquitetura, das origens ao século XXI**. Porto Alegre/RS: Bookman, 2010, 384p.

RAMOS, Shana M. P. **Estrutura Urbana Histórica**: a importância dos primeiros caminhos e sua permanência na estrutura urbana de Pelotas, RS. Rio Grande/RS: FURG, 2013, 99 p. [Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rio Grande]. Universidade de Federal de Rio Grande, Rio Grande/RS, 2013.

RAPOPORT, A. **The Meaning Of The Built Environment**: a nonverbal communication approach. Tucson: The University of Arizona Press, 1990, 251 p.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976, p. 156.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ALCANTARA, Denise; DEL RIO, Vicente. A Influência do Projeto na Qualidade do Lugar. **Sociedade e Território**: revista de estudos urbanos e regionais. Vol. 39, dezembro, 2005, pp. 100-118. Disponível em: http://www.prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/dealc_par_vdr-infl-projeto-na-qualidade-do-lugar.pdf. Acesso em: fevereiro de 2021.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso *et al.* **Observando a qualidade do lugar**: procedimento para avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro. PROARQ, 2009, 117 p.

RIBEIRO, José L. L. **Agricultura Urbana**: O caso da horta do Pestano - Pelotas/RS. Pelotas/RS: UFPEL, 2019, 107p. [Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas]. Universidade de Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2019.

RJ. Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Centros Integrados de Educação Pública: uma nova escola. **Estudos Avançados USP**. São Paulo, v. 5, n. 13, p. 61-77, set/dez. 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/675>. Acesso em: jun. de 2020.

RJ. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. **Manual para Elaboração de Projetos de Edifícios Escolares na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro/RJ: IBAM/CPU, PCRJ/SMU, 1996, 141 p.

RS. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. **Centro Integrado de Educação Pública Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/RS, 2013. Online. Acesso em: junho de 2020. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ComEspEdu_integral_2013/CIEP.pdf.

RS. Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Secretaria Estadual de Educação. **Busca de escolas**. Porto Alegre/RS. Acessado em 03 de jun. de 2020a. Online. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/busca-de-escolas>.

RS. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria Estadual da Saúde e Secretaria Estadual de Educação. **Portaria Conjunta SES/SEDUC/RS Nº01/2020**. Dispõe sobre as medidas de prevenção, monitoramento e controle ao novo coronavírus (COVID-19) a serem adotadas por todas as Instituições de Ensino no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS: 08 de junho de 2020b. Disponível em: <https://coronavirus.rs.gov.br/upload/arquivos/202006/09105205-portaria-conjunta-ses-seduc-republicacao.pdf>. Acesso em: março de 2021.

ROCHA, João Augusto L. As Inovações de Anísio Teixeira na Arquitetura e Construção Escolar: os casos da Bahia e do Rio de Janeiro. *In*: ROCHA, João Augusto de Lima (org.). **Anísio em Movimento: a vida e as lutas de Anísio Teixeira pela escola pública e pela cultura no Brasil**. Salvador: Fundação Anísio Teixeira, 1992, p. 101-112.

RONCONI, Reginaldo; DUARTE, Denise. João Filgueiras Lima (Lelé) **PosFAUUSP**, [S. l.], n. 21, p. 9-24, 2007. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i21p9-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43503>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SÁ, Jauri S.; WERLE, Flavia O. C. Presságios da modernidade na arquitetura escolar gaúcha: o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo (1946-1966). *In*: GRAZZIONTIN, Luciane S. S.; ALMEIDA, Dóris B. (org.). **Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar - séculos XIX e XX**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2016, p. 214-235.

SABATO, Ernesto. **Sobre Heróis e Tumbas**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, 624p.

SANOFF, Henry. **Creating Environments for Young Children**. North Carolina State University, 2nd Printing, 2016, 126 p.

SCHWARTZMAN, S. **Estado Novo, um Auto-retrato** (Arquivo Gustavo Capanema). Brasília/DF: Coleção Temas Brasileiros, Universidade de Brasília, volume 24, 1982, 620p.

SEAMON, D.; GILL, H. K.; Qualitative Approaches to Environmental-Behavior Research: understanding environmental and places experiences, meanings, and actions. *In*: GIFFORD, R. (edit.) **Research Methods For Environmental Psychology**. 1th ed. Hoboken: Jon Wiley & Sons Ltd, 2016. p. 115-135.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP (editora da universidade de SP), acadêmica 21, 1997, 224p.

SHAMAI, Shmuel. Sense of Place: an empirical measurement. **Geoforum**. Great Britain: Vol 22, n. 3, pp. 347-358, 1991.

SILVA, Janice R. **Nas profundezas do mar de oportunidades: um estudo**. Pelotas/RS: UFPEL, 2014, 108p. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2014.

SOBRINHO, José A; PARENTE, Marta M. CAIC: Solução ou Problema? Texto para discussão nº 363. **Repositório do Conhecimento do IPEA**. Brasília/DF: Janeiro de 1995, 25p.

SOMMER, Barbara; SOMMER, Robert. **A Practical Guide to Behavioral Research: tools and techniques**. 5th ed. Nova York: Oxford University Press, 2002. 380 p.

SOUZA, J. P. C. **Livro Denúncia**. Porto Alegre: Editora Thurmman, Conferência realizada na Associação Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro, em novembro de 1941, 2. ed. 1941. 118 p.

SOUZA, Rosa F. Prefácio. *In*: BENCOSTTA, Marcus L. A. (org.) **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 7-14.

SUSSMAN, Reuven. Observational Methods: the first step of Science. *In*: GIFFORD, R. (edit.) **Research Methods For Environmental Psychology**. 1th ed. Hoboken: Jon Wiley & Sons Ltd, 2016. p. 09-27.

TAVARES, Bruna B. **Requalificação urbana das vias de acesso do bairro Pestano**. Tutor: André Carrasco. 2018. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Assistência Técnica Habitação e Direito à Cidade) - Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia. Pelotas/RS, 2018.

TEDESCHI, Enrico. **Teoría de la arquitectura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1978, 311p.

TUAN, Yi-Fu. **Escapism**. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo/SP: DIFEL, 1983, 250 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo/SP: DIFEL, 1980, 288 p.

VARELA, F.; EVAN, T.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Tradução de Maria Rita Secco Hofmeister. Porto Alegre: Artmed, 2003. 293 p.

VIÑAO, Antonio. Espaços, Usos e Funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. *In*: BENCOSTTA, Marcus L. A. (org.) **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 15-47.

WAISMAN, Marina. **La estructura histórica del entorno**. 3ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985, 285 p.

WERLE, C. O. Flávia; BRITTO, S. T. M. Lenir; COLAU, M. Cinthia. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Diálogo Educ.** Curitiba, vol. 7, n. 22, 147-163 p. 2007.
Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4189>. Acesso em: dezembro, 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Bookman, 2001, 200 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Planta da edificação

Planta

modulação

eixos

APÊNDICE B – TCLE dos participantes das entrevistas



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá. Gostaria de pedir sua participação na coleta de informações para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. A investigação é proposta pelo aluno José Henrique C. Cordeiro (Matrícula 20103935) e é orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Adriana Portella. O objetivo do trabalho consiste em avaliar a representatividade e a percepção do usuário da comunidade escolar quanto ao projeto padrão em escolas.

Você está sendo convidado a participar de um estudo com o título “O sentido de lugar e a percepção do usuário perante o projeto padrão em instituições de ensino: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs”. Sua participação é inteiramente voluntária, por isso cabe a você decidir se quer participar ou não. Antes de decidir, é importante entender o que a pesquisa envolve. Esta folha de informação fala sobre a pesquisa, o que estamos pedindo a você, por que a investigação está sendo feita, o que vai acontecer durante a pesquisa e quais seus possíveis resultados.

Se você desejar participar, você será solicitado a assinar o termo de consentimento, no final desse documento. Se você decidir participar desta pesquisa, você ainda é livre para desistir a qualquer momento e sem dar quaisquer razões para a sua decisão. Se você optar por desistir, todas as informações que você forneceu à pesquisa serão destruídas. Se você não quiser participar, está tudo bem. Em nenhum momento da pesquisa ou na dissertação final seu nome será divulgado, de modo que garantimos seu completo anonimato.

Por favor, leia as informações a seguir antes de decidir.

1. Quem está conduzindo esta pesquisa?

Esta investigação está sendo conduzida por José Henrique Carlúcio Cordeiro, engenheiro civil e aluno do curso de mestrado em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, orientado pela arquiteta e professora Adriana Portella.

2. Antecedentes

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



a) Qual é o objetivo da pesquisa?

Estamos tentando entender como um projeto de arquitetura para escolas funciona quando é replicado de forma igual em diferentes cidades do Brasil. Buscamos saber quais são os pontos positivos e negativos do projeto de arquitetura das escolas EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza e como elas se relacionam com o bairro Pestano e com a cidade de Pelotas. As informações que recebermos nos ajudarão a desenvolver uma compreensão de como esses projetos replicados podem ser melhorados por engenheiros e arquitetos.

b) Por que fui escolhido?

Você foi convidado a participar desta pesquisa porque você conhece a comunidade escolar e interage de alguma forma com o edifício dessas escolas. Queremos falar com você sobre suas experiências de vida na comunidade escolar e no bairro Pestano.

c) Quem pode participar da pesquisa?

- Pessoas que conheçam as escolas EMEF Francisco Caruccio e EMEI Herbert de Souza;
- Pessoas que vivam no bairro Pestano e interajam de alguma forma com essas escolas;

d) O que devo esperar se eu participar?

Eu gostaria de lhe entrevistar para que você possa nos contar sobre suas próprias experiências. Será feita uma série de perguntas sobre suas experiências cotidianas, com foco na história do bairro Pestano, na história das escolas Francisco Caruccio e Herbert de Souza e no que elas representam para a comunidade. A entrevista será gravada. O pesquisador fará pausas regulares, se necessário, e você está livre para desistir de participar da pesquisa, a qualquer momento, caso não deseje continuar. Posteriormente o áudio será transcrito e analisado.

Provável duração da entrevista: 60-90 minutos. Se possível, gostaríamos também de ficar em contato para conversar novamente com você nas demais etapas da pesquisa, para ver como você está, mas isso dependerá completamente de você.

e) A minha participação será mantida confidencial?

Se você concordar, suas respostas serão gravadas e usadas na pesquisa. Sua confidencialidade será respeitada. Nenhuma informação que forneça sua identidade será liberada ou publicada sem seu consentimento específico. Se você desejar que algo seja confidencial você pode então avisar ao pesquisador e ele ou ela garantirá que não seja gravado. Todos os dados serão armazenados

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



em um pen-drive o qual será guardado pelo pesquisador José Henrique Carlúcio Cordeiro. Todos os arquivos eletrônicos estarão protegidos em servidores com senha.

h) O que acontecerá com os resultados desta pesquisa?

Os resultados desta pesquisa serão compilados e analisados em trabalho de mestrado em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e posteriormente serão relatados em artigos acadêmicos e apresentados em conferências. Em todas as publicações, os resultados serão escritos de forma que ninguém poderá identificá-lo nos dados.

3. O que acontece se eu decidir retirar o meu consentimento de participação?

A sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você pode desistir a qualquer momento.

4. Quais são os possíveis riscos da participação na pesquisa?

Durante a realização das entrevistas a previsão de riscos é mínima, ou seja, o risco que você corre é semelhante àquele do seu dia a dia, se você tiver alguma manifestação de embaraço, constrangimento ou desgaste no pensamento ao responder, você poderá interromper e desistir de participar e/ou entrar em contato com o pesquisador responsável. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável José Henrique Carlúcio Cordeiro. Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você. Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado. Se você tiver qualquer consideração ou dúvida, ou mesmo se quiser ser informado a respeito do andamento do trabalho, pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail [REDACTED] e do telefone [REDACTED].

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, localizada na Av. Duque de Caxias, 250 – Pelotas/RS, pelo telefone: (53) 3310-1800 ou ainda pelo e-mail cep.famed@gmail.com.

Em caso de concordância consentimento das gravações dos instrumentos de pesquisa, por favor, preencher abaixo:

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa "O sentido de lugar e a percepção do usuário perante o projeto padrão em instituições de ensino: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs" e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Pelotas, __/__/__

Assinatura do participante

Declaração do pesquisador responsável

Eu, José Henrique C. Cordeiro, como pesquisador responsável pelo estudo "O sentido de lugar e a percepção do usuário perante o projeto padrão em instituições de ensino: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs", declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade dele. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Pelotas, __/__/__

José Henrique Carlucio Cordeiro

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

APÊNDICE C – TALE dos participantes dos poemas dos desejos



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos para as crianças participantes

Olá, tudo bem? Este é um convite para você participar da pesquisa: "O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs", que tem como pesquisador responsável José Henrique Carlúcio Cordeiro. Esta pesquisa pretende avaliar a representatividade e a apropriação do ambiente escolar oriundo de projeto de arquitetura padrão, a partir da percepção de seus usuários. O objetivo do trabalho consiste em propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam a sentimentos de apego e pertencimento.

O motivo para fazer este estudo é justificado pela possibilidade de trazer melhoria para projetos de arquitetura escolar que utilizem a padronização como prática projetual. Caso você queira participar, será pedido que você escreva sobre o que você gosta na escola EMEF Francisco Caruccio, sobre como você gostaria que ela fosse. Será pedido também para você desenhar a escola, o que você gosta e não gosta. A atividade será realizada em sala de aula.

As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 12 a 16 anos de idade e seus pais ou responsáveis permitiram que você participasse. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Caso se sinta cansado, confuso ou não se sinta bem realizando a atividade, você pode parar um pouco para descansar ou pode desistir, sem nenhum problema.

Durante a realização dos textos e desenhos uma pessoa poderá perguntar sobre alguma explicação da atividade. Essa conversa será gravada e depois transcrita para melhor interpretação dos resultados. Em seguida, o áudio será apagado, de modo a não permitir a identificação de sua voz, porém, se não quiser que seja gravada, não será.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



A atividade é segura e seus riscos são mínimos, pois está associada ao cotidiano escolar e será acompanhada por uma professora da EMEF Francisco Caruccio e pelo pesquisador José Henrique C. Cordeiro. Os benefícios serão a participação em atividades lúdicas de reconhecimento da escola em produção de textos e desenhos e uma contribuição sobre investigações sobre as relações entre as pessoas e o ambiente escolar.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para José Henrique Carlucio Cordeiro, com telefone (53) 98141-0845 e E-mail: joseccordeiro@yahoo.com.br. Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você nos fornecerá serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-lo(a). Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro (pen-drive e servidor com senha) por um período de 5 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável José Henrique Carlucio Cordeiro. Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você. Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado. Se você tiver qualquer consideração ou dúvida, ou mesmo se quiser ser informado a respeito do andamento do trabalho, pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail [REDACTED] e do telefone [REDACTED].

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, localizada na Av. Duque de Caxias, 250 – Pelotas/RS, pelo telefone: (53) 3310-1800 ou ainda pelo e-mail cep.famed@gmail.com.

Em caso de concordância consentimento das gravações dos instrumentos de pesquisa, por favor, preencher abaixo:

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



Assentimento pós-informado

Eu _____ aceito participar da pesquisa "O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs". Entendi os riscos e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. O pesquisador tirou minhas dúvidas e dos meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com o pesquisador responsável (José Henrique C. Cordeiro). Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Pelotas, __/__/__.

Assinatura da criança participante

Impressão datiloscópica da criança participante

Declaração do pesquisador responsável

Eu, José Henrique C. Cordeiro, como pesquisador responsável pelo estudo "O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs", declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade dele. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Pelotas, __/__/__.

José Henrique Carlucio Cordeiro

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

APÊNDICE D – TCLE dos responsáveis pelos alunos que participaram dos poemas dos desejos



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos aos responsáveis

Olá, tudo bem? Este é um convite para a criança sob sua responsabilidade participar da pesquisa: “O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs”, que tem como pesquisador responsável José Henrique Carlúcio Cordeiro. Esta pesquisa pretende avaliar a representatividade e a apropriação do ambiente escolar oriundo de projeto de arquitetura padrão, a partir da percepção de seus usuários. O objetivo do trabalho consiste em propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam a sentimentos de apego e pertencimento.

O motivo para fazer este estudo é justificado pela possibilidade de trazer melhoria para projetos de arquitetura escolar que utilizem a padronização como prática projetual. Caso você decida autorizar a criança a participar, será pedido para ela escrever sobre o que gosta na escola EMEF Francisco Caruccio, sobre como ela gostaria que a escola fosse. Será pedido também para a criança desenhar a escola, mostrando o que ela gosta e não gosta. A atividade será realizada em sala de aula.

As crianças que irão participar dessa atividade têm de 12 a 16 anos de idade e somente participarão se seus pais ou responsáveis permitirem. A participação é voluntária, é um direito seu não deixar a criança participar e não terá nenhum problema se ela desistir no meio da atividade. Caso se sinta cansado, confuso ou não se sinta bem realizando a atividade, a criança pode parar um pouco para descansar ou pode desistir, sem nenhum problema.

Durante a realização dos textos e desenhos uma pessoa poderá perguntar sobre alguma explicação da atividade. Essa conversa será gravada e depois transcrita para melhor interpretação dos resultados. Em seguida, o áudio será apagado, de modo a não permitir a identificação de sua voz, porém, se não quiser que seja gravada, não será.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



A atividade é segura e seus riscos são mínimos, pois está associada ao cotidiano escolar e será acompanhada por uma professora da EMEF Francisco Caruccio e pelo pesquisador José Henrique C. Cordeiro. Os benefícios serão a participação em atividades lúdicas de reconhecimento da escola em produção de textos e desenhos e uma contribuição sobre investigações sobre as relações entre as pessoas e o ambiente escolar.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para José Henrique Carlucio Cordeiro, com telefone [REDACTED] e E-mail: [REDACTED]. Você tem o direito de recusar sua autorização, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você ou para a criança.

Os dados que a criança nos fornecerá serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-la. Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro (pen-drive e servidor com senha) por um período de 5 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável José Henrique Carlucio Cordeiro. Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você. Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado. Se você tiver qualquer consideração ou dúvida, ou mesmo se quiser ser informado a respeito do andamento do trabalho, pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail [REDACTED] do telefone [REDACTED].

Em caso de concordância consentimento das gravações dos instrumentos de pesquisa, por favor, preencher abaixo:

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador



Consentimento Livre e Esclarecido do responsável pela criança participante

Eu, _____,
representante legal do menor _____,
autorizo sua participação na pesquisa "O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs". Essa autorização foi concedida após os esclarecimentos sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para ele(a) e também por ter ficado ciente de todos os direitos que ele(a) tem como participante e eu como representante legal. Autorizo ainda a divulgação das informações fornecidas por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa identificá-lo(a).
Pelotas, __/__/__.

Assinatura do responsável legal do participante

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo "O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs", declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade dele. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido infringirei as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Pelotas, __/__/__.

José Henrique Carlucio Cordeiro

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

APÊNDICE E – Roteiro piloto de perguntas para as entrevistas semiestruturadas

Tabela E. 1 - Roteiro de perguntas piloto

Perguntas
O que você sabe a respeito da história da escola?
Há quanto tempo você trabalha nessa escola?
Você percebe a diferença do prédio dessa escola para com as outras escolas de Pelotas/RS?
O que você pensa sobre existir outras escolas iguais a essa, distribuídas ao longo do Brasil?
O que você pensa a respeito dos ambientes que formam essa escola?
O que você pensa a respeito da apropriação da escola pelos estudantes, funcionários e comunidade local?
Você acredita que os estudantes e funcionários dessa escola, assim como as pessoas do bairro, se sentem representados por ela?
O que você pensa sobre a divisão institucional que houve na escola em 2001, separando os ambientes de educação infantil, ensino fundamental e unidade básica de saúde?
O que você pensa das reformas que já ocorreram no prédio da escola?
Quais os sentimentos que você percebe ao pensar no prédio da escola?

Fonte: AUTOR, 2021.

APÊNDICE F – Roteiro de perguntas para as entrevistas semiestruturadas

Tabela F. 1 - Roteiro de perguntas

Perguntas
Há quanto tempo frequenta o bairro e a escola? (O que você conhece do bairro? E da escola?)
Conhecia o Pestano antes da escola ser construída? (Como era? Tem alguma lembrança? Quais foram as principais mudanças? Boas ou ruins?)
Qual o seu trajeto para chegar na escola? (Tem algum tipo de referência do trajeto? Tem alguma dificuldade?)
Quais os caminhos que faz que a escola seja referência? (Por onde passa? Tem alguma referência boa ou ruim?)
O que você acha do local onde a escola está inserida?
O que você sabe a respeito da história da escola?
Como são os alunos, os professores e os funcionários?
O que você faz na escola? Quais são suas atividades?
Há quanto tempo você frequenta nessa escola?
Quais os sentimentos que você percebe ao pensar no prédio da escola?
O que você mais gosta na escola?
Quais os pontos positivos dessa escola?
O que você menos gosta na escola?
Quais os pontos negativos na escola?
O que você pensa a respeito dos ambientes que formam essa escola?
O que você pensa que falta na escola?
O que você pensa das reformas que já ocorreram no prédio da escola?
Você percebe a diferença do prédio dessa escola para com as outras escolas de Pelotas/RS?
O que você pensa sobre existir outras escolas iguais a essa, distribuídas ao longo do Brasil?
O que você pensa a respeito da apropriação da escola pelos estudantes, funcionários e comunidade local?
Você acredita que os estudantes e funcionários dessa escola, assim como as pessoas do bairro, se sentem representados por ela?
Quais os problemas que você percebe na escola e no bairro? (Como pensa que poderiam ser resolvidos?)
O que você pensa sobre a divisão que houve na escola em 2001, separando os ambientes de educação infantil, ensino fundamental e unidade básica de saúde?
O que você pensa das reformas que ocorreram nos últimos tempos na escola? (Você faria alguma coisa diferente?)
Quando você olha para a escola, como percebe que o tempo passou? O que mudou desde que você começou a frequentar esse espaço?
O quanto importante a escola é pra você? (Como você acha que contribui para a escola?)

Fonte: AUTOR, 2021.

APÊNDICE G – Transcrição de entrevista com funcionário da EMEF Francisco Caruccio

Identificação:	E01	Gênero:	Masculino
Data da entrevista:	21/11/2019	Atividade:	Professor e gestor
Duração:	49 minutos		

... então, eu comecei a gravar agora e queria que o senhor desse o consentimento dessa gravação.

Tranquilo, estás autorizado a gravar.

Eu preparei algumas perguntas pra gente conversar, mas se a resposta fugir do tema não tem problema nenhum. Vamos ficar livres pra conversar.

Tranquilo.

É um roteiro, só pra gente não se perder.

Eu queria saber do senhor, há quanto tempo o senhor trabalha aqui?

Nove, não, oito anos e onze meses.

O senhor conhece a história da escola desde que ela foi implementada, em 1995? O que o senhor sabe a respeito?

Eu conheço bastante a história da escola, porque no início da minha carreira no magistério público eu trabalhei nesta escola, só que noutro prédio. E isso já faz mais de vinte e cinco anos. Então eu conheço muito bem a história em função disso. Porque eu participei da festa de aniversário da escola dos vinte e cinco anos, é ... não, dos vinte e cinco não, dos cinquenta anos da escola e agora, depois, dos setenta e cinco. Então, desde o contato com a família Caruccio, né? que foram os pioneiros da fundação da escola. Conheço bem a história, sim.

Se o senhor puder contar um pouco dessa transição, que a EMEF Caruccio existia antes da construção e inauguração do prédio CAIC em 1995. Como era a escola no endereço anterior? Como foi passar pra cá? O que essa nova instalação significou na história da escola?

Na realidade a escola inicia na olaria da família Caruccio, na avenida que hoje leva o nome do patrono da nossa escola, Avenida Francisco Caruccio. Ali o Francisco Caruccio e a esposa tinham uma olaria. Uma família muito bem-conceituada na cidade. Uma família próspera, com bastante recurso financeiro e que tinha o olhar diferenciado junto aos seus servidores, não, junto aos seus empregados. Todos os empregados que trabalhavam com a família Caruccio eram pessoas tratadas como membros da família,

e em função disso, Francisco Caruccio cria uma escola dentro da propriedade dele, que era uma propriedade enorme, gigantesca, hoje loteada, mas naquela época uma propriedade enorme. Ali ele cria a escola. Para os filhos dos funcionários e para os próprios funcionários que quisessem se alfabetizar, porque tinha um número grande de funcionários analfabetos. A partir dessa alfabetização, dessa escola que ele cria, alguns dos seus funcionários que trabalhavam no serviço de modelagem do tijolo e coisa depois passam a ingressar até no próprio escritório da empresa. Na época ele viajava muito, ele e a esposa. Trabalhavam muito, mas viajavam muito também. Ali foi criada a escola. Depois, o que que aconteceu? A escola teve reconhecimento municipal e passou a ser chamada Escola Uruguai. Com a morte dele, a família não seguiu os negócios, essa escola foi transferida para o bairro Pestano, para a Vila Pestano, porque ela não tinha nenhuma escola na época. Então foram construídos quatro chalés, que seriam quatro salas de aula, e ali passou a funcionar a Escola Uruguai. Tudo origem do Caruccio. Veio com a nomenclatura, veio com a documentação, com o decreto de criação para a Vila Pestano. Ora, a Vila foi crescendo bastante, que ela é hoje enorme, né? Naquela época ela já foi crescendo muito. A prefeitura, então, construiu um prédio de alvenaria para colocar a Escola Uruguai. Quando passa pra esse prédio, ela já passa com o nome de Francisco Caruccio, em homenagem ao patrono da escola, que foi o idealizador. E quando digo que foi idealizador, ele não foi só o idealizador, ele foi aquele que comprou o mobiliário, que comprou livros, que comprou material pra escola. Que quando ela veio pra esse chalé, ela veio com os recursos que eram utilizados na escola que funcionava no prédio da Família, nas terras da Família. Ele investiu, eles foram a São Paulo comprar livros, ele e a esposa, e tudo. O que não era nenhuma dificuldade pra ele ir a São Paulo, eles viajavam muito realmente, né? E aí, então ela foi pro prédio novo. E por ali ele ficou anos. Que que aconteceu depois disso tudo? Nos cinquenta anos do Caruccio eles, inclusive, estavam naquele prédio. O governo Fernando Collor de Mello começa a construção desse prédio para ser um CAIC. Em função do impeachment, porque ele não chegou a ficar nem três anos no governo, essa ideia foi encerrada, de CAIC, pelo presidente Itamar Franco. E aí o prédio ficou abandonado, este aqui. O que que ocorrera naquela ocasião? A comunidade já estava crescendo demais. Nós já tínhamos o Getúlio Vargas colado ao Pestano, e o Getúlio Vargas só tinha escola até a quarta série. Então, o que que aconteceu? A Escola Francisco Caruccio sai do prédio, onde hoje funciona a Escola Santa Irene, e acaba utilizando esse prédio aqui. E aí passa a vir pra cá e a ocupar todas as dependências para ser, então, a Escola Francisco Caruccio.

Porque eu vejo na placa, ali na frente da escola, que foi inaugurado, se eu não me engano, em 1995.

É, no governo Irajá que ele veio pra cá.

Mas como CAIC.

O senhor sabe me dizer quanto tempo que demorou... de ser ... deixar de ser CAIC? Quanto tempo que ele ficou abandonado como CAIC até ser implementada a EMEF Caruccio aqui dentro? Quanto tempo que ficou de portas fechadas?

Olha, a informação que eu tenho, e eu não vou te dar ela com precisão porque eu te confesso que eu não pesquisei, a informação que a gente teve da Secretaria de

educação, é que ele ficou relativamente abandonado após o término das obras até a ocupação, em torno de dois anos. Não chegou bem a dois anos, é a informação que a gente tem. Porque a antiga diretora, a ex-diretora, antiga não porque ainda é viva, a Professora Dagmar solicitou ao governo municipal a transferência para cá argumentando que aqui nós teríamos condições de ofertar mais vagas. E aí o Governo Irajá Rodrigues, junto com a secretária Jacema, trouxeram a escola para cá, com o nome Francisco Carúcio. A escola é Francisco Carúcio! Ela usa esse apelido de CAIC, mas ela nunca funcionou como um CAIC, né? Ela sempre foi escola de ensino regular, nunca de turno integral.

O senhor percebe que essa escola é diferente? Que o prédio, em si, dessa escola é diferente das demais? Que ele recebe uma arquitetura com uma forma diferente, recebe uma técnica construtiva diferente das outras?

Sem dúvida. Na nossa cidade é o único CAIC, único que tem este modelo arquitetônico. Depois tu tens na cidade de Rio Grande, cidade vizinha, um semelhante ao nosso. O nosso foge um pouco da estrutura original porque ele foi todo Francisco Carúcio, e ele, hoje, tem numa ala, uma escola de educação infantil, que foi criada por um determinado prefeito, que desmembrou, ele precisava criar uma escola de educação infantil no bairro e pra fins eleitoreiros ele pega e bota um nome diferente lá para iludir a população que tava construindo uma escola nova, ele não tava construindo nada, ele simplesmente dividiu, e uma parte do nosso prédio é utilizado pela Universidade Católica de Pelotas para ser o posto de saúde que era dentro da vila e vem ocupar aqui. E quando eu falo isso para ti eu falo até com uma certa mágoa, porque eu preciso desses espaços. O posto de saúde utiliza um espaço que é importante para área da educação, para essa comunidade porque falta vaga no bairro. E eu tô com o prédio alí ocupado pelo posto de saúde, enquanto que eu tenho, por exemplo, o posto da Brigada Militar que tinha dentro da Vila abandonado sendo utilizado por ene marginais como ponto até de droga e ao invés, então, de ser utilizado pelo posto da Universidade Católica pra poderem liberar o prédio aqui para mim. Aí já existe um pedido meu junto à Prefeitura Municipal de Pelotas, tanto a devolução do posto de saúde quanto a do prédio da escolinha. Estão sendo construídas outras escolas, então eu sugiro ao governo municipal que essas escolas que vão ser inauguradas brevemente recebam esse mobiliário e esse nome, que está aqui ao lado, e que aquele prédio volte a ser Francisco Caruccio para que eu possa atender as crianças de zero até o nono ano e EJA. Entendeste? A minha ideia, o que que é? A criança entra na Escola Francisco Caruccio no berçário e sai daqui formada. Acho que isso é uma coisa que a comunidade ia ganhar muito. Não teria problema de transição de uma escola para outra, ele estaria familiarizado com todo o espaço público, não teria aquele problema de adaptação da criança que vem do pré dois para o primeiro ano que leva, às vezes, dez, quinze dias chorando porque está numa escola nova, quer dizer? Ele vai tá circulando por esse prédio o tempo inteiro desde pequenininho, não é? Então eu acho que a criança sai muito ganhando. Eu já fiz essa proposta para a prefeita Paula, né? Que na época ela era vice-prefeita. Ela gostou muito, nós fizemos toda a documentação, regimento, mandamos para o Conselho Municipal de Educação. O Conselho Municipal de Educação achou maravilhoso nosso projeto, mas não aprovou. Por que? Para aprovar eu já tenho que ter o prédio e eles não me deram o prédio. Como eles vão assinar um documento de funcionamento se o prédio ainda não é meu?

E quanto é o programa pedagógico? Pois a gente nota que tem no prédio auditório, tinha, hoje eu não sei se ainda funciona em função da divisão que houve entre os três prédios, sala médica, ala... inclusive, ala pediátrica, tu tens um ginásio enorme na escola, né? Esse projeto foi um projeto padrão, que foi implementado no Brasil inteiro. Atualmente como é que tu vês um projeto de noventa e cinco atender uma demanda pedagógica de dois mil e dezenove?

É. Nós temos que ser extremamente lúcidos na hora dessa resposta, para que a gente não cometa um erro, o trabalho com a ideia da utopia. Meu projeto político-pedagógico, que agora vai ser reformulado a partir da nova base nacional curricular, não comecei o novo projeto pedagógico ainda porque a gente mandou as adequações da grade, então nós precisamos que ela seja... o regimento seja aprovado para em cima do regimento aprovado trabalhar um novo projeto político pedagógico. Esse projeto político-pedagógico que está em vigor na minha escola, pendurado na secretaria para os pais olharem no ato da matrícula, pendurado na sala dos educadores para que todos os profissionais sempre lembrem qual é o nosso projeto político-pedagógico, ele é muito real, ele é muito verdadeiro e ele me deu muito trabalho para ser feito, em várias reuniões, que levaram quase um mês, porque ele é construído com todos. Tu sabes, né? Com pai, mãe, aluno, professor, funcionário, então ele me deu muito trabalho. Mas ele é um projeto que se aproxima daquilo que eu entendo que é o ideal. Ora, eu tenho auditório, eu tenho ginásio, eu tenho laboratórios de informática, eu tenho uma infraestrutura aqui gigantesca, maravilhosa, eu tenho, por exemplo, parceiros, estás vendo aqui, sentado na minha sala, um painel onde eu tenho ali as datas que são comprometidas com o auditório da escola. Então, estás vendo ali ó, por exemplo, dia dezenove de novembro, eu nem sabia que tu ias me fazer essa pergunta, tá aí ó posto de saúde às 14 horas. Nós temos uma relação com o posto de saúde muito boa, o posto de saúde usa muito a nossa escola assim como eu uso muito o posto de saúde. Eu preciso da parceria com as assistentes sociais, eu preciso da parceria com os psicólogos, eu preciso da parceria com os psiquiatras e com os clínicos e com obstetra, eu preciso. Então nós temos uma relação muito boa, Se eu tenho um aluno febril e não consigo contato com a família, eu mesmo levo no posto. Se eu tenho um aluno que se machuca no pátio, eu mesmo levo no posto. Eu ou alguém da minha equipe leva no posto e somos atendidos no mesmo momento. Olha, eu quando vim trabalhar aqui como interventor eu fui visitar todas as lideranças do bairro, como fui... todas, e quando eu digo todas se subentende lideranças boas e lideranças ruins. “Mas que horror [REDACTED] tu utilizar esse termo lideranças ruins!” É que nem todas as lideranças são positivas e vocês sabem disso, tu sabes disso, né? Então tu tens que conversar com todos. Assim como fui nos estabelecimentos comerciais me apresentar e etcetera. Então eu mantenho uma relação muito fraterna, muito cordial e muito respeitosa com todas as pessoas, até mesmo com os veículos de comunicação e com as rádios comunitárias que nós temos no bairro. Acho importante isso, né? Inclusive mercados do bairro, Treichel, Krollow, não tem quem não conheça o diretor do CAIC. Eu não gosto que usem esse nome, mas eles usam, né? CAIC, CAIC. Eu sempre digo: Francisco Caruccio. Porque eu acho que ele é um homem de uma visão... foi um homem de uma visão fantástica, um ser humano maravilhoso, que eu lamento muito não ter tido a oportunidade de conhecer. Não é à toa que ele tá sentado aqui, pendurado atrás de mim na parede. Porque eu acho que o patrono realmente merece estar nesse lugar de destaque. Então, com relação ao modelo CAIC, que deveria ter o posto de saúde com a porta para dentro da escola, isso eu não tenho. A porta de entrada para o posto de saúde é externa, mas eu utilizo muito, eu e toda minha comunidade escolar utiliza muito.

Embora tenha uma porta externa, e não tenha uma porta interna aberta diariamente, eu a utilizo. Eu tenho a chave da porta interna, eles também têm, né? Mas nós utilizamos a externa, mas sempre somos atendidos, cordialmente, na mesma hora, com muito carinho e com muita atenção. Até eu, enquanto [REDACTED], já precisei ser medicado, com crises de hipertensão e tudo mais, e fui atendido com o maior carinho, né? Eu não posso me queixar deles, eles são muito bons pra nós.

E essa representatividade? Tu achas que a comunidade escolar, a comunidade local, vê o edifício em si, a edificação, o prédio, como um símbolo? Eles sentem que pertencem à escola?

Eu acredito que sim. E aí tu me dizes: “[REDACTED] tu não estás sendo muito otimista?” Não tô. Tu estás tendo a oportunidade de vir na escola, acho que pela terceira vez, né? Então tu olhas, com o teu olhar, para com prédio, por exemplo, só a questão física, e tu entras em outros tantos estabelecimentos de ensino, tu percebes que meu aluno é diferenciado. E eu vou te dizer o porquê disso. Nós jogamos muito aberto com o nosso aluno. Eles sabem aonde eu gasto real por real da escola. Eu digo para eles aonde eu tô gastando, eu mostro para eles aonde que eu tô gastando. E digo pra eles que eu não tô gastando ali porque eu, [REDACTED], quero. É porque eu apresentei uma proposta pro Conselho Escolar, e o Conselho Escolar concordou comigo. Então, todo e qualquer gasto se justifica porque eu fui autorizado a fazer. E se eu tiver duas ou três vezes a aplicação do dinheiro na mesma coisa, eles que saem perdendo. Então eu acho que eles acabam entendendo isso. E eles têm carinho pela escola. Eu te provo isso a qualquer momento. O meu aluno, ele não anda de bicicleta nas dependências internas da escola. Se ele precisa sair mais cedo e o portão de saída tá fechado, ele sai pelo portão social. E eles levantam a bicicleta e levam até o portão de saída nos braços, porque a escola é encerrada e eles não sujam, com o pneu, o chão da escola. Então, eu acho que eles têm, sim, orgulho dessa escola, eles têm orgulho do prédio da escola. Eles têm orgulho de dizer que são do Francisco Caruccio. E aí vais dizer: “[REDACTED], não é uma visão muito lírica tua?” Não, não acho que seja. Eles vão a qualquer lugar da cidade, a qualquer lugar, e eles voltam sendo elogiados. No último sarau da Biblioteca Pública Pelotense, eles estavam junto com uma determinada escola particular. Eu recebi o telefonema da Secretaria de Cultura, cumprimentando os meus alunos. As pessoas me perguntam: “Tu ainda estás na direção do Caruccio? Mas que horror [REDACTED], tu é um louco, larga o Pestano!” As pessoas têm uma imagem. As pessoas pré-julgam quem tá na periferia: como se fossem bandidos, como se fossem marginais, como se fossem pobres desprovidos de bom senso e de inteligência. Isso me faz ficar, inclusive, muito brabo com as pessoas. Porque os meus alunos são maravilhosos, eles são bons, eles são queridos, eles são amáveis. Eu recebo beijo no rosto de aluno de 4 anos, aluno de sessenta, setenta, de noite quando eu tô no portão recebendo os do EJA. Então estar na direção do Caruccio, mês que vem eu vou fazer nove anos como [REDACTED] aqui, entre interventor, convidado e eleito, nove anos. “Tem momentos muito difíceis?” Tem. Tem momentos difíceis. Como por exemplo ontem, em que uma aluna saiu daqui pelo conselho tutelar, porque nós tivemos que chamar porque ela é abusada sexualmente pelo pai. Então eu estou te dando um testemunho só pra tu entenderes o quanto é difícil, muitas vezes, tá sentado aqui. Mas também tem momentos muito prazerosos, né? E uma situação acaba minimizando a outra. Citei esse caso, aqui, pra ti porque é um caso que aconteceu ontem e que ainda me dói muito, né? Dói muito! Eu tenho cinquenta e dois anos de idade e eu não tenho vergonha de dizer pra ti, que é um jovem, que a menina saiu ontem daqui com a conselheira tutelar.

Ela saiu aos prantos, eu fiquei abraçado nela acho que uns dez, quinze minutos, na aluna, também aos prantos. Aí tu me dizes assim: “Professor, o senhor deveria ter tido mais controle emocional.” É muito difícil, em determinados momentos tu teres controle emocional. Porque tu te penaliza, tu sofre, inclusive tu não consegue dormir direito. Por quê? Será que eu poderia ter feito alguma coisa, antes, por essa menina? Eu quando conversei com o pai dela na última vez, seria em função da bebida e em função do bater. Ele nunca mais bateu, mas depois agiu dessa forma, né? Então, tu fica pensando uma série de coisas. Mas eu acho que esse prédio simboliza muito para comunidade e eles têm orgulho de ter essa escola diferente arquitetonicamente das outras. Eles têm! Eles têm orgulho! Eles têm orgulho. “A nossa escola tem ginásio, [REDACTED].” Eles têm orgulho! “[REDACTED], a nossa escola tem um monte de laboratórios de informática e as outras não têm!” Então eles comparam com as dos outros, do bairro. Porque tem aluno meu que foi conhecer o centro da cidade agora, este ano, com os passeios que a escola fez. Tem aluno que não sai daqui, porque é difícil, às vezes, pra eles dinheiro para pegar o ônibus e ir para o centro, né? Eles ficam aqui nesse mundo.

E num retrospecto: Quando a escola foi implementada o senhor acha que houve um choque de ver essa construção monumental, em concreto, cinza e industrial para realidade da comunidade? Hoje em dia ainda se vê uma diferença muito grande. Em noventa e cinco, o senhor acha que teve, ou noventa e sete quando a EMEF Caruccio entra, o senhor acha que teve algum afrontamento, algum “não quero habitar esse lugar porque não me representa”, ou não, o senhor acha que houve “eu quero habitar justamente porque é novo” ?

Exatamente! Essa tua segunda colocação. Vir para o novo, chegar nessa casa verde e amarela, porque ela predominava as cores da bandeira nacional, pra eles foi... Eu não estava aqui, né? Mas segundo os relatos de quem estava, e eu tenho mais de um colega que ainda permanece aqui, foi motivo de orgulho pra eles ocuparem esse prédio. Eles têm um lamento muito grande, né? Porque à frente da escola, a rua nunca foi aberta, né? Ela é um mato. A gente entra pelo fundo. Então arquitetonicamente ela parece até feia, porque tu entra pelos fundos, né? Então ela tem uma estrutura de fundos. A gente tentou, de todas as maneiras, fazer um paisagismo, para que ficasse menos feio, né? Porque a rua nunca foi aberta. Mas eles têm muito orgulho, já tinham, naquela época, quando vieram para cá. Um prédio imponente, um prédio grande, um prédio com ginásio, com uma cozinha maravilhosa, com um refeitório lindo, né? Uma biblioteca gigantesca. Então, lógico que eu acho que para eles tudo foi... Vários banheiros! Mais um andar! A escola tem um outro andar! Então isso tudo foi motivo de deslumbramento! Pra eles estudar no CAIC era, pra eles... Todo mundo queria vir no CAIC, naquela ocasião. Eu acho, querendo ser extremamente positivista, eu acho que até hoje temos alunos querendo vir pro CAIC. Tanto que eu sempre tenho lista de espera. Eu sempre tenho lista de espera na Secretaria, porque a demanda é muito grande e o número de vagas permanece o mesmo, né? Nunca foi construída uma sala de aula nova, ao longo desses anos todos. Então eu não tenho como receber mais alunos do que eu recebo. Pelo contrário, o número de vagas eu tive que diminuir em função da quantidade de alunos especiais. Porque pela legislação eu tenho que respeitar o metro quadrado e tenho que respeitar o laudo que a criança apresenta. Então, tem turmas que eu tenho que eu não posso colocar mais de vinte e cinco alunos, tem turmas que eu não posso colocar mais de vinte alunos. Então, ao contrário do que ocorre na grande maioria das escolas, que aumentaram o número de vagas, aqui eu tive que diminuir.

Uma outra pergunta: Em dois mil eu um a escola foi dividida em três, no posto, na EMEI da frente e a EMEF Caruccio que já habitava a edificação. Em dois mil e dezesseis a EMEI da frente começou a ser reformada. Então a gente tem o prédio da Caruccio muito parecido com o original, mudando pouquíssimas coisas, e a EMEI da frente muito descaracterizada, que já vinha se descaracterizando e se deteriorando e em dois mil e dezesseis muda completamente sua forma. O que o senhor pensa disso? Por que uma tão conservada e outra tão descaracterizada?

É. Tu sabes que esses projetos do PROINFÂNCIA, do Governo Federal, eles são criados, inicialmente, pensando na questão do número de vagas. Temos que colocar todas as crianças nas escolas de educação infantil. O que que acontece? Começam as adaptações. Aquelas que são criadas nos bairros que não têm, vão ser criadas seguindo aquele modelo arquitetônico que é para todas as regiões do país, independente da questão clima, por exemplo, né? Porque se a gente for analisar o tipo de ginásio e o tipo de aberturas que o CAIC tem, para o Rio Grande do Sul não é o ideal. Então o que que acontece? Tem que aumentar o número de vagas, o Governo Federal disponibiliza uma verba “x”, nas escolas como a Herbert de Souza que já existia, a Prefeitura entra com a contrapartida da alteração no prédio e fazem as adaptações que eles entendem necessárias. E é aquilo que estás me dizendo, por exemplo a Herbert de Souza ganhou um telhado porque há, nesse modelo arquitetônico, uma certa dificuldade da impermeabilização das lajes para evitar goteira. A minha não tem e eu com repasse que eu recebo eu não consigo colocar telhado, eu não consigo. Então eu faço aquilo que eu posso, não é? Com os recursos. Eu tenho, eu, [REDACTED], enquanto ser humano, determinadas mágoas, assim, né? Que eu acho que fica até feio, não é? Aquele prédio que é igual ao meu tá ganhando um telhado, né? Porque se entende que é necessário acabar com as infiltrações lá e a minha que tá a cinco metros de distância, a porta de entrada, eu não ganho nada. Eu tenho sim, mas o que que eu vou fazer, não é?

Mas se o senhor tivesse a oportunidade de botar um telhado, o senhor colocaria?

Colocaria. Colocaria porque se faz necessário. Não é porque eu queira. Por exemplo: eu coloquei a lousa digital no auditório, e aí choveu, a sorte que eu estava dentro da escola quando começou uma chuva muito forte e eu fui, por acaso, no auditório, no camarim, pra pegar um uniforme para um aluno, e aí eu vi que começou a pingar justamente em cima do Datashow! Menino! Que eu utilizo para a lousa digital. E aquela lousa digital eu não ganhei do Governo Federal de presente, que nem as escolas estaduais. Eu comprei! E na época custou mais de dez mil reais. Então, tu imagina, podia ter estragado aquilo dali, não é? E foi, na minha concepção de religioso católico, o Espírito Santo que me levou ali, pra mim ver, porque eu ia ter um prejuízo ali, de uma coisa nova, entendeste? Então algumas coisas, assim, a gente vivencia com uma certa tristeza, né? Uns são privilegiados, outros nem tanto.

Porque o projeto do CAIC começou a ser feito como CIAC, lá em noventa, e aí o Collor caiu e virou CAIC. E o projeto dele, definitivamente, não foi aplicado pro nosso clima realmente. E o mais interessante, e é uma das questões que me motiva a pesquisar isso, que apesar das esquadrias não serem adequadas, apesar dos pátios internos não serem adequados, apesar da laje não levar em consideração nosso clima, ainda assim a EMEF Caruccio se mantém muito parecida com o original. Será que esse apontamento não vai ao encontro da

representatividade que o prédio teve? Que se manteve igual justamente porque representa a comunidade?

É. O que que eu tento fazer aqui? Eu tento fazer com que todas essas dificuldades arquitetônicas sejam amenizadas, né? Como por exemplo a questão das goteiras, eu impermeabilizo, eu coloco manta asfáltica. A cada novidade que surge, eu tento modificar para melhor. Se uma janela estraga, eu arrumo. Aquilo que era de uma espécie de Eucatex, eu troco por um material mais resistente que eu não precise trocar. Aquilo que era por exemplo uma madeira, eu troco por um vidro temperado que a minha criança bata mas que ela não se corte, porque o vidro não vai apodrecer e vai ficar ali pro resto... Então eu tento fazer as adequações necessárias. E aí tu vais me dizer: “Mas [REDACTED], o senhor fez uma churrasqueira!” Para as atividades da escola, principalmente para os alunos do nono ano, do oitavo ano e os do EJA, que também serve para a sala de aniversário das crianças. Fiz! “E o senhor usou a mesma janela?” Sim! Eu abri uma porta no refeitório, que dá para o pátio, e aquela janela ficou guardada três anos. Quando me sobrou um dinheirinho e eu mandei fazer essa cozinha auxiliar, eu utilizei essa mesma janela. Para seguir o modelo arquitetônico. Coisa, por exemplo, que eu não gostei quando fizeram na Herbert, que trocaram as janelas, mudaram. Eu acho que a estrutura não deveria ter sido modificada, minha opinião, porque ela não é ruim. Ela não é ruim aquela estrutura, é uma estrutura boa, não é? Porque tu tem que respeitar. O ginásio, por exemplo, eu restaurei todas as janelas do ginásio, né? Porque elas são boas e tudo mais. Tem essa questão do clima? Tem. Mas a gente tem... Tudo tem que conservar. Não há nenhum tipo de estrutura física que tu não tenhas que conservar. E eu tenho esse hábito de cuidar muito daqui. Eu aprendi com uma pessoa, que eu conheci pessoalmente e tive várias reuniões com ela ao longo do meu período como membro do Museu da Baronesa, que o mais importante, uma das coisas mais importantes, quando tu é gestor é tu cuidar daquilo que tu está gerenciando como se fosse a tua casa. Quem me ensinou isso foi a Dona Eva Sopher que foi por muitos anos diretora do teatro São Pedro em Porto Alegre. Em vários momentos eu tive oportunidade de conversar com ela, uma senhora de idade, uma pessoa maravilhosa. Eu aprendi muito e eu olho no teu olho, com muita convicção, eu cuido dessa casa como se fosse a minha casa e eu tento deixá-la mais acolhedora e o mais agradável possível para todos os membros da minha escola. Todos! E quando eu falo isso, todos, não é professor, não é funcionário, é todos no mesmo nível. Eu quero que meu aluno tenha o melhor que eu possa oferecer, os meus funcionários, os meus professores. Não é que eu faça voto de pobreza, por exemplo, mas aqui na minha sala tu estás sentado num sofá que era meu, da minha casa, que eu trouxe da casa da praia. Então, a minha sala, tu vê, tem um ventilador na parede, que é o que todas as salas têm, ventiladores. Aonde tem ar-condicionado? Só nos três laboratórios de informática é que tem, até por uma questão tecnológica tu tem que ter uma temperatura agradável nesse ambiente tecnológico para não estragar os computadores, né? E como são muitos alunos, a gente tem ar-condicionado nos laboratórios. Se tu fores analisar outras escolas que tu passares, pode ser até escolas bem pequenininhas, mas até os gabinetes dos diretores têm ar-condicionado. Não tô criticando, cada um sabe de si, mas eu não tenho coragem de pedir para o conselho escolar para colocar um ar-condicionado para mim. Não tenho. Porque tem tanta coisa que eu quero fazer na escola, tem tanta coisa aqui para mim que é prioridade, que um ar-condicionado para um ser humano usufruir eu acho que é um absurdo. Então eu não coloco, não é? Então, eu comprei panela de pressão, eu comprei espremedor de frutas industrial. Isso são coisas importantes. Eu troquei agora toda a rede elétrica arquitetônica do prédio, que era fluorescente por led, terminei no

domingo. Trabalhamos sexta-feira com o eletricista, no feriado, o dia inteiro, saímos daqui de noite. E no domingo ele voltou para terminar. Que quando tu me fizeste a tua primeira visita, aqui na minha sala era fluorescente. Não sei se tu te recordas. E a maioria queimada. Não tenho condição financeira de pagar fluorescente, reator, toda hora, que eu preciso de eletricista para trocar reator, então agora tudo é led. A escola inteirinha agora é led. “Ah, mas tu fizeste só agora na tua sala?” Sim. Primeiro eu troquei todas as salas de aula, todos os setores, no ano passado, por onde o aluno passava. Agora eu troquei do setor administrativo todo. Todo o setor administrativo, os banheiros e as salas do Departamento de Educação Física do ginásio e os banheiros do ginásio. Então, tu vêes que primeiro eu priorizei a visão do meu aluno, né? Por onde ele passava. Depois a gente fez... Um ano depois! Eu fui trocar o restante. Porque na escola pública é assim, tu tem que ter uma certa calma, porque tu não consegue fazer tudo. Mesmo assim eu já fui advertido pela secretaria de educação que eu sou muito afoito e às vezes eu meto os pés pelas mãos, na hora da aplicação do recurso porque eu acabo tirando daqui para botar ali. Eu já fui chamado à atenção para não fazer mais isso, porque eu faço. Fazia! Agora não vou fazer mais pra não me incomodar.

A gente comentou das janelas... A gente percebe que mudou a cobertura, que eles colocaram forro de pvc. A gente percebe que eles mudaram, aqui nesta imagem, o tipo de esquadrias. A gente percebe que eles mudaram a cobertura (em outra imagem). Então, tudo isso vai descaracterizando o prédio.

Eu lamento muito.

O senhor sabe se seus alunos, se a comunidade que trabalha na escola, se os pais percebem essa diferença? O senhor já me disse que não gosta da diferença. Os seus colegas de trabalho, as pessoas que convivem na escola, o senhor sabe de alguma reclamação, de alguma observação, quanto à diferença?

Olha, o que meus colegas comentaram muito aqui comigo? A questão do telhado, o restante não. Eles não questionam essa parte. Por exemplo: fluorescente. Todos meus colegas, aqui, concordaram que eu tinha que trocar. Quando eu disse pra eles que eu tinha essa vontade, todos me apoiaram. Porque que nós não temos recursos financeiros. As escolas de educação infantil elas são subsidiadas diretamente pela Prefeitura. A Prefeitura paga tudo. Eu, é com o meu PARF, é com a minha verba. Então, por exemplo este ano, eu tinha que receber quatro PARFs e vou receber só três. Eu estou em novembro e recebi só dois PARFs. Dois! Até o final desse ano eu vou receber o terceiro. O quarto PARF eu não vou receber. Então tu observa a diferença de valores que eu estou tendo, onde tudo aumenta e eu diminuo uma verba anual. Eu acho que aqui a gente consegue gerenciar a escola com muita austeridade, tu sabe? Porque não falta nada pro meu aluno. Nada que impeça ele de crescer intelectualmente, ocorre aqui. Nada. Tudo que a gente pode proporcionar pra eles, pra eles terem uma boa aprendizagem, a gente proporciona. É lógico que eu gostaria de ter os toldos da minha escola em perfeito estado. Esses toldos todos foram reformados por nós. Eles estavam podres quando eu cheguei. Eu tive que reformar todos, porque tinham buracos gigantescos. Eu mandei lixar. Eu mandei pintar. Mas agora estão precisando de novo. Porque pintar a parte externa da escola, o valor da tinta e mais a mão de obra, foge da minha realidade financeira. Eu não consigo. E isso eu também não ganho da Prefeitura. Então, lógico que as pessoas percebem que a Herbert tá pintada, que ela tá bonitinha, que pintaram todos os toldos. Mas o que eu digo pros pais e pros meus alunos? Eles

entram aqui e veem que a qualidade do nosso prédio, a qualidade do que é oferecido pro nosso aluno é boa. É boa! Então eles não ficam magoados, entendem e tudo mais. Eu não colocaria forro na escola, jamais. Porque eu acho que aquelas janelas de ventilação se fazem necessárias, então eu não colocaria forro, não é? Então, eu colocaria fluorescente. Mas pruma escola que é subsidiada pela Prefeitura talvez fique fácil. Eu não tenho condições de manter reatores e lâmpadas fluorescentes, então eu não colocaria.

O senhor acredita que se perde identidade com essa reforma, ou não?

Eu acho que quando tu tens um modelo arquitetônico que foi construído, não é? Eu acho que tudo deve ser preservado. Talvez porque eu tenha cinquenta e dois anos de idade. Aquilo que é *art nouveau*, tem que continuar *art nouveau*. Aquilo que é *art déco*, ter que continuar *art déco*. Aquilo que é hispano-mourisco, tem que continuar hispano-mourisco. Por que que eu vou mudar? Por que que vou deixa... Por que que eu vou fantasiar aquele modelo? Talvez não fosse o modelo melhor pra região sul do Brasil, mas ele tá aqui. Ele vem fazendo seu papel arquitetonicamente ao longo dos anos. Essa gestão da escola proporciona tudo que é necessário pra eles terem uma escola tranquila e acolhedora. Não existe nada, nesse modelo arquitetônico do CAIC, do Caruccio, que impeça eles de terem uma boa aula. Entendeu? “Ah, mas o ginásio tem goteira!” Quando a chuva está posicionada numa forma “X”, às vezes entra água pela janela lateral, numa espécie de escotilha que a gente tem lá em cima. Como poderá entrar na tua casa se tu não fechares a janela. Então, eu, particularmente, o dia que for feito uma restauração no meu ginásio, eu não quero que mudem o meu ginásio. Eu quero que ele se mantenha como ele é. Se eu estiver aqui. Quero que arrumem, que o deixem direitinho, mas de acordo com o que ele é. As janelas das nossas portas, elas eram com esse compensado em cima e em baixo. Eu troquei o compensado de cima e coloquei vidro. Acho melhor para a equipe diretiva passar na sala de aula, olhar para ver como é que eles estão, se o professor tá precisando de algum auxílio, alguma coisa. Não é pra eu vigiar! Mas é, justamente, para ficar uma escola com maior visibilidade, para, também, se saber o que está se passando, se estamos com uma visita... Acho que é legal isso. Então algumas adaptações a gente faz pra melhorar, mas mudar o estilo não é a minha prioridade. Somente o telhado, o telhado sim eu gostaria hehe.

Para finalizar nossa conversa, o senhor teria, principalmente voltada à questão de representatividade local, à diferença da realidade do prédio para a realidade dos alunos, à diferença do prédio para outras escolas, o senhor gostaria de fazer uma última colocação?

Eu acho que, enquanto comunidade, as pessoas têm que ser respeitadas sempre. Então, por exemplo, tem coisas que me incomodam. Essa fotografia que me apresentasse aqui ó: essa porta aqui, por exemplo, essa porta é uma porta de acesso ao auditório. E por que que eu te digo que ela é uma porta de acesso ao auditório? Porque se a escola tivesse com a sua entrada original, as pessoas entrariam pelo portão principal e seguiriam essa calçada até o auditório para as reuniões. Essa porta aqui (da fotografia) ela tá isolada. A direção anterior fez uma parede de alvenaria e fechou. Eu agora tenho uma porta igual a essa aqui no refeitório, que foi a que eu te disse que mandei colocar para o pátio. Eu vou utilizar essa parte branca da porta do refeitório e vou colocar aqui em cima nessas duas que estão danificadas e vou abrir essa porta (a da foto). Eu e meu funcionário da tarde, nós vamos derrubar a parede que tem aqui

(porta fechada da foto) e ali vai voltar a ser a entrada do auditório. Isso é um resgate! “Por que que tu não fez antes, [REDACTED]?” Porque eu não consegui fazer antes. Agora, no refeitório eu vou colocar vidro temperado na parte de baixo, porque aquele madeiramento da parte de baixo, um, eu não posso utilizar mais porque apodreceu, então eu vou colocar vidro temperado que é um gasto que eu vou fazer agora e não vou precisar fazer por longos anos e a outra parte que ainda está inteira eu vou colocar aqui nessa parte que tá danificada. Vou restaurar esta porta, então, e vou derrubar a parede. Essa peça, aqui (foto), de entrada, que já tem rampa para cadeira de rodas voltará a ser a entrada principal do auditório, entendesse? Quando alguém entrar pelo portão lateral, por exemplo os pais para entrega de boletins e etcetera, eles virão reto até a calçada e entrarão direto no auditório, né? “Isso é bom?” É! Vou te dar um exemplo: muitos pais vêm acompanhados de seus quatro, cinco cães. Os cães são mansos, mas quando se encontram com cães de outras famílias eles brigam. É um risco que eu corro, dos cães brigando atingirem uma criança.

Então isso é uma das formas que nós vamos fazer, não quero briga de cachorro na parte interna da escola, entendeu? Porque vai ficar mais difícil das pessoas saírem de perto da briga do cachorro, quando é ali dentro. Esse é um exemplo mínimo que eu tô te dando, mas é um fato. Isso acontece muito em escola de periferia, né? As pessoas saírem com seus cães acompanhando. Às vezes têm famílias com três ou quatro cães, né? Então nós vamos fazer isso. Eu vou restaurar, não vou modificar. Vou seguir o mesmo modelo arquitetônico, não é? Porque eu acho que esse modelo tá muito bem construído, tá lindo. A forma de adaptação que... Imagina, naquela época a escola já foi criada pensando nas pessoas portadoras de necessidade especial. Tu vê! Que coisa linda! O meu auditório, nas duas entradas tem rampa de acesso, né? Então isso é muito bom. E pro palco eu mandei fazer a rampa, não sei se tu te recordas. Os meus alunos cadeirantes, quando tinham apresentações de alunos, quem era cadeirante tinha dificuldade em subir. Mandei fazer uma rampa para cadeira de rodas. Então eu acho que o prédio em si é muito bom. Eu sou um privilegiado porque eu tenho um prédio lindo.

Então é isso. Muito obrigado pela sua...

A casa é tua. Sempre que tu precisares de mim, eu estou à tua inteira disposição.

Muito obrigado...

Depois eu vou querer que tu me mandes um relato desse teu trabalho todo.

Vou mandar sim...

Encerrado a gravação.

APÊNDICE H – Transcrição de entrevista com funcionária da EMEI Herbert de Souza

Identificação:	E02	Gênero:	Feminino
Data da entrevista:	26/11/2019	Atividade:	Auxiliar de educação
Duração:	19 minutos		

Então, eu queria teu consentimento para essa gravação, para ficar registrado...

Sim.

Eu tinha conversado contigo, que eu queria fazer algumas perguntas a respeito da história da escola e tudo mais. Primeiro que queria saber há quanto tempo tu trabalha aqui.

Dezessete anos e meio. Desde quando surgiu, aqui, o prédio

Quais são as atividades que tu desempenha aqui na escola?

Eu sou auxiliar de educação infantil. Eu trabalho mais com a parte do cuidado, higiene (das crianças), auxílio a professora na sala de aula.

Tem contato com os pais?

Sim, sim. Como uma professora auxiliar, entendeu?

Essa foi a primeira escola em que tu trabalhou?

Não, não. Eu trabalhei numa outra antes, mas só que aí era contrato. Trabalhei durante um ano.

E tu percebe que essa escola é diferente das outras?

Ah sim! A estrutura. Tudo! Mas cada uma é uma.

E o que tu acha dessa diferença? Tu gosta? Tu não gosta?

Gosto. Tanto que eu tô aqui, né? Todo esse tempo. Muito bom, assim... Bah! É uma escola ótima. Em estrutura, o pessoal...

Em termos de formato dela, em arquitetura, tu também percebe essa diferença?

Sim, sim.

Me conta um pouquinho do que tu conhece da história da escola, desse tempo todo de dezessete anos e meio que tu tá aqui.

Ai, tipo assim... Na comunidade? Alunos?

É. Aquilo que envolve representatividade. O que a escola representa pra ti, enquanto profissional de educação, quanto pros pais dos alunos? O que tu sabe disso?

É um ambiente muito bom, tá? Ela representa muito pra mim. Tanto a escola, como o meu trabalho, porque eu gosto muito do que eu faço. A comunidade e os pais são bem compreensivos, entendeu? Então é um ambiente bem legal.

E a EMEF Caruccio, antes de tu vir pra cá, tu não chegou a conhecer ela?

Não, não, não. Eu nem conhecia pra esses lados aqui, porque na época eu morava lá no Simões Lopes. Então é um bairro bem longe daqui. Aí, então, eu fiquei conhecendo o Francisco Caruccio quando eu vim pra cá. Só ouvia falar, porque não conhecia.

Esse prédio foi implementado no governo do Collor, e acabou não dando certo, logo em seguida de sua inauguração o prédio foi abandonado. Nisso a escola Caruccio veio pra cá. Aí em dois mil e um houve essa divisão, em que a EMEI virou EMEI, o posto de saúde virou posto de saúde, e tudo mais.

Sobre isso eu não tenho conhecimento, somente depois que eu entrei mesmo.

Aí em dois mil e dezesseis para dois mil e dezessete a escola começa a passar por outra reforma. Dessa reforma, o que tu pensa a respeito?

A escola ficou bem melhor, né? O espaço, o ambiente...

Antes ela tinha aquele telhado (laje) cinza, com aquele chapeuzinho em cima das janelas...

Isso. Telhado mesmo era só uma laje, tinha os toldos nas janelas. Telhado, telhado mesmo não tinha. E o pátio era todo aberto.

Tu prefere com telhado ou sem telhado? Antes ou depois?

Ah sim! Agora, com certeza. Ficou muito melhor.

Eu tenho algumas fotos pra mostrar.

É. Bem diferente. Antigamente era só o prédio mesmo, sem nada na volta. (fotografia da construção). Até o teto, que não tinha forro e era direto a laje.

Tem uma foto da construção da obra, também...

Nessa parte eu não cheguei a conhecer, só depois que eu vim pra cá mesmo.

Quando a gente compara as duas escolas, essa aqui antes da reforma, e essa outra agora. Tu gosta mais desta de agora porque a reforma sanou

um problema que ela tinha de infiltração, sanou um problema que ela tinha de degradação? Ou tu gosta mais porque tu acha mais bonita mesmo?

Em tudo. É um geral, é um contexto. Porque melhorou em tudo. Até para as crianças ficou mais aconchegante, ficou um espaço mais colorido.

Ficou mais vivo?

Bem melhor.

Voltando de novo nesse ponto. Por que tu acha que tava do jeito que tava antes? Com as infiltrações, com um aspecto apagado, um aspecto sujo.

Olha, eu não saberia te dizer o porquê, né? Mas, de repente, pela direção, sei lá. Até mesmo por causa do Governo. Porque tudo depende de material, né? Depende de outras pessoas, né?

Tu acredita que as pessoas que usam, tu, teus colegas de trabalho, os pais e até mesmo os funcionários da Prefeitura que vêm aqui... Tu acha que a apropriação do prédio, o gostar do prédio, melhorou com a reforma?

Com certeza.

“Eu cuido mais porque tá novinho”, ou não?

Não! No nosso caso aqui, na outra escola eu não saberia te dizer, mas na nossa escola, no caso aqui, a gente teve cuidado desde o início. Tanto que a gente pegou o prédio sem pintura, as paredes todas rabiscadas, sabe? Era colagem nas paredes. Tanto que a gente, quando a gente veio pra cá, a gente pintou, a gente arrumou, a gente enfeitou, coloriu a escola mesmo, porque tava totalmente apagada. Então, de lá pra cá a gente sempre cuidou.

Então tem uma apropriação das pessoas que convivem nesse ambiente, pra se manter isso?

Sim, sim. Com certeza.

Em questão de identidade, tu acha que essa alteração de forma de telhado, o acréscimo do refeitório, naquela parte que não existia, muda alguma questão de identidade no prédio ou ele representa tanto quanto antes?

Não. Muda bastante. A cada melhora muda, né? Acho que chama atenção. Melhora o conceito da escola, pras pessoas também é bem legal. Porque, tipo assim ó, a gente sai lá na rua e as pessoas comentam da escola modelo, todo mundo fala. Muito bom a gente ouvir que é uma escola modelo, que é uma escola exemplo, porque é uma escola maravilhosa.

Essa escola toda foi pensada como um conjunto lá em 1990. A educação mudou, as pessoas mudaram. Até agora, em 2019, trabalhando num prédio

que foi pensado em 1990 tu acha que dá certo? Ou acha que tem alguma coisa errada?

Com certeza, com certeza. Ainda mais quando o pega junto, quando o pessoal trabalha junto eu acho que a tendência é melhorar cada vez mais. Acho que dá certo sim.

Tu disse que a escola é importante para comunidade. Como é que se percebe essa importância? Através do que tu percebe essa importância? Por exemplo, se tu pede para crianças fazerem um desenho da escola, elas desenham?

A importância é a educação. Em primeiro lugar, através dos profissionais, eles têm que gostar do que fazem. Só nesse momento é que se consegue assar coisas boas para as crianças, entendeu? Trabalhar em conjunto e gostar realmente de tá aonde tu tá, para se empenhar cada vez mais.

Nessa reforma, que teve em dois mil e dezessete, as esquadrias mudaram, elas eram pivotantes e agora são de correr, a cobertura mudou, o pé direito diminuiu, colocaram forro de PVC, houve a vedação com vidro do pátio. Todas essas mudanças tu acha que foram positivas ou teve alguma que tu não gostou? Ou nenhuma tu gostou?

Não, não. Eu acho que foi muito interessante assim. Chamou a atenção do pessoal. O pessoal ficou bem satisfeito.

Então podemos falar que o resultado da reforma foi positivo?

Foi. Foi bem positivo, bem positivo.

Se a gente pudesse especular e imaginar um motivo, por que tu acha que foi feito um telhado e não a reforma daqueles chapeuzinhos que tinham?

Acho que, de repente, para uma melhora, né? Para melhorar a estrutura da escola. Tipo a cobertura da praça, ali, em dia de chuva as crianças não tinham onde brincar porque não tinha cobertura. Acho que o acesso ficou melhor, até mesmo parra as crianças. O saguão aqui mesmo era uma loucura quando chovia, era uma cachoeira, hoje não. Dá para as crianças brincarem tranquilo quando o tempo tá ruim. A estrutura tá bem melhor.

E quanto ao conforto? No inverno é muito frio? Muito calor no verão?

Ai, aqui no inverno é muito frio. Muito frio no inverno e muito calor no verão. Agora, neste ano, eu não sei como vai ser o verão aqui. Porque eles colocaram toda essa cobertura. Eu acredito que não vai ser tão quente este ano.

Tu acha que esse foi mais um motivo pra reforma?

Sim sempre visando o bem estar das crianças, né? É muito quente, no verão, esse prédio. Tu imagina que é tudo laje, só laje. E no inverno é aquele frio intenso.

E o que mais tu gostaria de contar sobre a escola? Fala um pouco sobre esses dezessete anos e meio trabalhando aqui.

Foram dezessete anos bem vividos e bem aproveitados, cansativos. Mas é aquela

coisa assim, quando tu gosta, né? Tu tá ali tu tá fazendo por amor, o que tu leva lá no final, assim, é gratidão. A gratidão das crianças, assim sabe? Dos pais... No contexto geral é muito bom ser reconhecida pelo que tu faz, pelo teu trabalho.

Tu trabalhas com crianças de quantos anos?

Com todas, de zero até seis anos. Eu já estive 8 anos só pré dois, então varia muito. Já passei pelo maternal, pelo berçário... Fiquei quatro anos e meio no berçário e agora faz três anos que eu to no pré de novo.

Tuas colegas trabalham na escola há esse mesmo tempo, ou não?

Não, só eu e uma outra colega da direção que tá de licença agora. Porque essa direção agora ta substituindo.

Eu achava que era comum uma rotatividade nas EMEIs, e não imaginaria que tu tivesse aqui há tanto tempo.

Eu até pedi remanejo, agora, nos últimos três anos. Pedi remanejo para outras escolas, mas não consegui. Porque é muito difícil. Então eu procuro desempenhar o meu trabalho no melhor possível, não para ser reconhecida amanhã ou depois, entendeu? Eu acho que a gente tem que fazer sem esperar reconhecimento. Tem que fazer porque tu gosta. Então, é uma escola muito boa. Claro que sempre tem, né? Algumas coisas.

Tu já viu alguma escola igual a essa? Porque tem uma em Rio Grande, tem uma em Bagé. Tu já chegou a ver?

Não.

Tu sabia que tinha escolas iguais a essa?

Não, não. Em Bagé?S

Sim. São quase quatrocentos e cinquenta iguais, no Brasil todo. Em dois mil e um, na divisão que teve no prédio, eles colocaram essa aqui só como EMEI, independente da outra. Mas elas eram pra ser todas iguais, num padrão. Por isso que tem tantos problemas, como de infiltração, clima e

conforto. Porque não foi um projeto pensado pra cá, foi pensado pra outro lugar e veio pra cá, por isso não funcionou tão bem.

Em termos de estrutura, têm outras duas que foram feitas agora, mas eu também não conheço ainda. A Bernardo e a Mário Osório, não sei se tu já ouviu falar. Em termos de estrutura também são maravilhosas, mas eu não conheço.

É isso aí. O principal foco da nossa conversa era saber mais sobre a identidade do prédio, o que tu pensa sobre essa apropriação, quais elementos tu gosta, quais tu não gosta, o que te motiva a tá aqui.

Tanto que eu gosto, que antes de vir pra cá, antes de entrar na rede, eu sempre sonhei em, assim, trabalhar com criança, né? Aí eu fiz meu primeiro concurso, passei e fiquei aqui direto. E tô aqui até hoje. Então é aquela coisa, né? O que a gente sonha a gente pode realizar. Eu acho que esse é o caminho. Mas em termos de escola, é, assim, uma escola muito boa. Me trouxe muitas coisas boas, tenho lembranças maravilhosas, assim sabe? Daquela época. Pena que o pessoal, assim, que era um grupo bem legal que entrou comigo naquela época, foram mudando pra lugares mais próximos porque moravam em outros bairros, para lugares mais próximos de suas casas, porque a gente sabe que é longe. Logo em seguida que eu vim pra cá, eu morava lá no Simões Lopes, então pra mim era um horror, eu tinha que acordar às cinco e meia, seis horas da manhã. Era uma viagem. Aí depois eu fui vindo, e agora moro aqui nas três vendas mesmo, e aí fica mais viável.

E tu já chegou a entrar no colégio aqui da frente, não?

Sim, sim. Meu filho estudava aqui.

E agora, quando tu compara onde tu trabalha com o outro colégio, como tu vê essa diferença?

Olha não tem muita diferença. Nem na escola, nem na direção, que é também maravilhosa. O diretor tá sempre tentando melhorar a escola. É uma escola ótima também. Em termos de estrutura, cuidados coma comunidade, sabe? Ele tem um carinho pela comunidade, e a comunidade tem um carinho muito grande pela direção da li, pela escola, assim. Então não tem muita diferença. A única diferença é que ali é fundamental e aqui é educação infantil.

E em termos de características físicas do prédio?

Não! É parecido. Lá tem um ginásio enorme, lá no fundo. Mas, assim, de sala de aula, os cuidados, sabe? Reforma, às vezes. Ele tá sempre procurando melhorar cada vez mais a escola, o prédio. A direção lá é ótima, também.

Tu gostaria de deixar algum último recado?

Não. Acho que é aquela coisa assim, ó, tipo... Que as pessoas nunca desistam dos seus sonhos, das suas vontades. E eu no meu caso, tu tá falando comigo hoje, então eu digo pra sempre procurar melhorar, sempre procurar fazer o quê

gosta. Porque eu acho que no momento que tu faz o que gosta e tu vai ficar sempre de bem, feliz, vai tá contente. E com relação à escola, procurar melhorar sempre, em função das crianças e fazer com que tu veja uma comunidade contente, né? Com o teu trabalho. Um grupo contente, uma escola tranqüila.

Se tu pudesse fazer uma mudança na escola, que mudança tu faria? Não digo no departamento pedagógico, e sim no prédio mesmo.

Acho que construiria uma sala de professores que não tem, e uma brinquedoteca. Mas eu acredito que mais adiante vai ser construído. Espero que eu esteja presente para ver. Ademais eu acho que está completa assim.

Antes da reforma tu sentia completa?

Achava que tinha muita coisa incompleta e para fazer. Mas é aquilo que eu te digo, eu era muito nova, tinha dezenove, vinte anos.

Mas eu digo dessa reforma de dois mil e dezessete. Tinha muita coisa pra melhorar?

Não! Tinha coisa pra melhorar, mas já tinha melhorado muito, assim. A gente procurava cada vez mais melhorar a escola. A direção se empenhava bastante, e aí com essa reforma se completou. Tudo de bom!

É isso aí. Muito obrigado pela participação.

Que isso. Merece! Qualquer coisa que precisar, estamos aí.

Encerrado a gravação.

APÊNDICE I – Transcrição de entrevista com duas funcionárias da EMEI

Herbert de Souza

Identificação:	E03	Gênero:	Feminino
Data da entrevista:	10/11/2021	Atividade:	Professora e gestora
Duração:	62 minutos		

Identificação:	E04 (texto em verde para diferenciar a interlocutora)	Gênero:	Feminino
Data da entrevista:	10/11/2021	Atividade:	Professora e gestora
Duração:	62 minutos		

Então, [REDACTED], eu comecei a gravar e gostaria de pedir, tua autorização e consentimento para gravarmos nossa conversa.

Autorizo a gravação.

Muito obrigado, podemos começar, então. Queria que tu nos contasse um pouquinho da tua história na escola e no bairro. De forma geral, qual tua percepção daqui?

Eu vim aqui pra escola, acho que já faz... tem uns dois anos. Logo que eu entrei eu achei a escola bem bonita, que enche os olhos. É uma escola ampla, muito bem arejada, muito bonita. Depois, conforme eu fui trabalhando, eu cheguei aqui num verão, logo que cheguei eu peguei uma turma de berçário, conforme fui trabalhando eu vi que tinha algumas coisas, assim, que não se encaixavam e nem se adequavam aqui. Eu até já te contei isso em outra oportunidade, que é uma escola assim...Quando eu cheguei aqui a reforma na escola já tava pronta, ela foi inaugurada depois, mas a obra já tava terminada e já tava pronta, faltava arrumar algumas coisas que estavam fora do lugar ainda, mas a obra já tava pronta. E no verão, ensolarado, ventilado, bacana. Mas aí chegou o inverno. Eu ainda tava como professora no berçário, então eram só bebês, no berçário nós temos os berços e temos as caminhas. Os maiorzinhos dormem nas caminhas e os bebês bem pequenos dormem nos berços. A caminha fica no chão, e era muito frio pra eles. A corrente de vento, que no verão era muito boa, no inverno era horrível, nosso inverno aqui no sul é muito diferente. Outra coisa que eu também já tinha te falado. Com essa reforma colocaram forro de pvc em todas as salas e banheiros, eu acredito que sem o forro, nessa escola, pra fazer a hora do soninho, deveria ser assim, como posso dizer, um horror! Porque o teto ia ficar muito alto e nosso inverno é muito rigoroso. A geada que cai de manhã, nessa laje, assim, direto em cima da gente, devia ser muito complicado. Tudo isso porque são crianças muito pequenas, porque se fosse uma sala para crianças maiores, ou um padrão de escola onde as crianças não dormissem, acho que de repente eu nem teria prestado atenção nisso. Porque o inverno é sempre frio mesmo, independente do lugar que se esteja aqui em Pelotas, mas no geral tu tá se movimentando, as crianças estão brincando, igual tem que deixar ventilação por causa das doenças respiratórias, agora a gente tá cuidando

ainda mais por causa da covid, mas aqui a gente sempre cuidou a função das gripes, né. Mas a função de dormir, esse tipo de escola, pra cá, já não dá. Antes desses dois anos eu não conhecia a escola. Só de passar na frente, que a gente enxerga o CAIC à distância, né. A gente não sabe se é escola, se é uma fábrica, o que é. Tem uma arquitetura muito diferente, né, daqui. Eu não cheguei a te perguntar isso, mas acredito que seja, que tu pegaste essa escola pra fazer o teu mestrado justamente por causa da arquitetura bem diferente, né. O ginásio e aquela parte de lá parecem até silos de arroz. É uma arquitetura bem diferente das escolas que a gente tá acostumada a ver por aqui.

É diferente mesmo e um pouco foi por causa disso, mas antes de a gente focar nesse assunto eu queria que tu comentasse um pouco do que tu conhece daqui do Pestano.

Eu conheço muito pouco. Eu entrei poucas vezes ali dentro. Sei que é uma comunidade de periferia, com características de comunidade de periferia. A gente não pode generalizar, mas é uma comunidade afastada do centro, eles, pra suprir essa distância, acabam desenvolvendo tudo dentro do bairro, e isso é uma coisa boa, tem tudo ali. As vezes tem bairro que teoricamente tem renda percapita maior, mas que não tem essa infraestrutura, eu acho que o Pestano, apesar dos pesares, tem uma infraestrutura legal. Aqui tem posto de gasolina, tem lotérica, tem farmácia, mercado, mercadinho, tem espaço pra pet, tem de tudo. E a escola é referência sim! Na verdade toda escola de educação infantil em uma periferia vai ser referência.

Tu acha que essa forma que o CAIC tem, diferente, influencia nessa referência de alguma forma?

Ah não sei. Acho que depende de cada um. Tu diz do tamanho? Acho que depende da pessoa. Acho que essa referência que eu quis dizer é independente do prédio, e sim voltada à ação da escola infantil. Como a gente trabalha aqui o dia inteiro a gente tem um olhar diferenciado pro prédio. Mas como comunidade, acho que as mães veem mais a função do prédio do que a estrutura. Porque acho que nem 10% das mães já tenham entrado dentro dessa escola. Elas não têm livre acesso. Porque a gente tem que resguardar as crianças, né. Elas podem vir aqui e entrar até a porta, só. Elas não têm o conhecimento de como funciona a lavanderia, de como funciona o refeitório, de como a cozinha é utilizada, se a gente tem vestiário ou se não tem, de como é a sala dos professores. Nada disso elas têm noção. Acho que independentemente do tamanho ou da forma do prédio, o que a comunidade mais valoriza aqui é a função. A gente tem uma boa relação com os pais aqui. Temos 275 vagas, então é um turno só, mas os berçários e maternais são integrais, então é o dia inteiro. Os prés também passavam o dia inteiro, mas aí teve uma lei que a partir de 4 anos era obrigatório a criança estar na escola e não tem escola pra todo mundo dentro do município, então se optou pra colocar 4 horas cada criança, aí se cria vaga pra todo mundo. Onde antes ficava 1 pré integral, deu lugar pra 2 prés. Um de manhã e um de tarde.

E quando tu vens para a escola, o que chama a atenção no teu caminho? Como tu vens? O que é referência pra ti?

Eu venho de carro, agora já não me chama tanto, mas quando eu vinha me chamava muito essa função da estrutura. Porque eu moro no Liberdade, ali a renda per capita é outra, mas não tem nenhuma infraestrutura, tudo é longe. Até tem um mercado, mas não tem farmácia. Aqui tem várias. Muitas vezes que eu saio de casa deixo pra comprar coisa aqui. Lá não tem uma lotérica. Então aqui eu acho que é um bairro que atende suas necessidades. Apesar de seus pontos negativos, e a gente tem sempre esse pensamento de que é periferia, de que é um bairro mais afastado do centro da cidade, que pode ser perigoso e mais carente, que não tem infraestrutura. Mas só pensa assim quem não conhece, quem conhece sabe que não é assim. Tem infraestrutura tão boa quanto, eu acho ótima. E essa escola aqui, quanto o CAIC, foi uma escola que era pra abraçar mesmo! Veio, pelo menos eu acho com toda a pompa, toda pomposa. É uma escola que tem tudo. Se tem um projeto né, de voltar a juntar os dois, a Herbert e o Caruccio. Acredito que até 2022 vá ficar pronto e que vá juntar. Não tenho nenhum documento, mas é o que nos falaram, então acredito que vá ser sim uma só escola de novo. O Alexandre já tem o projeto. Acho que para a comunidade ia ser ótimo, porque tu vai deixar a criança no berçário e vai ficar até uma certa idade tendo toda a proteção e todo o cuidado que precisa ter, em que muitas das vezes tu tem que pagar pra isso, e agora tu vai poder ter pelo poder público, é excelente.

Tu já deu aula no Caruccio?

Não, eu trabalhei ali na secretaria, no turno da noite.

O que tu acha que tem de parecido e diferente entre as duas escolas?

Eu já trabalhei em escola de educação infantil e já trabalhei em escola de ensino fundamental. As duas têm uma visão totalmente diferente. Já trabalhei na Paulo Freire [EMEI] e na Núcleo Habitacional Dunas [EMEF] e também já estive na Manuel Bandeira, lembra que te contei? A gente sempre nota diferença entre a Educação Infantil para o Ensino Fundamental. A única coisa que eu tenho de receio nessa junção que vai ocorrer da Herbert com o CAIC, opa né, o Francisco Caruccio, é que eu peço, que não percam justamente essa essência que a Educação Infantil tem que é diferente. É voltada ao cuidar. Do cuidado, do vínculo que a gente tem com as crianças e por elas ficarem o dia inteiro com a gente. A gente, na Educação Infantil, cria um vínculo muito maior que no Ensino Fundamental. É notável a diferença. É só isso que eu tenho um pouco de receio que se perca isso. Que o CAIC consiga agregar isso e não perder. Tenho só receio disso, porque aqui a gente tem um olhar bem diferenciado para a criança do que no Ensino Fundamental.

Tanto a Paulo Freire quanto a Manuel Bandeira também são EMEIs. Comparando elas com a Herbert, o que tu sente de diferente?

Na Paulo Freire eu trabalhei antes da reforma e depois da reforma. Era uma casa bem pequena, quando tu entrava dava uma sensação de que ela afundava. Ela

foi construída há muito tempo, então com o aterramento e pavimentações da rua ela foi ficando mais baixa. Por isso passava a impressão que ela afundava. Nas primeiras vezes parecia que eu entrava dentro de uma caverna. E não era só eu, várias pessoas relatavam a mesma impressão. O prédio era muito velho. Aí, quando veio a reforma, ela ficou com uma estrutura boa. Apesar de gostar muito da Herbert, eu acho que a Paulo Freire foi melhor projetada. Aqui tem muitos espaços, aqui tem tudo. Mas lá parecia que o projeto servia melhor. Não era como aqui, que as salas ficam com as portas viradas pra rua. Porque, se não tivesse fechado essa parte aqui dos pátios internos com vidro, elas iam ficar parecendo salas independentes, assim. A Paulo Freire parece uma coisa única, é um prédio único. Esse aqui não, também pode ser por causa das entradas, ela tem entrada de um lado e tem também do outro. Acho que esse projeto daqui poderia ser uma coisa mais única, sabe? Mais perto, tem salas que ficam muito longe. Mais integrado! Parece meio solto. Acho a Paulo Freire mais integrado que aqui. A cozinha é longe e ainda em aquele pátio enorme nos fundos que não se usa. Essa escola é enorme e não se usa tudo. Não dá pra usar tudo.

Por que que não dá?

Tu vê. A gente tem aquele pátio nos fundos que nos indicaram no projeto que era pra secar roupas. É um pátio enorme, não sei se tu viu? É enorme e só pra secar roupa. E cresce muito mato, agora mesmo, já tô pedindo roçado pra ali. Não se usa pra nada, a gente seca a roupa em outro lugar, mais perto da lavanderia, ali no cantinho, porque lá só serve pra criar capim. Fica um espaço grande que não se usa. Da mesma forma, temos os pátios internos de cada sala, que são muito bons aqueles pátios internos, mas ainda depois deles a gente tem mais um corredor, que também serve só pra juntar capim. Aquilo não tem serventia nenhuma. É até perigoso as crianças correrem ali. Essa é a impressão que me passa, que a escola não é integrada e tem vários espaços que não se usam.

E o que é bom?

Eu gosto muito da escola, parece que eu tava só falando de coisas ruins, mas eu gosto muito daqui. Ela é fresquinha no verão, ela é bem arejada, é bem fresquinha. Ela tem vários espaços, alguns bem usáveis, outros nem tanto. O refeitório ficou ótimo, bem amplo! Se a gente precisar tem vestiário, todas as salas têm banheiro e isso é importante. Tem muita escola de educação infantil que não tem banheiro nas salas e essa tem. Tem banheiro PNE adulto e infantil. Na Paulo Freire era um banheiro no corredor pra um monte de turmas, aqui não. A gente tinha que sair da sala e levar a criança no corredor. A Paulo Freire não tinha banheiro em todas as salas. A Manuel Bandeira então, coitada, era uma casa. Não tinha sala de direção, não tinha sala de coordenação, era um banheiro só pra todo mundo, de um lado era o banheiro adulto e do outro lado era o banheiro infantil. Outra coisa muito boa aqui é que as salas são independentes, no sentido de que tu não precisa passar por uma sala pra entrar dentro da outra. Na Manoel Bandeira tu entrava dentro de uma pra ir pra outra e depois caía em outra e outra ainda. A sala era quase um corredor, tu tinha que passar com a

turma inteira pra ir pra tua sala. Tu interrompia o serviço da tua colega o tempo inteiro. Se alguma criança quisesse ir no banheiro tu passava por dentro da outra sala de novo. Aqui não, as salas são independentes e com o seu banheiro infantil. Então, isso é uma qualidade.

E qual o ambiente que tu mais usa? É aqui na tua sala?

Não. Eu circulo por tudo aqui. Mas te confesso que tem lugares que não vou quase nunca. Esse pátio mesmo que nos indicaram pra estender a roupa eu olho só pela janela, nem me animo a ir ali, então lá eu não circulo. O dos fundos então, do outro lado, só olhei de longe, o que fica mais atrás, ali. Assim ó: os pátios individuais, o banheiro e as salas independentes. Isso é muito bom. A secretaria, que tem uma entrada aqui e guichê e a pessoa não precisa entrar dentro da escola, também. Nos mantém protegidos. Não é toda escola que tem, então é uma qualidade.

E tu já fez alguma mudança na escola depois que tu entrou pra direção?

Coisa pequena de mudança, já fiz sim. Uma sala de aula pequena, a gente tirou uma sala de aula bem pequena e colocamos a sala dos professores ali. Mas isso foi agora já na pandemia depois que voltamos presencial, porque não tinha procura. Depois da pandemia não teve procura de alunos. Nessa pandemia, foi tudo muito diferente. Porque sempre se teve fila de espera, já se chegou a ter fila de espera de 80 crianças pra se matricular aqui na escola, e esse ano sobrou vaga. Tem mães que estão chegando aqui que dizem “eu vim ver como ficou agora, não sei nem em que turma meu filho ficou agora, ano passado ele era do pré 2”, nesse caso essa mãe já nem era mais dessa escola, essa criança já deveria estar frequentando o ensino fundamental e não o infantil, pela idade. Pras mães, vou mudar, pra todo mundo, me parece que esse ano não passou, que 2020 não passou. Tudo mudou. Eu digo esses dias que eu tive que fazer um exame, eu digo “ano passado eu fiz”, não foi ano passado, foi lá em 2019. No ano passado não existiu em nada, só pandemia. E a escola vazia reforça ainda mais essa sensação. Uma confusão entre esse ano, o passado e o retrasado (2021, 2020 e 2019). Em função da escola, toda nossa vida é em função disso, nosso trabalho, e a gente já se perde, imagina a mãe, que perdeu a principal função da escola, que é deixar o filho. A principal função da escola de educação infantil, infelizmente, é a função de deixar a criança pra se poder ir trabalhar. Quando ela perdeu essa função de deixar a criança pra ir trabalhar, ela perdeu toda a função.

E como foi nesse período que ela ficou fechada?

Ela sempre teve gente aqui dentro. O pessoal da terceirizada esteve aqui. Trabalhamos o tempo todo, claro bem no iníciozinho não, mas depois trabalhamos o tempo todo por plantão e revezamento. Os professores estavam no remoto, então vinham pra pegar material. A gente procurava as crianças pra não deixarem de participar e tinha os projetos da prefeitura que tinha que seguir mantendo, como as cestas de alimentação que a gente entrega. As crianças tinham atividade remota, tinham diário contínuo, todos os dias tem avaliação e

observação dela, mas na pandemia essa avaliação foi só devolutiva. A professora lançava a atividade e quando a criança devolvia, ela avaliava. Teve muita criança que ficou com déficit e teve muita mãe que se desesperou querendo que a criança já fosse alfabetizada, mãe tentando alfabetizar em casa, por conta, o que não é o intuito da Educação Infantil, né. A Educação Infantil é o corpo, o movimento, é a expressão, sabe? É isso que a gente estimula na Educação Infantil. A parte de escrever, é só no Ensino Fundamental. Por isso que eu disse que é muito importante essa visão diferente para o Ensino Fundamental. A Educação Infantil vem desde a creche, né. Era mantida pelo MAPEL e a criança era estimulada de outra forma, não eram professores, eram cuidadores. Não se pedia escolaridade e não tinha essas coisas. Depois que isso passou pra Prefeitura, para a parte de Educação, acho que em 2000, aí se começou a ser ter um profissional pra aquilo, um pedagogo, uma professora, exclusivo pra isso. De forma que se pudesse estimular certas coisas, aí se começou. Assim, estudiosos, têm estudo disso, apontaram que a pessoa de 0 a 6 anos tem que desenvolver outras coisas, segundo a faixa etária da criança ela vai desenvolver alguma coisa [habilidade]. É o corpo, expressão corporal, movimento, a fala. Interagir, saber passar um recado, saber conversar, se expressar. Antes de tu aprender a escrever tu tem que aprender a recortar. Antes de tu aprender a pegar um lápis, tu tem que aprender a pegar uma pinça. Antes de tu saber escrever tu tem que aprender a pular dentro de um quadrado. Ficar num pé só. É isso que se faz na Educação Infantil. Em nenhum momento a gente pode retrainir a criança, muito pelo contrário, a gente estimula. Mas a gente não estimula a ler antes do tempo. Ela pode aprender a letra do nome dela, o som do nome dela, mas antes ela tem que aprender a comer, a acertar a colher dentro da boca. Por isso o medo de juntar uma EMEF com uma EMEI e perder essa atenção, esse cuidado.

Sim, te entendi. O projeto do CAIC veio do Governo Federal em 1991 ou 1992 e ele propõe tudo junto, integrado, toda essa parte aqui do prédio, junto com o postinho e o Caruccio. Daí previa salas de aula, oficina do trabalho, auditório, parte de creche, ambulatório, sala de dentista e ginásio, tudo na mesma escola. Mas aqui em Pelotas não funcionou como CAIC, ficou um tempo fechada e depois foi instalada a Francisco Caruccio, que já existia no Santa Irene. Em 2001, teve a divisão, talvez por causa dessa imposição de Educação Infantil para o Município que tu comentou, o Município se responsabilizou pela Educação Infantil, coincide com a data de criação da Herbert e se separa do Caruccio. O Caruccio se mantém em parte do prédio e a parte de atendimento à saúde é entregue para a Católica pra se fazer o postinho, a UBS. Tu acha que se fosse tudo junto, se não houvesse divisão, tu acha que isso seria prejudicial, de alguma forma?

Em certas partes, acho que seria prejudicial, sim. Primeiro que eu acho que seria necessário um administrador especializado pra gerir tudo isso. Pra administrar tudo isso teria que ser um administrador e não um pedagogo. Porque todos os olhares são diferenciados. E eu acho que isso não se teria agora nessa integração. Teria que ser uma equipe. Eu torço pra que dê tudo certo, mas não sei. Porque tem essa função de perder o olhar para a Educação Infantil, a função

de administrar todas as funções juntas é bem diferente do que uma só isolada, bem diferente. Não sei se tem como fazer tudo ao mesmo tempo. Não sei.

Mudando um pouco de assunto, tu comentou uma hora que nem 10% das mães entravam na escola, que muitos pais não entravam. Agora com a pandemia acredito que não tenha nenhuma comemoração, mas antes, tinha festa de final de ano, festa junina? Os pais participavam? Tu acha que a escola é apropriada pelos pais das crianças?

Sim, nas comemorações participam, só não têm acesso ao funcionamento da escola no cotidiano. Quando é festa, é festa! A comunidade gosta de participar! A comunidade gosta da escola. Quando a escola tá funcionando é uma coisa, quando tá em festa é outra coisa. Não é a mesma função.

Eu tinha um certo preconceito, pois achava que os pais não eram participativos, não sei porque. Que eles só deixavam as crianças aqui.

Tem pais de todos os tipos. Tem os que só largam aqui e esquecem e tem aqueles bem participativos que olham a escola de forma bem diferenciada. As festas de sábado, as juninas por exemplo, as duas que eu participei antes da pandemia, forma bem boas. Veio bastante gente. Mas tem outra coisa. Se o CAIC fizer festa no mesmo dia que a gente, não vem quase ninguém pra cá. É! Mas eu até entendo, lá é maior, tem mais estrutura, mais espaço. Aqui também os recursos são mais limitados, porque somos menos pessoas.

Nesse momento a participante foi chamada pra atender uma demanda e entrou uma colega dela na sala e perguntou se podia participar também, já que elas dividiam a sala.

Eaí Zé! Posso ficar aqui ou é reunião?

Oi Angélica, tudo bem? A gente tá fazendo aquela conversa sobre a relação da escola com as pessoas, da história do CAIC e tal. Se tu quiser participar, pode se juntar com a gente. Mas te aviso que estamos gravando a conversa.

Tudo bem! O que tu quer saber?

Primeiro queria que tu comentasse o que tu acha da escola? O que tu acha que tem de bom? O que tu acha que tem que melhorar? Quando tu entrou aqui? Como foi? Como é hoje em dia? O que tu acha do Pestano? Pode fazer um apanhado geral e a gente segue a partir daí. Fica a vontade pra falar bem ou falar mal. A gente tá gravando, mas é tudo como anônimo, teu nome não vai sair, teu cargo também não.

Ah, essa é a conversa aquela do teu mestrado! Ah, entendi! Sim sim! Pode deixar que eu conto! O que aconteceu foi assim, eu era diretora da Paulo Freire, foi quando tu me conheceu, depois eu saí da direção porque já tinha incorporado e fui pra coordenação do anexo do Piratinino. Quando acabaram as obras do Piratinino, extinguiram aquele anexo. Aí, a Idilis, junto com o secretário Artur, me convidou pra vir pra cá porque minha colega Sirley, que era a diretora aqui,

estava doente, com câncer, fazendo tratamento e não sabiam quando ela retornava. Eles me disseram que seria a princípio dentro de 1 ano. Então eu vim pra cá já com a data de saída. De entrada e de saída. Porque assim que ela retornasse do tratamento eu ia embora. Isso tava certo, na minha cabeça. Eles me pediram pra vir pra cá por causa da reforma que tava acontecendo também. Tava tendo muito conflito com a escola e eles não tavam conseguindo resolver a reforma. Aí eu vim pra cá. Quando eu cheguei aqui eu quase dei volta. No primeiro dia que eu vim tu veio junto, lembra? Era o Yuri, da construtora brigando. Ele tava com a obra atrasada. Aqui na minha sala, eu não conseguia entrar, era todo mobiliário da escola aqui dentro, das salas que estavam na reforma. Tudo por fazer, obra atrasada e as aulas iam iniciar em menos de duas semanas. Não se tinha mais a cozinha e tavam terminando de fazer o refeitório. Foi um loqueiro começar as aulas assim. Ai a gente começou. Com muita briga, muito conflito, muito barulho, muita gente trabalhando. Mas a gente conseguiu, trazer as crianças junto com a obra. Aí ficou assim. Pintura, o cheiro da tinta. Dizem que essa tinta a óleo pode dar problema. Imagina a obra e o berçário. Mas foi! Conseguimos terminar a obra, mesmo com muita reclamação. Eu acho que é um prédio muito bom, acho que quem sonhou essa ampliação era porque na época era o que se podia fazer. Naquela época não se pensava em aumentar vagas. Naquela época se pensava em melhorar a estrutura que tinha. Fazer um refeitório maior, cozinha, lavanderia. Não se pensou muito em banheiro para os funcionários. A estrutura da escola já era boa né. Todas as salas têm banheiro e pátio para as crianças. Tem um espaço bem grande. Acho uma escola bem boa. É uma escola muito segura. Quando eu vim pra cá eu me assustei muito com o Pestano, a gente ouve muitas coisas que não são boas da comunidade do Pestano, da mesma forma, eu vim de uma outra comunidade, a do Dunas, e lá nunca tive problema, aqui também foi assim. Aqui nunca tive problema. É claro que eu cheguei aqui e já senti que a comunidade era mais agitada, mas foi se acalmando aos poucos. Foram convivendo melhor com a gente, com a clareza que a gente tem aqui de conversar muito com as mães, com a comunidade, a coisa foi se acalmando. E aí ficou tranquilo. Acho aqui um prédio bom, bem estruturado. O Pestano, aqui, a localidade é bem segura, nós entramos ali, já estacionamos o carro aqui dentro, temos segurança, ainda tem o posto e o colégio aqui do lado, sempre tem gente. Ainda tem guarda municipal aqui. Nunca tive problema nenhum, nesse sentido. Ainda transito por todo Pestano. Uma pessoa que nos dá muita tranquilidade é a Marta, porque ela é da comunidade, um tipo de liderança da comunidade. A comunidade do Pestano é como qualquer outra, como a do Areal, ou como a comunidade do Fragata. Ouvia-se falar muito mal, mas convivendo aqui é muito tranquilo, além disso, tem tudo aqui, tem de tudo aqui na volta. Tem posto de gasolina, tem farmácia, tem mercado. Tudo perto.

E o que tu escuta dos teus colegas da diferença de antes e depois da reforma?

Que a reforma era muito necessária. Mas a meu ver, como gestora daqui, eu teria feito para aumentar vagas. Deveria ter aumentado muitas vagas. Tem fila de espera aqui. Teria feito tudo diferente, teria feito salas de aula naqueles

espaços vazios do fundo. Eu não teria colocado o pré parcial, pra mim o pré deveria ser sempre integral, para uma comunidade carente, ainda mais em pandemia funciona melhor. Eu teria feito mais salas de aula, se fosse minha escola mesmo. Essa parte de vidro eu já não teria colocado. Teria fechado igual esses pátios internos, mas com algum tipo de telhado, sei lá, com telhas transparentes, com alguma forma de abrir e ventilar, mas teria fechado esses pátios, que pra nós são ruins por causa do vento e da chuva, mas esses vidros assim roubaram espaço, atrapalham. A limpeza desses vidros é muito complicada, e imagina, qualquer sujeira já aparece. E tem bastante terreno, teria feito mais salas de aula. Aproveitava mais o dinheiro.

E de pontos positivos?

Essa escola é muito iluminada, os pátios individuais das salas para as crianças brincarem é ótimo! O refeitório ficou maravilhoso, a cozinha é muito boa. A escola é boa, mesmo quando tu entrava aqui quando era MAPEL, quando não existia EMEI, era boa, porque dá pra ver que, nos banheiros das salas, ainda tem o tanque pra limpeza de material. A gente entende que as crianças eram muito bem atendidas, por isso o tanque, pra se lavar materiais de pintura e etecetera.

Nesse momento a primeira participante voltou pra sala

Nesse período que vocês estão aqui, como as coisas evoluíram? O que mudou? Além da reforma, porque vocês não pegaram antes da reforma. Mesmo no contexto da pandemia.

Logo após a pergunta começou uma agitação na escola e as participantes tiveram que ir atender.

Ah, a única coisa que mudou que eu participei foi instalação de dispenser de álcool e sabão, por causa da COVID, só isso que mudou. Teve aquela sala que te comentei, dos professores, que mudamos. Nesse período que eu to aqui, continuamos a mesma coisa. Não teve nada de diferente, a gente não pode mudar muito as estruturas né.

Tu acha que a escola por ter essa forma, esse tamanho, passa alguma mensagem pra pessoas que frequentam aqui?

Ah, não sei te dizer, acho que pra cada pessoa é uma mensagem, pra mim ela é bem glamurosa, então ela passa glamour. Imponência. A escola tem destaque aqui. Quando se passa longe daqui, de carro, a gente já vê, mas pensa “o que será aquilo ali?”. Mas a gente não pode generalizar, pra uns ela é imponente, mas pra outros ela não é, deve ter aqueles que nem percebem. Que pensam na escola só pela função, então. Pra mim passa imponência, pra comunidade eu não sei dizer. Se eles pensam só na função ou se a parte arquitetônica dá alguma diferença pra eles, não sei te dizer.

Como a Herbert contribuiu na formação e desenvolvimento do bairro? Como foi a contribuição de vocês, nesse período que vocês frequentam a Herbert?

Nosso papel aqui é muito importante, a pandemia mostrou o impacto social que se teve quando as escolas tiveram que fechar. Então nosso papel aqui é muito importante, na vida das pessoas, é muito grande. Não só a nossa escola, mas toda escola. Quando se parou de atender, aqui, o impacto foi fulminante para as famílias e para a estrutura dessas famílias. Isso é fato. E a gente contribui se doando, se dando mesmo. Com esse cuidado de desenvolver a pessoa que essa criança vai se tornar. Para a escola funcionar bem, pra que possa atender todos bem, pra que tudo funcione redondinho, não dependente só do prédio, da arquitetura do prédio. A gente quer atender bem. Claro que a estrutura facilita bastante, a função, a nossa função. Quando a outra escola que eu e a Angélica trabalhávamos, a Paulo Freire, entrou em obra, a Angélica conseguiu um galpão, tipo um depósito, nem sei te dizer o que era de tão assim, só um comprido, um saguão enorme, e a Paulo Freire foi pra ali. Fizemos todas as divisórias de madeira, não tinha janela, não tinha nada. Era um horror. **Era um horror. Mesmo. E as aulas eram lotadas.** E a nossa missão era fazer aquilo funcionar, atender o melhor que pudéssemos ali. Daquela forma, sem estrutura nenhuma, pra que as mães pudessem deixar seus filhos ali, protegidos, bem alimentados, bem cuidados. A estrutura tem diferença? Tem. Mas a função se sobrepõe. Pra nós, a estrutura é mais importante que pras mães. Pras mães a função é mais importante. É a garantia de poder deixar o filho. Pra nós a estrutura é mais importante pra gente poder fazer nosso trabalho. E pra criança faz diferença nosso trabalho bem feito. **Penso a mesma coisa. A gente ensina rotina, amor, carinho, cuidado, pra criança. Isso é muito importante.**

Eu não sei se a gente já não conversou sobre isso outro dia, mas o CAIC foi projetado pra muitas cidades, pra 4 mil, na verdade e foi construído em pelo menos umas 350. Isso fez parte de um projeto padrão, de escolas iguais em diferentes lugares. Aqui e em Brasília tem escolas iguais.

Mas a gente vê isso. Essa estrutura não é pra Pelotas. Por causa dessa parte aqui do pátio. Essa estrutura toda aberta. Porque quando eu cheguei aqui, Zé, a sorte é que na época o Secretário Artur foi muito bom, entendeu bastante o que acontecia aqui. Tu te lembra bem, garanto. Eles recém tinham colocado esses vidros de baixo, as portas, porque entrava de tudo por aqui. Entrava até bichos, zorrilho, entrava muito zorrilho por aqui, por causa desse mato aqui da volta. Além de vento e chuva, tinha muita cobra e ratos que entravam pelas canaletas da água da chuva, esses bueiros aqui. Daí fizeram essas portas de vidro, essas janelas. Quando eu cheguei aqui eu tinha vontade de chorar. Fecharam só a parte de baixo, a parte de cima não fecharam. Então, em todas as chuvas, entrava água na porta de todas as salas da escola, porque ficam voltadas pra esse pátio. Em dia de temporal, entrava água em todas as salas. Eu filmei o que acontecia e mandei pro Artur. Em seguida vocês vieram aqui e colocaram o resto dos vidros. É claro que no inverno, quando tá seco, é ótimo. No verão eu pedi pra trocarem algumas lâminas de vidro por portas de correr, porque era muito quente, pra correr um ar, porque a gente quase morria de calor. Ainda mais depois que terminaram de tapar em cima, né. Isso não tem fundamento, em dia de chuva essa água vinha toda aqui pra dentro. E um frio danando no inverno. Eu fico impressionada, Como essa escola funcionou por 15 ou 16 anos no

inverno com isso aberto! Era muito frio! E não tinha nada disso, há 15 ou 16 anos atrás e a escola funcionou bem, porque é o amor e nosso empenho que importa. E eu sempre ouvi falar muito bem da Herbert, ela sempre teve projetos bons, sempre teve boa administração, sempre foi a escola dos sonhos. Porque as outras escolas, a minha mesmo, era atolada na água no barro, era uma casinha, tem aquelas escolas que são uma casinha de madeira, pequenininhas, eram casas pequenas, e a Herbert não. A Herbert tinha salas, banheiros, cozinha, como eu te disse, com pátio interno das salas. Então a Herbert já era a cereja do bolo, como se diz. Mas tinha esses problemas, era muito fria, muito fria. É como o Proinfância, isso não tem fundamento, parece que é feito só pro Nordeste. Tudo aberto também, tem que se ficar fazendo vidro igual, tem que fechar igual...

Quando tu vem pro trabalho, como tu vem? O que chama tua atenção no caminho? O que é bom e o que não é tão bom?

Venho de carro. Pra te dizer a verdade, verdade verdadeira, a primeira coisa que eu enxergo é o muro colorido. Como não ver?. Eu venho me guiando por esse muro. Tem as casinhas, tá, tá, tá e termina as casinhas e tem o muro, bem amarelo, é onde que eu tenho que entrar. Antes do quebra-molas. Todo esse murão, colorido.

E o que vocês acham que deveria ter numa escola ideal? Pode ser igual a essa aqui ou pode ser toda nova, o que vocês gostariam?

Aqui? Eu tirava essas estruturas de vidro e fazia um saguãozão, novo, com telhado e alguma forma de abrir pra ventilar e iluminar. Muitos banheiros, pra adultos, pros funcionários. Aqui tem pouco banheiro pra adulto, porque tem um que não funciona e nunca conseguem arrumar. A gente tem usado o do cadeirante. E aquela porta do banheiro ainda tá sem tranca, a gente já pediu pra manutenção, mas não conseguem arrumar. Josi, tu demoliria a escola? Não isso que tu falou tá bom. Eu não demoliria, eu aproveitaria, mas faria essas mudanças. Ela é muito imponente. Tu sabe que não tem uma pessoa, a gente cuida muito isso, que não diga quando entra aqui “Que lindo esses pátios de vidro! Que lindos esses pátios internos!”. A escola é chique! É chique! Só que pra nós, pra gente que usa, que é educador, que tá aqui com criança... tu vê que criança e vidro não combina. Além disso limpeza e higiene. É bonito, mas não é funcional. Se fosse na cobertura, com algum sistema que pudesse abrir e fechar, deve existir isso hoje, bah, seria muito melhor. Além disso, a gente gosta de tudo bem colorido. Aqui é bem colorido, ali não é. Visse como tem diferença! Como eu vou falar das cores que eu escolhi, ora, eu tenho orgulho das cores que a gente colocou nessa escola depois da reforma. Cores primárias, escolhi pras crianças! Isso aqui era tudo cinza, quando cheguei aqui. Só pensava, bah “que escola bem feia!”. Porque eu vim de uma escola recém reformada, recém feita. Toda de Homero Britto, isso aqui era horroroso, um cinza, mal pintado, a estrutura toda cheia de lata na volta. Era um horror, ver essas latas verdes aí. Tudo velho! Agora tá tudo novo, tudo pintado. O que eu ia fazer, deixar cinza de novo? Não! Vou deixar tudo bem colorido! Graças a Deus o pessoal da manutenção foi perfeito, eu só dizia “vamos botar mais amarelo pra clarear”

porque se a gente botasse muito azul ou vermelho eu tinha medo que ficasse muito escuro. Essa escola é muito grande. E pintamos bem colorido. Gostei muito! Eu me lembro que quando eu vim aqui a primeira vez a Idilis só dizia “que horror!” e agora essa entrada chama muita a atenção. Tem esses desenhos! Essa guria que fazia essas pinturas era muito boa, tinha uma boa visão. E a Idilis conheceu aqui antes e ela dizia que a escola era toda colorida de verde e amarelo, não era chamativo como agora, mas não era aquele cinza que tava. Então foi uma coisa que eu pensei, vamos botar cor agora, e aí ficou assim. A Educação Infantil é colorida, tem que ser colorida, faz parte dela...

Então tá bem, gente, nossa conversa foi muito proveitosa, von encerrar a gravação. Gostaria muito de agradecer a participação de vocês.

APÊNDICE J – Transcrição de entrevista com moradora da comunidade Pestano

Identificação:	E05		
Data da entrevista:	13/11/2021	Gênero:	Feminino
Duração:	69 minutos	Atividade:	Moradora local, mãe de aluna e funcionária da EMEI Herbert de Souza

Então, pra gente deixar registrado, vou te perguntar mais uma vez, sabendo que teu nome vai ficar anônimo, teu cargo não vai se divulgado, nem teu endereço, teu depoimento não vai te identificar, tu me dá o consentimento pra gravar essa conversa?

Claro.

Observando que já conversamos um pouco sobre isso, e nosso assunto pode ir pra frente e depois pode voltar sem problemas e a gente deve voltar a falar sobre isso, o CAIC, no plano original, tinha oficina pra trabalho, espaço para oficinas culturais, espaços para laboratórios, espaço para oficina de informática, voltado à saúde, isso era para a comunidade, não só pros alunos, pois se pensava que se de manhã as crianças teriam aula, de tarde a comunidade iria para a escola para ter acesso a coisas que não teriam em outro lugar, de desenvolvimento social, até econômico. Isso que tu comentou, de não haver essas ações hoje em dia, vai contra ao plano original.

Totalmente, totalmente. Não existe nada disso hoje em dia. Tu já imaginou como seria um curso de capacitação profissional lá dentro, que formasse mães e alunas? Gente, é um sonho de qualquer comunidade. Tu capacitar o jovem dentro da comunidade, capacitar as mães. Tem tanta mãe que não tem nenhuma profissão, né, de repente manicure, padreira, cabeleireira e tantas outras profissões né. Ia dar forma pra pessoa sair de uma dependência. Aqui a gente tem tantas pessoas que estão numa má fase, que perderam o emprego, mães que são chefes de família, que a gente distribui cesta básica todos os meses, às vezes por semana, que aqui eu sou muito de depender de quando chegam os alimentos e donativos, se a quantidade dessa semana for muita eu consigo atender bastante, até a outra semana, se não, se for pouca, eu consigo atender poucas pessoas e só nessa semana. Então tu poderia dar oportunidade dela ter uma profissão e conseguir tirar a renda dela dali, né. Seja aprender a fazer guardanapos, sei lá, várias outras coisas, de modo que assim dê independência até pra uma família.

Sim, noto que tu tá te referindo a uma cadeia muito mais complexa que apenas uma escola.

Muito mais. A escola não é só isso como tá. E ela tem que ser da comunidade. Ela tem que abraçar essa comunidade. Até porque a maioria dos diretores que entram ali não são da comunidade. São todos de fora. Então quando eles chegam, a comunidade já tá estabelecida aqui. Por que não, já, abraçar essa comunidade? Não é esperar os pais irem no colégio. É se apropriar disso também, a escola é de todos. Não só abrir a escola, mas se estender pra comunidade.

Nos conta um pouquinho do que tu conhece da história do Pestano, de antes da escola, isso que tu nos contou um pouco antes de começarmos a gravação.

Os meus pais vieram pra cá, quando era só um mato aqui. Não tinha ônibus. O ônibus parava só onde é a entrada do Pestano, ali na Fernando Osório. Aí eles foram construindo. Aí teve aquela grande enchente que teve em 1977, foi quando se mudaram pra cá, um monte de casinhas assim, todas iguais, construíram chalezinho. Se não me engano foi o Irajá que deu esses chalés, e tudo mais. Aí as pessoas começaram a vir pra cá. A minha família foi uma dessas. Depois foram construindo mais coisas, teve os apartamentos do Pestano. Meu pai foi um dos construtores da Cohab Pestano, um dos pedreiros que construíram ali, né. Então... é muito legal, eu vivo dizendo, eu sou cria do Pestano, apesar de não ter nascido aqui, né. Eu sou cria do Pestano. Eu vi isso aqui crescer, né. Eu saí daqui quando eu tinha 4 anos, porque minha mãe tava muito doente e fui criada pela família da minha avó, mas logo voltei, 2 anos depois. E quando voltei, com meus 6 pra 7 anos, eu fui estudar ali, aonde é o Santa Irene hoje, mas na época ainda era Francisco Caruccio, aí depois disso foi construído o CAIC, aquele baita prédio, ali, mas me formei aqui, ainda.

E como foi quando construíram o CAIC, que lembrança que tu tem?

Uma baita escola, né, todo mundo só comentava disso, que era baita prédio. Ninguém acreditava que ele tava sendo construído dentro do bairro, né. Uma estrutura incrível. E foi tudo construído muito rápido, né. Tudo com bloquinho, né. Aqueles blocos prontos. Todo mundo ficou encantado. Com a construção. Com tudo. Ficou muito legal.

Até hoje é impactante né, quando a gente vem pra essa direção, logo vê o ginásio, né. É uma forma diferente e até hoje é considerado grande, né.

Sim! É uma estrutura muito bonita! E é enorme! É um ponto marcante de referência também. Parecido assim, eu conheci o CIEP, lá no Fragata, e achava que tinha a mesma estrutura do CAIC, mas não né. É bem diferente. Mas voltando a tua pergunta, eu conheço o CAIC desde o início. O muro, aquele muro da rua, foi construído a pedido da comunidade, porque nós tava lá, na época eu vendia salgados. Eu tive os gêmeos e saí do serviço e comecei a vender salgados, vendia lá dentro da escola. Aí teve um dia um tiroteio lá na frente, e eu tava lá, lá na escola, eu já tava saindo, assim, e aí na correria arreventou meus pontos, porque eu tentei voltar pra dentro da escola, foi horrível. Mas depois disso fomos na câmara de vereadores, na época com o Seu Artur como

Secretário de Educação, e nós pedimos, a comunidade pediu, foi em peso de ônibus lá pra pedir e pediu a construção de um muro pra escola e foi feito. Então, quando pegaram a escola ali, pronta, não tinha nem muro. Aquele muro todo foi construído depois. Depois do tiroteio.

O que tu percebe de diferença do Pestano antes e depois do CAIC?

Eu acho que todo mundo ficou muito feliz em ter essa baita estrutura da escola aqui dentro do bairro. É uma estrutura muito boa e acredito que, apesar de ter outras escolas aqui dentro né. Eu costumo dizer que temos uma escola grande, legal e bonita e tem outras que abraçam a comunidade. Uma escola que abraça a comunidade é a escola Santa Irene.

E por que o Caruccio não abraça?

Não sei te dizer. Numa época anterior, com outros diretores, abraçava. Hoje, não. Antigamente tinha a guarda mirim, tinha o grupo renovação, que funcionava lá dentro, que foi criado a convite do grêmio estudantil da escola Francisco Caruccio. Era uma escola que interagia mais com a comunidade. Hoje eu vejo que é uma escola fechada para os alunos, não para a comunidade. Os alunos fazem parte da escola, não a comunidade.

E o que que o Santa Irene tem que abraça?

Ah! Eles são abertos para a comunidade! Nada contra o CAIC, mas o Santa Irene é uma escola que trabalha com a comunidade, em benefício da comunidade. É uma escola que o Diretor vem aqui no meu portão, sabe o trabalho que eu faço, participa, faz doação. Mas não é pela doação, não é isso, é pelo reconhecimento. Bem antes da pandemia, muito antes, a escola já se abria para receber nosso grupo, pra fazer projetos diversos. Por exemplo, quando chega a semana da consciência negra, tem gincanas, tem várias atividades diferentes lá dentro da escola. Então, isso pra mim me chama muito a atenção. Muito mais do que o prédio. Eu nem olho pro prédio. A gente tá vivendo num mundo cheio de preconceitos, o racismo tá cada vez mais gritante, hoje a gente tem conhecimento que o racismo estrutural tá aí. A gente tem que bater contra isso. Não é normal, não é legal isso que tá acontecendo. O Santa Irene é uma escola que batalha muito, que bate muito em cima disso. Tu entra lá e tem um monte de quadros, com tecidos de chita coloridos, com trabalhos maravilhosos. Não é só consciência negra. Eles trabalham muito a cultura, tem a cultura farroupilha também. Seja em qualquer data eles aprofundam muito na questão cultural daqui. É uma coisa que encanta e que chama a atenção. Tenho muito orgulho que meus filhos façam parte da família Santa Irene. A estrutura é muito diferente, mas tenho muito carinho porque eles trabalham muito o lado humano.

Isso que tu tá nos falando é muito importante e interessante, pois o que adianta ter uma estrutura externa grande e bonita e internamente não conversar e interagir.

É exatamente isso. O prédio é belíssimo, é tudo maravilhoso, isso encanta. Agora na pandemia eu entrei lá pra trabalhar, porque foi hospital de campanha,

e que não foi usado, e eu fiquei encantada com tudo que tem, com toda estrutura. Fazia muito tempo que não entrava lá dentro. É tudo muito bonito, é tudo belíssimo, porém eu acho não abraça a comunidade. Eu acho que não. Deve ter pessoas que acham que sim, mas eu [REDACTED] aqui acho que não.

E pra abraçar mais a comunidade teria que ter o que? Oficinas, escola aberta, turno integral, esse tipo de proposta? Quando o CAIC foi proposto e construído lá por 1992 e 1995, ele foi construído abrangendo a Herbert, o Caruccio e o Postinho. Tudo uma coisa só. E dentro desse prédio tinha proposta das oficinas do trabalho, saúde, refeitório, auditório e tal. E em 2001, foi tudo separado, se criou a Herbert, o Postinho e o Caruccio ficou só com uma parte. Tu acha que se fosse tudo junto de novo, seria melhor?

Não necessariamente, acho que depende da direção. Se eu soubesse quem era a direção da época te diria qual é melhor. Mas isso só depende da direção...

E do trajeto que tu faz aqui da tua casa até teu trabalho ou da escola até o centro da cidade, o que te chama a atenção? Quais as lembranças e referências que tu tem? Sejam boas ou ruins.

Os buracos né. Na saída aqui de casa já, eu nem digo que são buracos, eu digo que são crateras. São muitos, muitos buracos. Falta muita coisa de estrutura no bairro. Pra melhorar aqui, pavimentação seria uma coisa. Aqui é a rua 1, uma das principais, mas só a avenida que passa aqui atrás, a Zeferino Costa, que é asfaltada. Aqui é rua que passa ônibus, mas não é asfaltada. A iluminação é médio. Se for ali na esquina, já dá pra ver que tem uma cracolândia, ali na esquina, então tem muitas coisinhas que incomodam, sabe. Porque eu sou do tipo de mãe neura, tu sabe né, os meus filhos estão sempre comigo, quando eles vão na venda eu fico aqui na frente esperando, aí tu vai dizer “Ai [REDACTED] o que isso? Eles já são adolescentes, já têm 14 anos.” Só que aqui tem muita coisinha que incomoda. O poder público podia fazer algo diferente, tem aquele posto de polícia, ali, abandonado. Ele podia ser doado para a comunidade, pra se fazer algum trabalho social ali dentro. Mas não é. O prédio da EMEI Lobo da Costa, pelo jeito, por que o prédio do Lobo da Costa tá todo aberto desse jeito? É uma cracolândia, e tem briga, gente se dando pau, é um horror, é perigoso, tu vai querer expor teu filho a isso? Não. Uma mãe normal, que se preocupe com os filhos não. São coisas que vão incomodando, entende? Eu sei que o mundo não vai ser perfeito nunca, eu vou morrer e não vou ver isso, porém, eu acho que quem tem o poder em mãos poderia fazer bem diferente. Pra completar, agora eu to fazendo faculdade de sociologia, então, to ficando cada vez pior haha. Eu to cada vez vendo mais que sabe... tenho que bater naquilo em que eu acredito, porque tem que ser assim. Esses dias mesmo, um dos guris brigando comigo, “[REDACTED] tu tens que fazer serviço social” eu digo “já me identifiquei com sociologia e é pra lá que vou mesmo”. Essas coisas incomodam, tu vê que aqui em tanta coisa errada, sabe, que podia ser diferente, se cada um fizesse um pouco, a mudança que a gente ia ter.

[REDACTED], isso eu admiro muito em ti, tu não espera vir de fora, se tu precisa de alguém pra lutar pela comunidade, tu não fica esperando, tu vai lá e luta.

Mas José, eu quero um lugar melhor pros meus filhos, eu não segui o caminho ruim porque fiz minhas escolhas. A vida é feita de escolhas. Eu prego muito isso no grupo, sabe. No papo cabeça, entendesse. Tem uma mãe, que mora aqui no meio da quadra, que ela tem 8 filhos, 8, e ela mora numa peça, José, aqui ó, a minha casa tem 10 peças, a dela tem uma peça só, pequena, e ela cria esses filhos de um modo, que tu não vê as crianças sujas, não vê elas jogadas, tão sempre impecáveis, eu fico impressionada, como que a pessoa se vira, ela dá o jeito dela, todos dormem nessa mesma peça, que de dia é cozinha, com banheiro e de noite botam todos os colchões e dormem, não é o espaço em si que é importante e como tu trabalha nele, é tu fazer o bem com ele. E eles não fazem! Isso me indigna muito! Tem o ginásio do PPV [Programa de Prevenção à Violência], enorme, ali do lado do CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] e aí construíram outro do lado! Eu fui falar com seu Artur, que era o único secretário que conversava com a gente no tête-à-tête, tanto que no dia da câmara dos vereadores eu levei uma pizza pra ele, fiz aqui em casa e levei pra ele, pra dizer que ia dar em pizza, porque eu não acreditava que eles iam fazer aquele muro. Eu disse, “não acredito e pra mim isso vai acabar em pizza” Tenho certeza que ele nunca esqueceu daquilo, tanto que quando o muro foi construído e ele veio aqui na comunidade de novo ele me viu, me chamou e fez questão de dizer que não acabou em pizza. Aquilo marcou, ele já sentou aqui nesse sofá pra conversar comigo e saber do que a gente precisava, eu respeito muito o seu Artur, muito mesmo, foi um secretário muito bom, mas não conseguiu explicar o porquê daquele ginásio, um do lado do outro e a gente precisando de tantas outras coisas. Foi desperdício de dinheiro público, mas, voltando, tem muitos pontos bons, o CRAS tá aqui dentro, isso é ótimo, eu não preciso do CRASs, graças a Deus, mas pras pessoas da comunidade tem muita gente que precisa, o CRAS tá aqui dentro, palmas, que bom, sabe. Tem campo de futebol, podia ter coisas diferentes, podia ter espaço, no ginásio abandonado do PPV, podia construir salas com biblioteca comunitária, sala de dança, sala de atividades de artes. Eu recebi uma homenagem na secult, no ano passado, e já bati de novo pedindo uma reforma ali. Quero uma revitalização ali, tomara que alguém escute. Antes de morrer eu vou ver aquilo reformado, eu queria uma sala, pedi três, mas uma sala. Queria ver aquilo reformado e revitalizado. Pra gente poder fazer várias atividades ali! Três salas: telecentro, biblioteca comunitária e sala pra dança e teatro. Vambora!

Quantas pessoas participam do Papo Cabeça?

Agora, na pandemia, como a gente tem quatro pessoas em grupo de risco aqui em casa, a gente tenta manter entre 10 e 15, sentam aqui e conversam, é muito legal. Tem uma guriazinha que é incrível. Ela senta e começa assim “Eu queria entender o porquê da minha mãe poder colocar o volume do som a todo volume e eu tenho que ficar vendo televisão bem baixinho e quando eu estou olhando ela não me respeita.” São vários assuntos que surgem, dos mais diversos. E eles debatem entre eles. Todos jovens e crianças. Quando eles começam a debater sobre sexualidade eu fico assim “sério que esse pensamento veio de um adolescente?”. Eu fico impressionada com a maturidade deles. Esses dias mesmo, na última quarta-feira, saiu cobras e lagartos do assunto. É um espaço

que eles têm pra falar e escutar. Tenho certeza que na casa deles eles não têm liberdade pra falar como aqui. Tem uma psicóloga daqui de Pelotas mesmo, que quando soube desse trabalho, veio participar e entregou um livro que ela usa no consultório dela e era tudo que a gente já fazia aqui. Dar oportunidade de falar, perguntar, se expressar, ouvir, aprender sem medo de ser reprimido. O nome do livro era papo cabeça. A gente já fazia há tempos o que o livro orientava, e o nome do livro era bem o nome do projeto, papo cabeça. Fiquei impressionada.

O que tu acha da localização do CAIC, se tu pudesse mudar de lugar, tu mudaria?

Não mudaria, acho que ela tá muito bem localizada, é uma estrutura maravilhosa.

E o que tu sabe da história do CAIC? Nos conta um pouco mais.

O que eu sei que a escola não foi CAIC, logo que foi terminada ela ficou parada e depois já virou Francisco Carruccio, a direção que era daqui passou pra lá e aqui foi montada a nova escola do Santa Irene, que eu não sei se já existia antes ou se foi criada nova num prédio existente...

E tu chegou frequentar o Caruccio nessa época?

Não com aluna. Eu só frequentei o Francisco Caruccio como coordenadora do grupo de dança...

E como era? O que tu fazia?

Eu dava aula de dança...

E como era?

Maravilhoso...

Conta um pouco da história do grupo, ele começou no CAIC? Tinha bastante gente? Mobilização? Eu sei que vocês viajaram bastante.

O grupo começou a viajar bem depois. Depois de alguns anos que ela tinha iniciado. Foi quando a ong anjos e querubins conheceu nosso trabalho. A gente tinha uma parceria. O Benhur entrava com a batucada no baldes e a gente com as coreografias e com as danças. Fomos ao Rio de Janeiro, ficamos no morro do alemão, fomos lá 3 vezes, fomos em Brasília, pra lá eu fui como delegada da rádio comunitária, fomos com a dança e com a rádio comunitária, Rio Grande do Sul a gente foi em tudo, Porto Alegre, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Rio Grande, Jaguarão, Arroio Grande, Herval, Pinheiro Machado, o grupo rodou tudo por aí. Tem criança que não conhece o centro da nossa cidade, porque tem algumas que não conhecem, eles conheceram o Rio de Janeiro e Brasília. Quando eles dormiram pela primeira vez num hotel, vocês não têm noção. Ai! Eles estavam maravilhados, eles entravam nos quartos e ficavam maravilhados! *O coffe brake!*. **Nesse momento a entrevistada buscou um álbum de notícias de jornal e começou a apresentar reportagens e fotos que saíram na mídia da cidade referente às apresentações e viagens do grupo de dança**

renovação, que nessa época acontecia no CAIC. Tenho várias matérias pra mostrar! Isso foi na época do PPV, programa de prevenção à violência

O grupo de dança ensaiava no CAIC, mas não era vinculado à escola. Isso?

Isso, eles davam prioridade pra quem era do CAIC, e só pra crianças, tinha mais meninas e mais para adolescentes e pré-adolescentes. A gente ensaiava na quadra do CAIC, ali nos fundos e seguido se apresentava ali perto da escada. Fomos na Fenadoce, aqui a foto ó, na 12ª fenadoce, representando a escola. Tenho provas do crime hahahah. Eu guardo tudo que sai do grupo, eu guardo qualquer reportagem que saia. O pessoal do diário da manhã, quando sai alguma coisa, eles fazem questão de trazer aqui pra mim. É por isso que faz tempo que eu bato nessa tecla de ser construído um espaço aqui nesse ginásio [PPV]. Eu queria te mostrar uma reportagem, que já tem um tempo que saiu, falando da importância de termos essas salas aqui no ginásio. Essa época foi quando começou o conflito com a Direção do Caruccio. **Ainda mostrando fotografias e reportagens.** Olha aqui eu como palestrante. Até palestra eu dei. “Aqui nós trabalhávamos, José!” Aqui ó, no auditório junto com um ex-diretor, o Adelino Penedo, visse como tenho provas. `bom pra vocês verem que, né, depois o pessoal não pode dizer que não teve. Aqui ó, a reportagem, sala de danças como prevenção. Eu já incomodei muita gente! A gente tem que lutar por aquilo em que a gente acredita. Gosto muito da frase do Mandela “o que me assusta não é o grito dos maus e sim o silêncio dos bons”. As pessoas são muito acomodadas com tudo. Aceitam tudo como se fosse normal. Não é normal, isso que acontece não pode ser normal. Aqui a arte e a cultura podem transformar as vidas das pessoas de dentro do bairro.

E os pais das crianças que participavam e participam do grupo, como eram?

Alguns pais têm que participar comigo, José. Se não, não dou conta de todo mundo, né. Não tem como, olha quanta gente, quanta criança.

E como o projeto renovação funciona? Além das crianças que dançam, como ele é coordenado, como ele vai pra frente?

Tem coordenador de coreografia, que hoje é a Ingrid, tem, o Jonatan, que faz a parte de divulgação, tem eu que sou coordenadora geral. Naquela época os pais me ajudavam muito. O que acontece, no início muita gente participava, mas depois vão saindo e vão saindo e só fiquei eu. As mães faziam as roupas, os figurinos. Eu tenho tudo guardado.

E hoje em dia, quando tu olha pro prédio do CAIC, o que tem a tua mente? Da tu vivência toda.

O meu sentimento quanto à escola, ao grupo e a mim é de muita tristeza. Hoje, por causa da divisão que ocorreu com o grupo. Mas acho uma escola excelente. O que o grupo foi, a pedido lá do grêmio estudantil, lá dentro, se eu te disser que é um sentimento de alegria, eu vou estar te mentando, né. Porque é de tristeza. A forma que aconteceu, é uma forma de matar qualquer projeto e não de

melhorar. O projeto continuou porque eu não desisti, porque se fosse qualquer outra pessoa já teria dito que não, deu. Eu vou pra rua ensaiar com as crianças. É o que eu faço, José. Eles ensaiam na rua, eles foram campeões do carnaval ensaiando na rua. As coreografias todas foram ensaiadas na rua. Tu tá vendo eles ali, naquela foto, maravilhosos, campeões, capas de jornais, eles estavam ensaiando na rua. O que eles vão fazer semana que vem nessa viagem que eles vão e de ensaio aqui, nesse pátio, nesse piso. Pra eles não tem problema nenhum, eles vêm e ensaiam mesmo. Ensaíam felizes! E a gente ainda trabalha com a parte de inclusão social, que a gente trabalha, agora só com um porque a Nanda não tá mais, mas com cadeirantes. Além de dança, eles pintam, fazem oficinas, fazem de tudo. O Laerte tá aí, dança maravilhosamente bem, balé, então é isso.

Mas essa tristeza é em relação ao Francisco Caruccio, e em relação à Herbert?

O que tu quer saber?

Qual teu sentimento, tuas lembranças, de quando tu começou a frequentar a Herbert?

Meus filhos foram alunos da Herbert. Fui mãe da Herbert, hoje sou funcionária lá. Mas a Herbert com o grupo de dança também tem uma história grande. Aqueles pequeninhos ali já dançavam desde a época da Herbert, quando eram bem novinhos. A escola sempre foi um abraço para a comunidade, é até hoje. Se tem algum aluno precisando, por exemplo de cesta básica, e o grupo pode ajudar, a gente ajuda. É um sentimento muito diferente daquele em relação ao Caruccio. Não é o mesmo. Não é a mesma escola. O Ronna, antigo secretário de cultura, quando teve ali na escola, uns anos atrás, a Maria fez uma feira do livro da escola. Olha que interessante! E quando o Ronna teve ali ela fez questão de dizer que ele tinha que nos apoiar. E ele veio aqui e me procurou! Ela fez isso porque era um grupo da comunidade que precisava de apoio. Tu imagina, ela mal me conhecia, eu nem era funcionária ainda, só depois fui ser funcionária da Herbert. Comecei a trabalhar lá em 2017, com a terceirizada. Então é gratidão.

Falando da Herbert, então, o que tu mais gosta lá?

A estrutura. Olha, eu sou apaixonada por aquela estrutura. Ainda mais agora, queria aquele colorido por tudo! Adoro aquela escola! Antes da reforma ela já era linda, né! Ela sempre foi assim, ela sempre foi um prédio que chamou muito a atenção. Muito bonito. Meus filhos dos dois anos até completarem seis anos e eu tenho muito a agradecer, mesmo. Eles cresceram ali dentro, agora, minha outra menina, a Sophia, cresce ali dentro. Os gruis saíram de lá em 2012/2013 e agora já estão no oitavo ano do Santa Irene. Quando reforma aconteceu eu já tava lá dentro. Como funcionária e como mãe. Porque aquela reforma começou já tem um baita tempo. Ela terminou quando eu já era funcionária da Herbert.

Quando aconteceu o projeto da reforma, a comunidade teve algum tipo de participação? Tu sabe o que mudou?

Mudou o refeitório, aquela parte de trás toda é nova. A lavanderia, o telhado, o pátio de vidro. Eu não sei te dizer se no projeto participaram. Mas sei que ali tem orçamento participativo, né.

E depois da reforma, o que tu achou?

Lindo! Bah! O refeitório é bem amplo. A estrutura toda da escola é linda, né. Então foi melhor.

E tem alguma coisa que tu gostaria de melhorar?

Não, não. Eu acho que é uma escola bem aberta. Tem bastante ventilação.

E tem algum espaço que tu goste mais?

Eu adoro aqueles pátios! Os aquários eu acho lindos! Eu fico mais na lavanderia, né, ali na parte nova, mas eu adoro os aquários. Mas toda a estrutura da escola é bonita.

E o que falta, que tu pudesse colocar? No Caruccio eu entendi que é um posicionamento e atitude mais voltado ao bairro e à comunidade. Mas e na Herbert?

Ai, não sei. A biblioteca já é enorme.

E tu percebe alguma diferença do CAIC para outras escolas?

Sim! Ele é bem diferente!

E o que tu pensa de ter vários outros prédios iguais a ele no Brasil?

Acho que é tipo o CEU, né. Acho que cada lugar deveria ter o seu CEU. Por que só o Dunas tem um CEU? Eu já fui lá perguntar isso. Ah, eu perguntei. Por que não tem um em cada bairro? Lá no morro do alemão, a gente vê muito na mídia, em vários morros, a parte ruim, né. Eu fiquei encantada, na entrada do Alemão tem aquela vila olímpica, com tudo, piscina, quadra de tênis, quadra de vôlei, várias salas para usarem, de dança, taekwondo, yoga, e todo mundo pode usar. E fica na entrada da favela. O pessoal desce e pode usar. Por que não ter um em cada lugar? Vamos fazer um aqui nesse prédio que já tá ali. A resposta deles foi que o Pestano já recebe auxílio e que tem loteamento e lá no Dunas não. Que lá tem mais necessidade e mais casas irregulares. Mas aqui é muito maior, pega um espaço que vai do Pestano ao Getúlio Vargas. E mesmo tendo mais escolas pra lá, o pessoal prefere trazer a criança pra cá, pro CAIC, seja na Herbert ou no Caruccio, por causa que é uma estrutura maior. Eu trabalhei na Meneghetti (escola que fica bem no finzinho do Getúlio Vargas) como monitora de dança também, e um dia eu perguntei pruma mãe que mora lá e trazia a filha pra cá, o porquê isso, se era bem mais longe, e ela disse que era porque aqui a estrutura é bem melhor. Mas eu conheço lá, lá é uma escola muito boa também.

Mas tu não me respondeu diretamente, tu acha que projetos iguais pro país todo funcionaria?

Acho que funciona, o que eu entendo do CAIC, por exemplo, se meu filho precisasse de atendimento dentário, teria um consultório ali dentro. Isso pode acontecer em qualquer estado, sala de aula, esse tipo de atendimento. Ia funcionar igual. Imagina tu ter esse tipo de atendimento, eu pago 85 reais pra cada um dos meus filhos pra ter plano de atendimento odontológico, imagina a facilidade. Seria muito melhor pra uma mãe, né.

E tu acha que os alunos, os professores e a comunidade se sentem representados e se apropriam do prédio da escola?

Acho que sim, eu gosto muito da escola em que trabalho. Esse ano tem tido muitas trocas mesmo, eu gosto muito de lá. Eu costumo chamar que é a família Herbert. Eles foram professores dos meus filhos, e hoje, apesar de estar na terceirizada, sou colega de trabalho deles.

E das reformas que tiveram na Herbert, tu faria alguma coisa de diferente?

Refaria algumas coisas. Os pisos, por exemplo, já estão bem ruins. Mudaria a pracinha de lugar, pois aquela parte lá dos fundos é um mato que não se usa. Tem também aquele corredorzão, passando os pátios das salas, que não se usa pra nada, é só mato. Daria pra construir mais salas ali, e seriam legais, aproveitaria os pátios.

E, quando tu olha pra escola e pro bairro como tu percebe que o tempo passou?

Muita coisa mudou, até o prédio da EMEI Lobo da Costa foi reformado. Faz 28 anos que eu tô aqui. Era um chalezinho, não é uma baita estrutura, tá diferente, uma estrutura legal, não é enorme, mas foi reformado também. Então a gente percebe nessas mudanças. O bairro tá crescendo, tá melhorando. Eu ainda acho que esses espaços abandonados, o posto de polícia, podiam ser espaços diferentes. Podiam aumentar a escola Lobo da Costa.

No meio da entrevista chegou uma mãe pra buscar cesta básica e depois chegaram doações de roupas de bebês para a comunidade. Nesse momento os entrevistadores ficaram assistindo as crianças ensaiarem inclusive um menino chamado Laerte, que é cadeirante, estava participando. Quando a entrevistada viu que a nós estávamos um tanto impressionados com isso, ela mostrou um vídeo dele, que tem deficiência motora e é cadeirante, dançando de forma muito dedicada e emocionada, no pátio interno da EMEI Herbert.

■, esse trabalho que tu faz é incrível. Tu deve ouvir muito isso, mas é lindo. Parabéns.

Gente, não é pra isso que dou bola. Mas tu sabe que a Mariela me chamou no início do ano, vocês conhecem ela? Ela me chamou pra fazer parte de uma caderneta de mulheres preciosas. Eu não dei muita bola na hora, nem imaginava direito o que era, mas disse que tá bem, que ei ia lá. Quando cheguei lá, meu nome tava dentro de uma caderneta, minha história, recebi homenagem lá na SECULT. Uma amiga minha que diz, que eu não tenho ideia do quanto grande

é o Grupo de Dança Renovação. Pra mim, acho que por ser parte a tanto tempo, é uma coisa normal. Essa ação é tão automática, que eu não vejo como algo diferente, como as pessoas veem.

Mas com certeza tu faz muita diferença.

Que viagem vocês vão fazer, que estão ensaiando.

Era pra ter sido ontem, mas vamos no sábado, a Jaguarão.

É competição?

Não, não. É uma apresentação da cultura negra e dança afro. Participamos só de 3 competições nesse tempo todo. Não gosto, não passa uma coisa legal. É muita falcatura, sujeira. É muita sem-vergonhice. O grupo não tá aqui pra isso. Além disso o foco do grupo não é competição, não é competir. Daí a gente só participa de apresentação.

E levar o grupo para a Herbert, tu chegou a tentar? Depois que deu o conflito com o Caruccio.

Nem quero, a gente aprendeu a ficar bem assim.

Nesse momento a entrevistada mostrou a caderneta em que foi homenageada, com parte da história da vida dela, junto com outras mulheres importantes para Pelotas.

■, muito legal. É emocionante o relato e o impacto que esse livro tem.

Ah, eu me senti bem. Bastante... Passa reconhecimento, sabe? São coisas que emocionam. Ainda tá gravando né. Qualquer coisa tu tira. Eu com quatro anos fiquei doente, né. Aí minha mãe me mandou pra minha vó, pra eu ser criada pela minha vó. Eu era filha única. Eu sempre fui muito sozinha. Tinha que me virar. Então eu não sei o quanto eu não faço as coisas no automático que eu nem percebo o quanto é significativo e a grandeza da coisa. E quando as pessoas falam sobre isso, eu fico pensando “gente, é uma coisa tão normal”, chega a ser gozado. Eu gosto do que eu faço. Não faço por obrigação, é porque faz bem. A junção que a gente faz, agora mesmo pro natal, a gente consegue brinquedos infláveis pras crianças. A gora mesmo, se tu conhecer alguém que possa ajudar, a gente vai fazer alguma coisa no natal. É aquilo que eu te disse, pra nós não importa o local, desde que a gente possa fazer as coisas boas, tá tudo bem.

Uma outra coisa que eu queria perguntar, tu comentou do tiroteio que teve na escola, que depois construíram o muro, vocês se sentiram mais seguros? Como é a relação da comunidade com a escola nesse sentido? Tem algum tipo de regras e respeito para com a escola? Da cracolândia tão perto da escola. Como é essa relação?

Agora tem uma lei aqui no bairro, dos guris que coordenam o movimento. Eu não me envolvo com nada disso, mas a gente sabe o que acontece. Eles colocaram o seguinte, não pode mais ter nenhum tipo de violência aqui dentro. Tipo assalto com morador, roubo aqui dentro da comunidade. Eu graças a Deus nunca fui

roubada. Mas tá proibido, eles mesmo que proibiram. Tem uma organização deles. Não é mais como era antes. Antes, há muito tempo, logo no início dos loteamentos, tinha guerra entre Pestano e Getúlio. Aí era muito violento com todo mundo. Teve morte na frente do CAIC. O menino tava com um simulacro, alguém viu e acabou morrendo. Bem na faixa em frente à escola. Acontecem coisas bem fortes. Coisas que marcam a gente, né. Mas graças a Deus, hoje tá bem mais calmo. Hoje em dia o pessoal até respeita mais o ambiente da escola. Não se vê tanto vandalismo e pichação, por exemplo.

■, nós gostamos muito da nossa conversa. A ideia era saber o significado da escola, mas foi muito além disso. Vimos que uma atitude é muito mais significativa que o espaço físico em que ela acontece. O próprio grupo de dança mostra isso. Muito obrigado. Vou encerrar a gravação agora.

APÊNDICE K – Transcrição de entrevista com funcionária da EMEF

Francico Caruccio

Identificação:	E06	Gênero:	Feminino
Data da entrevista:	16/11/2021	Atividade:	Professora e gestora
Duração:	48 minutos		

Então, Professora, posso gravar nossa conversa?

Pode, sim, sem problemas.

Eu gostaria que tu comesse contando há quanto tempo tu conheces o bairro e a escola.

Eu conheço a escola há bastante tempo. Esse ano fez 18 anos, e eu não conhecia o bairro, só conheci o bairro quando vim pra cá, para essa escola. Tu sabes que é uma coisa bem interessante, assim, eu trabalhava em outra escola e eu precisava de uma escola em que eu conseguisse um horário para estudar e aí me sugeriram aqui o nome da escola. A Diretora dessa outra escola em que eu trabalhava, do município também, disse “meu Deus, tu vais pra lá? Aquilo lá é horrível! O bairro é horrível, a escola é horrível, é tudo horrível!” Eu digo “eu vou, porque eu preciso”. Isso foi lá em 2003, e nada como a gente mesmo tirar nossas conclusões e eu pensava “qualquer coisa depois eu consigo ir pra outro lugar, a gente dá um jeito, tento mudar de escola de novo e digo que não me adaptei”. Cheguei aqui. Claro, não era o Alexandre como Diretor ainda, mas no bairro, nunca tive nenhum problema. Não conhecia nada por aqui. O pessoal já era maravilhoso. Criminalidade, marginalidade tem em tudo que é local. O pessoal aqui da comunidade é muito, muito dez! São maravilhosos. Depois, quando o Alexandre entrou, sim, a escola se transformou. E se transformou muito. Antes as paredes eram escuras, o local não era limpo, o pessoal riscava as paredes, os pais subiam e ficavam na porta das salas, dando ordens para os professores, a escola passava uma impressão ruim. Não era aquilo tudo que me disseram, mas também não era um mar de rosas, né. Mas aí, como eu precisava eu fui ficando. Nunca tive problema nenhum, nem com pai, nem com aluno, nem com ninguém. Mas era aquilo. A gente convivia com aquele aspecto um pouco negativo. A escola não era muito limpa, as paredes eram escuras, os pais queriam dominar um pouco, a direção não tinha muito pulso. Aí sim, com a chegada do Alexandre aí mudou tudo. Aí tá como tu viu. Tá como tu viu. As paredes são brancas...

Nessa época, quando tu chegou, já era dividida a EMEI da EMEF?

Já. Era como é agora. Era divididinho. O postinho já estava ali no seu local.

Voltando ao assunto, continue falando do que o Alexandre fez de diferente.

Tudo! Revolucionou tudo! Uma das primeiras coisas quando o Alexandre chegou, que ele achou até uma coisa estranha, nesse tempo, agora eu trabalho

60 horas aqui na escola, mas na época trabalhava só um turno, não trabalhava no turno da noite, então ele diz que quando ele chegou, uma das coisas que chamou muito a atenção dele, quando ele foi fechar a escola não tinha chave, nem fechadura, era só encostada. A escola ficava aberta. Então, uma das primeiras coisas que ele fez foi colocar chave, cadeado, trincos direitinhos, pintar a escola, foi uma revolução total. Tirar alguns armários do corredor. Quando a gente entrava nesse corredor eram armários dos dois lados do corredor, e num ambiente que já era escuro, com muitos armários ficava mais escuro e não parecia um local com tranquilidade, não sei te dizer, mas era uma coisa muito apertada e muito escura e muito sujo. Então foi isso, ele revolucionou com as paredes, pintou tudo, trocou armários, mas também trocou pessoal. Tu sabes, no serviço público tem as pessoas que são comprometidas e tem as pessoas que não são tão comprometidas, né. E aqui na escola, como eu te disse que a direção era gente boa, mas tem que ter pulso firme, e não tinha esse pulso firme. Pessoal faltava muito, não era muito dedicado. Então essa também foi uma revolução que o Alexandre fez. Além da estrutura da escola, fez uma limpa, vamos dizer assim, de pessoal. Tirou esse pessoal. Não “tirou”, tipo assim vou tirar, não, mandou pra outra escola pois se a pessoa não tava bem aqui de repente podia ser o local em que ela estava e aí ela não dava seu melhor, aí encaminhou pra outro local. E aí chamou pessoal novo e foi se transformando no que é hoje. Pessoal que tem vontade de trabalhar, gosta de trabalhar, a gente se sente seguro, tá uma escola limpa, é outra coisa né.

Nesse tempo, mudou alguma coisa no programa da escola? Por exemplo: oficina de informática tenha se tornado sala de atendimento a alunos especiais.

Mudou e pra melhor mudaram muitas coisas. Nesse tempo, a informática, se não me engano, era só em um laboratório e eram poucas máquinas. Com o tempo o Alexandre foi conseguindo doações, agora tem esse laboratório, tem mais um outro e ainda tem o khan (laboratório de informática especial). Então, informática os computadores estão todos funcionando, tem mais lá na biblioteca também, e aí ele foi conseguindo mais projetos para a escola.

Eu pergunto, pois o programa dessa escola é muito grande, se teve alguma adaptação de ambientes que não eram utilizados e foram reformulados, por exemplo auditório que tenha virado sala de aula, ou ainda uma demanda reprimida que exija maior número de salas de aula e algum ambiente tenha virado sala.

Às vezes, por exemplo agora mesmo, o pessoal tá usando a sala de artes, até pela demanda. Mas de um ambiente se tornar outro não, somente revitalização do ambiente, mas o uso se manteve o mesmo. A sala de artes, lá no fundo, no início não era lá, era onde é o laboratório, mas o Alexandre conseguiu passar ela lá pro fundo, porque é uma sala bem grande, e com mesas bem grandes também. É melhor pro pessoal conseguir fazer suas produções.

Uma mudança muito grande que teve, ainda que tenha sido antes de tu chegar aqui, foi a divisão do postinho e da EMEI, e aí eu penso, uma escola

de 1995 e até hoje está funcionando da mesma forma, só com essa divisão há bastante tempo, quer dizer que ainda assim o programa é bom. O que você acha?

Sim, com certeza, não sei se o Alexandre já conversou contigo, mas ele está com um projeto de integrar tudo de novo, com a educação básica. Esse projeto está tramitando na SMED. O pessoal da EMEI iria pra outro local e aquele espaço voltaria pra cá. A escola ficaria de educação básica, a criança entraria no maternal e ia até o final na mesma escola. Para as crianças, convivendo com as mesmas pessoas, isso é muito bom, né. Não rompe o vínculo ao vir pra cá, que é uma escola maior [esse projeto propõe retornar ao que era no projeto do CAIC, inclusive o posto de saúde seria reintegrado à escola]. E esse projeto prevê a volta do turno integral também, mesmo que ainda parcial, pra ser implementado gradualmente.

Professora, a senhora mora no bairro?

Não, não.

E quando a senhora vem da sua casa pro trabalho, o que chama a sua atenção no trajeto? O que é referência? O que é bom no caminho? O que é ruim? O trajeto tem estradas boas ou estradas ruins? Valetas?

Muita coisa melhorou, eu venho ali pela Zeferino Costa, não era asfaltada, era chão batido. Na frente do aeroporto era cheio de buracos. Hoje o pessoal da prefeitura já está se preocupando mais e pensa em qualificar e melhorar o bairro. Agora estão abrindo um novo loteamento com novas casas, residencial. E antigamente não tinha o El Dourado também. Era só campo. Hoje o pessoal da Prefeitura já se preocupa mais em dar qualidade pro pessoal daqui. Hoje eu pego um trajeto maravilhoso. Da minha casa, eu moro na Cohab, faço a volta, entro na Salgado Filho, que é asfaltada, entro na Zeferino Costa, que também é asfaltada, e saio aqui. Maravilhoso.

Vejo que isso te faz trabalhar mais feliz.

Com certeza, isso foi uma melhora muito boa pro bairro.

A gente já havia conversado sobre isso antes de começarmos a gravar, que tu já sabias que essa escola é de um padrão e por isso remete há uma referência da época e de intenções de Governo, tu achas que ela foi implementada num local bacana? Se tu pudesses trocar ela de lugar, tu trocarias?

Não, não trocaria. Eu deixaria aqui. Porque ela é uma escola que dá oportunidades, bastantes oportunidades, tem uma estrutura muito boa que dá para os alunos aproveitarem muito. Lógico, no momento a gente não tá usando por causa da pandemia, mas temos laboratórios maravilhosos, de ciências também, então a escola dá oportunidade, recursos para aqueles alunos que talvez não tenham poder aquisitivo de ter computador, por exemplo, às vezes eles têm internet, mas no celular. Às vezes nem sabem como é um computador de mesa. Então, dá oportunidades para os alunos e está no local certo.

E tem participação da comunidade dentro da escola?

Sim! Nos projetos que a gente faz! Num contexto fora da pandemia, a gente tem projetos que se finalizam num sábado, aí os pais, a família e a comunidade vêm ver a produção dos alunos. Isso é tão importante, eles adoram! Por exemplo, a feira de ciências. É um desses momentos, o pessoal faz as suas experiências e aí nesse sábado a comunidade, toda família vem prestigiar. Temos também feira do conhecimento, não só de ciências, mas cartazes, banners, esculturas de educação artística e os pais vêm e participam. A nossa festa junina é maravilhosa! Os pequenos dançam, os alunos dos anos iniciais apresentam a quadrilha, o pessoal da cozinha faz comes e bebes, tem apresentação. Junta muita gente, é uma troca muito legal! Com a comunidade é muito bom. O pessoal vem todo, é muita, muita gente!

A gente tem noção de que a conservação da escola também acontece por causa da participação da comunidade.

Sim! Passando pelas salas é muito difícil ver alguma coisa riscada na parede, os alunos cuidam, eles sabem que se ficar limpinho, tudo bonito, é pra eles mesmos, né. Eles cuidam muito também.

Como são os alunos? Qual o perfil dos alunos e qual o perfil dos professores e funcionários? São cascas grossas?

É bem variado. Tem professores mais descontraídos e outros mais cascas grossas mesmo. E isso é com os alunos também. Houve aquela reformulação quando o Alexandre entrou na direção e isso já tem 11 anos. O pessoal sabe, o pessoal comenta, quem vem pra cá sabe como ele é, que tem que ser certinho, e quem vem trabalhar aqui sabe que tem que ser comprometido. Os alunos, tem alunos de uma classe social melhor, de uma classe social não tão boa. Alunos não só do Pestano. Na EJA [Educação de Jovens e Adultos], que está com atividades online, tem aluno de qualquer lugar da cidade. Tem aluno da Cohab também. Tem aluno especial. A gente aqui tem, dá, muitos cuidados para alunos especiais e não é qualquer lugar que dá né. No turno da manhã temos muitos alunos especiais. Muitos. De tudo que é idade, esse que te disse que mora aqui na Cohab, tá no 9º ano, já tá pra se formar, deve de estar com seus 16 anos para 17 anos. Ele tem autismo, mas não é cadeirante.

E como fica a acessibilidade do edifício para os cadeirantes?

Tem elevador aqui. Foi colocado depois que o Alexandre assumiu também. A gente tem muito concurso aqui por causa disso. Era uma briga antiga, mas deu certo. A gente sempre botava os cadeirantes em salas em baixo, mudava as turmas sempre, isso não era bom, a gente sabe que isso não deixa o pessoal incluído. Ficava ruim “só minha turma aqui por causa do cadeirante, a gente nunca vai poder ir lá pra cima, que é onde ficam os maiores”. Acabava excluindo. Eles têm esse direito e eles vislumbram isso. Quando o Alexandre conseguiu o elevador, ele conseguiu a câmara fria também. Uma câmara enorme, que dá pra colocar muito alimento ali sem problemas de estragar. Era só refrigerador

normal, desses domésticos, e freezer. Essas foram outras das aquisições bem boas que a secretaria de educação conseguiu.

Quantos alunos a escola tem?

Agora tá em mil ou mil e alguma coisa. Mas já teve mais. Isso em três turnos. Muitos alunos, principalmente da EJA o pessoal precisou se mudar, inclusive de estado, até por causa do poder aquisitivo que mudou pela pandemia. Seja pra morar com algum parente ou para ter melhores oportunidades de emprego. Pro ano que vem, quando a pandemia, graças a Deus, tiver acabado, o pessoal vai voltar. O pessoal já tem nos procurado bastante pro turno da noite do EJA, para matrículas de 2022. Temos 1200 ou 1300 alunos.

E lembrando que o trabalho não vai permitir que tu sejas identificada, qual a tua atividade aqui na escola? O que tu fazes?

Até 2018 eu tinha uma matrícula só, fiz outro concurso e hoje eu tenho duas matrículas. Só que aí, eu já fazia parte da equipe diretiva e quando eu fui assumir essa outra matrícula não me deixaram assumir as duas aqui. Já tava tudo certo, mas, por eu ser da equipe diretiva, quem iria me avaliar já eram meus colegas há muito tempo, e isso não seria correto. Então fui pra outra escola e nesse ano voltei pra cá. Hoje eu tenho 60 horas semanais aqui na escola. No turno da manhã tenho matrícula de PII como professora de ciências, PI é professora de anos iniciais com pedagogia, PII é dos anos finais. Na minha matrícula mais antiga, que eu sempre trabalhei aqui na escola é de “Pê um”, então “Pê dois”, que é a matrícula mais nova é como professora no turno da manhã, que eu tinha ido pra outra escola e agora eu consegui voltar, “Pê um” no turno da tarde e como professora auxiliar e coordenadora do EJA no turno da noite. No turno da manhã, então, fico lá em cima dando aula. Como professora auxiliar, fico por qualquer lugar da escola que possam precisar de mim, com os alunos de necessidades especiais. No turno da noite da EJA, também, fico circulando por toda escola, caso alguém precise de mim.

E essa circulação é fácil?

Muito fácil, é muito tranquila... Maravilhosa.

E qual ambiente que tu gosta mais?

Acho que aqui, da nossa sala. Mas gosto também da sala do Diretor que a gente fica mais próximo, assim, com nossos colegas. E gosto, principalmente, dos alunos. Eu adoro ficar em sala de aula. Agora a circulação não tá tão grande, mas em tempos antes da pandemia, era um momento nosso de descontração. Tem o momento do lanche, que a gente conversa bastante com os colegas. Eu chamo de nosso recreio.

Isso volta ao que a gente já tinha conversado um pouco antes, penso que a pessoa para apreciar o espaço e cuidar ela tem que usar...

Sim, com certeza. São as coisas que a gente faz. Uma coisa que vou te dizer, assim, pessoal que vem depois, claro já tenho 18 anos aqui, mas logo que o

peçoal entra e se encontra, já pensa na escola como sua segunda casa. Eu me sinto muito bem aqui. Me sinto bem em conversar com os alunos, com os colegas, com a direção. Todo peçoal vai sentindo isso. Todo mundo que chega aqui é bem tratado. Temos que ter respeito com qualquer tipo de peçoal. Os próprios alunos vão sentindo isso e vão acolhendo essa ideia. A gente tem alunos, que num primeiro momento a gente pensa que vai ser daquele tipo mais difícil de lidar, mas depois a gente consegue visualizar a família, a conhecer. Tem alunos que passam por certos tipos de violência, eles ou a família deles. Como é a família em casa? Muitas vezes a família é desestruturada, a família passa por violência. E aí a gente entende do porquê ele ser assim. Mas aqui ele tem o espaço da escola, tem a gente, pode conversar com a gente, com a orientação escolar. E aí o aluno que era problema se torna o melhor aluno e muito amigo da gente. É o que vale a pena. Aqui tem muito disso. É maravilhoso. Os alunos são 10!

Tu já trabalhou aqui e em mais escolas do município também?

Trabalhei na Osvaldo Cruz.

E o que tu acha que tem de diferente dessa escola para a outra? Tanto do peçoal, mas também do prédio e do bairro.

O que eu acho que tem de diferente lá... o Osvaldo Cruz fica ali no Lindóia... o poder aquisitivo de lá já é maior, já começa por aí. Uma coisa que eu achei muito interessante quando eu cheguei lá, num dos primeiros dias de aula eu pedi pros alunos levarem na próxima aula lápis de cor e cartolina. Olha! Minha surpresa foi quando no outro dia eles levaram cartolina, lápis de cor, têmpera, cola glitter, canetinha, tinta... levaram de tudo, de tudo. Aí a gente já vê a diferença do poder aquisitivo. Aqui na escola não é assim, não porque os alunos não tenham empenho, mas sim porque muitas vezes a família não tem como dar, né. Aí a gente tem material aqui e de alguma maneira se consegue. Mas igual o aluno fica um pouco envergonhado de ficar pedindo. Outra coisa que eu notei também, como eu já tinha dito, aqui na escola tem a preocupação de manter o ambiente bem limpo e nessa escola que eu trabalhei o peçoal até tem vontade, porque o Adílio briga né, mas não é só o dinheiro que vem pra escola tem que ter ações e acho que é isso que falta lá. Se a gente só esperar o dinheiro que vem [do FNDE] a gente não consegue fazer muita coisa. Não é que seja acomodado, mas o Alexandre briga, vai pra cima, não fica só esperando o dinheiro que vem e é pouco. E ainda tem anos que essa verba tá congelada, igual ao salário. E a suba que tem. O que dava pra fazer há alguns anos atrás agora já não dá mais. Tem que correr pra fazer parcerias. Quem não quer ter sua escola limpa e organizada e bonita? Aqui a escola é maravilhosa, claro é muito maior que lá, lá é menor né. Tem salas no meio, aqui não fica esse espaço, lá pros alunos no recreio é um espaço mínimo, aqui não, tem muito mais espaço. Estrutura eu acho. Tem também a quadra lá no fundo. Além do peçoal, a grande diferença é o tamanho e a estrutura do prédio mesmo.

E tua acha essa escola bonita?

Linda! Linda! Não sei se o Alexandre te falou... nós conseguimos uma parceria que vamos ganhar toda a pintura externa, incluindo o ginásio, da quadra. Então tu imagina... os toldos mesmo, vão ficando feios com o tempo né, e a gente olha por fora e não representa que ela é tão bonita assim por dentro... (por que estaria mal cuidada desgastada?).

Deixa eu te perguntar... Aqui da janela da tua sala podemos ver que o toldo está fechado por dentro com alvenaria, tu sabe o porquê?

É porque ali... eu acho.... eu não sei. Tenho a impressão que quando eu cheguei aqui já era fechado assim.

Isso é um ponto que a gente vê diferença, na EMEI eles tiraram essas coberturas e colocaram o telhado. Enquanto aqui fecharam com tijolos. Por que será que nas duas escolas fecharam, ainda que de jeitos diferentes?

Eu não sei, talvez entre água ou algum bicho. Sei que tem salas que elas têm grades e são trancadas. Como aqui é muito campo, lagarto tem muito.

E se a senhora pudesse mudar alguma coisa o que tu mudaria na escola?

Aqui na escola no inverno é muito frio, no verão é bom. Às vezes no verão pode ficar até com um pouquinho de frio. Tu sai na rua e sente aquele abafamento e aqui dentro é agradável. De repente o que eu mudaria era isso. Mas não tenho como botar ar-condicionado em tudo né.

Professora fique bem livre pra falar, a gente está numa conversa informal. Lhe pergunto, pois, uma das ideias do final do trabalho é propor recomendações para escolas de projeto padrão, como o CAIC foi. Pois essas escolas foram construídas iguais em todo Brasil, mas pode ter algumas coisas que sejam boas num lugar e não sejam aqui. Por isso pergunto.

Então outra coisa que eu mudaria também seria a entrada da escola. Tem até um ponto de ônibus bem no meio do nosso pátio, porque a entrada seria por ali.

Quais são os sentimentos que você sente quando pensa na escola?

Se eu fechar os olhos... eu penso que aqui pra mim é tudo. É minha segunda casa. E penso que assim como é pra mim, é pros alunos também. Aqui é o nosso trabalho e a gente tá num local que a gente gosta. Eu tenho certeza também que os alunos gostam de estar aqui. Sentimento de muito afeto.

E o que tu menos gosta aqui?

Nem tem. Acho que passar frio que nem a gente conversou. Não tem o que eu não gosto... Talvez a distância... Tu vê a distância pra mim não é tão grande, então... talvez para alguns colegas... Tem tudo aqui no bairro. Tem farmácia, tem posto de gasolina aqui, o Treichel é bem pertinho também né. Tem colegas aqui que moram no fragata, daí talvez seja um pouquinho mais longe e pode pessoal pegar trânsito também. Como eu moro aqui na cohab é bem pertinho.

E tu já entrou ali na EMEI? Antes ou depois da reforma?

Já entrei lá antes da reforma, mas não me lembro direito e já entrei depois também. E como ficou bonita! Como ficou legal! Antes da reforma eu me lembro que não era muito agradável, parecia com essa escola antes da intervenção do Alexandre. As paredes não eram bem pintadas, não era um espaço cuidado. Como a gente convive aqui, e a gente vai para outras escolas, como já fui para a Osvaldo, não é uma crítica né, é que o pessoal não vai atrás e não corre, mas eu senti muito essa diferença. O Alexandre gosta de tudo muito arrumadinho e a gente já entrou nesse ritmo, então teve uma vez que entrei lá e tinha uma pilha de livros, espalhados assim por cima dos armários, tudo bagunçado, aquilo chamou muito a minha atenção, logo pensei se fosse lá na escola o Alexandre ia ficar louco. As coisas têm de ser arrumadas. Imagina a criança olhar, assim, um lugar bagunçado e não vai ter vontade de cuidar nem de estudar né. Já depois da reforma eu gostei. Achei tão bonita...

Se tu pudesses escolher em fazer uma reforma daquelas aqui, mudando o telhado e os pátios, tu mudaria?

Pois é... não sei se aqui precisaria. Se não fosse necessário eu não faria. Se não fossemos pintar aqui, eu pediria pra trocar o telhado do ginásio no lugar dessa reforma.

Se tu pudesse mudar a forma da escola, esse padrão que se repete aqui do toldo, das janelas, dos pilares, tu mudaria?

Não! Eu gosto assim! E já tô acostumada também. Mas depois que o Alexandre contou que ganhamos essa pintura, eu chego a fechar os olhos e vejo tudo pintadinho e tudo bonitinho.

E tu sabia que tem outras escolas iguais a essa no Brasil?

Pois é! Sim! Em Rio Grande e em Bagé eu sei que tem né! Eu já vi em reportagem, tem uma colega minha que mora lá no bairro que trabalha no CAIC e tu sabe que, assim, as cores são como aqui na escola eram também. Verde com amarelo, e até hoje tem um pouco, olha ali, no verde. As grades são verdes, é. Ela me mostra fotos e aí eu vejo e lembra muito aqui. O prédio é igual.

A gente já tinha conversado um pouco disso, mas pra retomarmos, essa escola foi inaugurada como CAIC em 1996, nunca funcionou como CAIC, logo veio pra cá a EMEF Caruccio de onde é a Santa Irene, e aí em 2001/2002, no governo do Marroni, teve a divisão, foi fundada a EMEI Herbert, o postinho da Católica, e aqui continuou como Caruccio. Tu prefere assim, dividido, ou como era antes?

Prefiro tudo integrado, como era antes. Porque se a escola fosse toda integrada da educação básica seria bem melhor pra todos, principalmente pros alunos. Porque entrariam pequeninhos e saíam só no 9º ano. E o postinho voltar para escola seria muito bom. Teríamos atendimento de psicólogo, dentista, algum atendimento médico ou de enfermaria. Não que eles não nos atendam, eles trabalham muito ali, mas seria integrado com a escola e não separado.

E tu vê a apropriação dos estudantes e dos professores pela escola?

Sim, eles cuidam daqui como se fosse nossa casa. Eles sentem e por isso cuidam. As atividades na escola, que já estávamos conversando, aos sábados, antes da pandemia, eram frequentes. Todo mundo vinha. Pelo menos uma vez por mês.

E tem algum tipo de projeto social voltado ao bairro que aconteça na escola? Como exemplo time de basquete, esporte, clube de livro... que seja aberto para não estudantes?

Tinha, mas por causa da pandemia vai ter que se reformulado. Era o projeto da vida ativa. Sabe? Com o pessoal da dança. As mães vinham muito. Mais mães do que alunos. Tinha futebol também. O pessoal se integra. Quando tem projetos assim o pessoal vem. Porque sabe que isso é bom.

Isso é muito interessante. Vai muito em direção à proposta original do CAIC. Voltado ao desenvolvimento social da comunidade.

Sim! Por isso é bom ter essa estrutura. Não poderia ser uma escola pequena, teria que ser uma escola grande. Com certeza, para trazer as pessoas pra cá.

E a respeito da imagem da escola? Tu já comentou que não mudaria o projeto, mas tu acha que a comunidade e os alunos gostam dessa imagem?

Com certeza! A escola é referência!

Pois é! Essa escola tão grande é uma ruptura perto do resto do bairro, e se torna referência por causa disso.

Sim! Nossa, o ginásio! Tu sabe que eu enxergo de lá, assim.... Eu estudei e meus filhos estudaram na escola Leivas Leite, lá da cohab, uma escola pública. E teve um dia que meu filho teve uma reunião que foi na sala de aula, e tu sabe ela tinha a janela virada pra cá. E quando eu cheguei perto pensei “nossa! Dá pra ver a escola! Bah! A gente vê o ginásio!” De longe a gente vê a escola. Tu imaginas agora depois de pintados.

Eu achava que esse tamanho todo poderia passar certa ideia de opressão, que os alunos pudessem se sentir oprimidos.

Não, não penso que se sintam oprimidos, muito pelo contrário, penso que possam se sentir protegidos. E, na verdade, são, né.

E como tu vê a passagem do tempo nesses 18 anos que tu tá aqui? A gente falou um pouco do crescimento do bairro e infraestrutura, mas e na escola?

Acho que cada vez a gente tenta melhorar mais aqui o ambiente. Não acho que o número de alunos tenha aumentado. O que mudou... que com esse novo concurso eu comecei a dar aulas pra turmas finais, e aí eu percebo que estou ficando velha porque os alunos são os mesmos, só não são mais da turma dos pequenos. O carinho é o mesmo. A gente tem por eles e eles tem pela gente. Mas a gente tá sempre querendo melhorar mais. A gente sempre tem que tentar melhorar mais.

E como foi a pandemia?

Na pandemia foi duro, agora tá melhorando, mas foi muito triste. Foi triste até vir pra cá. No nosso caso, no ano passado mesmo, eles estavam trabalhando online e com material impresso e nós tínhamos que vir uma vez por semana pra pegar material e era muito estranho, muito triste, a gente vir pra escola e não ter aluno. Ficava aquele silêncio, tipo hospital, sem barulho de nada, não ouve som de nada. Então foi muito difícil. Logo que a gente voltou a frequentar a escola, depois daquele primeiro período crítico, passava até uma sensação de abandono. Muito triste, é. Agora com tudo querendo voltar a escola ganha vida, né. O que é uma escola sem criança? Hoje mesmo, retornaram o grupo B. Eles estavam num alvoroço, correndo pra lá e pra cá e já vinham perguntar “Professora, e o recreio?!”. Eles estão com muito entusiasmo com a volta à escola. Muitos voltaram com muita dificuldade, tem que fazer um retorno com muita atenção às crianças. O contato faz falta. Inclusive o preparo dos professores para o online foi muito difícil. Foi um desafio pra todos.

E falando do prédio em primeiro plano, qual a mensagem que tu acha que ele passa, seja para ti e para a comunidade escolar? Seja por causa do padrão da escola, do seu tamanho... Tu comentou que conhece outras escolas desse padrão. Tu chega a reconhecer o teu espaço nessa referência?

Com certeza! Qualquer mudança, como tu havia perguntado, não ia ser a mesma coisa e quebraria a referência.

O padrão é uma coisa ruim?

De modo algum! A escola é tudo pra eles. O pessoal se sente super acolhido. Embora depois da reforma a Herbert tenha ficado bonita, eu prefiro a nossa. Imagina depois de pintada vai ficar linda!

Quando tem eventos aqui, é dentro do ginásio?

Sim. Às vezes a gente usa aqui dentro também. Na festa junina é em toda escola. Aqui na rua, o pessoal fica vendendo brechó. O pessoal da brigada vem e faz passeios a cavalo lá na quadra do fundo, se usa tudo, tudo, é uma festa.

Numa visita que fiz aqui uma vez, tava tendo oficina com os azuiszinho, com trajeto de carro de brinquedo para as crianças.

Isso mesmo, seguido eles fazem aqui, nesse espaço em frente à quadra, também.

Então foi isso, Professora, nossa conversa foi bem abrangente, foi muito boa.

Foi mesmo e no que eu puder te ajudar, no que tu precisar, estou à disposição.

Muito obrigado, já vou encerrar nossa gravação.

APÊNDICE L – Categorias temáticas de análise das entrevistas

Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Identificação	“Pra eles estudar no CAIC era, pra eles... Todo mundo queria vir no CAIC, naquela ocasião [inauguração do prédio].” E01	O interesse das pessoas em frequentar a escola, habitar o espaço, logo na inauguração, mostra que houve uma identificação da comunidade com o prédio.
Identificação	Logo que eu entrei [na EMEI Herbert de Souza], eu achei a escola bem bonita, que enche os olhos.” E03	A identificação, nesse caso, ocorreu já no primeiro momento de contato da entrevistada com o ambiente, a partir das características físicas da escola.
Identificação	“Eu me lembro que quando eu vim aqui [EMEI Herbet de Souza] a primeira vez, só se dizia “que horror!” e agora essa entrada chama muita a atenção.” E04	A identificação da entrevistada com o espaço passou por uma transformação, da falta de identificação para o encantamento. O fato disso ser uma lembrança evidencia também uma dimensão simbólica de memória com o lugar.
Identificação	Eu acho que todo mundo ficou muito feliz em ter essa baita estrutura da escola [do prédio que seria o CAIC] aqui dentro do bairro.” E05	A imponente e amplitude de atendimento da escola fez com que a população de interessasse e logo se identificasse com o espaço, dentro da comunidade. Observar que a entrevistada usa a palavra “ter”, o que mostra apropriação também.
Ação e transformação	“A cada novidade que surge, eu tento modificar para melhor. Se uma janela estraga, eu arrumo. Aquilo que era de uma espécie de Eucatex, eu troco por um material mais resistente que eu não precise trocar. Aquilo que era por exemplo uma madeira, eu troco por um vidro temperado que a minha criança bata mas que ela não se corte, porque o vidro não vai apodrecer e vai ficar ali pro resto... Então eu tento fazer as adequações necessárias.” E01	A fala do entrevistado mostra conhecimento e movimentação pelo espaço, mas principalmente a manutenção do lugar para mantê-lo adequado e aprazível. Observar que a fala acontece em 1ª pessoa do singular, evidenciando grande apropriação.
Ação e transformação	“Então, eu comprei panela de pressão, eu comprei espremedor de frutas industrial. Isso são coisas importantes. Eu troquei agora toda a rede elétrica arquitetônica do prédio [EMEF Francisco Caruccio], que era florescente por led, terminei no domingo.” E01	O entrevistado se movimenta e interage com o espaço para mantê-lo agradável e em plena utilização. A fala ser em 1ª pessoa evidencia apropriação.
Ação e transformação	“Eu tento fazer com que todas essas dificuldades arquitetônicas sejam amenizadas, né?” E01	Pequenas reformas podem melhorar a qualidade do espaço e isso é uma justificativa das reformas como modo de amenizar os problemas oriundos do projeto padrão.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Ação e transformação	“Eu já estive 8 anos só pré dois, então varia muito. Já passei pelo maternal, pelo berçário... Fiquei quatro anos e meio no berçário e agora faz três anos que eu to no pré de novo.” E02	Permanência e mobilidade no espaço da EMEI Herbert de Souza, através do desempenho de diferentes funções.
Ação e transformação	“Eu trabalho mais com a parte do cuidado, higiene [das crianças]” E02	Atividade exercida pela entrevistada.
Ação e transformação	“[...] quando a gente veio pra cá [EMEI Herbert de Souza], a gente pintou, a gente arrumou, a gente enfeitou, coloriu a escola mesmo, porque tava totalmente apagada.” E02	Participação na mudança e manutenção do espaço. Perceber que fala em “a gente”, mostra que a participação foi de um grupo de pessoas. Fortalece o vínculo relacional do lugar também.
Ação e transformação	“Eu circulo por tudo aqui [EMEI Herbert de Souza]. Mas te confesso que tem lugares que não vou quase nunca. Esse pátio mesmo que nos indicaram pra estender a roupa eu olho só pela janela, nem me animo a ir ali, então lá eu não circulo. O dos fundos então, do outro lado, só olhei de longe, o que fica mais atrás, ali.” E03	A mobilidade no espaço permite a diferenciação de ambientes considerados bons daqueles que são considerados ruins. A entrevistada não acessa alguns ambientes por passarem insegurança.
Ação e transformação	“[...] conforme fui trabalhando, eu vi que tinha algumas coisas, assim, que não se encaixavam e nem se adequavam aqui [EMEI Herbert de Souza].” E03	O tempo de ação no espaço, pela entrevistada, fez com que percebesse melhor o ambiente ao seu redor.
Ação e transformação	“[...] a gente tem aqui de conversar muito com as mães, com a comunidade.” E04	Para melhorar o espaço, além de agir e transformar o ambiente físico é necessário interagir com as pessoas que fazem parte da comunidade escolar.
Ação e transformação	“[Sobre reforma na EMEI Herbert de Souza] Então foi uma coisa que eu pensei, vamos botar cor agora, e aí ficou assim.” E04	Agir sobre o espaço é uma forma de colocar suas intenções e vontades sobre ele. As reformas são meios de adequar aquilo que não está satisfatório.
Ação e transformação	“Eu dava aula de dança [na EMEF Francisco Caruccio] [...] Maravilhoso [...]” E05	Apreço pela atividade que exercia na escola.
Ação e transformação	“Eu tô cada vez vendo mais que, sabe..., tenho que bater naquilo em que eu acredito, porque tem que ser assim.[...] Essas coisas incomodam, tu vê que aqui [no bairro] tem tanta coisa errada, sabe, que podia ser diferente, se cada um fizesse um pouco, a mudança que a gente ia ter.” E05	A manifestação e a ação no espaço pelas pessoas que o habitam é uma forma de adequá-lo às suas vontades e necessidades.
Ação e transformação	“Se tem algum aluno precisando, por exemplo de cesta básica, e o grupo pode ajudar, a gente ajuda.” E05	A ação se manifesta não só no ambiente construído, mas também junto às pessoas. A fala mostra engajamento, também.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Ação e transformação	“[...] então, fico lá em cima dando aula [...]. Como professora auxiliar, fico por qualquer lugar da escola [EMEF Francisco Caruccio] que possam precisar de mim, com os alunos de necessidades especiais. No turno da noite da EJA, também, fico circulando por toda escola, caso alguém precise de mim.” E06	Movimentação e autonomia sobre as próprias ações no espaço.
Ação e transformação	“Tem elevador aqui [na EMEF Francisco Caruccio]. Foi colocado depois que o Alexandre assumiu também [...]. Quando o Alexandre conseguiu o elevador, ele conseguiu a câmara fria também.” E06	Transformação do espaço, voltado para melhorias no deslocamento de seus habitantes. Mostra desejo de inclusão e falha do projeto original da edificação.
Ação e transformação	“[...] quando o Alexandre entrou [na Direção da EMEF Francisco Caruccio], sim, a escola se transformou. E se transformou muito. Antes as paredes eram escuras, o local não era limpo, o pessoal riscava as paredes, os pais subiam e ficavam na porta das salas, dando ordens para os professores, a escola passava uma impressão ruim. [...] A gente convivia com aquele aspecto um pouco negativo. A escola não era muito limpa, as paredes eram escuras, os pais queriam dominar um pouco, a direção não tinha muito pulso. Aí sim, com a chegada do Alexandre aí mudou tudo. [...] Então, uma das primeiras coisas que ele fez foi colocar chave, cadeado, trincos direitinhos, pintar a escola, foi uma revolução total. Tirar alguns armários do corredor. [...] Então foi isso, ele revolucionou com as paredes, pintou tudo, trocou armários, mas também trocou pessoal. Tu sabes, no serviço público tem as pessoas que são comprometidas e tem as pessoas que não são tão comprometidas, né [...]. Pessoal faltava muito, não era muito dedicado. Então essa também foi uma revolução que o Alexandre fez.” E06	A mudança do mobiliário, das cores nas paredes, no pessoal que trabalhava na escola foram condicionantes para melhorar a percepção da entrevistada. A transformação do espaço envolve, inclusive, interagir com as pessoas que habitam nesse espaço.
Representação	“[...] Então, eu acho que eles têm, sim, orgulho dessa escola, eles têm orgulho do prédio da escola. Eles têm orgulho de dizer que são do Francisco Caruccio.” E01	A manifestação de orgulho evidencia o pertencimento e a representação sobre o lugar.
Representação	“Vir para o novo, chegar nessa casa verde e amarela, porque ela predominava as cores da bandeira nacional, pra eles foi [...] motivo de orgulho pra eles ocuparem esse prédio.” E01	O prédio, além de orgulho, também projeta uma ideia de “amparo”, de pertencimento à sociedade, de que essas pessoas estão sendo “cuidadas” pelo Estado. Reforça a ideia de representação, pertencimento causados pelo acolhimento da nova “casa verde e amarela”.
Representação	“[...] eles têm muito orgulho, já tinham, naquela época, quando vieram para cá.” E01	O sentimento de orgulho, vinculado ao de representatividade, é perene. Não acabou com a inauguração, ou com a divisão e reformas do prédio.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Representação	“É um ambiente muito bom, tá? Ela [EMEI Herbert de Souza] representa muito pra mim. Tanto a escola, como o meu trabalho, porque eu gosto muito do que eu faço. A comunidade e os pais são bem compreensivos, entendeu? Então é um ambiente bem legal.” E02	A representatividade ocorre pela escola, enquanto instituição e ambiente construído, mas também pelo aspecto profissional de local de trabalho e relações profissionais.
Representação	“Porque, tipo assim ó, a gente sai lá na rua e as pessoas comentam da escola modelo, todo mundo fala. Muito bom a gente ouvir que é uma escola modelo, que é uma escola exemplo, porque é uma escola maravilhosa.” E02	Ainda que a entrevistada não tenha mencionado a arquitetura padrão, observa-se a ideia do padrão como “exemplo” que deve ser seguido, principalmente enquanto conduta dos habitantes do espaço. Percebe-se satisfação na entrevistada em fazer parte dessa “escola exemplo”.
Representação	“[...] eu tenho orgulho das cores que a gente colocou nessa escola [EMEI Herbert de Souza] depois da reforma.” E04	Nota-se orgulho em fazer parte da materialização de uma ideia, no caso considerada boa pela entrevistada, para o lugar. A ação traz tanto orgulho quanto o resultado dela e a edificação.
Referência	“Eles [os pais dos alunos] entram aqui [na EMEF Francisco Caruccio] e veem que a qualidade do nosso prédio, a qualidade do que é oferecido pro nosso aluno é boa.” E01	Há reconhecimento e a percepção de que a escola é referência em qualidade, enquanto edificação e ensino.
Referência	“Então eles [alunos] comparam com as dos outros, do bairro.” E01	A EMEF Francisco Caruccio, por sua linguagem arquitetônica e programa, é referência para comparação com outras escolas.
Referência	“Então eu acho que o prédio em si é muito bom.” E01	Reconhecimento de que a edificação escolar tem qualidades boas.
Referência	“A estrutura. Tudo! [...] O prédio todo é diferente.” E02	A entrevistada percebe que a escola como um todo, tanto EMEI Herbert e EMEF Francisco Caruccio, é diferente das demais em que já frequentou e enfatiza que a diferença é em “tudo!”, incluindo estrutura física, mas também programa da edificação, imagem estética e recursos humanos que trabalham na escola.
Referência	“Então, não tem muita diferença [entre o prédio da EMEI e da EMEF]. A única diferença é que ali é fundamental e aqui é educação infantil.” E02	Há a comparação da EMEI e da EMEF, entretanto, por fazerem parte de um projeto que foi pensado de forma integrada, a entrevistada não vê muita diferença, além do uso de cada uma.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Referência	“Em termos de estrutura, cuidados com a comunidade, sabe? Ele [o diretor da EMEF Francisco Caruccio] tem um carinho pela comunidade, e a comunidade tem um carinho muito grande pela direção dali, pela escola, assim.” E02	A EMEF Francisco Caruccio é referência de boa estrutura, mas também de amparo, “carinho”, representado pelo Diretor da instituição.
Referência	“Só de passar na frente, que a gente enxerga o CAIC à distância, né.” E03	A escola é referência de localização geográfica por sua imagem e monumentalidade.
Referência	“Acho que essa referência que eu quis dizer é independente do prédio, e sim voltada à ação da escola infantil. Como a gente trabalha aqui o dia inteiro a gente tem um olhar diferenciado pro prédio.” E03	A escola é referência para as pessoas, além da edificação, por causa de sua função em cuidados com as crianças.
Referência	“E essa escola aqui, quanto o CAIC, foi uma escola que era pra abraçar mesmo! Veio, pelo menos eu acho com toda a pompa, toda pomposa. É uma escola que tem tudo.” E03	Percebe-se a função de desenvolvimento social colocada no programa federal que originou os CAICs, inclusive responsável pela localização da escola em um bairro carente e periférico, e a escola se torna referência por causa disso.
Referência	“Visse como tem diferença! [entre EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio]” E03	Se por um lado a linguagem arquitetônica traz similaridades entre as EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio, suas funções as distinguem.
Referência	[...] acho que pra cada pessoa é uma mensagem, pra mim ela é bem glamurosa, então ela passa glamour. Imponência. A escola [o prédio do CAIC de modo geral] tem destaque aqui. Quando se passa longe daqui, de carro, a gente já vê, mas pensa “o que será aquilo ali?”. Mas a gente não pode generalizar, pra uns ela é imponente, mas pra outros ela não é, deve ter aqueles que nem percebem. Que pensam na escola só pela função, então.” E03	A referência da escola é de característica pessoal, de acordo com a entrevistada. Ela percebe sua imponência e sua estética diferenciada. Entretanto, salienta que algumas pessoas talvez não pensem assim, pois a função seria mais importante que a imagem. Mas não penso que seja uma questão de disputa de qual seja mais importante.
Referência	“[...] a escola é referência sim! Na verdade, toda escola de educação infantil em uma periferia vai ser referência.” E03	A escola é referência, não só pela imagem e dimensões, mas também pela atividade social que ela representa, ensino/aprendizagem/desenvolvimento, principalmente em um bairro carente e periférico.
Referência	“Então a [EMEI] Herbert [de Souza] já era a cereja do bolo, como se diz.” E04	Nessa afirmação há a colocação da EMEI Herbert de Souza em uma escala com as outras EMEIs do município, na qual ela se destaca das demais por suas qualidades.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Referência	“Acho uma escola [EMEI] bem boa. [...] Acho aqui um prédio bom, bem estruturado.” E04	A EMEI Herbert de Souza é referência para a entrevistada em relação à qualidade da escola e à edificação.
Referência	“Pra te dizer a verdade, verdade verdadeira, a primeira coisa que eu enxergo é o muro colorido. Como não ver. Eu venho me guiando por esse muro. Tem as casinhas, tá, tá, tá e termina as casinhas e tem o muro, bem amarelo, é onde que eu tenho que entrar. Antes do quebra-molas. Todo esse murão, colorido.” E04	Elementos do prédio escolar, assim como suas cores, referenciam o trajeto da entrevistada, mas as “casinhas” do bairro, em um ritmo “tá, tá, tá”, também são.
Referência	“E eu sempre ouvi falar muito bem da [EMEI] Herbert [de Souza], ela sempre teve projetos bons, sempre teve boa administração, sempre foi a escola dos sonhos. Porque as outras escolas, a minha, mesmo, era atolada na água no barro, era uma casinha, tem aquelas escolas que são uma casinha de madeira, pequenininhas, eram casas pequenas, e a [EMEI] Herbert [de Souza] não.” E04	A escola como referência entre outras escolas. A entrevistada coloca a EMEI Herbert de Souza como mais qualificada em relação a outras escolas do município. Entretanto, nota-se como a entrevistada ainda tem apropriação pela última instituição em que trabalhava antes da EMEI Herbert, por chamar de “a minha mesmo”.
Referência	“É um ponto marcante de referência também. Parecido assim, eu conheci o CIEP, lá no Fragata [...]” E05	A entrevistada percebe a escola como um ponto marcante, logo uma referência para a localidade. Mas, além disso, percebe sua similaridade com outra escola de projeto padrão existente na cidade, ainda que de características bem distintas.
Referência	“Uma baita escola [antes da divisão, ainda como CAIC], né, todo mundo só comentava disso, que era baita prédio. Ninguém acreditava que ele tava sendo construído dentro do bairro, né. Uma estrutura incrível. [...] Todo mundo ficou encantado. Com a construção. Com tudo. Ficou muito legal.” E05	A escola como referência por ser comentada pelas pessoas, por suas dimensões e amplitude de atendimento à população, colocada num bairro reconhecidamente carente. Percebe-se que a edificação foi bem aceita e acolhida pela comunidade, apesar da linguagem arquitetônica utilizada ser considerada diferente por outros entrevistados.
Referência	“A escola [EMEI Herbert de Souza] sempre foi um abraço para a comunidade, é até hoje. [...] É um sentimento muito diferente daquele em relação ao Caruccio. Não é o mesmo. Não é a mesma escola.” E05	A EMEI Herbert de Souza como referência de acolhimento. Percepção sobre a distinção entre a EMEI Herbert de Souza e a EMEF Francisco Caruccio ocasionada pelas experiências de vida da entrevistada.
Referência	“[A EMEF Francisco Caruccio] [...] está no local certo.” E06	A escola, inserida em um bairro carente e periférico conforme o programa federal propunha, se torna referência para a comunidade local como oportunidade de desenvolvimento.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Referência	"[Sobre mudar "o padrão"] Qualquer mudança, como tu havia perguntado, não ia ser a mesma coisa e quebraria a referência." E06	A imagem da escola, ainda que de projeto padrão é motivo de reconhecimento e pertencimento.
Referência	"A escola é tudo pra eles. O pessoal se sente super acolhido" E06	A inserção de uma escola dessas dimensões na comunidade local significou, de alguma forma, ser visto pelos governantes.
Referência	"[...] não penso que [as pessoas da comunidade] se sintam oprimidos [com a monumentalidade do prédio], muito pelo contrário, penso que possam se sentir protegidos. E, na verdade, são, né." E06	A monumentalidade da edificação, junto à amplitude do programa, provoca uma sensação de amparo e permitem o desenvolvimento social da comunidade local.
Referência	"Estrutura eu acho. Tem também a quadra lá no fundo. Além do pessoal, a grande diferença é o tamanho e a estrutura do prédio mesmo." E06	A entrevistada coloca a escola EMEF Francisco Caruccio como referência por suas dimensões, amplitude do atendimento à população, forma diferenciada do ginásio e pelo pessoal que trabalha na instituição.
Referência	"A escola é referência! [...] Nossa, o ginásio! Tu sabe que eu enxergo de lá, assim... [...] De longe a gente vê a escola." E06	A escola como referência geográfica e espacial pelas suas dimensões e localização.
Apego e apropriação	"Eu sou um privilegiado porque eu tenho um prédio lindo." E01	No discurso do entrevistado se nota tanta apropriação pelo espaço que há um sentimento de posse em relação ao prédio da escola. Há reconhecimento e apreço pelas qualidades do ambiente.
Apego e apropriação	"E eles têm carinho pela escola. Eu te provo isso a qualquer momento. O meu aluno, ele não anda de bicicleta nas dependências internas da escola. Se ele precisa sair mais cedo e o portão de saída tá fechado, ele sai pelo portão social. E eles levantam a bicicleta e levam até o portão de saída nos braços, porque a escola é encerada e eles não sujam, com o pneu, o chão da escola." E01	Há reconhecimento que outras pessoas têm apreço pelas qualidades do ambiente e zelo pelo espaço.
Apego e apropriação	"Eu gosto muito da escola, parece que eu tava só falando de coisas ruins, mas eu gosto muito daqui." E03	Há apreço pela escola e reconhecimento, inclusive por poder elaborar críticas para a melhoria do espaço.
Apego e apropriação	"Sim, nas comemorações participam, [os pais] só não têm acesso ao funcionamento da escola no cotidiano. Quando é festa, é festa! A comunidade gosta de participar! A comunidade gosta da escola." E03	A participação das comemorações no ambiente escolar é parte da apropriação e do fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Apego e apropriação	“[...] a gente tem projetos que se finalizam num sábado, aí os pais, a família e a comunidade vêm ver a produção dos alunos. Isso é tão importante, eles adoram! [...] Junta muita gente, é uma troca muito legal! Com a comunidade é muito bom. O pessoal vem todo, é muita, muita gente!” E06	O desenvolvimento de atividades que proporcionam a integração da comunidade fortalece a apropriação das pessoas pelo ambiente. O reconhecimento que a entrevistada tem dessa participação evidencia a apropriação da escola pela comunidade.
Apego e apropriação	“Passando pelas salas é muito difícil ver alguma coisa riscada na parede, os alunos cuidam, eles sabem que se ficar limpinho, tudo bonito, é pra eles mesmos, né. Eles cuidam muito também.” E06	O zelo dos alunos pela escola evidencia apropriação.
Apego e apropriação	“Se eu fechar os olhos... eu penso que aqui [EMEF Francisco Caruccio] pra mim é tudo. É minha segunda casa. E penso que assim como é pra mim, é pros alunos também. Aqui é o nosso trabalho e a gente tá num local que a gente gosta. Eu tenho certeza também que os alunos gostam de estar aqui. Sentimento de muito afeto.” E06	Existência de sentimento de apropriação, afeto e pertencimento da entrevistada, que é projetado para as outras pessoas que habitam o espaço escolar. Percebe-se um sentimento também em relação à dimensão relacional do lugar, quanto ao trabalho junto aos alunos.
Apego e apropriação	“As mães vinham muito [nas comemorações da EMEF Francisco Caruccio]. Mais mães do que alunos. Tinha futebol também. O pessoal se integra. Quando tem projetos assim o pessoal vem. Porque sabe que isso é bom. [...] Por isso é bom ter essa estrutura. Não poderia ser uma escola pequena, teria que ser uma escola grande. Com certeza, para trazer as pessoas pra cá.” E06	Percepção que a integração entre pessoas e ambiente fortalece a apropriação pelo espaço e gera um vínculo afetivo positivo, “porque sabe que isso é bom”.
Engajamento/gestão do lugar	“Esse projeto político-pedagógico que está em vigor na minha escola, pendurado na secretaria para os pais olharem no ato da matrícula, pendurado na sala dos educadores para que todos os profissionais sempre lembrem qual é o nosso projeto político-pedagógico, ele é muito real, ele é muito verdadeiro e ele me deu muito trabalho para ser feito, em várias reuniões, que levaram quase um mês, porque ele é construído com todos. Tu sabes, né? Com pai, mãe, aluno, professor, funcionário, então ele me deu muito trabalho.” E01	Nota-se transparência e participação comunitária na gestão do lugar. Percebe-se também uma apropriação do entrevistado ao chamar o espaço de “minha escola”, assim como entrega e dedicação, ao mencionar que essa ação de montar um projeto político-pedagógico “deu muito trabalho”.
Engajamento/gestão do lugar	“Olha, eu quando vim trabalhar aqui como interventor eu fui visitar todas as lideranças do bairro, como fui... todas, e quando eu digo todas se subentende lideranças boas e lideranças ruins. [...] nem todas as lideranças são positivas e vocês sabem disso, tu sabes disso, né? Então tu tens que conversar com todos. Assim como fui nos estabelecimentos comerciais me apresentar e etecetera.” E01	Ação de visitar e dialogar com a comunidade enquanto representante da instituição escolar constitui ação de engajamento e dedicação pelo lugar.

Continuação Tabela L.1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Engajamento/gestão do lugar	“Nós [da EMEF Francisco Caruccio] jogamos muito aberto com o nosso aluno. Eles sabem aonde eu gasto real por real da escola. Eu digo para eles aonde eu tô gastando, eu mostro para eles aonde que eu tô gastando. E digo pra eles que eu não tô gastando ali porque eu quero. É porque eu apresentei uma proposta pro Conselho Escolar, e o Conselho Escolar concordou comigo. Então, todo e qualquer gasto se justifica porque eu fui autorizado a fazer.” E01	Nota-se transparência na gestão do lugar, mas também limitações da autonomia financeira da instituição, assim como ferramentas de controle, principalmente financeiro.
Engajamento/gestão do lugar	“[...] uma das coisas mais importantes, quando tu é gestor é tu cuidar daquilo que tu está gerenciando como se fosse a tua casa. [...] eu cuido dessa casa [EMEF Francisco Caruccio] como se fosse a minha casa e eu tento deixá-la mais acolhedora e o mais agradável possível para todos os membros da minha escola. Todos! E quando eu falo isso, todos, não é professor, não é funcionário, é todos no mesmo nível. Eu quero que meu aluno tenha o melhor que eu possa oferecer, os meus funcionários, os meus professores.” E01	Há apropriação e zelo pelo espaço escolar, evidenciada por chamar a escola de “casa” e denominar como “seus” os funcionários e os professores da instituição. Faz questão de que a experiência do aluno na escola seja a melhor possível. Há ênfase em deixar o ambiente inclusivo e igualitário para todos os seus habitantes.
Engajamento/gestão do lugar	“As escolas de educação infantil elas são subsidiadas diretamente pela Prefeitura. A Prefeitura paga tudo. Eu, [no caso a EMEF] é com o meu PARF, é com a minha verba. [...] aqui a gente consegue gerenciar a escola com muita austeridade, tu sabe? Porque não falta nada pro meu aluno. Nada que impeça ele de crescer intelectualmente, ocorre aqui. Nada. Tudo que a gente pode proporcionar pra eles, pra eles terem uma boa aprendizagem, a gente proporciona.” E01	Diferenciação na autonomia de recursos financeiros entre a EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio. Esse seria dos indicadores do porquê de tanta diferença em quantidade e relevância das reformas e intervenções realizadas no ambiente construído.
Engajamento/gestão do lugar	“O projeto [Grupo de Dança Renovação] continuou porque eu não desisti, porque se fosse qualquer outra pessoa já teria dito que não, deu. Eu vou pra rua ensaiar com as crianças. [...] Eles ensaiam na rua, eles foram campeões do carnaval ensaiando na rua. As coreografias todas foram ensaiadas na rua. Tu tá vendo eles ali, naquela foto, maravilhosos, campeões, capas de jornais, eles estavam ensaiando na rua.” E05	A entrevistada desempenha um projeto social muito relevante para o bairro. Nota-se dedicação e entrega da entrevistada para com a comunidade, assim como engajamento e empenho dos jovens participantes do projeto social.
Engajamento/gestão do lugar	“[...] depois disso fomos na câmara de vereadores, [...], e nós pedimos, a comunidade pediu, foi em peso de ônibus lá pra pedir e pediu a construção de um muro pra escola e foi feito. Então, quando pegaram a escola ali, pronta, não tinha nem muro. Aquele muro todo foi construído depois. Depois do tiroteio.” E05	Luta da comunidade por melhorias no prédio que trariam proteção, segurança e amparo para as pessoas que frequentam a escola.
Engajamento/gestão do lugar	[...] não é só o dinheiro que vem pra escola tem que ter ações [...] Se a gente só esperar o dinheiro que vem a gente não consegue fazer muita coisa. Não é que seja acomodado, mas o Alexandre briga, vai pra cima, não fica só esperando o dinheiro que vem e é pouco. [...] Tem que correr pra fazer parcerias.” E06	O esforço em cooptar parceiros para a manutenção da escola evidencia engajamento, mas também a limitação dos recursos financeiros, para a gestão do ambiente escolar.
Dimensão física do lugar	“Um prédio imponente, um prédio grande [...]”. E01	A monumentalidade do prédio é relevante tanto para seu entendimento enquanto referência como para o imaginário físico do lugar.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão física do lugar	“Para seguir o modelo arquitetônico. Coisa, por exemplo, que eu não gostei quando fizeram na Herbert, que trocaram as janelas, mudaram. Eu acho que a estrutura não deveria ter sido modificada, minha opinião, porque ela não é ruim. Ela não é ruim aquela estrutura, é uma estrutura boa, não é? Porque tu tem que respeitar.” E01	A substituição de elementos da construção durante a reforma da EMEI Herbert de Souza interferiu de modo negativo no referencial imagético do lugar para o entrevistado. Percebe-se um sentimento de conservadorismo e preservação da imagem.
Dimensão física do lugar	“Porque eu acho que esse modelo tá muito bem construído, tá lindo.” E01	Percepção de beleza e qualidade na construção da edificação pelo entrevistado.
Dimensão física do lugar	“[Sobre reforma da EMEI e a instalação de um novo telhado] Acho que chama atenção. Melhora o conceito da escola, pras pessoas também é bem legal.” E02	A substituição de elementos da construção durante a reforma da EMEI Herbert de Souza interferiu de modo positivo no referencial imagético do lugar para a entrevistada. Percebe-se como a entrevistada projetou essa melhora de percepção para outras pessoas também.
Dimensão física do lugar	“[Sobre a reforma da EMEI] A escola ficou bem melhor, né? O espaço, o ambiente. [...] Ficou muito melhor. [...] para as crianças ficou mais aconchegante, ficou um espaço mais colorido.” E02	Após a intervenção do espaço durante a reforma da EMEI Herbert de Souza, houve melhora na percepção do referencial imagético do lugar para a entrevistada, pois a intervenção teria tornado o ambiente mais agradável.
Dimensão física do lugar	“Eu acho que foi muito interessante assim. [A reforma da EMEI Herbert de Souza] chamou a atenção do pessoal. O pessoal ficou bem satisfeito [com o telhado novo].” E03	A substituição de elementos da construção durante a reforma da EMEI Herbert de Souza interferiu de modo positivo no referencial imagético do lugar para a entrevistada. Percebe-se como a entrevistada projetou essa melhora de percepção para outras pessoas também.
Dimensão física do lugar	“A gente não sabe se é escola, se é uma fábrica, o que é. Tem uma arquitetura muito diferente, né, daqui. [...]. É uma arquitetura bem diferente das escolas que a gente tá acostumada a ver por aqui.” E03	A linguagem arquitetônica do prédio das escolas remete à entrevistada um ambiente fabril, por causa das caixas d'água e da forma do ginásio. Há a percepção de uma linguagem de arquitetura diferente daquelas presentes no cotidiano da entrevistada. Essa diferença contribui para a construção do referencial imagético do lugar.
Dimensão física do lugar	“Só pensava, bah “que escola [EMEI Herbert de Souza] bem feia!”. [...] isso aqui era horrível, um cinza, mal pintado, a estrutura toda cheia de lata na volta. Era um horror, ver essas latas verdes aí. Tudo velho! Agora tá tudo novo, tudo pintado.” E04	A imagem da EMEI Herbert de Souza, para a entrevistada, era desagradável, entretanto após a reforma na edificação essa percepção foi alterada.

Continuação Tabela L. 2 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática			Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão física do lugar	física	do	“Tu sabe que não tem uma pessoa, a gente cuida muito isso, que não diga quando entra aqui “Que lindo esses pátios de vidro! Que lindos esses pátios internos!”. A escola é chique! É chique!” E04	A reforma da EMEI Herbert de Souza possibilitou maior identificação com o ambiente por causa de uma apreciação das suas novas características. Há, após a reforma, uma percepção positiva da imagem do lugar, inclusive projetada na comunidade escolar e não só na entrevistada.
			“É uma estrutura muito bonita!” E05	Referencial imagético do lugar construído a partir de uma percepção positiva da imagem do lugar.
			“O prédio [das duas escolas em geral] é belíssimo, é tudo maravilhoso, isso encanta [...]. É tudo muito bonito, é tudo belíssimo [...]” E05	Referencial imagético do lugar construído a partir de uma percepção positiva da imagem do lugar.
Dimensão física do lugar	física	do	“Olha, eu sou apaixonada por aquela estrutura [EMEI Herbert de Souza]. Ainda mais agora, queria aquele colorido por tudo! Adoro aquela escola! Antes da reforma ela já era linda, né! Ela sempre foi assim, ela sempre foi um prédio que chamou muito a atenção. Muito bonito. [...] Eu adoro aqueles pátios! Os aquários [pátios de vidro] eu acho lindos!” E05	A entrevistada tem uma percepção positiva da imagem da EMEI Herbert de Souza, tanto antes da reforma quanto depois. Há uma forte identificação com o referencial imagético do lugar, pois ela se diz “apaixonada” pelo espaço e ainda denomina os pátios internos como “aquários”, fazendo uma referência por causa que as crianças ficariam expostas enquanto brincam, por causa dos vidros de fechamento.
			“Antes da reforma [da EMEI Herbert de Souza] eu me lembro que não era muito agradável, parecia com essa escola [EMEF Francisco Caruccio] antes da intervenção do Alexandre. As paredes não eram bem pintadas, não era um espaço cuidado. [...] Imagina a criança olhar, assim, um lugar bagunçado e não vai ter vontade de cuidar nem de estudar né. Já depois da reforma eu gostei. Achei tão bonita...” E06	A reforma mudou a imagem da EMEI Herbert de Souza, mas também a conduta dos habitantes do espaço. Pois a entrevistada coloca que antes “não era um espaço cuidado”, logo a reforma potencializou uma referência imagética positiva e impulsionou a apropriação das pessoas. Atualmente, a entrevistada vê qualidades na imagem da EMEI Herbert de Souza.
Dimensão do lugar	simbólica		“[...] eu conheço muito bem a história [da escola] [...]. Porque eu participei da festa de aniversário [...] dos cinquenta anos da escola e agora, depois, dos setenta e cinco. [...] Conheço bem a história, sim.” E01	O entrevistado vivenciou pelo menos 25 anos de história da instituição escolar, parte dela nesse espaço. Percebe-se ênfase no quanto ele conhece da história e na sua participação. Logo, há identificação histórica e simbólica com o edifício.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão simbólica do lugar	“[...] a escola inicia na olaria da família Caruccio, na avenida que hoje leva o nome do patrono da nossa escola, Avenida Francisco Caruccio. [...] Ali ele [Francisco Caruccio] cria a escola. Para os filhos dos funcionários e para os próprios funcionários [...] A escola teve reconhecimento municipal e passou a ser chamada Escola Uruguai. Com a morte dele [...] foi transferida para o bairro Pestano. [...] Então foram construídos quatro chalés, que seriam quatro salas de aula, e ali passou a funcionar a Escola Uruguai. Tudo origem do Caruccio. [...] A prefeitura, então, construiu um prédio de alvenaria para colocar a Escola Uruguai. Quando passa pra esse prédio, ela já passa com o nome de Francisco Caruccio [...]. O governo Fernando Collor de Mello começa a construção desse prédio para ser um CAIC. Em função do impeachment [...] essa ideia foi encerrada [...]. E aí o prédio ficou abandonado, este aqui. [...] A Escola Francisco Caruccio sai do prédio, onde hoje funciona a Escola Santa Irene, e acaba utilizando esse prédio aqui. E aí passa a vir pra cá e a ocupar todas as dependências para ser, então, a Escola Francisco Caruccio.” E01	O entrevistado faz um relato histórico da EMEF Francisco Caruccio, da sua trajetória até ocupar o prédio do CAIC. Mostra o desenvolvimento da instituição, criada dentro de uma olaria, passando por edificações em madeira, depois em alvenaria até chegar ao prédio do CAIC. Essa trajetória mostra que a relevância do prédio para a comunidade também cresceu, uma vez que teve reconhecimento da Prefeitura e foi se expandindo.
Dimensão simbólica do lugar	“A escola é Francisco Caruccio! Ela usa esse apelido de CAIC, mas ela nunca funcionou como um CAIC, né? Ela sempre foi escola de ensino regular, nunca de turno integral.” E01	O entrevistado faz questão de diferenciar a EMEF Francisco Caruccio dos CAICs. A importância da denominação, vinculado com o conhecimento da história e importância da escola para a comunidade mostra identificação e apropriação.
Dimensão simbólica do lugar	“Eu não gosto que usem esse nome [CAIC], mas eles usam, né? CAIC, CAIC. Eu sempre digo: Francisco Caruccio. Porque eu acho que ele é um homem de uma visão... foi um homem de uma visão fantástica, um ser humano maravilhoso, que eu lamento muito não ter tido a oportunidade de conhecer. Não é à toa que ele tá sentado aqui, pendurado atrás de mim na parede. Porque eu acho que o patrono realmente merece estar nesse lugar de destaque.” E01	A identificação e apropriação com a EMEF Francisco Caruccio pelo entrevistado se estende pelo conhecimento histórico da instituição e de seus fundadores.
Dimensão simbólica do lugar	“Me trouxe muitas coisas boas, tenho lembranças maravilhosas, assim sabe?” E02	Há uma relação da entrevistada com o espaço por causa das memórias e vivências que ocorreram nele.
Dimensão simbólica do lugar	“Foram dezessete anos bem vividos e bem aproveitados, cansativos.” E02	A quantidade de tempo em que a entrevistada frequenta o espaço permite a criação de um vínculo de memórias e experiências no lugar.
Dimensão simbólica do lugar	“Meu filho estudava aqui [na EMEF Francisco Caruccio].” E02	Existem aspectos de vida pessoal no vínculo da entrevistada com o espaço estudado.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão simbólica do lugar	“Gosto. Tanto que eu tô aqui, né? Todo esse tempo. Muito bom, assim... Bah!” E02	O vínculo afetivo da entrevistada com o ambiente estudado é potencializado pelo tempo e pelas memórias das experiências vivenciadas no espaço escolar.
Dimensão simbólica do lugar	Eu vim aqui pra escola, acho que já faz... tem uns dois anos. [...] Antes desses dois anos eu não conhecia a escola. E04	Há reconhecimento da entrevistada quanto ao tempo na habitação do espaço. Antes de trabalhar na escola a entrevistada não conhecia nem bairro nem a escola.
Dimensão simbólica do lugar	“[Sobre reforma na EMEI] Tudo por fazer, obra atrasada e as aulas iam iniciar em menos de duas semanas. Não se tinha mais a cozinha e tavam terminando de fazer o refeitório. Foi um loqueiro começar as aulas assim. Aí a gente começou. Com muita briga, muito conflito, muito barulho, muita gente trabalhando. Mas a gente conseguiu, trazer as crianças junto com a obra. Aí ficou assim. Pintura, o cheiro da tinta. Dizem que essa tinta a óleo pode dar problema. Imagina a obra e o berçário. Mas foi. Conseguimos terminar a obra, mesmo com muita reclamação.” E04	As memórias da entrevistada quanto à reforma da EMEI Herbert de Souza são de conflitos, entretanto percebe-se um sentimento positivo de satisfação pelo fato do resultado final ser positivo e de apreciação por parte da comunidade. Ter experienciado a intervenção da EMEI Herbert de Souza é um referencial simbólico subjetivo de memória do lugar para a entrevistada.
Dimensão simbólica do lugar	“Eu sou cria do Pestano. Eu vi isso aqui crescer, né.” E05	A utilização do termo “cria” pela entrevistada evidencia forte ligação simbólica e de memória com o bairro em que as escolas estão localizadas.
Dimensão simbólica do lugar	“Os meus pais vieram pra cá, quando era só um mato aqui. Não tinha ônibus. O ônibus parava só onde é a entrada do Pestano, ali na Fernando Osório. Aí eles foram construindo. Aí teve aquela grande enchente que teve em 1977, foi quando se mudaram pra cá, um monte de casinhas assim, todas iguais, construíram chalezinho. Se não me engano foi o Irajá que deu esses chalés, e tudo mais. Aí as pessoas começaram a vir pra cá. A minha família foi uma dessas. Depois foram construindo mais coisas, teve os apartamentos do Pestano. Meu pai foi um dos construtores da Cohab Pestano, um dos pedreiros que construíram ali, né.” E05	Relação histórica da família da entrevistada com o bairro, inclusive com participação na sua construção. Evidencia pertencimento e engajamento da população local com o lugar.
Dimensão simbólica do lugar	“[...] a escola não foi CAIC, logo que foi terminada ela ficou parada e depois já virou Francisco Carrucio, a direção que era daqui passou pra lá e aqui foi montada a nova escola do Santa Irene, que eu não sei se já existia antes ou se foi criada nova num prédio existente [...]” E05	Há conhecimento histórico a respeito da edificação que seria o CAIC e se tornou as escolas EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio.
Dimensão simbólica do lugar	“Meus filhos foram alunos da Herbert. Fui mãe da Herbert [...]. Mas a Herbert com o grupo de dança também tem uma história grande.” E05	Há elementos referenciais simbólicos e subjetivos de memória na relação da entrevistada com a EMEI Herbert de Souza.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão simbólica do lugar	Muita coisa mudou [...]. Faz 28 anos que eu tô aqui [...]. Então a gente percebe nessas mudanças. O bairro tá crescendo, tá melhorando.” E05	A entrevistada vivenciou pelo menos 28 anos de história da comunidade e das instituições Francisco Caruccio e Herbert de Souza. Percebe-se ênfase no quanto ela conhece da história e na sua participação. Logo, há identificação histórica e simbólica com o edifício.
Dimensão relacional do lugar	“É um ambiente muito bom, tá? Ela representa muito pra mim. Tanto a escola, como o meu trabalho, porque eu gosto muito do que eu faço.” E02	A entrevistada relaciona a qualidade do ambiente e sua representatividade com o seu trabalho. Isso mostra que o ambiente é formado pelo espaço físico e pela sua relação com as pessoas que o habitam.
Dimensão relacional do lugar	“Ainda mais quando o pega junto, quando o pessoal trabalha junto eu acho que a tendência é melhorar cada vez mais. Acho que dá certo sim.” E02	A entrevistada relaciona a qualidade do programa da edificação com o empenho dos colegas de trabalho em realizar sua função, evidenciando o aspecto relacional do lugar.
Dimensão relacional do lugar	“Tu tá ali tu tá fazendo por amor, o que tu leva lá no final, assim, é gratidão. A gratidão das crianças, assim sabe? Dos pais...” E02	O apreço da entrevistada com sua atividade no ambiente mostra a dimensão relacional do lugar, na sua percepção.
Dimensão relacional do lugar	“A importância é a educação. Em primeiro lugar, através dos profissionais, eles têm que gostar do que fazem. Só nesse momento é que se consegue passar coisas boas para as crianças, entendeu?” E02	A entrevistada coloca o apreço pela atividade desempenhada pelas pessoas que habitam o espaço, no caso os professores, como um dos aspectos de mais importância do lugar. Percebe-se a colocação de uma escala hierárquica das dimensões funcional e relacional sobre a dimensão física do lugar, pela entrevistada.
Dimensão relacional do lugar	“Tanto que eu gosto, que antes de vir pra cá, antes de entrar na rede, eu sempre sonhei em, assim, trabalhar com criança, né? Aí eu fiz meu primeiro concurso, passei e fiquei aqui direto.” E02	Ao responder se gosta do ambiente, seu apreço é direcionado principalmente pro aspecto relacional. A entrevista coloca que a atividade profissional que ela desempenha já era objeto de desejo antes de frequentar o espaço estudado. A dimensão relacional do lugar é muito presente nessa relação.
Dimensão relacional do lugar	“Em função da escola, toda nossa vida é em função disso, nosso trabalho [...]” E03	A atividade profissional da entrevistada tem um aspecto muito relevante, de acordo com seu posicionamento, na atribuição de valor ao espaço. Dessa forma se percebe a dimensão relacional do lugar e sua relação com a dimensão simbólica, visto a parte da sentença que coloca “toda nossa vida é em função disso”.

Continuação Tabela L. 3 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão relacional do lugar	“[...] eu gosto muito da escola em que trabalho. [...] eu gosto muito de lá. Eu costumo chamar que é a família Herbert. Eles foram professores dos meus filhos, e hoje, apesar de estar na terceirizada, sou colega de trabalho deles.” E05	A entrevistada sente um vínculo pessoal, que vai além do profissional, com seus colegas de trabalho. O apreço pela escola tem o aspecto relacional presente.
Dimensão relacional do lugar	“Uma coisa que vou te dizer, assim, pessoal que vem depois, claro já tenho 18 anos aqui, mas logo que o pessoal entra e se encontra, já pensa na escola como sua segunda casa. Eu me sinto muito bem aqui. Me sinto bem em conversar com os alunos, com os colegas, com a direção. Todo pessoal vai sentindo isso. Todo mundo que chega aqui é bem tratado. Temos que ter respeito com qualquer tipo de pessoa. Os próprios alunos vão sentindo isso e vão acolhendo essa ideia.” E06	A entrevistada percebe que o tempo que frequenta e habita a edificação é relevante para a apropriação e para a relação com os colegas de trabalho, mas além disso, tem o sentimento de muita proximidade com as pessoas e com o lugar. Ela projeta para as outras pessoas o sentimento de que a EMEF Francisco Caruccio é “sua segunda casa”.
Dimensão relacional do lugar	“E gosto, principalmente, dos alunos. Eu adoro ficar em sala de aula. Agora a circulação não tá tão grande, mas em tempos antes da pandemia, era um momento nosso de descontração. Tem o momento do lanche, que a gente conversa bastante com os colegas. Eu chamo de nosso recreio.” E06	Nota-se o apreço da entrevistada pela atividade que ela desempenha na escola, assim como na interação entre as pessoas que habitam o espaço escolar, sejam professores ou alunos.
Dimensão funcional do lugar	“[...] em termos de escola [EMEI Herbert de Souza], é, assim, uma escola muito boa.” E02	A instituição escolar, que vai além da sua edificação, desempenha bem a sua função para a comunidade.
Dimensão funcional do lugar	“A principal função da escola de educação infantil, infelizmente, é a função de deixar a criança pra se poder ir trabalhar.” E03	Há a visão de que a função do prédio escolar é permitir autonomia para os pais dos alunos saírem para trabalhar. A partir do “infelizmente” se nota uma revolta, por parte da entrevistada, por saber que a escola tem uma função social de desenvolvimento individual e comunitário maior que essa colocada.
Dimensão funcional do lugar	“[...] acho que as mães veem mais a função do prédio do que a estrutura. [...] Acho que independentemente do tamanho ou da forma do prédio, o que a comunidade mais valoriza aqui é a função.” E03	A percepção sobre dimensão funcional do lugar depende do que o indivíduo faz ou busca no lugar. A entrevistada diferencia a percepção/visão das mães dos alunos para a das funcionárias da escola, como se as mães buscassem o ensino e uma dimensão funcional e as funcionárias um emprego e a dimensão relacional. Há uma escala hierárquica, na percepção da entrevistada, da dimensão funcional sobre a dimensão física do lugar e essa percepção é projetada para a comunidade.

Continuação Tabela L. 4 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão funcional do lugar	“Para a escola funcionar bem, pra que possa atender todos bem, pra que tudo funcione redondinho, não depende só do prédio, da arquitetura do prédio. A gente quer atender bem. Claro que a estrutura facilita bastante, a função, a nossa função. [...] A estrutura tem diferença? Tem. Mas a função se sobrepõe. Pra nós, a estrutura é mais importante que pras mães. Pras mães a função é mais importante. É a garantia de poder deixar o filho. Pra nós a estrutura é mais importante pra gente poder fazer nosso trabalho. E pra criança faz diferença nosso trabalho bem-feito.” E03	Há a percepção de que o ambiente é constituído pelo espaço construído e pelas pessoas que o habitam, que realizam suas funções e fazem a escola funcionar. Há a ideia de que a estrutura física deve atender a uma funcionalidade.
Dimensão funcional do lugar	“Nosso papel aqui é muito importante [...]. Então, nosso papel aqui é muito importante, na vida das pessoas, é muito grande. Não só a nossa escola, mas toda escola.” E03	Nota-se uma visão da escola como ferramenta de desenvolvimento social, tanto individual como comunitário.
Dimensão funcional do lugar	“[...] a reforma [na EMEI Herbert de Souza] era muito necessária. Mas a meu ver, como gestora daqui eu teria feito para aumentar vagas. Deveria ter aumentado muitas vagas. Tem fila de espera aqui. Teria feito tudo diferente, teria feito salas de aula naqueles espaços vazios do fundo. Eu não teria colocado o pré parcial, pra mim o pré deveria ser sempre integral, para uma comunidade carente, ainda mais em pandemia funciona melhor. Eu teria feito mais salas de aula, se fosse minha escola mesmo.” E04	Há a percepção de que a reforma realizada na EMEI teve o intuito de melhorar a estrutura para os funcionários da escola, entretanto, como a demanda de vagas no bairro é muito grande, a entrevistada pensa que deveriam ter sido construídas mais salas de aula. É um posicionamento embasado na quantidade de alunos atendidos pela instituição.
Dimensão funcional do lugar	“A gente ensina rotina, amor, carinho, cuidado, pra criança. Isso é muito importante.” E04	A escola tem uma função social que, além de educar e ensinar, é dar afeto e acolhimento para os alunos.
Dimensão funcional do lugar	“E não tinha nada disso [antes da reforma da EMEI Herbert de Souza], há 15 ou 16 anos atrás e a escola funcionou bem, porque é o amor e nosso empenho que importa.” E04	A entrevistada coloca um posicionamento de que o empenho dos funcionários da escola, relacionado à função de acolhimento, atendimento, proteção e carinho pelos alunos, que culmina no desenvolvimento social individual e coletivo, é mais relevante que o espaço físico. Ainda que um espaço físico precário dificulte a realização dessa função.
Dimensão funcional do lugar	“Tu capacitar o jovem dentro da comunidade, capacitar as mães. [...] Ia dar forma pra pessoa sair de uma dependência.” E05	As escolas Herbert de Souza e Francisco Caruccio têm uma função de desenvolvimento social muito evidentes, mas se percebe, pelo discurso da entrevistada, que o programa original dos CAICs tinha um viés de desenvolvimento socioeconômico e cultural mais expressivo, além disso, se percebe a demanda por esse programa.

Continuação Tabela L. 1- Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática		Unidade de registro	Descrição analítica
Dimensão do lugar	funcional	“Aqui [no bairro] a arte e a cultura podem transformar as vidas das pessoas de dentro do bairro.” E05	Nota-se a percepção da escola como ferramenta de desenvolvimento social.
Dimensão do lugar	funcional	“[...] não é o espaço em si que é importante, é como tu trabalha nele, é tu fazer o bem com ele.” E05	Nota-se uma escala hierárquica em que a dimensão funcional do lugar é estabelecida sobre a dimensão física.
Dimensão do lugar	funcional	“[Sobre a EMEF Francisco Caruccio] eu acho que não abraça a comunidade. Eu acho que não.” E05	Por pensar que a EMEF Francisco Caruccio não proporciona um programa tão abrangente e inclusivo, como pensa que seria adequado.
Dimensão do lugar	funcional	“[A EMEF Francisco Caruccio] tem que ser da comunidade. Ela tem que abraçar essa comunidade. [...] a comunidade já tá estabelecida aqui. Por que não, já, abraçar essa comunidade? Não é esperar os pais irem no colégio. É se apropriar disso também, a escola é de todos. Não só abrir a escola, mas se estender pra comunidade.” E05	Fica evidente que o programa dos CAICs tem uma demanda pela comunidade. A necessidade desse programa, que teve alterações com o tempo, mostra a dimensão funcional do lugar.
Dimensão do lugar	funcional	“Era uma escola [falando da EMEF] que interagira mais com a comunidade. Hoje eu vejo que é uma escola fechada para os alunos, não para a comunidade. Os alunos fazem parte da escola, não a comunidade [...]. Nada contra o CAIC [falando da EMEF Francisco Caruccio], mas o Santa Irene [outra escola do bairro] é uma escola que trabalha com a comunidade, em benefício da comunidade. [...] Por exemplo, quando chega a semana da consciência negra, tem gincanas, tem várias atividades diferentes lá dentro da escola. Então, isso pra mim me chama muito a atenção. Muito mais do que o prédio. Eu nem olho pro prédio.” E05	Segundo a entrevistada, a gestão da escola determina como o programa do edifício será utilizado e isso influencia na formação da dimensão funcional do lugar. Ações que fomentam a participação da comunidade no local, expandem essa dimensão. A própria percepção da função do espaço muda, no caso da fala da entrevistada, do ato de ensino/aprendizagem para formação de cidadania.
Dimensão do lugar	funcional	“Porque ela é uma escola que dá oportunidades, bastante oportunidades, tem uma estrutura muito boa que dá para os alunos aproveitarem muito. [...] então a escola dá oportunidade, recursos para aqueles alunos que talvez não tenham poder aquisitivo [...]” E06	Percebe-se no discurso da entrevistada, a visão de que a escola carrega a função de “dar oportunidades” para os alunos, um aspecto previsto no programa original dos CAICs. A dimensão funcional do lugar é constituída por uma funcionalidade “imediata” e por outra “de longo prazo”.
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão		“Na nossa cidade é o único CAIC, único que tem este modelo arquitetônico.” E01	No momento da entrevista, percebeu-se certo orgulho por essa exclusividade. Ainda que esse entrevistado tenha feito a diferenciação entre CAICs e EMEF Caruccio, ele mesmo chama a escola de CAIC. Ele sabe que a escola tem projeto de arquitetura padrão e chama de modelo, como uma ideia a ser seguida.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão	“[Quanto ao posicionamento da escola] eles [alunos e funcionários] têm um lamento muito grande, né? Porque à frente da escola, a rua nunca foi aberta, né? Ela é um mato. A gente entra pelo fundo. Então arquitetonicamente ela parece até feia, porque tu entra pelos fundos, né? Então ela tem uma estrutura de fundos.” E01	O entrevistado sabe da arquitetura padrão da escola e percebe alguns aspectos negativos dessa prática, como exemplo a implantação da edificação no lote. Esse problema implica perda de identificação com a estética da escola, além de perder funcionalidade nos acessos principais da edificação.
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão	“Eu acho que quando tu tens um modelo arquitetônico que foi construído, não é? Eu acho que tudo deve ser preservado. [...] Talvez não fosse o modelo melhor pra região sul do Brasil, mas ele tá aqui. Ele vem fazendo seu papel arquitetonicamente ao longo dos anos. [...] Não existe nada, nesse modelo arquitetônico do CAIC, do Caruccio, que impeça eles de terem uma boa aula.” E01	O entrevistado sabe do padrão da arquitetura do prédio e se apropria disso, e faz questão de preservá-lo por uma identificação imagética e temporal. Segundo o entrevistado, não é o padrão que seria um problema e sim como ele foi utilizado.
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão	“É como o Proinfância, isso não tem fundamento, parece que é feito só pro Nordeste. Tudo aberto também [...]” E04	A entrevistada sabe do projeto padrão e relaciona com outras escolas, de outro programa federal de arquitetura padrão, com problemas na edificação assim como os da EMEI Herbert de Souza.
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão	“Acho que funciona, o que eu entendo do CAIC, por exemplo, se meu filho precisasse de atendimento dentário, teria um consultório ali dentro. Isso pode acontecer em qualquer estado, sala de aula, esse tipo de atendimento. Ia funcionar igual.” E05	A entrevistada entende que o que consolida o projeto padrão é o programa da edificação, que poderia ser replicado em qualquer localidade.
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão	“Em Rio Grande e em Bagé eu sei que tem né! Eu já vi em reportagem, tem uma colega minha que mora lá no bairro que trabalha no CAIC e tu sabe que, assim, as cores são como aqui na escola eram também. Verde com amarelo, e até hoje tem um pouco, olha ali, no verde. As grades são verdes, é. Ela me mostra fotos e aí eu vejo e lembra muito aqui. O prédio é igual.” E06	Sabe que a escola pertence a um programa de projeto padrão e reconhece outras escolas do mesmo programa federal e de projeto arquitetônico idêntico.
Percepção sobre o projeto de arquitetura padrão	[Ao ser questionada: O padrão é uma coisa ruim?] De modo algum! E06	A entrevistada gosta do projeto padrão, pensa que ele foi importante para a comunidade ser acolhida e como ferramenta de desenvolvimento social.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“As pessoas pré-julgam quem tá na periferia: como se fossem bandidos, como se fossem marginais, como se fossem pobres desprovidos de bom senso e de inteligência.” E01	Além da vulnerabilidade social do bairro que a escola está localizada, há uma estigmatização de que as pessoas que moram nesse bairro sejam de algum modo criminosas ou inferiores às pessoas que não moram. Segundo o entrevistado, há um preconceito com os moradores do bairro.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“E eu tô com o prédio alí ocupado pelo posto de saúde, enquanto que eu tenho, por exemplo, o posto da Brigada Militar que tinha dentro da Vila abandonado sendo utilizado por ene marginais como ponto até de droga e ao invés, então, de ser utilizado pelo posto da Universidade Católica pra poderem liberar o prédio aqui para mim.” E01	O entrevistado conhece bem o bairro, sabe quais prédios estão abandonados e poderiam ser mais bem utilizados. O entrevistado vê possíveis articulações para viabilizar a integração de todo prédio das EMEI Herbert de Souza e EMEF Francisco Caruccio, de modo a contemplar o programa original dos CAICs.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Isso acontece muito em escola de periferia, né? As pessoas saírem com seus cães acompanhando. Às vezes têm famílias com três ou quatro cães, né?” E01	O entrevistado reconhece uma característica peculiar às pessoas que vão buscar as crianças na escola.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Porque tem aluno meu que foi conhecer o centro da cidade agora, este ano, com os passeios que a escola fez. Tem aluno que não sai daqui, porque é difícil, às vezes, pra eles dinheiro para pegar o ônibus e ir para o centro, né? Eles ficam aqui nesse mundo.” E01	O entrevistado caracteriza o aluno da escola. Há um isolamento dos alunos em relação ao resto da cidade em função da dificuldade de locomoção. Nota-se que o entrevistado utiliza a palavra “mundo” para delimitar o espaço do bairro a que os alunos ficariam isolados.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“[...] é uma comunidade de periferia, com características de comunidade de periferia. [...] é uma comunidade afastada do centro, eles, pra suprir essa distância, acabam desenvolvendo tudo dentro do bairro, e isso é uma coisa boa, tem tudo ali. [...] o Pestano, apesar dos pesares, tem uma infraestrutura [oferta de serviços] legal. Aqui tem posto de gasolina, tem lotérica, tem farmácia, mercado, mercadinho, tem espaço pra pet, tem de tudo.” E03	A entrevistada caracteriza a comunidade do Pestano como “comunidade de periferia”, relacionando ao distanciamento do centro da cidade à carência socioeconômica de seus habitantes, entretanto aponta que a ação autônoma dos habitantes do bairro possibilita uma oferta de serviços bem abrangente que supre suas necessidades.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Apesar de seus pontos negativos, e a gente tem sempre esse pensamento de que é periferia, de que é um bairro mais afastado do centro da cidade, que pode ser perigoso e mais carente, que não tem infraestrutura [oferta de serviços]. Mas só pensa assim quem não conhece, quem conhece sabe que não é assim. Tem infraestrutura [oferta de serviços] tão boa quanto, eu acho ótima.” E03	A entrevistada reconhece que há pontos negativos no bairro, mas que muito do que se pensa da comunidade, principalmente pela carência socioeconômica, é causada por desconhecimento e preconceito. A entrevistada gosta do bairro e de sua oferta de serviços.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Porque sempre se teve fila de espera, já se chegou a ter fila de espera de 80 crianças pra se matricular aqui na escola [EMEI Herbert de Souza]” E03	A fala da entrevistada mostra como a comunidade local precisa da escola.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“O Pestano, aqui, a localidade [da EMEI Herbert de Souza] é bem segura, nós entramos ali, já estacionamos o carro aqui dentro, temos segurança, ainda tem o posto e o colégio aqui do lado, sempre tem gente. Ainda tem guarda municipal aqui. Nunca tive problema nenhum, nesse sentido. Ainda transito por todo Pestano. [...] A comunidade do Pestano é como qualquer outra, como a do Areal, ou como a comunidade do Fragata. [...] tem tudo aqui, tem de tudo aqui na volta. Tem posto de gasolina, tem farmácia, tem mercado. Tudo perto.” E04	A entrevistada compara a comunidade do Pestano com outras comunidades e não vê aspectos negativos nessa comparação. Ela vê a localização da EMEI Herbert de Souza como sendo segura por ter outras instituições públicas por perto.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Quando eu vim pra cá eu me assustei muito com o Pestano, a gente ouve muitas coisas que não são boas da comunidade do Pestano, da mesma forma, eu vim de uma outra comunidade, a do Dunas, e lá nunca tive problema, aqui também foi assim. Aqui nunca tive problema.” E04	A entrevistada relata comentários pejorativos e preconceituosos de outras pessoas para com o bairro e ressalta que nunca teve nenhum problema na comunidade referente aos assuntos comentados.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Ouvia-se falar muito mal [do bairro], mas convivendo aqui é muito tranquilo [...]” E04	A entrevistada relata comentários pejorativos e preconceituosos de outras pessoas para com o bairro, entretanto comenta que a realidade é diferente daquela imaginada.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“[...] teve um dia um tiroteio lá na frente, e eu tava lá, [...], foi horrível.” E05	A entrevistada coloca que há, ou pelo menos havia, violência no bairro, que tem uma vulnerabilidade social amplamente conhecida.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“[...] tem muitos pontos bons, o CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] tá aqui dentro, isso é ótimo, eu não preciso do CRAS, graças a Deus, mas pras pessoas da comunidade tem muita gente que precisa, o CRAS tá aqui dentro, palmas, que bom [...]” E05	Há órgãos institucionais de assistência social presentes na comunidade.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Os buracos né. Na saída aqui de casa já, eu nem digo que são buracos, eu digo que são crateras. São muitos, muitos buracos. Falta muita coisa de estrutura no bairro. Pra melhorar aqui, pavimentação seria uma coisa. Aqui é a rua 1, uma das principais, mas só a avenida que passa aqui atrás, a Zeferino Costa, que é asfaltada. Aqui é rua que passa ônibus, mas não é asfaltada.” E05	A entrevistada reconhece os problemas de infraestrutura pública que o Pestano apresenta, como falta de pavimentação adequada.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Se for ali na esquina, já dá pra ver que tem uma cracolândia, ali na esquina [...] É uma cracolândia, e tem briga, gente se dando pau, é um horror, é perigoso, tu vai querer expor teu filho a isso?” E05	Esse relato da entrevistada evidencia a vulnerabilidade social a qual a comunidade está submetida.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Tem criança que não conhece o centro da nossa cidade, porque tem algumas que não conhecem [...]” E05	Relato da entrevistada do isolamento que as crianças do bairro enfrentam por ser uma comunidade carente e distante do centro da cidade.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Eu ainda acho que esses espaços abandonados, o posto de polícia, podiam ser espaços diferentes. Podiam aumentar a escola Lobo da Costa [outra escola municipal dentro do Pestano].” E05	A entrevistada conhece bem a localidade e vê possibilidades de uso para os espaços abandonados.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Agora tem uma lei aqui no bairro, dos guris que coordenam o movimento. [...] não pode mais ter nenhum tipo de violência aqui dentro. Tipo assalto com morador, roubo aqui dentro da comunidade. [...] Tem uma organização deles. Não é mais como era antes. Antes, há muito tempo, logo no início dos loteamentos, tinha guerra entre Pestano e Getúlio. Aí era muito violento com todo mundo. [...] Hoje em dia o pessoal até respeita mais o ambiente da escola. Não se vê tanto vandalismo e pichação, por exemplo.” E05	A entrevistada coloca que a organização que movimenta e coordena o tráfico de drogas no bairro tem realizado ações de preservação da comunidade local, diferentemente de alguns anos atrás. Há, inclusive, o respeito e a preservação do ambiente das escolas.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“[...] podia ter coisas diferentes, podia ter espaço, no ginásio abandonado do PPV, podia construir salas com biblioteca comunitária, sala de dança, sala de atividades de artes. [...] Quero uma revitalização ali, tomara que alguém escute. Antes de morrer eu vou ver aquilo reformado, eu queria uma sala, pedi três, mas uma sala. Queria ver aquilo reformado e revitalizado. Pra gente poder fazer várias atividades ali! Três salas: telecentro, biblioteca comunitária e sala pra dança e teatro.” E05	A entrevistada conhece bem a localidade e vê possibilidades de uso para os espaços abandonados que potencializariam o desenvolvimento das pessoas que moram na comunidade.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Tem o ginásio do PPV [Programa de Prevenção à Violência], enorme, ali do lado do CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] e aí construíram outro do lado! [...] Foi desperdício de dinheiro público [...]” E05	A entrevistada vê ações, que a princípio eram para qualificar o espaço do Pestano, como “desperdício de dinheiro público” por não serem realizadas a partir de um planejamento. O caso que ela menciona são duas quadras esportivas construídas uma do lado da outra que estão abandonadas.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“O poder público podia fazer algo diferente, tem aquele posto de polícia, ali, abandonado. Ele podia ser doado para a comunidade, pra se fazer algum trabalho social ali dentro. Mas não é.” E05	A entrevistada vê possibilidades de uso para os espaços abandonados que potencializariam o desenvolvimento das pessoas que moram na comunidade.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“A Diretora dessa outra escola em que eu trabalhava, do município também, disse “meu Deus, tu vais pra lá [Pestano]? Aquilo lá é horrível! O bairro é horrível, a escola é horrível, é tudo horrível!” Eu digo “eu vou, porque eu preciso”. Isso foi lá em 2003, e nada como a gente mesmo tirar nossas conclusões [...]. Cheguei aqui, [...] no bairro, nunca tive nenhum problema. Não conhecia nada por aqui. O pessoal já era maravilhoso. Criminalidade, marginalidade tem em tudo que é local. O pessoal aqui da comunidade é muito, muito dez! São maravilhosos.” E06	A entrevistada relata o preconceito das pessoas que não conhecem o bairro e menciona o apreço que tem pela comunidade.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Tem alunos [da EMEF Francisco Caruccio] que passam por certos tipos de violência, eles ou a família deles. Como é a família em casa? Muitas vezes a família é desestruturada, a família passa por violência.” E06	A entrevistada caracteriza a comunidade e alguns alunos da EMEF Francisco Caruccio como inseridos em uma vulnerabilidade social, mas também física e de carência emocional.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“[...] tem alunos de uma classe social melhor, de uma classe social não tão boa. Alunos não só do Pestano. Na EJA, que está com atividades online, tem aluno de qualquer lugar da cidade. Tem aluno da Cohab também. Tem aluno especial. A gente aqui tem, dá, muitos cuidados para alunos especiais e não é qualquer lugar que dá né. No turno da manhã temos muitos alunos especiais. Muitos. De tudo que é idade [...]” E06	A escola atende pessoas de diferentes bairros do município, não só do Pestano, e de diferentes características socioeconômicas. O ambiente da escola é plural e inclusivo.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Muita coisa melhorou, eu venho ali pela Zeferino Costa, não era asfaltada, era chão batido. Na frente do aeroporto era cheio de buracos. Hoje o pessoal da prefeitura já está se preocupando mais e pensa em qualificar e melhorar o bairro. Agora estão abrindo um novo loteamento com novas casas, residencial. E antigamente não tinha o El Dourado também. Era só campo. Hoje o pessoal da Prefeitura já se preocupa mais em dar qualidade pro pessoal daqui. Hoje eu pego um trajeto maravilhoso. Da minha casa, eu moro na Cohab, faço a volta, entro na Salgado Filho, que é asfaltada, entro na Zeferino Costa, que também é asfaltada, e saio aqui.” E06	A entrevista percebe o desenvolvimento do bairro e suas mudanças ao longo do tempo, como a abertura e o asfaltamento de vias e a implantação de novos loteamentos. A escola está localizada no encontro de vias importantes de conexão do bairro ao centro da cidade. A entrevistada pensa que atualmente a Prefeitura tem um cuidado diferente com o bairro do que há alguns anos.
Percepção sobre as características contextuais-ambientais	“Tem tudo aqui no bairro. Tem farmácia, tem posto de gasolina aqui, o Treichel é bem pertinho também né.” E06	A entrevistada reconhece a ampla oferta de serviços dentro da comunidade Pestano.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	“[...] é um projeto que se aproxima daquilo que eu entendo que é o ideal. Ora, eu [a EMEF Francisco Caruccio] tenho auditório, eu tenho ginásio, eu tenho laboratórios de informática, eu tenho uma infraestrutura aqui gigantesca, maravilhosa [...]” E01	O entrevistado coloca que todo o programa da edificação da EMEF Francisco Caruccio é utilizado e tem apreço por ele. Nota-se a apropriação através da fala “eu tenho”. Isso evidencia a qualidade do projeto original.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[...] um prédio com ginásio, com uma cozinha maravilhosa, com um refeitório lindo, né? Uma biblioteca gigantesca." E01	O entrevistado tem apreço pelo programa da edificação da EMEF Francisco Caruccio. Reconhece como diferenciados os ambientes voltados para as atividades de cunho esportivo, cultural e social, o que é vinculado ao intuito da escola como ferramenta de desenvolvimento social.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[...] porque eu [a EMEF Francisco Caruccio] preciso desses espaços. O posto de saúde utiliza um espaço que é importante para área da educação [...]" E01	De acordo com o entrevistado, há demanda pelos espaços originalmente previstos para o CAIC que foram desmembrados, o que mostra a qualidade do programa original.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"Nós [a EMEF Francisco Caruccio] temos uma relação com o posto de saúde muito boa, o posto de saúde usa muito a nossa escola assim como eu uso muito o posto de saúde. Eu preciso da parceria com as assistentes sociais, eu preciso da parceria com os psicólogos, eu preciso da parceria com os psiquiatras e com os clínicos e com obstetra, eu preciso." E01	A fala do entrevistado mostra que, por causa do programa original da edificação, há um vínculo entre saúde pública e educação, o que fortalece a escola como ferramenta de desenvolvimento social. Nota-se na fala do entrevistado apropriação a partir do "nós" e do "eu preciso".
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"Lá [na EMEF Francisco Caruccio] tem um ginásio enorme" E02	Reconhecimento da entrevistada de um ambiente muito relevante para o programa da edificação e, propositadamente, de dimensões e forma monumentais.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[Na EMEI Herbert de Souza] Acho que construiria uma sala de professores que não tem, e uma brinquedoteca. [...] Ademais, acho que está completa assim." E02	Ainda que a entrevistada pense que a EMEI Herbert de Souza atenda bem sua função, ela pensa que novos ambientes deveriam ser construídos, que não foram previstos inicialmente, após a divisão do prédio em 2001.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"Essa é a impressão que me passa, que a escola [EMEI Herbert de Souza] não é integrada e tem vários espaços que não se usam." E03	Crítica da entrevistada em relação ao posicionamento e organização interna dos ambientes da EMEI Herbert de Souza, que por causa dos pátios internos, há uma separação entre salas de aula e ambientes de serviço como refeitório, por exemplo.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	<p>“Acho que esse projeto daqui poderia ser uma coisa mais única, sabe? Mais perto, tem salas que ficam muito longe. Mais integrado! Parece meio solto. Acho a Paulo Freire mais integrado que aqui. A cozinha é longe e ainda em aquele pátio enorme nos fundos que não se usa. Essa escola é enorme e não se usa tudo. Não dá pra usar tudo. [...] A gente tem aquele pátio nos fundos que nos indicaram no projeto que era pra secar roupas. É um pátio enorme, não sei se tu viu? É enorme e só pra secar roupa. E cresce muito mato, agora mesmo, já tô pedindo roçado pra ali. Não se usa pra nada, a gente seca a roupa em outro lugar, mais perto da lavanderia, ali no cantinho, porque lá só serve pra criar capim. Fica um espaço grande que não se usa. Da mesma forma, temos os pátios internos de cada sala, que são muito bons aqueles pátios internos, mas ainda depois deles a gente tem mais um corredor, que também serve só pra juntar capim. Aquilo não tem serventia nenhuma. É até perigoso as crianças correrem ali.” E03</p>	<p>A entrevistada critica a disposição dos ambientes da EMEI Herbert de Souza, elogia os pátios individuais das salas de aula, porém aponta problemas nos pátios externos. Nota-se o uso de outras escolas como referência para escalonar a qualidade do espaço escolar.</p>
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	<p>“Ela [EMEI Herbert de Souza] tem vários espaços, alguns bem usáveis, outros nem tanto. O refeitório ficou ótimo, bem amplo! Se a gente precisar tem vestiário, todas as salas têm banheiro e isso é importante. Tem muita escola de educação infantil que não tem banheiro nas salas e essa tem. Tem banheiro PNE adulto e infantil.” E03</p>	<p>A entrevistada critica de maneira positiva o programa da EMEI Herbert de Souza após a reforma. Alguns dos ambientes que ela menciona não foram previstos no projeto original, como os vestiários. A entrevistada compara a EMEI Herbert de Souza com outras escolas.</p>
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	<p>“Outra coisa muito boa aqui é que as salas são independentes, no sentido de que tu não precisa passar por uma sala pra entrar dentro da outra.” E03</p>	<p>A entrevistada coloca o fluxo dentro da edificação como uma coisa positiva do projeto arquitetônico da EMEI Herbert de Souza.</p>
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	<p>“Assim ó [pontos positivos do prédio da EMEI Herbert de Souza]: os pátios individuais, o banheiro e as salas independentes. Isso é muito bom. A secretaria, que tem uma entrada aqui e guichê e a pessoa não precisa entrar dentro da escola, também. Nos mantêm protegidos. Não é toda escola que tem, então é uma qualidade.” E03</p>	<p>A entrevistada vê como bom alguns aspectos do programa da edificação, observar que esses pontos que ela menciona são do projeto original. A entrevistada compara o prédio da EMEI Herbert de Souza com o de outras escolas de modo que hierarquiza a qualidade das edificações.</p>
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	<p>“Temos 275 vagas [na EMEI Herbert de Souza], os prés são parciais, então é um turno só, mas os berçários e maternais são integrais, então é o dia inteiro. Os prés também passavam o dia inteiro, mas aí teve uma lei que a partir de 4 anos era obrigatório a criança estar na escola e não tem escola pra todo mundo dentro do município, então se optou pra colocar 4 horas cada criança, aí se cria vaga pra todo mundo. Onde antes ficava 1 pré integral, deu lugar pra 2 prés. Um de manhã e um de tarde.” E03</p>	<p>A EMEI Herbert de Souza atende nos dois turnos do dia, alguns alunos ficam em período integral, alguns em período parcial. A entrevistada vê como positivo o aluno permanecer na escola em turno integral, tal como era previsto no projeto original. Percebe-se que o tempo do aluno na escola foi dividido para que mais pessoas tenham acesso à educação pública e gratuita.</p>

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[Sobre a EMEI Herbert de Souza] Todas as salas têm banheiro e pátio para as crianças. Tem um espaço bem grande." E04	A entrevistada vê de forma positiva que o programa da edificação tenha colocado banheiro e pátio para cada sala de aula. O espaço da escola é amplo para atender a quantidade de pessoas que foi planejada.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[Sobre a EMEI Herbert de Souza] Essa escola é muito iluminada, os pátios individuais das salas para as crianças brincarem é ótimo! O refeitório ficou maravilhoso, a cozinha é muito boa. A escola é boa, mesmo quando tu entrava aqui quando era MAPEL, quando não existia EMEI, era boa, porque dá pra ver que, nos banheiros das salas, ainda tem o tanque pra limpeza de material. A gente entende que as crianças eram muito bem atendidas, por isso o tanque, pra se lavar materiais de pintura e etecetera." E04	A entrevistada percebe boas qualidades na organização dos ambientes e na disposição de equipamentos para a realização das tarefas cotidianas da EMEI Herbert de Souza, previstos no projeto original. Ela também vê como positivos os novos ambientes instalados depois da reforma.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"Aqui [na EMEI Herbert de Souza] tem pouco banheiro pra adulto, porque tem um que não funciona e nunca conseguem arrumar." E04	A entrevistada critica negativamente a quantidade de banheiros adultos para o número de funcionários, além da falta de manutenção desse tipo de equipamento. A manutenção é realizada pela Prefeitura Municipal e não pela própria EMEI Herbert de Souza.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[Sobre programa original de oficinas de capacitação] Não existe nada disso hoje em dia. Tu já imaginou como seria um curso de capacitação profissional lá dentro, que formasse mães e alunas? Gente, é um sonho de qualquer comunidade." E05	A entrevistada relata que parte do programa original do CAIC se perdeu, uma vez que não há mais oferta de atividades de capacitação voltadas à comunidade e aos pais de alunos.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"[Na EMEI Herbert de Souza] Mudaria a pracinha de lugar, pois aquela parte lá dos fundos é um mato que não se usa. Tem também aquele corredorzão, passando os pátios das salas, que não se usa pra nada, é só mato. Daria pra construir mais salas ali, e seriam legais, aproveitaria os pátios." E05	A entrevistada relata espaços da EMEI Herbert de Souza que não são utilizados, pois não têm funcionalidade e não recebem manutenção adequada, como os pátios de fundos. Observar que há a percepção de espaços que permitem ampliação da edificação no lote.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	"Tem até um ponto de ônibus bem no meio do nosso pátio, porque a entrada seria por ali." E06	Há, dentro das dependências da EMEF Francisco Caruccio, equipamentos urbanos de ponto de ônibus que acompanhariam o programa original dos CAICs, que, entretanto, não têm utilização, uma vez que a implantação foi realizada com a entrada da escola para os fundos do lote, onde não tem via tráfegável.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	“[Sobre como seria a escola toda integrada como originalmente pensada] A escola ficaria de educação básica, a criança entraria no maternal e ia até o final na mesma escola. Para as crianças, convivendo com as mesmas pessoas, isso é muito bom, né. Não rompe o vínculo ao vir pra cá, que é uma escola maior.” E06	A entrevistada vê como positiva a integração de toda edificação da escola, sem a atual divisão entre instituições de educação infantil e ensino fundamental, assim como foi proposto originalmente.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	[...] [na EMEF Francisco Caruccio] temos laboratórios maravilhosos, de ciências também [...].” E06	Há o reconhecimento do amplo programa da EMEF Francisco Caruccio, com distintos laboratório, que faziam parte do planejamento original, voltado ao desenvolvimento social da comunidade em que foi inserido.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	“Porque se a escola fosse toda integrada da educação básica seria bem melhor pra todos, principalmente pros alunos, porque entrariam pequeninhos e sairiam só no 9º ano. E o postinho voltar para escola seria muito bom. Teríamos atendimento de psicólogo, dentista, algum atendimento médico ou de enfermagem. Não que eles não nos atendam, eles trabalham muito ali, mas seria integrado com a escola e não separado.” E06	A fala da entrevistada mostra a qualidade e a amplitude do programa original da edificação, que ainda teria demanda pros dias de hoje.
Percepção sobre as características programáticas-funcionais	“Agora tá em mil ou mil e alguma coisa [número de alunos na EMEF]. Mas já teve mais. Isso em três turnos” E06	A fala da entrevistada mostra a demanda de alunos da EMEF Francisco Caruccio e a necessidade que a comunidade tem da escola. As dimensões dos ambientes da escola levaram em consideração a quantidade e o fluxo das pessoas que os utilizam.
Percepção sobre as características estéticas-compositivas	“O ginásio e aquela parte de lá parecem até silos de arroz.” E03	A entrevistada identifica formas industriais no formato cilíndrico das caixas d’água e no polígono do ginásio. A volumetria com escala monumental potencializa essa percepção.
Percepção sobre as características estéticas-compositivas	“Além disso, a gente gosta de tudo bem colorido. Aqui é bem colorido!” E03	A entrevistada reconhece que a escola tem característica de cores bem diversas e vibrantes e tem apreço por isso.
Percepção sobre as características estéticas-compositivas	“[Sobre reforma na EMEI] Cores primárias, escolhi pras crianças! Isso aqui era tudo cinza, quando cheguei aqui.” E04	A entrevistada tem apreço pela escola e se apropria dela a partir da sua participação nas cores do ambiente. A escola ser colorida com cores primárias faz parte de sua caracterização estética-compositiva.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características estéticas-compositivas	[O prédio das escolas] [...] é enorme!" E05	A entrevistada percebe a escala monumental da edificação através de suas dimensões e amplitude do programa de atendimento ao público.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Tem essa questão [problema] do clima [na EMEF Francisco Caruccio]? Tem." E01	O entrevistado reconhece que conforto térmico da EMEF Francisco Caruccio é inadequado.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"[...] há, nesse modelo arquitetônico, uma certa dificuldade da impermeabilização das lajes para evitar goteira." E01	O entrevistado aponta que na cobertura pré-moldada de argamassa armada, com aberturas nas telhas shed, também de argamassa armada, há infiltrações de água da chuva de difícil correção.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Como por exemplo a questão das goteiras, eu impermeabilizo, eu coloco manta asfáltica." E01	O entrevistado relata intervenções no ambiente construído para sanar problemas originados no projeto padrão, ainda que essa intervenção seja removível. Nota-se o discurso em primeira pessoa evidenciando o engajamento e a apropriação pelo espaço.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	Porque se a gente for analisar o tipo de ginásio e o tipo de aberturas que o CAIC tem, para o Rio Grande do Sul não é o ideal. E01	O entrevistado aponta que as aberturas do prédio e o ginásio não seriam ideais pra localidade em virtude da infiltração de água da chuva, pela passagem do vento e por não proteger de forma adequada das baixas temperaturas no inverno.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"[Sobre a reforma da EMEI Herbert de Souza] Tipo a cobertura da praça, ali, em dia de chuva as crianças não tinham onde brincar porque não tinha cobertura. Acho que o acesso ficou melhor, até mesmo parra as crianças. O saguão aqui mesmo era uma loucura quando chovia, era uma cachoeira, hoje não. Dá para as crianças brincarem tranquilo quando o tempo tá ruim." E02	A reforma solucionou problemas do projeto padrão, ainda que passando por cima da representatividade que o local já havia adquirido. Mas ainda assim houve satisfação com a característica do edifício após a reforma.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Ai, aqui [na EMEI Herbert de Souza] no inverno é muito frio. Muito frio no inverno e muito calor no verão." E02	A entrevistada relata desconforto térmico na EMEI Herbert de Souza.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"[Sobre a reforma da EMEI Herbert de Souza] Telhado mesmo era só uma laje, tinha os toldos nas janelas. Telhado, telhado mesmo não tinha. E o pátio era todo aberto." E02	A entrevistada relata a mudança que ocorreu na reforma da EMEI Herbert de Souza em virtude da mudança do tipo de cobertura.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"A geada que cai de manhã, nessa laje [na EMEI Herbert de Souza], assim, direto em cima da gente, devia ser muito complicado." E03	A entrevista percebe como problema da edificação questões de conforto térmico, referente às lajes sem nenhuma cobertura ou forro.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"A corrente de vento [que passa na EMEI Herbert de Souza], que no verão era muito boa, no inverno era horrível, nosso inverno aqui no sul é muito diferente." E03	A entrevistada percebe desconforto térmico em relação à edificação da EMEI Herbert de Souza e um atributo que seria positivo no verão se torna incomodo no inverno.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Com essa reforma colocaram forro de pvc em todas as salas e banheiros, eu acredito que sem o forro, nessa escola, pra fazer a hora do soninho, deveria ser assim, como posso dizer, um horror! Porque o teto ia ficar muito alto e nosso inverno é muito rigoroso." E03	A entrevistada relata que a reforma na EMEI Herbert de Souza trouxe elementos que minimizaram os problemas de conforto térmico na edificação.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Então, em todas as chuvas, entrava água na porta de todas as salas da escola [EMEI Herbert de Souza], porque ficam voltadas pra esse pátio. Em dia de temporal, entrava água em todas as salas." E04	A entrevistada relata problemas quanto aos pátios internos da EMEI Herbert de Souza, pois permitiam a entrada de água na edificação.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Além de vento e chuva, tinha muita cobra e ratos que entravam pelas canaletas da água da chuva, esses bueiros aqui [na EMEI Herbert de Souza]." E04	A entrevista relata problemas que o prédio apresentava, com a abertura central da edificação e, no caso, com as canaletas de escoamento da água dos pátios centrais, que permitiam a entrada de animais indesejados.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Isso não tem fundamento, em dia de chuva essa água vinha toda aqui pra dentro. E um frio danando no inverno. Eu fico impressionada, como essa escola funcionou por 15 ou 16 anos no inverno com isso aberto! Era muito frio! [na EMEI Herbert de Souza]" E04	Nota-se que a reforma na EMEI Herbert de Souza era muito necessária para resolver problemas de conforto da edificação.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Essa parte de vidro [no pátio interno da EMEI] eu já não teria colocado. Teria fechado igual esses pátios internos, mas com algum tipo de telhado, sei lá, com telhas transparentes, com alguma forma de abrir e ventilar, mas teria fechado esses pátios, que pra nós são ruins por causa do vento e da chuva, mas esses vidros assim roubaram espaço, atrapalham. A limpeza desses vidros é muito complicada, e imagina, qualquer sujeira já aparece. [...] Aproveitava mais o dinheiro." E04	Apesar da reforma ter sido muito importante para a solução de alguns problemas da EMEI Herbert de Souza, ela acabou criando outros, como o fechamento de vidros dos pátios internos, que atrapalham o fluxo de pessoas e dificultam a manutenção.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"E foi tudo construído muito rápido, né. Tudo com bloquinho, né. Aqueles blocos prontos." E05	A entrevistada percebe o módulo construtivo dos CAICs, num sistema modulado, em elementos pré-fabricados que agilizavam a construção.
Percepção sobre as características técnicas-construtivas	"Aqui na escola [EMEF Francisco Caruccio] no inverno é muito frio [...]" E06	A entrevistada relata desconforto térmico na EMEF Francisco Caruccio.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre a escola durante a pandemia de COVID-19	“Ela [EMEI Herbert de Souza] sempre teve gente aqui dentro. O pessoal da terceirizada esteve aqui. Trabalhamos o tempo todo, claro bem no iníciozinho não, mas depois trabalhamos o tempo todo por plantão e revezamento. Os professores estavam no remoto, então vinham pra pegar material. A gente procurava as crianças pra não deixarem de participar e tinha os projetos da prefeitura que tinha que seguir mantendo, como as cestas de alimentação que a gente entrega. As crianças tinham atividade remota, tinham diário contínuo, todos os dias tem avaliação e observação dela, mas na pandemia essa avaliação foi só devolutiva. A professora lançava a atividade e quando a criança devolvia, ela avaliava. Teve muita criança que ficou com déficit e teve muita mãe que se desesperou querendo que a criança já fosse alfabetizada, mãe tentando alfabetizar em casa, por conta, o que não é o intuito da Educação Infantil, né.” E03	Ainda que a EMEI Herbert de Souza estivesse fechada para atendimento ao público, ela tinha presença de funcionários para sua manutenção e logística de materiais, pois as aulas não pararam, apenas mudaram para modalidade <i>online</i> . Nota-se que a entrevistada percebe o dano que a escola fechada causa ao desenvolvimento infantil.
Percepção sobre a escola durante a pandemia de COVID-19	“E a escola vazia reforça ainda mais essa sensação [de abandono e da falta de referência para a passagem do tempo]. Uma confusão entre esse ano, o passado e o retrasado.” E03	A escola fechada bloqueia a interação entre as dimensões funcional e relacional do lugar, não há a possibilidade de trabalhar e se relacionar com outras pessoas no lugar, criando a sensação de que não houve a passagem do tempo, pois o lugar não estava sendo frequentado
Percepção sobre a escola durante a pandemia de COVID-19	“[...] a pandemia mostrou o impacto social que se teve quando as escolas tiveram que fechar.” E03	A percepção da dimensão funcional da escola foi potencializada pela impossibilidade da escola funcionar durante a pandemia. A escola fechada não poderia funcionar como ferramenta de desenvolvimento social, nem os pais teriam onde deixar seus filhos para saírem para trabalhar.
Percepção sobre a escola durante a pandemia de COVID-19	“Agora na pandemia eu entrei lá pra trabalhar, porque foi hospital de campanha, e que não foi usado [...]” E05	A EMEF Francisco Caruccio funcionaria como hospital de campanha durante a pandemia, o que reforça sua importância para a comunidade como referência de segurança e acolhimento.

Continuação Tabela L. 1 - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria temática	Unidade de registro	Descrição analítica
Percepção sobre a escola durante a pandemia de COVID-19	<p>“Na pandemia foi duro, agora tá melhorando, mas foi muito triste. Foi triste até vir pra cá [EMEF Francisco Caruccio]. No nosso caso, no ano passado mesmo, eles estavam trabalhando online e com material impresso e nós tínhamos que vir uma vez por semana pra pegar material e era muito estranho, muito triste, a gente vir pra escola e não ter aluno. Ficava aquele silêncio, tipo hospital, sem barulho de nada, não ouve som de nada. Então foi muito difícil. Logo que a gente voltou a frequentar a escola, depois daquele primeiro período crítico, passava até uma sensação de abandono. Muito triste, é. Agora com tudo querendo voltar a escola ganha vida, né. O que é uma escola sem criança? Hoje mesmo, retornaram o grupo B. Eles estavam num alvoroço, correndo pra lá e pra cá e já vinham perguntar “Professora, e o recreio?!”. Eles estão com muito entusiasmo com a volta à escola. Muitos voltaram com muita dificuldade, tem que fazer um retorno com muita atenção às crianças. O contato faz falta. Inclusive o preparo dos professores para o <i>online</i> foi muito difícil. Foi um desafio pra todos.” E06</p>	<p>A entrevistada relata tristeza por causa da sensação de abandono do prédio escolar, pela falta de alunos circulando pelo espaço e pela falta de interação com eles. O espaço sendo utilizado causa alegria na entrevistada. Nota-se qe a dimensão relacional com o lugar, durante a pandemia, ocorreu de maneira virtual através da <i>internet</i>.</p>

Fonte: AUTOR, 2022.

APÊNDICE M – Modelo de Poema dos Desejos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Olá!

Esta atividade consiste em parte da pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas com o título de “O sentido de lugar e a percepção do usuário perante o projeto padrão em instituições de ensino: Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs”.

O responsável por este trabalho é José Henrique C. Cordeiro e está sob a orientação da Profa. Adriana Portella.

Você está sendo convidado a se expressar de acordo com o que você pensa a respeito da escola Francisco Caruccio, seguindo os seguintes questionamentos:

O que você gosta na escola Francisco Caruccio?

Como você gostaria que a escola Francisco Caruccio fosse?

Você pode fazer textos ou desenhos, conforme preferir.

Muito obrigado pela atenção e disponibilidade!

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 1 de 3

Figura M. 1 - Folha de apresentação do poema dos desejos.
Fonte: AUTOR, 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Nome:
Idade:
Turma:

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura M. 2 - Poema dos desejos - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



<p>Nome:</p> <p>Idade:</p> <p>Turma:</p>	
<p>COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?</p>	

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura M. 3 - Poema dos desejos - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022

APÊNDICE N – Poemas dos desejos

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Nome: [REDACTED] A8B 1
Idade: 13
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

*Eu gosto da escola porque gosto de estudar, gosto de ir para a escola e aprender
porque são professores muito gentis e me ajudam com aquilo que não
gosto e com poucas matérias que tem de estudar coisas que são mais
fáceis.*

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 1 - Poema dos desejos A8B 1 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Nome: A8B 1
Idade: A8B 1
Turma:

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

*Queria ser diferente, ter mais coisas em comum com outras escolas
Não queria mais a separação de estruturas, ter um dia
em comum com as outras escolas e tal.*

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 2 - Poema dos desejos A8B 1 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 2
Idade: 13
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

MERENDA
PASSEIO
ED.FÍSICA
RECREIO

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 3 - Poema dos desejos A8B2 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 2
Idade: 13
Turma: A8B 8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

TIVESSE 30 MINUTOS DE RECREIO?
QUE PODESSA MECHER NO CEBOLÃO NO RECREIO
TIVESSE MAIS ED.FÍSICA
E O BANHEIRO SER LIBERAL.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

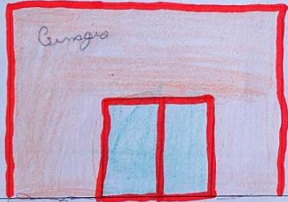
Figura N. 4 - Poema dos desejos A8B2 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [redacted] A8B 3
Idade: 13 anos
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Eu gosto muito das professoras e das crianças e do patio
gosto das atividades da escola como futebol, dança
bateria, dança, e etc.



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 5 - Poema dos Desejos A8B 3 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [redacted] A8B 3
Idade: 13 anos
Turma: A8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Eu gostaria que tivesse mais tempo de recreio e que o Merenda
Melhorasse um pouco mais e que os alunos mais um pouco de alunos
Eu gostaria que tivesse mais livros a Biblioteca para os alunos
também gostaria que tivesse mais espaço de recreio e mais aulas de recreio física
com um pouco de recreio
gostaria também de passar mais tempo com os professores
Gostaria de ter aulas com o professor de Português

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 6 - Poema dos desejos A8B 3 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 4
Idade: 13
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Eu gosto dos meus amigos, da professora de Português e de matemática e da prof de artes



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 7 - Poema dos desejos A8B 4 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 4
Idade: 13
Turma: A8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Gostaria que servissem alguma bebida junto com a comida, queria que a biblioteca fosse mais acessível para ler que tivesse mais opções para merenda que tivesse mais tempo de recreio, que tivesse uniforme feminino com saia de pregas, que tivesse internet gratuita e que podesse usar o celular ao mesmo no recreio

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 8 - Poema dos desejos A8B 4 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 5
Idade: 13
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

os professores são muito inteligentes, entre os alunos
também gosto de ajudar os colegas, já que eles me ajudam com
as coisas e eu também muito inteligente. Além de entrar em atividades
que gosto muito, gosto de fazer as coisas em trabalhos em grupo, etc.
Plantão

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 9 - Poema dos desejos A8B 5 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 5
Idade: 13
Turma: A8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Também gostaria de ter uma sala de aula que seja muito útil em coisas
relativas a coisas que os alunos gostam de fazer, como jogos, etc.
que não apenas tenha um espaço para os alunos, mas também para os
professores.
Também gostaria de ter uma internet muito rápida e boa para
para os alunos e também para os professores, com internet constante
e rápida e melhorar os computadores e também para os alunos, com
computadores também rápidos e bons.
Também gostaria de ter uma sala de aula com uma vista bonita
e com uma vista bonita para o mar.
Também gostaria de ter uma sala de aula com uma vista bonita
e com uma vista bonita para o mar.

ELLEN

Jose

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 10 - Poema dos desejos A8B 5 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 6
Idade: 15
Turma: 66

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Os colegas, alguns profs,
comida, algumas aulas e
recreio.

gostei

informática

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 11 - Poema dos desejos A8B 6 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 6
Idade: 15
Turma: 66

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Wife sim
mascara não
celular
fones sim

Bolacha libertadora curta e longa. ✓ É comida todos os dias! tipo um almoço

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 12 - Poema dos desejos A8B 6 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



PROGRAU

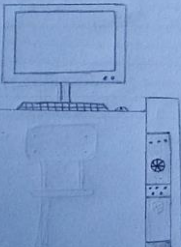
Nome: _____

Idade: 13

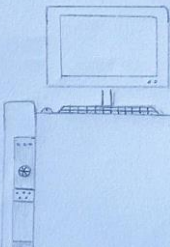
Turma: 066

A8B 7

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?



COSTO MUITO NA MERENDA
TAMBÉM, E DAS PROFESSORAS ETC...



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs

Página 2 de 3

Figura N. 13 - Poema dos desejos A8B 7 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU
PELOTAS

Nome: [REDACTED]

Idade: 15

Turma: 888

A8B 7

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Gostaria que tivesse asfaltado os caminhos.
Alguns alunos frequentam a escola que
de manhã até que quase é impossível
passar de bicicleta, então os pais que trabalham
na cidade estão os alunos que trabalham
também frequentam a escola, gostariam que
fosse um espaço mais agradável, com
diversidade de materiais, com um
espaço mais agradável, com um
espaço que seja bem iluminado, com
frescor, e importante a água e
que não fiquem muito quentes, com
com ar condicionado, com um espaço
confortável, que seja bem iluminado,
frescor, e importante a água e
que não fiquem muito quentes, com
com ar condicionado, com um espaço
confortável, que seja bem iluminado,

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:

Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs

Página 3 de 3

Figura N. 14 - Poema dos desejos A8B 7 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [redacted] A8B 8
Idade: 34
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 15 - Poema dos desejos A8B 8 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [redacted] A8B 8
Idade: 34
Turma: A8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

fosse com mais tecnologia como computador nas salas de aula proibir a entrada de celular na entrada, alunos seriam obrigados a desligar o celular numa caixa e o computador ter possibilidade de mexer no conteúdo sobre a aula e também poderia ter uma sala para esportes de futebol, Taikwondo, Box, natação, aula de música e etc... poderia aumentar o horário de recreio.

ASSINADO: Representante DA Sala De aula

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

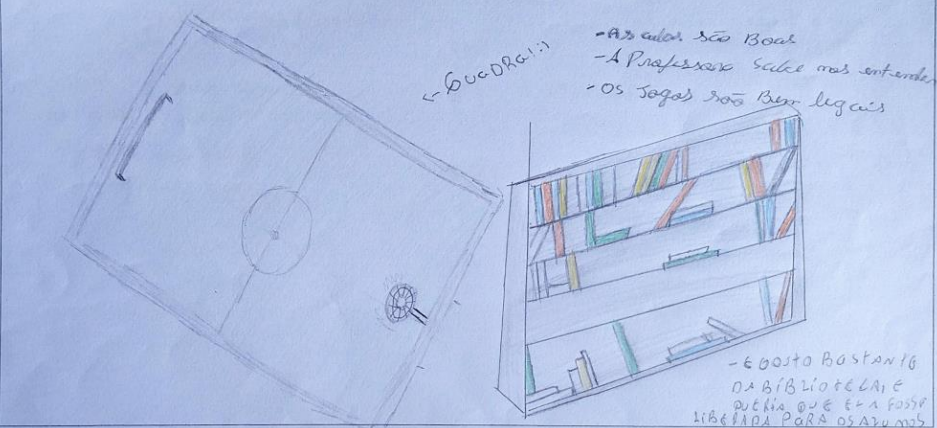
Figura N. 16 - Poema dos desejos A8B 8 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8B 9
Idade: 19
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?



- A escola é Boa
- A Professora sabe mais entender
- Os jogos são Bem legais

- É Gosto BASTANTE DA BIBLIOTECA, E QUERIA QUE ERA FOSSE LIBERADA PARA OS ALUNOS

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 17 - Poema dos desejos A8B 9 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8B 9
Idade: 19
Turma: A8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

QUERIA QUE OS CADÉTERAS FOSSEM MAIS COMFORTÁVEIS, E QUE OS VEZES TIVESSE OULAT DE EDUCAÇÃO FÍSICA LIVRE.

Queria que fosse defronte os banheiros, mais organizadas, e também que fosse liberado o campo, e que tivessem mais tecnologia, que o wi-fi fosse liberado para os alunos durante o recreio, e que alguém dia do summer fosse esalado para mais assistir filmes.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

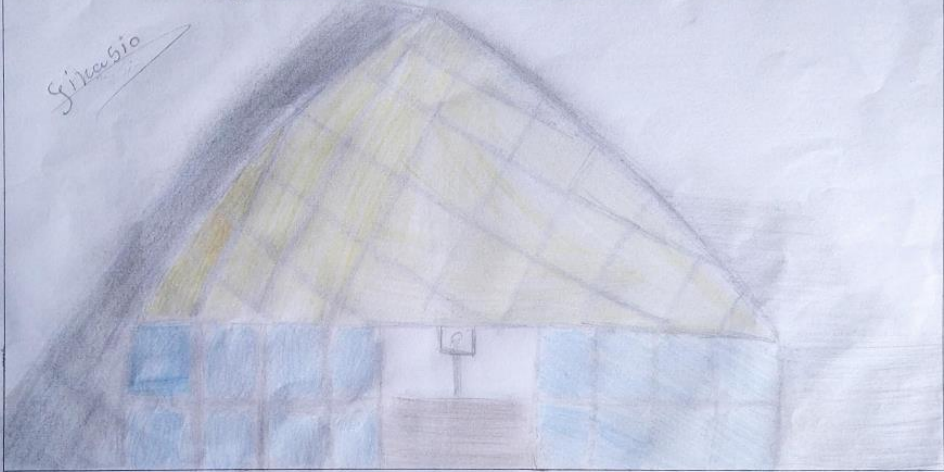
Figura N. 18 - Poema dos desejos A8B 9 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 10
Idade: 13
Turma: 18B.

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

ginecário



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 19 - Poema dos desejos A8B 10 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8B 10
Idade: 13
Turma: 18B.

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

*Bom, na
primeira folha
eu fiz o ginásio do
Pelo menos tem
eu acho que lá precisa
de uma reforma e lá
está tudo velho e precisa
de reformas...*

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 20 - Poema dos desejos A8B 10 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8B 11
Idade: 13
Turma: A8B

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

EU GOSTO DO ENSINO DA ESCOLA, OS PROFESSORES ENSEINAM MUITO BEM, EU ESTUDO A 8 ANOS NESTA ESCOLA E AFIRMO ISTO AS MATERIAS QUE EU MAIS GOSTO SÃO: CIÊNCIAS, GEOGRAFIA E PORTUGUÊS. MAS SERIA BOM TER OUTRAS MATERIAS TIPO QUÍMICA, FÍSICA, FILOSOFIA. EU TAMBÉM GOSTO DO RECREIO, MAS PODERIA TER MAIS 5 MINUTOS. GOSTO DA EMPATIA DE ALGUNS PROFESSORES (AS) E TAMBÉM A MERENDA É MUITO BEM FEITA, ESPERO ME FORMAR ANO QUE VEM TAMBÉM.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 21 - Poema dos desejos A8B 11 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8B 11
Idade: 13
Turma: A8B

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

EU GOSTARIA QUE MELHORASSEM AS METAS, QUE ABRISEM O CAMPO NOVAMENTE E ARRUMASSEM PARA JOGAR BOLA ETC. TAMBÉM QUERIA QUE ABRISSSEM O QUADRO, FOSSE DE GIZ E QUE OS TRABALHOS FOSSEM ON-LINE AQUI NA ESCOLA E TAMBÉM SERIA BOM ALGUNS CURSOS PARA OS ALUNOS, E TAMBÉM TESTES COM OS ALUNOS PARA SABER NO QUE ELES SÃO BONS, TIPO TESTE FÍSICO, DE INTELIGÊNCIA ETC. CURSOS DE INFORMATICA, ROBÓTICA. E TAMBÉM REFORMAR A ESCOLA.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 22 - Poema dos desejos A8B 11 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8A 1
Idade: 13 anos
Turma: A8A 1

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Professores de Edificação, Português e de Círculo, gosto de ir para o labor de informática,
gosto de encontrar meus amigos e professores de Edificação.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 23 - Poema dos desejos A8A 1 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8A 1
Idade: 13 anos
Turma: A8A 1

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Teria mais segurança, sala de música; mais salas depois de recreio, mais sala de informática
e de poder ficar na sala de aula na hora de recreio, seria uma excelente opção de diversão
que consentassem os interesses; gostaria que melhorassem o campo de futebol que
teria uma sala para cada matéria, uma sala de cinema, outra de geografia e física.
Não poderia existir uma sala de jogos, onde as crianças possam ficar caso não quisessem ir para
o recreio, seria bom se nessa sala a gente pudesse ler livros, conversar calmamente com
outros alunos ou simplesmente descansar, seria uma sala mais decorada para as pessoas
interessadas que não conseguem socializar direito ou simplesmente para as pessoas que
querem ficar quietas no canto dela.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 24 - Poema dos desejos A8A 1 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] **A8A 2**
Idade: 13
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Projeto, sala de educação física, recreio, merenda, e para os computadores, gráficos, sala de aula, câmeras, e funcionários, além de tudo.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 25 - Poema dos desejos A8A 2 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] **A8A 2**
Idade: 13
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

*Gostaria que tivesse salas de música, mais salas de informática, recreio em pouco mais
longo, mais parques, mais aulas de recreio, ter uma sala para cada matéria.*

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 26 - Poema dos desejos A8A 2 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Nome: [REDACTED] A8A 3
 Idade: 15
 Turma: 18A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

*Na escola eu gosto de ver meus amigos e colegas, alguns são mais simpáticos mas está tudo bom.
 Para mim as professoras são bem competentes e eu gosto de tudo, estudar, também gosto dos funcionários.*



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
 Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs

Página 2 de 3

Figura N. 27 - Poema dos desejos A8A 3 - pergunta 1.
Fonte; AUTOR, 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Nome: [REDACTED] **A8A 3**
 Idade: 13
 Turma: ABA

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Eu gostaria que o ensino tivesse mais tempo, que os alunos fossem mais compreensivos com os professores, que os alunos fossem mais felizes, que os alunos fossem mais felizes, que os alunos fossem mais felizes.

Queria que o ensino fosse mais interessante, que os alunos fossem mais felizes, que os alunos fossem mais felizes, que os alunos fossem mais felizes.

Queria que o ensino fosse mais interessante, que os alunos fossem mais felizes, que os alunos fossem mais felizes, que os alunos fossem mais felizes.

Não gosto muito da escola, não gosto muito da escola, não gosto muito da escola, não gosto muito da escola.

Gostaria de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas.

Também gostaria de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas.

Gostaria de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas.

Gostaria de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas, de fazer mais coisas.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
 Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
 Página 3 de 3

Figura N. 28 - Poema dos desejos A8A 3 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8A 4
Idade: 13 anos
Turma: A8A 4

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

RECREIO

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 29 - Poema dos desejos A8A 4 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8A 4
Idade: 13 anos
Turma: A8A 4

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Que tivesse mais minutos no recreio
Que pudesse ser celular no recreio
e que tivesse mais aulas de educação física
que deixem a senha da internet
Que tivesse papel higiênico no banheiro
Que liberassem os lanchinhos e o campo de futebol

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 30 - Poema dos desejos A8A 4 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8A 5
Idade: 14 anos
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

o que eu mais gosto na escola é a explicação das coisas, professores com a matéria, gosto da maneira, educação física, e gosto também quando lecionam para informática para poder jogar na PC ou jogar trabalhos pelo PC. gosto bastante do trabalho do colégio tem a escola para poder estudar e conversar.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 31 - Poema dos desejos A8A 5 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8A 5
Idade: 14 anos
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Eu gostaria que mudasse a estrutura de sala, queria também que liberassem o celular pelo menos no recreio, porque outras escolas públicas pedem usar o celular e também eles disponibilizam o Wi-Fi, gostaria que eles liberassem o celular e o Wi-Fi. Adorei melhorar o tempo do recreio, poder um pouco mais tempo para os estudantes poderem brincar sem pressa, e poder se jogar o futebol, churrasco de aulas diferenciadas tipo, música, dança aula de contos e etc... gostaria que as classes fossem em duplas. Também queria mais projetos produtivos onde os alunos pudessem trabalhar sobre o processo de sala que não só, gostaria que liberassem o tempo de futebol para poderem jogar no recreio, queria que liberassem filmes para nós ver na aula, uma TV na sala ajudaria muito para a explicação, gostaria de mais atividades na aula e no recreio e também que fizessem algumas mudanças.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 32 - Poema dos desejos A8A 5 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8A 6
Idade: 18 anos
Turma: 18A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Recreio, matemática, Educação física, Ser mais amigo, brincando e comendo

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 33 - Poema dos desejos A8A 6 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8A 6
Idade: 18 anos
Turma: 18A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Que tivesse mais tempo no recreio e mais brincadeira, que pudesse usar o celular no recreio e que tivesse mais aulas de educação física, que tivesse menos de graça, que tivesse filmes na aula e que tivesse menos regras, menos agitação, que tivesse aula de dança, que nos natal dessem Presente e na Páscoa ovo de Páscoa.

PAS

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 34 - Poema dos desejos A8A 6 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

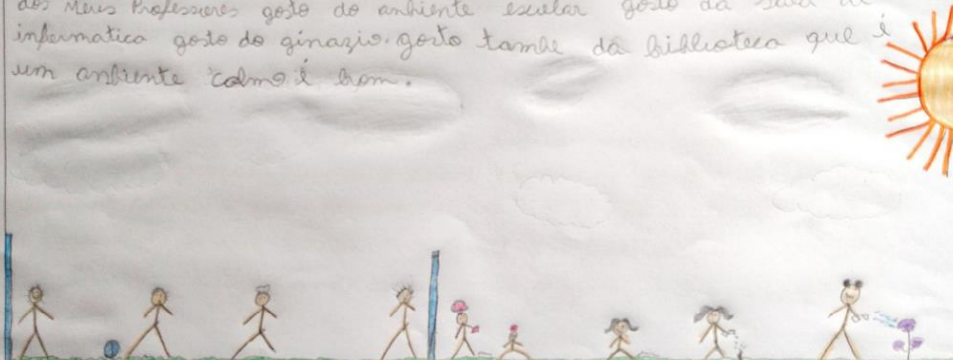
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8A 7
Idade: 14 anos
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

na Escola Francisco Caruccio é gosto de como os funcionários são boas pessoas com os alunos gosto da merenda gosto bastante dos meus Professores gosto do ambiente escolar gosto da sala de informática gosto do ginásio. gosto também da biblioteca que é um ambiente calmo e bom.



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 35 - Poema dos desejos A8A 7 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

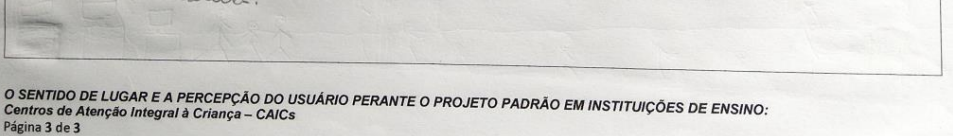
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] A8A 7
Idade: 14 anos
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

eu gostaria que a Escola Francisco Caruccio fosse eu gostaria que no banheiro feminino tivesse uma caixa de coisas higiênicas femininas para as garotas queria que fosse livreir in de calças rasgadas por que os Meninos ficam irritados quando vejo as meninas que tivesse mais tempo no recreio que fosse liberados os celulares que um dia poderíamos unir todas as turmas e praticar algo em equipe que os professores fossem mais legais que tivesse mais aulas de educação física que quando acabar o colégio possamos ir a mais passeios gostaria também que possamos usar o campo e ter contato com a terra que também liberem a internet que pode ajudar nas aulas com pesquisas que possamos usar mais o ginásio também gostaria de ir mais na biblioteca.



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 36 - Poema dos desejos A8A 7 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

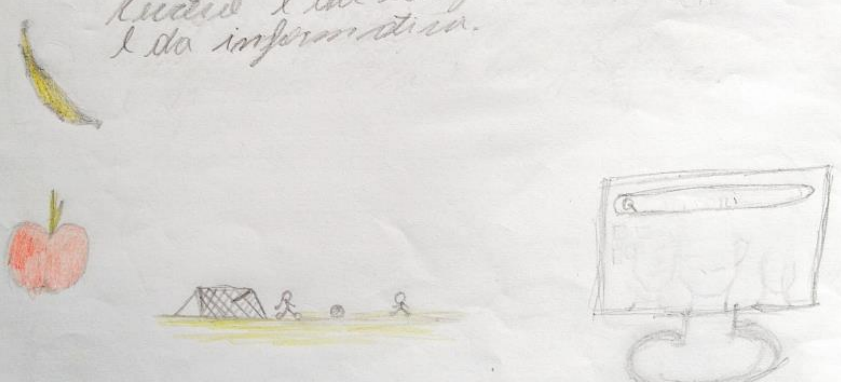
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED]
Idade: 13
Turma: A8A

A8A 8

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

*eu gosto da merenda do
lucio e da ed. fisica.
e da informatica.*



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 37 - Poema dos desejos A8A 8 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED]
Idade: 13
Turma: A8A

A8A 8

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

*mais tempo no recreio
mais um período na ed. fisica
E liberar o salão para o recreio.*

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 38 - Poema dos desejos A8A 8 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8A 9
Idade: 34
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Merenda

Escola

Passeios

Ed. Física

Recreio

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 39 - Poema dos desejos A8A 9 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Nome: [REDACTED] A8A 9
Idade: 34
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Gostaria que tivesse mais um período de Ed. Física
e mais alguns minutos de merenda e recreio.
Também gostaria de mesas de dupla e também uma TV junto
com o quadro.

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 40 - Poema dos desejos A8A 9 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [redacted] A8A 10
Idade: 13 anos
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

Receio!

Educação física! Por causa das brincadeiras

Parquinho! Por que agente vai com a família em lugares

...

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 41 - Poema dos desejos A8A 10 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [redacted] A8A 10
Idade: 13 anos
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

Eu queria que melhorasse o tempo do recreio tipo brincar mais tempo
crianças a vontade que o galão das salas
que fosse um celular divertido
que não tivesse paredes tão altas e fechadas com os cantos
Poderia ter internet para a informática fazer mais computadores
Não queria de preferência de materiais mais chatos

que brincar o campo
de futebol.



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 42 - Poema dos desejos A8A 10 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

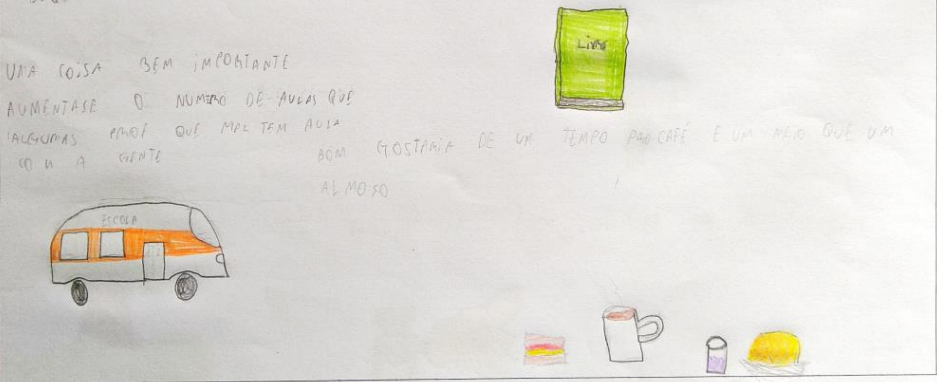
PROGRAU

Nome: [REDACTED]
Idade: 13
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

GOSTO DOS AMIGOS E DE ALGUMAS PROFES. EU NÃO GOSTO DE ALGUMAS PROFES CHATAS.
EU QUERIA MAIS PASSEIOS SINTO FALGADO DELES.

UMA COISA BEM IMPORTANTE
AUMENTAR O NÚMERO DE AULAS QUE
ALGUMAS PROFES QUE MAL TEM AULA
COM A GENTE. BOM GOSTARIA DE UM TEMPO PARA CAFÉ E UM MEIO QUE UM
ALMOÇO.



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 43- Poema dos desejos A8A 11 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

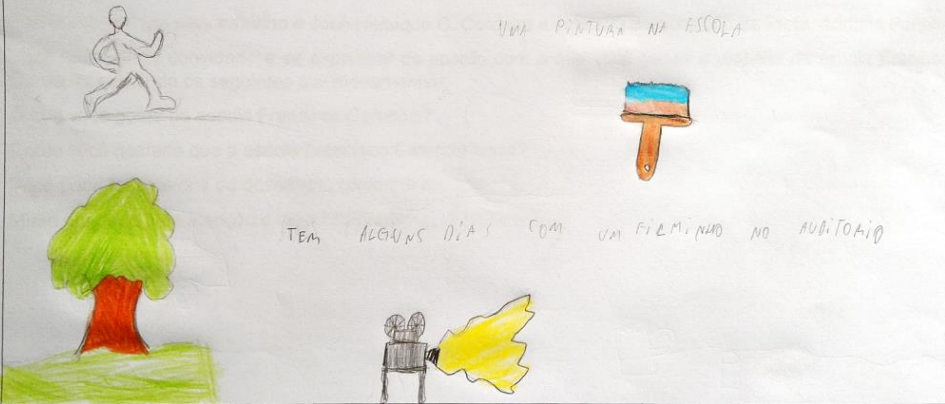
Nome: [REDACTED]
Idade: 13
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

TEM GINÁSIAS NO PÁTIO.

UMA PINTURA NA ESCOLA.

TEM ALGUNS DIAS COM UM FILM NA AUDITÓRIO.



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 44 - Poema dos desejos A8A 11 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] **A8A 12**
Idade: 14
Turma: A8A

O QUE VOCÊ GOSTA NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO?

GOSTO DO RECREIO DA PISCINA E DA AULA DE PORTUGUÊS E DA MATEMÁTICA

O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 2 de 3

Figura N. 45 - Poema dos desejos A8A 12 - pergunta 1.
Fonte: AUTOR, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU

Nome: [REDACTED] **A8A 12**
Idade: 14
Turma: A8A

COMO VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO FOSSE?

EU GOSTARIA QUE AUMENTASSE O TEMPO DO RECREIO DA PISCINA E MATEMÁTICA QUE ALGUMAS O BANHEIRO MASQUILINHO
QUE TIVESSE PASSARILHO QUE TIVESSE FILA NA AULA QUE TIVESSE MUITOS BRINQUEDOS AGITADOS QUE NA PISCINA DESSE
QUO DE PASSARILHO



O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO:
Centros de Atenção Integral à Criança – CAICs
Página 3 de 3

Figura N. 46 - Poema dos desejos A8A 12 - pergunta 2.
Fonte: AUTOR, 2022.

APÊNDICE O – Transcrição dos poemas dos desejos

Turma:	A8B	Série:	8^a
Data da atividade:	08/04/2022	Duração:	90 minutos

Pesquisador: Oi gente, tudo bem com vocês? Eu sou o José, se lembram? Estudante que veio fazer uma atividade com vocês, aquela que vocês levaram pra casa um papel pros pais assinarem e vocês assinaram também. Pois então, a atividade vai ser feita hoje, agora na aula de Português. Eu vou entregar pra vocês duas perguntas, que vocês podem responder por escrito ou desenhado, do jeito que vocês preferirem. É: O que você gosta na escola Francisco Caruccio? Como você gostaria que a escola fosse? Aqui nesse pacotinho tem lápis e lápis de cor, daí vocês fiquem bem à vontade pra fazer do jeito que acharem melhor. Nós vamos ficar aqui durante dois períodos, daí podem fazer bem tranquilos. Antes de começarem coloquem o nome, a turma e a idade de vocês. Ninguém além de mim vai saber quem colocou o quê na atividade, o nome de vocês não vai aparecer em lugar nenhum, é só pra eu me organizar. A Professora vai ficar junto comigo aqui, daí qualquer dúvida é só chamar.

Professora: Pessoal, quem não trouxe a autorização dos pais hoje, pode trazer na semana que vem, não tem problema, mas tragam. É muito importante pro trabalho.

Depois que os alunos se acalmaram e começaram a fazer a atividade, iniciou-se uma conversa com cada um deles pedindo algum tipo de explicação sobre aquilo que estava sendo realizado.

Pesquisador: Oi A8B 8, e aí?

A8B 8: Oi. Tô fazendo. Aqui na frente vou desenhar aquela parte ali, que é aonde a gente fica conversando, mas depois eu não sei se vou fazer desenho.

Pesquisador: ah, beleza, já identifiquei o que é.

A8B 8: Eu gosto dali e do ginásio também, que é onde a gente faz várias atividades, vôlei, futebol, queimada... É bonita essa parte daqui, que dá pra ver da janela. Na verdade, a escola toda é bonita, mas ali eu gosto mais porque fico com meus amigos.

Pesquisador: É isso aí.

Pesquisador: Oi, A8B 10, tudo bem? Como está sendo aí?

A8B 10: Tá bem, eu tô fazendo um desenho.

Pesquisador: Posso ver? Ah, é o ginásio! Tá se dando! Por que tu gosta do ginásio?

A8B 10: Na verdade eu gosto muito de lá, mas ao mesmo tempo é o que eu acho que poderia melhorar. Tem bastante coisa quebrada, não tem luz e precisa

pintar. É muito bonito e lá a gente faz atividades muito legais com os amigos, na educação física. Mas precisa de reformas.

Pesquisador: Entendi...

A8B 10: Mas vou colocar isso depois.

Pesquisador: Tá bem, pode ser.

Pesquisador: E você, **A8B 3**? Está desenhando o ginásio também?

A8B 3: É.

Pesquisador: Por quê? Me conta um pouquinho.

A8B 3: Porque é lá que a gente brinca e faz coisas diferentes.

Pesquisador: Mas eu tô vendo que tu escreveu uma coisa também... o que é?

A8B 3: Que eu gosto dos professores e do ginásio. Isso. Que eu gosto dessas coisas diferentes que a gente faz.

Pesquisador: Dos professores também?

A8B 3: Sim, porque eles são legais e atenciosos. E dá pra aprender bastante coisa no colégio.

Pesquisador: Ah, e tu já colocou alguma coisa no “como tu gostaria que a escola fosse”?

A8B 3: Já. Que a gente tivesse mais tempo pro recreio. É bem curto, não dá pra descansar e conversar, merendar direito, tem que fazer correndo. E ainda tem que dar tempo de ir no banheiro, a gente podia ter mais tempo. Podia melhorar alguns professores também, porque uns são bons, mas tem uns que não ensinam muito bem e não têm paciência, aí podia mudar isso também. Mas isso eu não quis colocar. Por exemplo, matemática, eu não consigo entender direito e a professora também não tem paciência, mas isso eu achei melhor não colocar. Ah, eu também queria mais atividades diferentes no pátio, podia ser leituras e passeios. Eu ia gostar de ter mais passeios, que nem a gente já teve.

Pesquisador: E onde vocês passearam?

A8B 3: No centro, na Baronesa...

Pesquisador: E por que tu acha que não tem mais?

A8B 3: Não sei, por causa da pandemia eu acho.

Pesquisador: Entendi. A gente ainda tem mais um tempinho, se tu quiser completar com mais coisa pode ficar à vontade.

Pesquisador: Oi **A8B 9**, tudo bem? Eaí?

A8B 9: Tô fazendo.

Pesquisador: E como tá? Posso dar uma olhada?

A8B 9: Eu comecei pela parte de trás de pois vou pra frente, porque eu já sei do que eu gosto, que é da quadra e da biblioteca. Que é onde a gente pode fazer outras atividades

Pesquisador: E o que tu mudaria na escola? Posso dar uma olhada?

A8B 9: Pode. Eu queria umas melhorias, tipo cadeiras melhores. A gente fica muito tempo sentado.

Pesquisador: Entendi..., mas não tem mais nada que tu gostaria de colocar? A gente ainda tem tempo, se tu quiser colocar mais alguma coisa, fica à vontade.

Pesquisador: E aí **A8B 8!**?

A8B 8: A primeira parte terminei. Agora to fazendo como que eu queria.

Pesquisador: E aí?

A8B 8: Ah... eu queria que a escola fosse mais tecnológica, mais moderna, que a gente tivesse computador e internet na sala. A gente não pode usar celular, mas aí ia poder ter computador pra todo mundo mexer na sala. Ia poder fazer trabalhos e pesquisas na internet. Fazia um jeito de organizar o celular dos alunos, pra não mexerem nem perderem, mas aí ia ter computador.

Pesquisador: Mas se ia ter computador com internet, por que não ia poder ter celular?

A8B 8: Porque eu já sei que a escola não deixa, aí já não ia poder também. O computador ia ser só pro conteúdo das aulas.

Pesquisador: Ah, entendi.

A8B 5: Eu acho que eu terminei.

Pesquisador: Vamos dar uma olhada?

A8B 5: Sim. Acho que tu não vai entender minha letra. Se tu quiser eu posso ler pra ti.

Pesquisador: Deixa eu ver. Ah, nem é tão complicado assim, o lápis ficou fraquinho, mas dá pra entender: “Os professores são muito entrosados entre os alunos. Gosto de ajudar os colegas e eles me pagam com doces e isso é um negócio muito lucrativo.” Como assim, eles te pagam?

A8B 5: Isso. Eu faço o tema pra eles ou quando eu dou alguma resposta eles me pagam. É uma troca. Mas é só com doce não tem dinheiro envolvido.

Pesquisador: E tu faz que tipo de tema? Em qual disciplina?

A8B 5: Ah, em várias... Matemática e português, por exemplo.

Pesquisador: E tu nunca colocou uma resposta errada pra eles se tirarem nota baixa?

A8B 5: Não, né. Se não eles não iam mais querer. Mas eu ajudo eles a aprenderem também. É bom pra todo mundo.

Pesquisador: E alguém mais sabe desse teu negócio?

A8B 5: Só esses meus três amigos aqui.

Pesquisador: Ah! Esse comércio tu faz só com eles...

A8B 5: Isso.

Pesquisador: Vou continuar lendo aqui e tu me diz se tá certo: “Além de aprender várias coisas pro resto da vida e utilizar em diversas situações diferentes”.

A8B 5: Sim, porque eu estudo pra não fazer nada errado.

Pesquisador: Viu, precisei da tua ajuda mas consegui entender tudo. Vamos ver o outro lado. “Tivesse celular liberado na sala, já que é muito útil em várias situações e várias vezes não temos nada pra fazer. Queria, pelo menos, poder escutar música com fones com a permissão dos professores.” Que tipo de música tu ia escutar?

A8B 5: As 54 músicas que eu tenho no meu celular, que é rap, que eu gosto.

Pesquisador: Legal. “Também seria legal ter uma internet melhor e disponibilizada para os alunos, além de disponibilizarem a sala de informática com o conserto dos computadores, melhorar a sala de aula para ter mais conforto aos alunos e, também, liberar o campo.”

A8B 5: Isso. Porque a informática nem sempre a gente pode ir porque os computadores não estão funcionando e o campo tá sempre fechado. Há muito tempo o campo tá fechado e a gente fica sem poder ir lá.

Pesquisador: E tu sabe o porquê?

A8B 5: Não, acho que é por causa do mato e da limpeza, mas não tenho certeza.

Pesquisador: Viu como a gente conseguiu entender tudo? Se tu quiser completar com mais alguma coisa a gente ainda tem um tempinho.

A8B 6: Terminei!

Pesquisador: Ah! Legal! Tu fez o desenho da sala de informática...

A8B 6: Isso, vista de cima.

Pesquisador: a gente chama isso de planta baixa, muito legal. E é a parte que tu mais gosta da escola?

A8B 6: É, porque a gente não tá copiando e pode ficar conversando com os colegas e aprendendo coisas novas e dá pra jogar também. Na vida a gente usa internet pra tudo, aí aqui no colégio não pode, só na informática.

Pesquisador: Interessante! E o que tu mudaria na escola?

A8B 6: Que tivesse internet e celular liberado pra todo mundo. Que a gente não precisasse usar máscara também.

Pesquisador: Ah, mas a máscara a gente consegue entender e é só por um tempo, logo a gente já pode tirar de novo. Vi que tu escreveu uma coisinha na página de apresentação. O que é?

A8B 6: Eu não tinha visto que não era pra escrever ali. Depois eu vi e mudei de lugar. Que eu gosto dos colegas e queria que a escola fosse mais liberal.

Pesquisador: Como assim mais liberal?

A8B 6: Que a gente pudesse ficar com o celular e que pudesse vir com a roupa que a gente quisesse.

Pesquisador: Vocês não podem vir com qualquer roupa?

A8B 6: Não! Não pode vir com calça rasgada nem com roupa curta.

Pesquisador: Ah mas isso eu também consigo entender, a gente tá na escola, é esperado que não se possa vir com roupas muito curtas...

A8B 6: Mas não é só roupa curta, é qualquer roupa. Longa eles também não deixam. Rasgada no joelho também não. Mas os meninos podem tudo, só as meninas que não. Esses dias pediram pra ela trocar de roupa porque tinha muitas caveiras e metais no vestido dela e era longo, só porque era de rock pesado.

Pesquisador: Ah entendi, não tem a ver com partes do corpo aparecendo e sim se é do agrado ou não...

A8B 6: É, bem isso aí!

Pesquisador: Oi, **A8B 2**. E aí? Como tá a atividade?

A8B 2: Tô quase acabando.

Pesquisador: Bem bonito! Me conta um pouquinho do que tu colocou aí...

A8B 2: Coloquei a educação física e o recreio porque é quando eu posso ficar com meus amigos e conversar sobre coisas diferentes.

Pesquisador: E o que vocês fazem na educação física?

A8B 2: A gente brinca, joga queimada, corre...

Pesquisador: E os passeios?

A8B 2: O colégio já nos levou em um monte de lugar, mas não teve mais.

Pesquisador: E onde vocês foram?

A8B 2: No cinema, em museus, no centro...

Pesquisador: E tu gostou?

A8B 2: Sim, porque dá pra conhecer coisas diferentes.

Pesquisador: E na segunda parte, na parte de trás?

A8B 2: Ali eu ainda não terminei.

Pesquisador: Não tem problema, a gente ainda tem tempo.

A8B 2: Assim que eu acabar de pintar eu faço.

Pesquisador: Beleza...

Pesquisador: E aí **A8B 9**? Bah, tá ficando massa esse desenho!

A8B 9: Que bom, eu já tô terminando...

Pesquisador: Posso ver?

A8B 9: Sim, é a biblioteca. Eu gosto muito, mas a gente não pode ir lá.

Pesquisador: Por quê?

A8B 9: Não sei, mas não é mais liberado, antes podia.

Pesquisador: Não será por causa da pandemia?

A8B 9: Pode ser, mas daí eu ia querer mais acesso à biblioteca e mais tempo de leituras. Aqui atrás eu também coloquei mais coisas. Que tivesse menos bagunça nos banheiros e que o campo fosse liberado pro alunos.

Pesquisador: Entendi... Mas tu escreveu mais coisa aí também...

A8B 9: Sim. Que podia ter um dia que a gente escolhesse algum filme pra assistir com os colegas, daí depois a gente podia fazer um trabalho, alguma coisa assim...

Pesquisador: Ah... Entendi. Teu desenho tá ficando muito legal!

Pesquisador: E tu **A8B 4**? O que tu colocou? Vamos dar uma olhada?

A8B 4: Que eu também gosto dos meus amigos...

Pesquisador: E essa menina desenhada, tipo mangá? Ficou massa! O que ela tá dizendo?

A8B 4: Eu não sabia direito o que colocar aqui, mas atrás eu já terminei.

Pesquisador: Tá ficando bem legal, mas tá bem, vamos ver atrás.

A8B 4: Queria que tivesse mais leituras e biblioteca acessível pros alunos, além da merenda melhor.

Pesquisador: Sim, que vocês já tavam conversando...

A8B 4: É, podia ter mais variedade de comida e de bebida também, porque às vezes não tem nada pra beber junto com a comida.

Pesquisador: Entendi...

Pesquisador: Oi **A8B 10**, escreveu mais coisa?

A8B 10: Só aquilo que eu já tinha dito.

Pesquisador: Ah, tá bem, tá legal.

A8B 10: Ainda tô pintando.

Pesquisador: Sem problemas.

Pesquisador: E aí, **A8B 8**, colocou mais coisa?

A8B 8: Sim. Da tecnologia.

Pesquisador: E de resto não ia mudar mais nada?

A8B 8: Tu diz no colégio? Não. O colégio é bom.

Pesquisador: Nada, nada? Nos banheiros, na merenda?

A8B 8: Não. É tudo bom.

Pesquisador: Os banheiros não tão quebrados e coisa assim?

A8B 8: Às vezes tão, mas são os alunos mesmo que quebram. Se eles não quebrassem iam tá bom.

Alguma aluna: Mas nunca tem papel higiênico também.

A8B 8: Porque fazem gracinha nos banheiros, aí o diretor tira o papel pra ter que pedir pra monitora e aí eles sabem quem tá indo no banheiro. É pra cuidar mesmo, não é porque não tem.

Pesquisador: E aí **A8B 6**, terminou o desenho? Ficou bem legal!

A8B 6: Terminei, fiz aqui um quadro e escrevi umas coisas dentro.

Pesquisador: Que aulas que tu gosta?

A8B 6: De geografia, português, informática, educação física e artes.

Pesquisador: Um monte, quase todas!

A8B 6: Gosto de história também, só não gosto de matemática, mas a **A8B 7** gosta, ela é a número 2 em matemática, perde só pra professora.

Pesquisador: E tu, **A8B 7**?

A8B 7: Eu gosto das aulas também... Não sei... Tô com um pouco de vergonha.

Pesquisador: Não tem problema... qualquer coisa me avisa, tá bem?

A8B 8: Aqui, José, terminei.

Pesquisador: Que bom. Colocasse mais uma coisinha aí?

A8B 8: Sim, mas não é bem no colégio.

Pesquisador: Não tem problema.

A8B 8: É que tivesse tipo bolsa pra esportes e incentivo pra coisas assim, tipo pra música também, vôlei e tal.

Pesquisador: Entendi! Tipo atividades fora da sala de aula...

A8B 8: É que melhorassem algumas habilidades...

Pesquisador: Sim... Muito interessante!

A8B 11: Eu tô terminando.

Pesquisador: Massa, escrevesse bastante coisa! Por isso tu tava bem quietinho, bem concentrado?

A8B 11: É, eu sou um pouco mais quieto mesmo.

Pesquisador: Mas não tem problema nenhum nisso, eu também gosto de ficar no meu canto.

A8B 11: É, aí eu consegui fazer a tarefa. Ta aqui, ó.

Pesquisador: Muito obrigado, **A8B 11**. Vai ser bem importante pro trabalho. Obrigado por participar.

Pesquisador: Pessoal, nosso tempo acabou. Quem terminou pode levantar o trabalho que eu vou recolher. Ou entrega pro **A8B 8** que ele vai me ajudar a recolher. Queria agradecer todo mundo por ter participado do trabalho. Foi muito importante. Obrigado!

Turma:	A8A	Série:	8^a
Data da atividade:	08/04/2022	Duração:	100 minutos

Pesquisador: Oi pessoal, lembram de mim? Eu sou o José, estudante de mestrado, que está pesquisando sobre a Escola Francisco Caruccio. Eu estive aqui há alguns dias convidando pra participar de uma atividade de expressão dos pensamentos de vocês em relação à escola. Aquela em que vocês levaram pra casa um pedido de autorização pros pais. Hoje é o dia da atividade. Eu vou entregar um papel pra vocês e nele tem duas perguntas que vocês podem responder da maneira que quiserem, seja com um desenho ou de maneira escrita. Aqui ó, “O que você gosta na escola Francisco Caruccio? Como você gostaria que a escola fosse?” Não tem limite de palavras ou de desenhos, vocês estão livres pra se expressarem da maneira que vocês acharem melhor. A atividade vai ter o tempo de dois períodos. Eu e a Professora vamos ficar circulando pela sala para tirar qualquer dúvida. Se vocês quiserem juntar mesas, sentar em duplas, fiquem à vontade. Peço que antes de começarem coloque o nome de vocês e a turma, pra depois eu conseguir identificar os trabalhos. Mas não se preocupem, ninguém, além de mim, vai ver o trabalho com identificação. O nome de vocês não vai ser divulgado em momento nenhum.

Professora: Pessoal, esperem todo mundo receber o trabalho pra começarem.

Pesquisador: Se vocês quiserem podem mudar a posição das mesas, se sentarem em duplas e coisa assim. Podem ficar à vontade pra conversar também. Isso não é uma avaliação do tipo prova. Fiquem à vontade.

Algum aluno: Posso colocar qualquer coisa?

Pesquisador: Pode!

Algum aluno: Pode colocar celular?

Pesquisador: Vocês podem dizer o que vocês quiserem. Esse trabalho vai ajudar a orientar quais são os pedidos dos alunos pra melhorarem a escola. Não significa que eles serão atendidos, mas ajuda a entender muita coisa.

Alguma aluna: Professora, pode colocar qualquer coisa? Mesmo que não seja da sala de aula?

Professora: Pode, vocês podem desenhar também. Aquilo que vocês gostam na escola, pode ser brincadeiras, pode ser passeios. O José não vai ver como tá o português de vocês, nem se vocês desenharam bem, se tá bonito ou não. Podem ficar tranquilos e fazer o trabalho de forma sincera.

Muitos alunos tiveram dificuldade em começar a fazer a atividade, inclusive respondendo às perguntas na folha de apresentação, mesmo com a explicação da atividade sendo realizada na frente da turma, abrindo os papéis e mostrando os campos da atividade.

Algun aluno: Mas a única coisa que eu lembro que eu gosto na escola é a comida!

Pesquisador: Mas então vocês podem colocar isso, só vou pedir para que me expliquem o porquê disso ser a única coisa.

A8A 10: Eu gosto da educação física, pra ficar com meus amigos.

Algun aluno: Mas é obrigatório? Tem que escrever ou desenhar?

Pesquisador: Gente, o trabalho não é obrigatório, mas é muito importante que vocês participem. Já pensou que vocês podem mudar qualquer coisa na escola? O momento de participar disso é agora. Eu não garanto que nada vai ser modificado, mas é uma forma de participar das escolhas, de apontar o que funciona e não funciona. Ninguém vai ver os nomes de vocês. Só eu. Pode desenhar ou escrever. Vocês escolhem.

Alguma aluna: Então tem que aumentar a hora do recreio, podia ser uma meia horinha, pra gente poder comer em paz.

Algun aluno: Daí nós ia sair do colégio depois do meio-dia!

Professora: Pessoal, pessoal, o objetivo do trabalho é exatamente esse, então participem, explorem isso, coloquem o pensamento de vocês no papel.

Alguma aluna: Mas se a gente colocar isso, vão dizer que a gente passa fome!

Professora: Mas isso não é sobre o que as outras pessoas vão dizer, nem sobre passar fome ou não, é sobre a importância da escola, até mesmo pra quem passa fome! Não deixem de colocar nada porque vocês acham que os outros vão dizer alguma coisa. Só quem vai saber quem disse o quê é o José. Nem eu vou ver.

Algun aluno: Mas nós vamos ganhar?

Professora: A gente nunca sabe... Mas a gente tem que saber o que acontece na realidade! Não precisa ser só sobre comida, pode ser sobre qualquer outra coisa. Pensem o que vocês querem pra escola!

Professora: José, pode ter ficado parecendo que eles não ganham merenda direito, mas não é bem assim. Eles têm merenda com refeição. Pelo menos três vezes na semana e nos outros dias é lanche. Mas eu não quis desmentir...

Pesquisador: Sim, tô sabendo... mas é melhor. Um outro aluno tava me falando baixinho que não é bem assim mesmo, que a merenda é bem boa, só as vezes o tempo pra comer é curto. Mas que a comida é boa.

Algun aluno: Tem tempo pra escrever, ou pode ser devagarinho?

Pesquisador: Pode ser devagarinho, a gente tem os dois períodos da aula, a gente vai até o recreio e depois do recreio a gente continua.

Pesquisador: Oi **A8A 6**, tudo bem? Como está a atividade? Vi que tu escreveu bastante coisa pra mudar na escola, mas na primeira parte não escreveu nada. Tu não gosta de nada?

A8A 6: Eu não sei o que colocar, eu gosto de toda escola. Eu gosto do recreio e da merenda.

Pesquisador: Mas pode ser isso. Mas eu ia gostar que tu me explicasse o porquê.

A8A 6: Porque é a hora que eu fico com meus amigos. Que a gente pode conversar.

Pesquisador: Bacana, entendi.

Alguma aluna: Eu gosto do recreio porque a gente pode conversar e não precisa copiar.

Pesquisador: Oi **A8A 10**, e aí?

A8A 10: Já terminei! Coloquei recreio, educação física e passeios.

Pesquisador: Massa, mas por quê?

A8A 10: Recreio é porque... é bem pouco tempo, mas é o tempo que a gente fica com as pessoas que a gente gosta, com nossos amigos. A gente conversa e se diverte. Da educação física porque tem muita brincadeira que a profe faz com nós. Passeio tem um tempo que não tem, mas a gente já foi na Baronesa e até no Lobão. Mas faz tempo, já, foi antes do ano passado. Eu não gosto de desenhar, por isso fiz escrito. Mas aqui atrás sobrou espaço e posso fazer um desenho então, de como seria o campo de futebol, que eu lembrei depois.

Pesquisador: Não tem problema. Pode fazer. Tu lembrou do campo depois? Mas tu colocou mais coisa também.

A8A 10: Sim, pra ter mais tempo no recreio, que é muito rápido, é bem pouco tempo, daí pode aumentar mais. Que o celular podia ser liberado de novo, só no recreio podia ser. Queria mais liberdade com as roupas, porque agora, do nada, eles começaram a proibir algumas roupas das meninas. Não pode mais usar calça rasgada, vestido, se a blusa tiver barriga aparecendo, mas nem é muito. Curta não pode, mas às vezes nem é curta. E o campo eu lembrei depois, porque a gente não pode ir lá mais, pra jogar, tá com mato também.

Pesquisador: Ah, entendi! Mas se tu quiser continuar a atividade, pode continuar, a gente ainda tem tempo.

A8A 5: Eu não gosto de uma professora. Eu posso colocar o nome dela?

Professora: Pessoal, o trabalho é sério. Vocês podem colocar o que vocês quiserem, mas não façam bagunça.

A8A 5: Aquela que pisca bastante haha.

Professora: Então coloca que tu não gosta que te tratem de determinada forma e como tu gostaria de ser tratada.

A8A 5: Eu não gosto quando ela fala que não pode porque nas regras da escola não pode. Ela devia conversar e explicar porque não. Ou deixar a gente fazer.

Pesquisador: Vi que tu queria usar mais o celular?

A8A 5: Isso, aqui não pode usar, nem na hora do recreio.

Pesquisador: Mas por que não pode nem na hora do recreio?

A8A 5: Porque teve uma briga aqui na frente, que gravaram e botaram na internet, aí pra não gravarem mais eles proibiram o celular, mas foi fora do colégio, mas mesmo assim ficaram bravos. Aqui não pode celular, mas em outros colégios pode. Isso é só aqui.

Pesquisador: E o que tu ia fazer com o celular?

A8A 5: Usar pra ouvir músicas enquanto o professor não tá explicando, porque eles colocam a matéria no quadro, mas depois vão pro celular e a gente não pode. E podia usar a internet pra fazer trabalhos também. Ouvir música pra concentrar. Conversar com os colegas, até das outras salas. Pelo menos usar o celular no recreio, nem isso a gente pode.

Pesquisador: E os colegas todos tem celular?

A8A 5: Sim, aqui na sala todo mundo tem.

Pesquisador: Entendi, então se manifestem agora sobre isso, aproveitem a oportunidade. A participação de vocês é bem importante. Coloquem tudo que vocês gostam e tudo que vocês mudariam e como na escola. Isso é muito importante!

A8A 4: A gente que é adolescente usa celular muito, toda hora, é importante pra se comunicar. E todo mundo tem mesmo!

Pesquisador: E usam pra fazer o quê?

A8A 4: Tudo da vida. *Instagram, Whatsapp e Youtube*. Mas tem uns que usam pra jogar. Quando eu fico sem celular eu durmo, porque não se tem nada pra fazer.

Pesquisador: E você **A8A 6**? Como está a atividade?

A8A 6: Tá indo queres olhar?

Pesquisador: Deixa eu ver... Tu gosta do recreio, de matemática, de educação física, dos amigos e de comer. Legal. Por que escolhesse essas coisas?

A8A 6: Porque eu gosto de ficar com meus amigos e é no recreio e na educação física que a gente pode ficar juntos. A comida do colégio é boa, mas podia ter mais tempo de merenda. E matemática é a aula que eu mais gosto do colégio.

Pesquisador: E o que você mudaria? E essa escrita significa? Paz? Como assim?

A8A 6: Ah é que aqui é muito agitação, tem briga, às vezes. Tem confusão na hora de ir e voltar do recreio aí eu queria paz pra ter menos confusão, menos brigas. Podia ter na aula também momento de ver filme, a gente já teve isso. Ah e, também, voltar com os passeios, eu coloquei.

Pesquisador: Ah achei que a paz era por causa da violência fora da escola.

A8A 6: Mas pode ser também, aqui é um lugar violento às vezes também, mas agora tá menos.

Pesquisador: Entendi. A gente ainda tem tempo, se tu quiser continuar colocando mais coisas pode colocar, tá bem?

Pesquisador: E aí meu velho? Como tá?

A8A 12: Ah, eu não sei bem o que eu gosto, nem o que mudar. Tá tudo bom.

Pesquisador: Mas por que tá tudo bom? A escola tá boa? Não precisa mudar nada?

A8A 12: Podia ter mais recreio, pra gente descansar mais.

A8A 6: Tu tava falando do banheiro!

A8A 12: Ah... é que na verdade os banheiros são bagunçados, nunca tem papel, tem que ficar pedindo papel, nem pra secar a mão, tão sempre quebrados, o diretor fica reformando, mandando arrumar, mas sempre alguém vai lá e quebra.

A8A 6: O papel tem que pedir na secretaria, porque se não ficam fazendo sujeira nos banheiros.

A8A 12: E tem aluno que entra no banheiro, tranca a porta e sai por baixo pra ninguém conseguir usar, daí tem que arrombar e não dá pra fechar mais a porta depois. Se não arrombam a porta e tiver que passar por baixo é bem ruim, porque o chão é sujo né.

A8A 6: E a luz?

A8A 12: É. Tá sem luz no banheiro também, porque roubam, quebram... Aí o Diretor fica brabo e tem que mandar arrumar.

Pesquisador: E por que fazem isso?

A8A 12: Não sei... Acho que pra serem rebeldes. Eu não sei quem faz, mas não é ninguém da nossa turma e dos mais novos também acho que não.

Pesquisador: Entendi, mas isso é uma coisa que tu podes colocar na atividade. A gente tem tempo ainda.

Pesquisador: E você, **A8A 2**? Tudo bem?

A8A 2: Tudo, já terminei.

Pesquisador: Posso dar uma olhada?

A8A 2: Pode.

Pesquisador: Hum interessante. O que que tu gosta nos professores? Vi que tu gosta de educação física também. Recreio, merenda, computadores, ginásio, auditório e da sala de aula também? Por que que tu gosta dessas coisas todas?

A8A 2: Ah, porque são as coisas mais diferentes. Dos professores eu gosto daqueles que fazem coisas diferentes e explicam bem a matéria, é por isso que eu gosto da educação física porque tem coisas diferentes, tipo queimada. O ginásio e o auditório também têm atividades diferentes. No recreio eu consigo encontrar todos meus amigos, das outras salas.

Pesquisador: Bacana, e na segunda parte? O que tu colocou?

A8A 2: Eu queria ter aula de música.

Pesquisador: Bah, e tua ia gostar de aprender o quê?

A8A 2: Piano. A gente já teve há tempos aula de piano e não tem mais. Era bom. Ia ser diferente. Também queria poder usar o celular, pelo menos no recreio, que a gente não pode. Pra mandar mensagem só. E se tivesse mais aulas no computador aí a gente poderia mexer na internet na aula e poderia jogar também pra descansar. Queria mais tempo de recreio, mais tempo pra merenda.

Pesquisador: Entendi, bacana! A gente ainda tem um tempo, depois do recreio pra continuar, se tu quiser pode continuar pensando e depois escreve mais se quiser, o trabalho ainda não precisa ser entregue, tá bom?

A8A 2: Tá bem.

A8A 12: Eu vou colocar que eu tenho 100 anos aqui, tá bom? Porque eu sou muito velho.

Pesquisador: Pô, mas tu é tão velho assim? Quantos anos tu tem?

A8A 12: 14.

Pesquisador: Ah bom, nem é tanto assim.

Pesquisador: Oi **A8A 7**, tudo bem? E aí? Como tá o trabalho?

A8A 7: Tudo bem?

Pesquisador: Tudo! Me explica um pouquinho o porquê tu gosta dessas coisas?

A8A 7: Eu gosto bastante da escola, porque é onde a gente pode aprender muitas coisas. Daí com informática a gente pode ficar no mundo online, já consegue pesquisar pra fazer trabalhos na aula mesmo. Eu gosto do ginásio porque é onde a gente faz atividades diferentes, e consegue ficar com os amigos também. Eu estudo aqui desde o primeiro ano, daí gosto de tudo, os funcionários nos tratam bem e também gosto de poder merendar na escola e a merenda é boa.

Pesquisador: Que legal! E esse desenho, onde é?

A8A 7: Ah é que atrás eu não tinha mais espaço pra desenhar, mas é como eu gostaria do campo e da horta. Porque a gente não pode mais usar o campo e eu queria mexer mais na terra porque é bom. Até tinha horta, mas não tem mais por causa da covid, o colégio tava fechado e acho que ninguém ficou cuidando.

Pesquisador: Ah, entendi. Aqui é o campo com os alunos jogando futebol e ali cuidando das plantações. Legal! E o que mais tu colocou nessa segunda parte?

A8A 7: Ah, depois tu lê, mas que tivesse mais cuidado com o banheiro feminino e que a gente pudesse ser livre pra usar qualquer roupa. Mas também que tivesse mais tempo no recreio e que pudesse usar mais o ginásio e a biblioteca, que nem o campo e a horta, que a gente não usa mais. O ginásio só na educação física, daí podia ter mais tempo pra essas atividades diferentes.

Pesquisador: Muito bacana, a gente ainda tem um tempinho, não precisa entregar ainda. Tem o recreio e depois se tu quiser colocar mais alguma coisa pode colocar. Muito legal.

A8A 10: Se tu ficar bagunçando e não fazer o trabalho vão achar que tu não merece nada haha.

Pesquisador: **A8A 4**, e esse recreio gigante? O que significa?

A8A 4: Que é o que eu mais gosto na escola. Porque dá pra andar bastante conversando com os colegas das outras turmas. Eu tenho muito amigos aqui, então eu tenho que ficar circulando pra conseguir falar com todos eles. É quando dá pra tirar a máscara também. Eu já estudo aqui há tempos, desde o terceiro ano, estudava no Meneghetti antes, mas já fiz vários amigos aqui. Mas durante a pandemia eu me mudei de cidade, por causa dos meus pais, mas eles voltaram pra cá e eu voltei também.

A8A 10: Eu estudava no Pelotense e mudei pra cá faz pouco também.

Algum aluno: Se fossem comprar tudo que a gente quer a escola ia falir haha

Pesquisador: E aí **A8A 4**? Resolveu pintar o recreio gigante?

A8A 4: Sim. Porque eu gosto muito, porque é o momento que a gente sai da sala de aula e eu tenho horror a ficar parada na sala de aula.

Pesquisador: Ah... E o como tu mudaria a escola? Posso dar uma olhada?

A8A 4: Sim, já terminei antes.

Pesquisador: Não tem papel higiênico no banheiro?

A8A 4: Não, eles tiram, daí tem que pedir. Eles tiram pra não ficarem jogando e fazendo bagunça. Tem gente que faz bolinha com papel, molha e fica atirando, cola nas paredes e no teto e depois que seca fica lá, tem que ficar limpando depois, acho que é por causa disso. Mas é ruim ter que ir pedir, todo mundo fica sabendo que se quer ir no banheiro, aí a gente fica com vergonha de pedir.

Pesquisador: E não tem gente que fica cuidando dos banheiros? Tipo monitor...

A8A 4: Às vezes tem, às vezes não. Mas nem é em todo período que a gente pode ir ao banheiro, não é liberado toda hora, porque tem muita gente que vai pra matar aula.

Pesquisador: Entendi. E o campo e os bebedouros?

A8A 4: O campo não pode usar por causa do mato e da pandemia e os bebedouros só por causa da pandemia, aí eu queria que liberassem eles pra nós.

Pesquisador: Entendi. A gente ainda tem um tempinho, se tu lembrar de mais alguma coisa e quiser complementar, pode ficar à vontade.

Pesquisador: E aí **A8A 9**, tudo bem? Como tá sendo a atividade?

A8A 9: Tudo bem. Já tô quase acabando. Tô pintando.

Pesquisador: Me conta um pouquinho, então, do que tu fez.

A8A 9: Ah... Coloquei o que eu gosto. Que é da merenda, porque é importante a gente se alimentar, da educação física e do recreio, que é quando a gente sai da aula e faz atividade e fica junto com os amigos e dos passeios.

Pesquisador: E tem pizza na merenda? Tá pettosa essa pizza, chegando perto da hora do almoço.

A8A 9: Já teve, em datas comemorativas da escola, cachorro quente e pipoca também.

Pesquisador: E os passeios?

A8A 9: ah... faz tempo, mas a gente já foi no Lobão e foi tri bom. É bom porque aí a gente passeia em lugares diferentes, se diverte também. Mas foi antes da Pandemia.

Pesquisador: Ah sim, e na segunda parte, tu já colocou alguma coisa?

A8A 9: Sim, que faria melhorias pra sala de aula, pra gente ter uma tv grande e não precisar copiar no quadro, colocaria mesas maiores e aí ia poder sentar em dupla e aumentaria o tempo do recreio e da merenda que a gente ia poder merendar com mais calma.

Pesquisador: Bacana, entendi.

A8A 1: Oi, já terminei. Queres olhar?

Pesquisador: Que bom, quero sim. Vamos ali na tua mesa e vamos conversar. Me conta um pouco do que tu achou da atividade e como tu fez.

A8A 1: Achei bom, porque a gente pode dizer como a gente queria a escola, mas não sei se vai mudar alguma coisa. Fiz assim. Eu queria uma escola mais segura, porque teve várias brigas por esses ias e isso não passa segurança. Não tem guarda toda hora na escola, ninguém gosta de briga e nem quer ter

que ficar separando briga, daí se tivesse mais guarda na escola talvez não tivesse mais e protegesse mais as pessoas. Depois do recreio é sempre uma bagunça, todo mundo entrando na sala de todo mundo. É confusão! Na quarta-feira passada foi horrível, foi pior. Muita barulheira também. Eu queria pedir mais aulas de informática e mais tecnologias pros alunos, tipo internet nas aulas pra ajudar a se conectar. Queria aula de música, que aí a gente já ia aprender umas coisas diferentes e não só o conteúdo do colégio normal, tipo português e matemática. Podia usar o auditório pra isso. Ano passado teve aula de música, tinha piano e violão. Mas agora não tem mais, podia voltar a ter. Queria que arrumassem o campinho de futebol, olha lá oh, lá no fundo, tá vendo? Lá é o campo, é bem grande, mas a gente não pode usar por causa do matagal que tá. Outra coisa, podia ter uma sala pra cada matéria e também uma sala de lazer e descanso, com leituras e filmes pra gente assistir, e isso podia ser fora do horário da aula, ou durante o recreio, mas que a gente pudesse ficar lendo e conversando com os amigos. Foi isso, mais ou menos, que eu coloquei.

Pesquisador: Que bacana, bem interessante. E na primeira parte, como foi?

A8A 1: Foi tranquilo também, tem um pouco a ver com o que eu queria melhorar, porque são as coisas que eu mais gosto, da educação física, das aulas de português e ciências, porque os professores são legais, da informática. Porque é quando dá pra conversar e ficar com os amigos também.

A8A 10: Fiz o desenho do campinho, mas lembra que ele não é assim agora, é como eu queria. É o pátio podia ser assim, que nem no desenho. O pátio, às vezes, não é bonito. Porque as traves que tem já tão quebradas também. Aí assim elas podiam ser reformadas. E aí se tudo tivesse bonito, a gente podia ir pro lado de lá do colégio, onde tinha plantação, que agora não tem mais e não pode mais ir.

Pesquisador: Mas tem no ginásio?

A8A 10: Tem, mas só pode usar na educação física, depois não pode mais, nem no recreio, pra não ter bagunça.

Pesquisador: Ah, tá, entendi...

Pesquisador: Oi, **A8A 3**, tudo bem?

A8A 3: Tudo.

Pesquisador: Como está sendo fazer o trabalho?

A8A 3: Tá bom, mas eu ainda não terminei.

Pesquisador: Tudo bem. Podemos conversar um pouquinho? O que tu achou?

A8A 3: Ah... eu coloquei umas coisas, mas eu fico com um pouco de vergonha, se tu puder ler depois...

Pesquisador: Tudo bem, sem problemas, fica tranquila.

Pesquisador: Pessoal, nosso tempo tá terminando. Peço que não esqueçam de se identificar na atividade, com nome, idade e turma. Queria agradecer o empenho de todo mundo na atividade. Isso é muito importante pra a gente entender o que é bom e o que precisa melhorar no ambiente da escola. Obrigado! Quem terminou pode levantar o trabalho que eu vou recolher.

APÊNDICE P – Categorias temáticas de análise dos poemas dos desejos

Tabela P. 1 - Categorias temáticas dos poemas dos desejos

O que gosta na EMEF Francisco Caruccio?		
Categoria temática	Unidade de registro	Frequência
Pessoas	Professores	13
Pessoas	Amigos/colegas	6
Pessoas	Funcionários	2
Atividade	Merenda	12
Atividade	Educação física	12
Atividade	Recreio	10
Atividade	Ensino/aprendizado	8
Atividade	Passeios	4
Atividade	Jogos	1
Atividade	Aulas em dupla	1
Ambiente	Informática	8
Ambiente	Ginásio	7
Ambiente	Biblioteca	3
Ambiente	Anfiteatro "Roda"	2
Ambiente	Tamanho do colégio	1
Ambiente	Auditório	1
Ambiente	Sala de aula	1

Fonte: AUTOR, 2022.

Tabela P. 2 – Categorias temáticas dos poemas dos desejos

Como gostaria que a EMEF Francisco Caruccio fosse?		
Categoria temática	Unidade de registro	Frequência
Atividades	Ficar mais tempo no recreio	16
Atividades	Assistir mais aulas de educação física	10
Atividades	Assistir aulas diferentes (música, canto, dança, esportes)	7
Atividades	Fazer mais passeios	7
Atividades	Assistir mais aulas de informática	5
Atividades	Assistir mais filmes (no auditório)	5
Atividades	Usar mais a biblioteca/leitura	4
Atividades	Assistir mais aulas no pátio	3
Atividades	Ter gincanas e competições entre turmas	3
Atividades	Ter mais tempo para merenda	3
Atividades	Assistir mais aulas de artes	2
Atividades	Assistir mais aulas de inglês	1
Atividades	Assistir cursos e fazer testes de habilidades	1
Atividades	Participar de feira de ciências	1
Atividades	Assistir mais aulas	1
Atividades	Fazer mais de uma refeição na escola	1
Gestão	Liberar o uso do celular na escola	13
Gestão	Liberar o acesso à internet na escola	8
Gestão	Liberar o acesso ao campo de futebol em turno inverso	8
Gestão	Melhorar a merenda (mais variedade de comida e bebida)	6
Gestão	Ser mais liberal com o uso de roupas e comportamentos	4
Gestão	Promover mais segurança dentro da escola	4
Gestão	Liberar o acesso ao ginásio em turno inverso	2
Gestão	Obrigar o uso de uniforme	1
Gestão	Promover mais ordem nos alunos e ambiente	1
Gestão	Promover bolsas financeiras para atividades extracurriculares	1
Gestão	Promover segurança fora da escola	1
Pessoas	Mudar algum(a) professor(a)	4
Pessoas	Mudar a equipe diretiva da escola	3
Pessoas	Ter mais respeito pelas pessoas	2

Continuação Tabela P. 3 – Categorias temáticas dos poemas dos desejos

Como gostaria que a EMEF Francisco Caruccio fosse?		
Categoria temática	Unidade de registro	Frequência
Ambiente	Promover banheiros mais organizados e com livre acesso	5
Ambiente	Promover mais conforto nas salas de aula	4
Ambiente	Ter uma horta e ter mais arborização na escola	3
Ambiente	Refomar a escola	2
Ambiente	Promover salas temáticas por disciplina	2
Ambiente	Disponibilizar classes em duplas	1
Ambiente	Disponibilizar uma sala de descanso e lazer	1
Ambiente	Reformar o ginásio	1
Equipamentos e utensílios	Promover ambientes mais tecnológicos e informatizados	3
Equipamentos e utensílios	Prover presentes em datas comemorativas	2
Equipamentos e utensílios	Prover absorvente nos banheiros femininos	1
Equipamentos e utensílios	Promover manutenção em equipamentos	1
Equipamentos e utensílios	Disponibilizar quaro de giz	1
Pandemia de Covid-19	Liberar o uso dos bebedouros	1
Pandemia de Covid-19	Não precisar usar máscara	1

Fonte: AUTOR, 2022.

ANEXOS

ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP - Plataforma Brasil

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança - CAICs

Pesquisador: José Henrique Carlucio Cordeiro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53635621.6.0000.5317

Instituição Proponente: Prograu - Programa de pós graduação em arquitetura e urbanismo da

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.192.846

Apresentação do Projeto:

Desenho:

Ao longo de todo século XX, mas principalmente a partir de sua metade, a demanda por prédios escolares foi atendida através da padronização de seus projetos e da racionalização de sua construção. O projeto padrão consiste na repetição do programa de necessidades de uma edificação e na reprodução de seu projeto arquitetônico em diferentes localidades. Tendo em vista que o ambiente construído provoca estímulos no usuário e que esse por sua vez manifesta sensações e comportamentos atribuídos a esses estímulos, observa-se que essa interação dinâmica pessoa-ambiente faz a transformação do espaço em lugar. O primeiro remete a um ambiente neutro, mera localização espacial e geográfica, enquanto o segundo se refere às interpretações do espaço pelos seus usuários. Portanto, as instituições escolares materializam a escola como lugar. As relações pessoa ambiente são parte das formações identitárias do indivíduo, e a inserção de novos símbolos e significados, colocados a partir de um projeto padrão de arquitetura escolar, causa uma ruptura na identidade dos sujeitos que ali vivem. Entendendo que o projeto padrão na arquitetura escolar traz economia aos agentes públicos e que é improvável que haja interrupção em sua prática, este trabalho tem o objetivo de propor um conjunto de recomendações para materializar as características que remetam ao senso de lugar em projetos escolares de arquitetura padrão, de forma que, através da representatividade cultural, seja possível

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03

Bairro: Fragata

CEP: 96.030-001

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3310-1801

Fax: (53)3221-3554

E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

evocar sentimentos de apego e pertencimento ao invés de provocar o surgimento de uma identidade superficial, temporária e frágil. A pesquisa tem caráter qualitativo e fenomenológico e busca atingir seu objetivo, além de pesquisas documentais e bibliográficas, através dos métodos da psicologia ambiental que estudem a percepção do usuário - observações, entrevistas e grupos focais - aplicados em um estudo de caso no edifício do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente na cidade de Pelotas/RS. Essa pesquisa visa um resultado que poderá melhorar os projetos de arquitetura para instituições de ensino.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme o pesquisador responsável:

Objetivo Primário:

Apesar de seus pontos negativos, a prática do projeto padrão para instituições de ensino não é inteiramente condenável, visto a agilidade construtiva e a economia que proporciona. Por causa disso, acredita-se improvável a interrupção deste tipo de prática projetual. Logo, tem-se como objetivo propor um conjunto de recomendações para materializar no projeto padrão de arquitetura escolar características que remetam ao senso de lugar, de forma que seja possível evocar sentimentos de apego e pertencimento ao invés de provocar o surgimento de uma identidade superficial, temporária e frágil em seus usuários.

Os objetivos específicos são:

- (i) Identificar o contexto histórico e os modelos das escolas de projeto padrão no Brasil, construídos até o final do século XX;
- (ii) Analisar a construção do sentido de lugar a partir da arquitetura escolar padronizada;
- (iii) Avaliar como a arquitetura escolar de projeto padrão é percebida por seus usuários;
- (iv) Identificar as características do espaço escolar que provoquem sentimentos de apego e pertencimento às pessoas que o utilizam;
- (v) Analisar como modificações e intervenções no espaço escolar de projeto padrão podem representar a apropriação do ambiente pelos usuários e
- (vi) Relacionar um conjunto de recomendações que materializem as características do lugar em projetos padrão de arquitetura escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme o pesquisador responsável:

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

Riscos:

A pesquisa está relacionada à percepção das pessoas sobre o espaço habitado, logo é um risco a pessoa perceber que esse espaço pode ter problemas e ficar triste e/ou decepcionada com isso. Da mesma forma, por tratar de uma pesquisa qualitativa que envolve entrevistas semiestruturadas e grupos focais o participante pode ficar ansioso com sua participação. Entretanto, como é apresentado no termo de consentimento, é garantido o anonimato do participante e a qualquer momento ele pode desistir da participação na pesquisa. Os contatos dos pesquisadores são informados no termo de consentimento e qualquer dúvida relacionada à pesquisa pode ser encaminhada.

Benefícios:

Essa pesquisa visa um resultado que poderá melhorar os projetos de arquitetura para instituições de ensino.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências:

1) Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido devem ser assinados pelos participantes após apreciação e aprovação do CEP;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: : Estão sendo encaminhados novos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, tanto para os participantes das entrevistas semiestruturadas quanto para os responsáveis das crianças participantes dos poemas dos desejos. Do mesmo modo, está sendo encaminhado também novo Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para as crianças que participarão do método poema dos desejos;

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03			
Bairro: Fragata	Município: PELOTAS	CEP: 96.030-001	
UF: RS			
Telefone: (53)3310-1801	Fax: (53)3221-3554	E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br	

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

2) Anexar à Plataforma Brasil a carta de anuência da instituição envolvida;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Estão sendo anexadas as cartas de anuência das duas instituições de ensino envolvidas na pesquisa;

3) Riscos: descrever de que forma os riscos serão minimizados, caso ocorram;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Conforme retificado no escopo da pesquisa na Plataforma Brasil, para minimizar os riscos da pesquisa, devido às características dos métodos adotados, haverá diálogo e esclarecimentos quanto ao estudo realizado. Ainda assim, como é exposto nos esclarecimentos que serão apresentados no termo de consentimento, é garantido o anonimato dos participantes e a qualquer momento eles podem desistir da participação na pesquisa. Os contatos dos pesquisadores serão informados aos participantes e estão presentes no termo de consentimento e qualquer dúvida relacionada à pesquisa pode ser encaminhada que será respondida. Será garantido aos participantes da pesquisa o acesso aos resultados do estudo. Caso os riscos relacionados à pesquisa ocorram aos participantes eles serão reportados ao CEP e o estudo será reavaliado para sua readequação ou suspensão, se for o caso. O possível desconforto da aplicação das entrevistas será diminuído escolhendo-se locais do cotidiano do participante, reservado e com adequada privacidade. Quanto aos poemas dos desejos eles serão aplicados como atividade de sala de aula, junto com professora responsável pela turma participante do estudo;

4) Benefícios: descrever os benefícios diretos aos participantes do estudo;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Conforme retificado no escopo da pesquisa na Plataforma Brasil, os participantes das entrevistas terão como benefício direto a possibilidade de gerar esclarecimentos e entender melhor o lugar em que vivem. As crianças que participarem dos poemas de desejos terão a oportunidade de fazer uma atividade lúdica que trata da escola em que estudam, com possibilidade de melhor reconhecimento do lugar;

5) O pesquisador refere que "Foram realizadas seis visitas para a observação nas seguintes datas: 09/04/2019; 03/07/2019; 20/11/2019; 21/11/2019; 31/07/2020; 13/08/2020." Entretanto, a coleta de dados deverá ser realizada após a aprovação do CEP. Rever;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Conforme apontado no parecer, a aplicação dos métodos será revista e foi retirada do projeto de pesquisa;

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03			
Bairro: Fragata		CEP: 96.030-001	
UF: RS	Município: PELOTAS		
Telefone: (53)3310-1801	Fax: (53)3221-3554	E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br	

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

6) O pesquisador refere que as entrevistas já foram realizadas: "A primeira, dia 21/11/2019, foi desenvolvida com um funcionário EMEF Francisco Caruccio e a segunda, dia 26/11/2019, com uma funcionária da EMEI Herbert José de Souza." A coleta de dados deve se dar após aprovação do CEP. Rever;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Conforme apontado no parecer, a aplicação dos métodos será revista e foi retirada do projeto de pesquisa;

7) Descrever como será realizado o recrutamento e convite aos participantes do estudo;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Nesta pesquisa, os métodos serão direcionados a três categorias de pessoas que de algum modo participam do cotidiano da edificação: funcionários, alunos e comunidade em geral. Assim, os participantes serão escolhidos de acordo com suas atividades nas escolas estudadas e na comunidade em que o prédio do CAIC está localizado. Para as entrevistas serão convidados a participar dois funcionários com cargos hierarquicamente distintos da EMEI Herbert de Souza, dois funcionários com cargos hierarquicamente distintos da EMEF Francisco Caruccio, dois moradores da localidade que têm presença ativa na comunidade escolar e são pais ou mães de ex-alunos. Para o método do poema dos desejos será convidada uma turma de alunos da EMEF Francisco Caruccio, do 8º ano do ensino fundamental, com aproximadamente 15 crianças de idade entre 13 e 16 anos. Em todos os métodos, antes da realização das atividades, os participantes serão esclarecidos sobre a pesquisa e convidados a participar, com liberdade para recusarem o convite. Sobre o poema dos desejos em específico, pelos participantes serem crianças, será solicitada autorização prévia e consentimento dos pais dos alunos, o assentimento dos próprios alunos e da instituição de ensino. Já foram realizadas conversas com a direção de ambas as escolas para se verificar a possibilidade da realização do estudo. Os convites para a participação dos métodos serão realizados de forma presencial a partir de termo por escrito com explicação sobre a pesquisa e sobre os métodos utilizados. Serão realizados pelo menos dois encontros antes da aplicação dos métodos para a criação de relação de confiança com o pesquisador. Será esclarecido o anonimato do participante, tanto verbalmente como em termo por escrito;

8) Descrever de que forma se dará o processo de consentimento livre e esclarecido;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: O processo de consentimento livre e esclarecido ocorrerá depois da escolha dos participantes do estudo, assim que eles manifestem interesse e sua anuência na participação da pesquisa. Esse processo consistirá no diálogo e intercomunicação

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.192.846

entre o pesquisador e o participante para esclarecimento e explicações sobre a pesquisa, de forma a possibilitar a manifestação do participante para quaisquer dúvidas relacionadas ao trabalho, de maneira autônoma, consciente, livre e esclarecida. Para os participantes das entrevistas, por serem com funcionários e pessoas da comunidade local, o processo de consentimento livre e esclarecido ocorrerá nas

escolas objetos de estudo, ou nas suas redondezas, em momento que não atrapalhe as atividades dos possíveis participantes; será explicado que o trabalho busca analisar a percepção das pessoas sobre a escola; será apresentado os objetivos, os riscos e os benefícios do trabalho; esse processo ocorrerá em diferentes momentos, de forma a criar-se tempo para o participante decidir sobre sua participação na pesquisa, possibilitando tempo para reflexão e decisão e ao final do processo será apresentado ao convidado para participar da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que seja lido e compreendido, antes da concessão do seu consentimento livre e esclarecido. Para os participantes do poema dos desejos, por serem alunos de uma das escolas analisadas, o processo de consentimento livre e esclarecido ocorrerá na sala de aula na presença da professora responsável pela turma, em momento previamente acertado com a professora e com a Direção da escola; será explicado que o trabalho busca analisar a percepção das pessoas sobre a escola; será apresentado os objetivos, os riscos e os benefícios do trabalho; esse processo ocorrerá em diferentes momentos, pois por se tratarem de crianças os responsáveis também serão contatados para conhecer o trabalho e autorizar a participação do menor na pesquisa; será possibilitado um período para o participante e responsáveis decidirem sobre sua participação na pesquisa, possibilitando reflexão e decisão e ao final do processo será apresentado aos convidados para participar da pesquisa, assim como aos seus responsáveis, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que seja lido e compreendido, antes da concessão do seu consentimento livre e esclarecido;

9) Caso a coleta de dados ocorra de forma online, descrever de que forma ser realizada e como serão contemplados os princípios do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS que trata sobre as orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Devido a atual conjuntura da pandemia de covid-19 possibilitar, ainda que cumprindo protocolos de biossegurança, através de higienização frequente de mãos, distanciamento entre pessoas e uso de máscara, o encontro presencial de pessoas, escolheu-se não adotar nenhum tipo de atividade online para coleta de dados para a pesquisa;

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

10) Descrever onde e por quanto tempo os dados serão armazenados;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Os dados coletados para compor os resultados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável em meio digital, em dispositivo de armazenamento de arquivos e servidor online protegido com senha. Os dados serão guardados por um período de cinco anos. As anotações e produções realizadas em meio físico serão guardadas pelo pesquisador em local seguro. Somente o pesquisador responsável e sua orientadora terão acesso a esses dados;

11) Descrever como será preservado o anonimato da identidade dos participantes;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: A preservação do anonimato dos participantes ocorrerá a partir da não identificação do participante na pesquisa. Seus nomes, endereços, cargos ou qualquer atributo ou resposta que possa identificá-lo será omitido nas transcrições ou apresentações do trabalho. Os participantes serão denominados como entrevistados, entrevistadas ou ainda somente como participante. Relacionado às entrevistas, somente o pesquisador terá acesso aos áudios das entrevistas, enquanto nas transcrições serão colocadas tarjas pretas para moção de qualquer conteúdo que possa remeter à identificação do participante. Referente ao poema dos desejos será colocado somente as iniciais do nome dos alunos nas folhas do método para relacioná-los às anotações do pesquisador, posteriormente serão somente denominados como participantes;

12) Descrever detalhadamente como será realizada cada etapa da coleta de dados, de acordo com cada técnica (observação, entrevistas, grupo focal etc). E incluir seus respectivos instrumentos de pesquisa;

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: A coleta de dados para cada método será realizada da seguinte forma:

- A pesquisa bibliográfica e documental ocorre através de fontes primárias e secundárias, nacionais e internacionais sobre aspectos relativos à arquitetura escolar, psicologia ambiental e projetos de arquitetura padrão em instituições de ensino. A pesquisa bibliográfica tem o intuito de contextualizar o histórico da arquitetura escolar brasileira de projeto padrão e relacioná-la aos conceitos de senso de lugar e identidade de lugar. A pesquisa documental permite conhecimento prévio do objeto escolhido para o estudo de caso, de forma a facilitar a aplicação dos demais métodos.

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

O primeiro contato com as escolas que atuam no CAIC de Pelotas/RS ocorreu através da Secretária Municipal de Educação e Desporto de Pelotas. Solicitou-se a autorização para as equipes diretivas de cada escola o acesso às dependências do objeto de estudo e documentação possivelmente relevante para este trabalho. A solicitação foi atendida sem nenhum tipo de ressalva.

- A observação é a captação de uma informação através de pelo menos um dos cinco sentidos do ser humano, que será registrada e posteriormente interpretada de acordo com critérios de caracterização do ambiente e de seus habitantes: condições geográficas do local; conexão da escola e entorno; desempenho e função da edificação; percepção da imagem e aparência da edificação; materialidade da edificação; representatividade e apropriação do ambiente por seus habitantes.

As visitas de observação serão acompanhadas por funcionários da instituição de ensino que atua no prédio do CAIC. Neste momento da pesquisa, pretende-se agir de forma discreta e não intrusiva, havendo interação somente com a pessoa que acompanhará a apresentação de cada ambiente do edifício. O registro dos dados coletados será realizado de forma escrita, utilizando-se de papel branco tamanho A4 e lápis e caneta esferográfica para desenhar algum esboço e fazer anotações, e fotográfica, para registro mais preciso.

A partir da observação busca-se averiguar os principais elementos que constituem as características deste espaço escolar e que o transformam em lugar. Levando em consideração as intervenções e marcações do ambiente, observa-se a possibilidade de apropriação e territorialidade da escola.

- A base do levantamento físico será a junção da pesquisa documental e da observação, que permitirá o redesenho e a caracterização das áreas de estudo.

Devido ao caráter dinâmico e efêmero do ambiente construído, a conferência in loco de alterações do prédio possibilitará a verificação de alterações e reformas antes das aplicações dos demais métodos de pesquisa. Para o levantamento físico será utilizado trena para mensuração do espaço, e câmera fotográfica para registro que auxiliará no redesenho. Para a representação gráfica será utilizada ferramenta de desenho auxiliado por computador (AutoCad).

- As entrevistas têm como objetivo identificar como ocorre a relação das pessoas com o ambiente construído no CAIC de Pelotas/RS, constatando se existem e como acontecem a apropriação, o sentimento de representatividade e a formação do senso de lugar e quais as características do espaço que despertam essa relação. Nesta pesquisa, os métodos serão direcionados a três categorias de pessoas que de algum modo participam do cotidiano da edificação: funcionários, alunos e comunidade em geral. Assim, os entrevistados foram escolhidos de acordo com sua

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 5.192.846

atividade nas escolas estudadas e na comunidade em que o prédio do CAIC está localizado de modo que serão convidados a participar dois

funcionários com cargos hierarquicamente distintos da EMEI Herbert de Souza, dois funcionários com cargos hierarquicamente distintos da EMEF Francisco Caruccio, dois moradores da localidade que têm presença ativa na comunidade escolar e são pais ou mães de ex-alunos. As entrevistas serão gravadas e transcritas para análise de conteúdo a ser

realizada posteriormente. Será utilizado gravador de voz e caderno de anotações para registro dos dados coletados. As categorias de análise deverão se relacionar com as características do ambiente, sua apropriação, sua representação para as pessoas que o utilizam e a formação do senso de lugar na comunidade escolar.

- O poema dos desejos é um método de coleta de dados não estruturado e de livre manifestação do participante da pesquisa. O método explora a subjetividade e o pensamento da pessoa frente ao objeto estudado. Nesse método, os participantes podem expressar, por meio de textos e/ou desenhos, suas necessidades, emoções, afetos, simbolismos e desejos relativos ao ambiente ou edifício analisado. Dessa forma, é possível compreender qual é a representação do espaço para os indivíduos e quais são suas expectativas e desejos de

melhorias. O método será aplicado em uma turma de alunos da EMEF Francisco Caruccio,

do 8º ano do ensino fundamental, com aproximadamente 15 crianças de idade entre 13 e 16 anos. A atividade consistirá no desenvolvimento da continuidade das seguintes sentenças "Minha escola é..." e "Gostaria que minha escola fosse...". Os alunos serão incentivados a desenhar e/ou escrever seus pensamentos forma espontânea, sem preocupação com rimas ou desenhos elaborados, sobre o que gostam e o que não gostam da escola. A atividade será

realizada durante o turno escolar, para manter o cotidiano da criança. O método será aplicado com a presença do pesquisador e da professora responsável pela turma. Como instrumentos para a aplicação desse método será distribuída folha de papel tamanho A4, canetas esferográficas, lápis de cor e canetinhas. Será enfatizado que não haverá qualquer tipo de crítica ou julgamento em relação aos textos e desenhos produzidos. O pesquisador irá acompanhar e interagir com as crianças durante a atividade, de forma que enquanto as crianças fazem o exercício, poderá ser pedido a elas uma breve explicação sobre o que estão desenhando ou escrevendo. Essa conversa será gravada e depois transcrita para auxiliar na interpretação e análise dos dados coletados. Antes da aplicação dos métodos, os participantes serão convidados para participar da pesquisa a partir de um termo de consentimento e assentimento, inclusive para os pais das crianças que realizarão o poema dos desejos. Observa-se que os termos, assim como o escopo da pesquisa,

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

serão

encaminhados à aprovação prévia do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Pelotas. Os dados coletados para compor os resultados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável em meio digital, em dispositivo de armazenamento de arquivos e servidor online protegido com senha. Os dados serão guardados por um período de cinco anos. As anotações e produções realizadas em meio físico serão guardadas pelo pesquisador em local seguro. Somente o pesquisador responsável e sua orientadora terão acesso a esses dados;

13) Descrever como será realizada a devolutiva dos dados aos participantes.

RESPOSTA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: A devolutiva dos resultados do trabalho ocorrerá através da entrega de uma via da dissertação para o Departamento de Engenharia da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas, cidade onde está sendo realizado o estudo, assim como da apresentação do trabalho para a comunidade escolar participante da pesquisa, de forma a mostrar como a participação das pessoas pôde consolidou o trabalho e quais são as proposições de melhorias para o ambiente escolar de projeto padrão apresentadas na pesquisa – objetivo e resultado direto da dissertação;

Considerações Finais a critério do CEP:

OBSERVAÇÃO: Estudos envolvendo seres humanos devem considerar o contexto da pandemia pelo Novo Coronavírus e observar as determinações locais e/ou regionais das autoridades de saúde para avaliar a viabilidade de execução da pesquisa, independente do parecer favorável do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1852188.pdf	31/12/2021 13:18:51		Aceito
Outros	03_CARTA_ANUENCIA_EMEI.pdf	31/12/2021 13:17:40	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito
Outros	02_CARTA_ANUENCIA_EMEF.pdf	31/12/2021 13:17:24	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 5.192.846

Outros	00_CARTA_RESPOSTA.pdf	31/12/2021 13:16:27	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	01_PESQUISA_CORDEIRO.pdf	31/12/2021 13:16:07	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	06_TCLE_POEMAS.pdf	31/12/2021 13:15:14	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	05_TALE_POEMA.pdf	31/12/2021 13:15:09	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	04_TCLE_ENTREVISTAS.pdf	31/12/2021 13:15:03	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_assinada.pdf	16/11/2021 15:28:36	José Henrique Carlucio Cordeiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 05 de Janeiro de 2022

Assinado por:
Patricia Abrantes Duval
(Coordenador(a))

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala o3
Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3310-1801 **Fax:** (53)3221-3554 **E-mail:** cepfamed@ufpel.edu.br

ANEXO 2 – Carta de anuência EMEF Francisco Caruccio



Prefeitura Municipal de Pelotas
Secretaria Municipal de Educação e Desporto
Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio

Carta de Anuência

DECLARAÇÃO

Eu, **ALEXANDRE LEMOS VIEIRA**, na qualidade de responsável pela **ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FRANCISCO CARUCCIO**, autorizo a realização da pesquisa intitulada "**O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança - CAICs**" a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **JOSÉ HENRIQUE CARLUCIO CORDEIRO**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Sistema CEP/CONEP.

Pelotas, 14 de dezembro de 2021

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO

(carimbo da Instituição)

Escola Municipal de Ensino Fundamental
FRANCISCO CARUCCIO
Decreto de Criação:
Governo Municipal: nº 24/1943
Portaria de Designação: nº 111/1974
Av. Leopoldo Broad, 3220
Fone: (53) 3273-6100 - Pelotas/RS
E-mail: escolacaruccio@hotmail.com

ANEXO 3 – Carta de anuência EMEI Herbert de Souza



**Prefeitura Municipal de Pelotas
Secretaria Municipal de Educação e Desporto
Escola Municipal de Educação Infantil Herbert José de Souza**

Carta de Anuência

DECLARAÇÃO

Eu, **JOSIANE DA FONSECA BORRAZ**, na qualidade de responsável pela **ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL HERBERT JOSÉ DE SOUZA**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **"O SENTIDO DE LUGAR E A PERCEPÇÃO DO USUÁRIO PERANTE O PROJETO PADRÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: Centros de Atenção Integral à Criança - CAICs"** a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **JOSÉ HENRIQUE CARLUCIO CORDEIRO**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Sistema CEP/CONEP.

Pelotas, 14 de Dezembro de 2021

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO

(carimbo da Instituição)



Escola Municipal de Educação Infantil
HERBERT JOSÉ DE SOUZA
DECRETO DE CRIAÇÃO Nº 4399
PORT. FUNC. 001889/2016/GAB/SMED
Avenida Leopoldo Brod, nº 3220
Três Vendas - CEP 96070-370
☎ (53) 3283-3015 - Pelotas/RS
E-mail: emei.herbert.pelotas@gmail.com